

José Elito Carvalho Siqueira

DE SERGIPE A  
GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



FATOS  
LIÇÕES  
VALORES





## GRUPO TIRADENTES

### **Conselho de Administração**

Jouberto Uchôa de Mendonça  
Amélia Maria Cerqueira Uchôa  
Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior  
Luiz Alberto de Castro Falleiros  
Mozart Neves Ramos

### **Superintendente Geral**

Luciano Kliemaschewsk

### **Vice-Presidente Acadêmico**

Temisson José dos Santos

### **Vice-Presidente de Relações Institucionais**

Saumíneo da Silva Nascimento

### **Diretora da Editora Universitária Tiradentes - Edunit**

Cristiane de Magalhães Porto



## UNIVERSIDADE TIRADENTES

### **Reitor**

Jouberto Uchôa de Mendonça

### **Vice-Reitor**

Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior

### **Pró-Reitora de Graduação Presencial**

Arleide Barreto

### **Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão**

Diego Menezes



## EDITORA UNIVERSITÁRIA TIRADENTES

### **Diretora**

Cristiane Porto

### **Produtor Gráfico**

Igor Bento

### **Administrativo**

Thalita Costa

### **Conselho Editorial**

Ronaldo Nunes Linhares  
Gabriela Maia Rebouças  
Ricardo Luiz C. de Albuquerque Júnior  
Álvaro Silva Lima



**José Elito Carvalho Siqueira**

---

• • ● • •

**DE SERGIPE A  
GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**

---

• • ● • •



## **Produção Editorial**

### **Edição**

Cristiane Porto

### **Revisão**

Ana Regina

## **Projeto Gráfico**

Igor Bento

Direitos autorais 2022

Direitos para essa edição cedidos à EDUNIT.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

EDITORA  
UNIVERSITÁRIA  
TIRADENTES



Av. Murilo Dantas, 300 Farolândia  
Bloco F - Sala 11 - 1º andar  
Aracaju - Sergipe  
CEP 49032-490  
<http://www.editoratiradentes.com.br>  
E-mail: [editora@unit.br](mailto:editora@unit.br)  
Fone: (79) 3218-2138/2185

Editora Filiada à



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

S617s Siqueira, José Elito Carvalho

De Sergipe a General - de - Exército e Ministro de Estado / José Elito Carvalho Siqueira – Aracaju-SE: EDUNIT, 2022.

608 p. : il. 22cm. 1ª Edição

Inclui bibliografia.

ISBN - 978-65-88303-12-2

1. Biografia. 2. Exército Militar. 3. Ministro de Estado. I. Siqueira, José Elito Carvalho II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU:929(813.7)

**José Elito Carvalho Siqueira**

---

• • ● • •

**DE SERGIPE A  
GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**

---

• • ● • •



*Aracaju - Sergipe - 2022*

# SUMÁRIO

## PREFÁCIO

• ● 17 ● •

## INTRODUÇÃO

• ● 23 ● •

## PARTE I – SERGIPE (1946 – 1958)

• ● 25 ● •

1. Origem, exemplos - 27 | 2. Primeira Professora: Estudo - 27 | 3. Esporte - 28 |  
4. Longe da família aos 11 anos (Salvador-BA) - 29

## PARTE II – COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR (1959 – 1963)

• ● 31 ● •

1. “Novos pais” - 33 | 2. Valor do Colégio Militar - 33 | 3. Esforço e Recompensa - 35 | 4. Namorada de  
13 anos, esposa há 50 anos - 36 | 5. Nova mudança e para mais longe (Campinas-SP) - 36

## PARTE III – ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES (CAMPINAS / SP) (1964 – 1965)

• ● 37 ● •

1. Início da carreira, novas amizades - 39 | 2. Adaptação e Amadurecimento - 39 | 3. Aptidão para esportes - 40

## PARTE IV – ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (RESENDE / RJ) (1966 – 1969)

• ● 43 ● •

1. Estudo e Resultados- 45 | 2. Atleta da Academia - 47 | 3. Especialização - 48  
4. Melhor Atleta da Turma - 49 | 5. Desafio conquistado – Curso Básico de Paraquedista - 49

## PARTE V – REGIMENTO ESCOLA DE INFANTARIA (RIO DE JANEIRO / RJ) (1970-1971)

• ● 53 ● •

1. Meritocracia e Pujança do REsI - 55 | 2. Escola Prática, Escola da Vida - 56 |  
3. Desafio conquistado – Curso de Comandos - 57 | 4. Primeiras Olimpíadas do Exército - 63 |  
5. Frustração e Destino – Brigada Paraquedista e Salvador - 66

## **PARTE VI – 19º BATALHÃO DE CAÇADORES E 4ª COMPANHIA DE GUARDAS (SALVADOR / BA) – (1972 – 1973)**

• ● 67 ● •

1. Missão Monte Pascoal - 70 | 2. Olimpíadas do Exército e Campeonato Forças Armadas - 72 |
3. Instrutor da AMAN – Nomeação e anulação - 72 | 4. Fato pessoal extraordinário – Casamento com a Graça - 73 | 5. Nova nomeação para Instrutor do Curso de Infantaria/AMAN - 76

## **PARTE VII – ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (RESENDE / RJ) (1973-1975)**

• ● 77 ● •

1. Surpresa na chegada – Amazônia - 79 | 2. Diferentes atitudes de Chefes - 79 | 3. Tradição – Operações Manda-Brasa - 82 | 4. Apoio à Seção de Instrução Especial - 83 | 5. Fato pessoal especial – Nasce nosso primeiro filho (Elito Jr) - 84 | 6. Simbolismo e Tradição – Subida da Galinha Choca - 85 |
7. Promoção a Capitão - 88 | 8. Atitude de um Chefe - Classificado na Brigada Paraquedista - 89

## **PARTE VIII – 27º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1975 1977)**

• ● 91 ● •

1. Ambiente especial - 93 | 2. Competições - 94 | 3. Uma boa história paraquedista - 95 |
4. Importantes Cursos - Mestre de Salto, Forças Especiais, Salto Livre - 96 | 5. Fato pessoal especial – Nasce nosso segundo filho (Ana Helena) - 97 | 6. Cerimônia do Curso de Forças Especiais - 99

## **PARTE IX – ESCOLA DE APERFEIÇAMENTO DE OFICIAIS (RIO DE JANEIRO / RJ) – ALUNO – (1978)**

• ● 103 ● •

1. Mestrado da Carreira - 105 | 2. Grave doença do meu pai - 105 | 3. Esforço recompensado – Primeiro Lugar no Curso - 106 | 4. Retorno à Brigada Paraquedista - 106

## **PARTE X – 25º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1979)**

• ● 107 ● •

1. Oficial de Operações - 109 | 2. Perda do meu pai - 110 | 3. Salto após um trágico momento - 111 |
4. Mundial Militar de Vôlei – Atenas / Grécia - 112 | 5. Lição de um experiente General - 114 |
6. Nomeado Instrutor do Curso de Infantaria da EsAO - 115

## **PARTE XI – ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1980 – 1982)**

• ● 117 ● •

1. Meritocracia - *119* | 2. Criação do Estágio de Operações na Selva no CIGS, Manaus - *119* |  
3. Mundial Militar de Vôlei – Harderwijk/Holanda – Medalha de Bronze - *121* | 4. Promoção a Major - *122*

## **PARTE XII – ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1983 -1984)**

• ● 123 ● •

1. Amizades e Avaliações - *125* | 2. Meritocracia - *126*

## **PARTE XIII – COMANDO DA 6ª REGIÃO MILITAR (SALVADOR – BA) (1985 – 1986)**

• ● 127 ● •

1. Família - *129* | 2. Filho no Colégio Militar, mais uma geração - *129* | 3. Montagem de Operações  
Especiais para as tropas - *130* | 4. Nomeado Instrutor da ECEME - *132*

## **PARTE XIV – ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1987)**

• ● 133 ● •

1. Privilégio – Instrutor nas três principais Escolas do Exército - *135* | 2. Promoção a Tenente-  
Coronel - *135* | 3. Amizade e situação especial (TC Vasconcelos – Colega de Turma) - *135* |  
4. Ligação General Leônidas, Ministro do Exército, Missão Inglaterra - *136* | 5. Curso de Estado  
Maior Inglaterra – Teste Consulado, Mudança - *138*

## **PARTE XV – ARMY STAFF COLLEGE (CAMBERLEY – ENGLAND) – (1988)**

• ● 139 ● •

1. Desafio inicial – idioma, fazer palestras em Inglês - *141* | 2. Único oficial da América do Sul – 50  
estrangeiros de 45 países - *142* | 3. Processo de ensino diferente e válido, Provas (Papers), Visitas  
e Demonstrações - *144* | 4. Primeira viagem à Europa – Holanda Excepcional estudo no local da  
maior Operação Paraquedista da História, Operação Market Garden – 1944 - Lições e exemplos  
eternos - *144* | 5. Tradicional Exposição dos 45 países estrangeiros - *156* | 6. Visita ao Monumento  
dos Pracinhas em Pistóia / Itália - *157* | 7. Torneio de Tênis da Escola - *159* | 8. Segunda viagem à  
Europa – Alemanha Visita a Berlim ainda dividida – Muro e Alemanha Oriental – Histórica Palestra  
no Quartel-general da OTAN em Berlim - *161* | 9. Operação Malvinas (Falklands Operations) - *166* |  
10. Paraquedista Honorário Britânico – Saltos de Balão - *167* | 11. Encerramento do Curso - *168*

## **PARTE XVI – ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO / RJ) – (1989)**

• ● 169 ● •

1. Compartilhando experiências de escolas do exterior - *171* | 2. Nomeação para o Gabinete do Ministro do Exército - *172*

## **PARTE XVII – GABINETE DO MINISTRO DO EXÉRCITO (BRASÍLIA / DF) (1990 -1992)**

• ● 173 ● •

1. Ministro Leônidas - *175* | 2. Lições do “professor” José Maria (Civil) - *176* | 3. Intérprete do Ministro Tinoco - *177* | 4. Exemplos de Chefes - *179* | 5. TC Vasconcelos (Colega de Turma) – prêmio merecido - *180* | 6. Promoção a Coronel - *182* | 7. Sensível Processo de Nomeação de Comandantes - *183* | 8. Nomeado Comandante do 28º BC (Aracaju) - *183* | 9. General Zenildo – Novo Ministro - *184*

## **PARTE XVIII – COMANDO DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES (ARACAJU / SE) – PARTE 1 – (1993)**

• ● 185 ● •

1. Unidade Histórica - Início Comando – Intervenção em Alagoas - *187* |
2. Repercussão na Imprensa Nacional - *188* | 3. Viagem urgente à Brasília – Reunião com Ministro Zenildo - *190* | 4. Escolha de dois Tenentes Coronéis Assessores - *191* | 5. 48 horas para estar em Maceió e assumir o Comando da PM - *192*

## **PARTE XIX – MISSÃO ESPECIAL NO ESTADO DE ALAGOAS – (1993)**

• ● 193 ● •

1. Encontro imediato com o Governador - *195* | 2. Seria Comandante e Secretário de Estado - *195* |
3. Assunção de Comando e Reunião imediata com todos os oficiais superiores - *196* | 4. Seleção e escolha de um Coronel PM para Chefe do Estado-Maior - *196* | 5. Problemas e Decisões Imediatas  
Cancelamento Formatura do Aspirantado, Crise na Saúde, 500 PM fora de função, Anulação  
Concurso “político” de Soldados, Prisão e Exclusão de PM (Quadrilha da Pistolagem) - *197* |
6. D. Denilma, esposa do Governador, Madrinha da PM - *203* | 7. Decisão importante – Usar os uniformes da PM - *204* | 8. Prisão de Sargento PM, desertor, envolvido com PC Farias - *206* |
9. Objetivo fundamental – Exoneração e Reserva de ex-comandante - *209* |
10. Decisão política do Presidente – continuar a missão até 1994 - *209* | 11. Dois meses depois – meu Chefe de EM será o novo Comandante - *209* | 12. Título de Cidadão Emérito do Estado de Alagoas - *210* | 13. Passagem de Comando para meu Chefe de Estado-Maior - *212* |
14. Baile do Aspirantado – Demonstração de gratidão - *212*



## **PARTE XX – COMANDO DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES (ARACAJU / SE) – PARTE 2 – (1993 -1994)**

• ● 213 ● •

1. Feliz retorno ao Batalhão - 215 | 2. Visita do Ministro do Exército, General Zenildo, ao Batalhão - 217 |
3. Inesperada e honrosa missão – Primeiro Adido Militar na África do Sul - 218 | 4. Viagem urgente à África do Sul antes de passar o Comando - 218 | 5. Antecipação da Passagem de Comando – Despedidas - 220

## **PARTE XXI – ADIDO DO EXÉRCITO E AERONÁUTICO NA ÁFRICA DO SUL (1995 -1997)**

• ● 223 ● •

1. Presidente Mandela - 225 | 2. Cerimônia de Credenciamento - 225 | 3. Embaixador Antônio Amaral de Sampaio – Exemplo de profissional - 226 | 4. Lições do Presidente Mandela - 228 |
5. Dia do Exército Brasileiro na África do Sul – Primeira Cerimônia - 229 | 6. Objetivos Conquistados: Intercâmbio de Forças Especiais, primeiro Oficial - do Brasil a fazer o Curso de Estado-Maior - 232 | 7. Visita do Pelé como Ministro dos Esportes - 233 | 8. 75 anos da Segunda Força Aérea mais antiga do mundo - 235 | 9. Homenagem do Exército ao Embaixador Sampaio por ser Bisneto do Brigadeiro Sampaio, Patrono da Infantaria Brasileira - 235 | 10. Novo Embaixador, Oto Maia – credenciais ao Presidente Mandela - 236 | 11. Dia do Aviador na África do Sul – Primeira Cerimônia - 236 | 12. Visita de seis casais Sergipanos – Demonstração de Amizade - 241 | 13. Visita à Angola – Preparação visita nosso Presidente, Lição do Embaixador Frederico Araújo - 243 |
14. Visita do Ministro do Exército, General Zenildo, à África do Sul - 246 | 15. Novo cargo no Gabinete do Ministro do Exército - 248 | 16. Despedidas e Agradecimentos - 249

## **PARTE XXII – GABINETE MILITAR DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (BRASÍLIA / DF) – (1997 – 1999)**

• ● 251 ● •

1. Gabinete do Ministro do Exército para Presidência da República – Início imediato sem mudança e sem casa - 253 | 2. Primeira missão em São Paulo e Ibiúna – Difícil, mas rápida decisão – Segurança e Imprensa - 253 | 3. Visitas Especiais: Papa João Paulo II; Presidente Mandela (Feliz coincidência); e Presidente Clinton (Aula dos nossos Ministros) - 257 | 4. Viagem à Suíça – Exemplo de uma verdadeira amizade - 262 | 5. Viagem à Inglaterra: Pelé na Comitiva; Presidente na Universidade de Cambridge (800 anos); e jantar com a Rainha Elizabeth - 263 | 6. Falecimento do Deputado Luiz Eduardo Magalhães – Difícil e sensível decisão em Madrid - 266 | 7. Fato raro: Presidente e Vice fora do País – Presidente do Congresso, Antônio Carlos Magalhães assume interinamente - 267 |
8. Helicóptero e Avião Presidencial - 269 | 9. Experiência inusitada: Viagem aos EUA e convite do Presidente Clinton para pernoite em Camp David (Base e Casa de Campo) - 270 |
10. Primeira reeleição de um Presidente no Brasil Decreto impõe novas e especiais missões à Segurança Presidencial - 271 | 11. Ameaças de atentados – Sensível decisão de momento, responsabilidade única - 273 | 12. Comícios pelo Brasil - 274 | 13. Posse e novo Mandato - 276 |
14. Surpresa total – Notícia da minha indicação para promoção a Oficial-General - 278 | 15. Despedidas com o Presidente - 279 | 16. Fato extraordinário – Cerimônia de Promoção a General de Brigada - 280

## **PARTE XXIII – COMANDANTE DA 16ª BRIGADA DE INFANTARIA DE SELVA (TEFÉ / AM) – (1999-2000)**

• ● 283 ● •

1. Tefé – 70.000 habitantes, 500km de Manaus pela selva ou rio - **285** | 2. Presença e Dissuasão – Excelente Estratégia - **285** | 3. Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia) – Separadas por uma rua - **287** | 4. Pelotões Especiais de Fronteira (PEF) Única e eficiente presença do Estado Brasileiro. Exemplo para todos - **288** | 5. Fato histórico – Presença de uma Banda de Música num PEF - **292** | 6. Visita do Presidente da República à Tefé - **297** | 7. Presença do Arcebispo Militar do Brasil – Páscoa dos Militares - **299** | 8. Crônico problema de Saúde em Tefé – Componente político e firme decisão do Exército - **300** | 9. Prefeito de Tefé – Residente em Manaus. Problema permanente - **300** | 10. Maior objetivo – Recomeçar as obras inacabadas e inaugurar a nova sede da Brigada - **302** | 11. Data Magna do Brasil em Tefé - **304** | 12. Fato pessoal especial – 30 anos de formados na AMAN - **305** | 13. General de Exército Medeiros – Nossa Senhora de Schoenstatt - **305** | 14. Outra completa surpresa – Somente um ano no Comando da Brigada e sou nomeado para Comandar a Aviação do Exército - **308** | 15. Novo desafio – 45 dias para inaugurar a nova sede da Brigada no dia da Passagem de Comando - **311**

## **PARTE XXIV – COMANDANTE DO COMANDO DE AVIAÇÃO DO EXÉRCITO (TAUBATÉ / SP) – (2000 – 2002)**

• ● 313 ● •

1. Aviação do Exército – Mais novo Comando Operacional do Exército - **315** | 2. Recurso Humano especial – 150 pilotos e 500 mecânicos - **315** | 3. Escolha acertada – Coronel Wanderley como Chefe do Estado-Maior. Colega de Turma e Especialista em aviação - **316** | 4. Criações históricas – Corrida, Brado e Oração da Aviação - **318** | 5. Estímulo aos pilotos – Concurso da ECEME - **320** | 6. Decisão importante – Os quatro Batalhões de Aviação com helicópteros leves, médios e pesados - **321** | 7. Patrono da Aviação – Bustos e Cerimônia anual em Porto União/SC - **322** | 8. Fato pessoal especial – Casamento da nossa filha - **323** | 9. Nossa Senhora de Schoenstatt - em Tefé e agora em Taubaté - **323** | 10. Visita à Aviação do Exército Argentino e do seu Comandante ao Brasil - **324** | 11. Marinha e Força Aérea – Homenagem aos nossos formadores - **327** | 12. Apoio ao Presidente da República - **327** | 13. Baile Especial – 15 Anos da Aviação do Exército - **328** | 14. Missão Pioneira – Reconhecimento para um Batalhão na região Oeste - **330** | 15. Nova missão em Brasília – Despedidas - **331**

## **PARTE XXV – DIRETORIA DE AVALIAÇÃO E PROMOÇÕES (BRASILIA / DF) (2002 – 2004)**

• ● 333 ● •

1. Gratificante missão – Recurso Humano do Exército - **335** | 2. Avaliação de Pessoal (Perfil) – Importantes mudanças - **335** | 3. Promoções – Estratégico Processo, em todos os níveis - **336** | 4. Comissão de Promoções de Oficiais – Modernização e Inovação - **337** | 5. Comissão de Promoção de Sargentos – Criação e Resultados - **337** | 6. Fato pessoal – Promoção a General de Divisão - **340** | 7. Fato pessoal especial – Casamento do nosso filho - **341** | 8. Nova missão em Salvador – Despedidas - **342**

## **PARTE XXVI – COMANDANTE DA 6ª REGIÃO MILITAR (SALVADOR / BA) (2004 – 2006)**

● ● 343 ● ●

1. Privilégio – Assunção do Comando onde estudei há mais de 40 anos - **345** |
2. Semana do Exército - **348** | 3. Tradição recuperada – Tiro canhão às 12h no Forte São Diogo - **349** |
4. Torneio Tênis FFAA e Torneio VIP - **352** | 5. Semanas do Soldado e da Pátria - **353** | 6. Tradição – Olimpíadas da 6ª RM - **354** | 7. Janeiro 2006 – Falece no Haiti o General Bacellar. Indicado pelo Exército e Presidente, viajo urgente para avaliação em Nova York (ONU) - **355** | 8. Sabatina em Nova York – Comentários - **357** | 9. Reunião com o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan – Cumprimentos e decisão pessoal de não voltar ao Brasil - **359**

## **PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)**

● ● 361 ● ●

1. Desafios Iniciais – Moral da Tropa e Primeiras Eleições Gerais - **363** | 2. Pessoas Competentes – Fator de sucesso - **363** | 3. Assunção de Comando – Embaixador Valdés, Chefe da Missão - **366** |
4. Decisão extraordinária e necessária Fechamento do setor da Capital, repatriação de um Oficial- General e Ligação com a ONU - **370** | 5. Eleições Centralizar informações e ações no Quartel General, saída tempestiva do Batalhão Espanha/Marrocos, momento crucial (primeiro ou segundo turno), onde guardar Urnas e sucesso na execução - **371** | 6. Fato pessoal extraordinário – Nasce nosso primeiro neto (Carlos Eduardo) - **378** | 7. Decisão Estratégica: colocar as Tropas Brasileiras no centro do nosso maior problema (Citê Soleil) - **380** | 8. Primeira reunião com o Presidente eleito – Pede freio nas operações até tomar posse – Reunião com todos os meus Comandantes - **383** |
9. Companhia de Engenharia do Brasil – Trabalho extraordinário - **386** | 10. Palestra no Comando Sul dos EUA – Miami - **385** | 11. “Medal Parade” das tropas – Cerimônia antes de retornar ao País - **387** |
12. Especial Cerimônia – Dia do Exército Brasileiro - **388** | 13. Posse do Presidente Preval – Maio de 2006 - **389** | 14. Despedidas do Embaixador Valdés – merecida homenagem - **391** | 15. Visita Especial - Vice-Presidente do Brasil, José Alencar - **392** | 16. Segunda reunião com Presidente Preval – Negociando, pediu mais alguns dias, mas continuei com as missões planejadas - **393** | 17. Visitas Importantes - Presidente do Chile e seu Comandante do Exército, Ministro da Defesa do Brasil e seu Comandante do Exército - **395** | 18. Despedidas do Coronel Duhamel, Canadá, meu Chefe do Estado-Maior – Exemplo de cidadão e militar - **397** | 19. Presidente desiste de negociar – Operações são Ampliadas - **400** | 20. Visita Extraordinária – Secretário Geral da ONU, Kofi Annan - **404** |
21. Despedidas do meu excelente Ajudante de Ordens – Major Dutra - **411** | 22. Plano Integrado de Operações Discussão com Nova York – Operações Especiais – Operações mais fortes – Militares Feridos - **413** | 23. Discussão com o Departamento de Justiça da MINUSTAH – Decisão amadora e anulada - **420** | 24. Apoio à população: Fator de motivação da Tropa – Apoio Religioso e de Saúde: Essenciais - **421** | 25. Fato especial – Despedida do amigo e leal Subcomandante General Aldunate, do Chile - **427** | 26. Fronteira Haiti / República Dominicana - **428** | 27. Visita dos Embaixadores à Citê Soleil - **430** | 28. Decisão da ONU – Force Commander do Haiti realizar o “Senior Mission Leaders Course” em Estocolmo/Suécia - **432** | 29. Bases das Tropas Brasileiras – Evolução - **434** |

30. Fato pessoal extraordinário – Nasce nosso segundo neto (Lucas) - **436** | 31. Estrada Estratégica – Mais uma ação da nossa Engenharia - **436** | 32. Encontro anual de todos os Force Commanders em Nova York – Somente dois palestrantes, Congo e Haiti - **438** | 33. Carta do General Metha (ONU) – Reconhecimento - **439** | 34. Operações no Natal e Ano Novo - **440** | 35. Despedidas – Embaixador Paulo Cordeiro, Presidente Preval, Jantar residência Chefe da Missão, Embaixador Mulet - **441** | 36. Passagem de Comando - Missão Cumprida - **442**

## **PARTE XXVIII – VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO LOGÍSTICO (BRASÍLIA/ DF) – (2007)**

● ● **449** ● ●

1. Fato pessoal imediato – Conhecer o segundo neto (Lucas) - **451** | 2. Problemas na aquisição dos Blindados Leopard - **451** | 3. Fato excepcional – Promoção a quatro estrelas, General de Exército - **454** | 4. Fato pessoal importante: Reunir a família após mais de um ano e Batizados dos dois primeiros netos - **457** | 5. Viagem à Bolívia – Palestra Haiti e reencontro com o amigo e Embaixador Frederico Araújo - **459** | 6. Transformação – Destacamento Logístico para Comando Logístico - **461** | 7. Nomeação para Comandante Militar do Sul – Despedidas - **463**

## **PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS) (PORTO ALEGRE / RS) – (2007- 2008)**

● ● **465** ● ●

1. Imponente Passagem de Comando – Potencial do CMS - **467** | 2. Semana da Pátria - **470** | 3. Palestras sobre o Haiti - **472** | 4. Círculo Militar – Transformação - **473** | 5. Operações Conjuntas – Necessidade de Mudanças - **473** | 6. Visita do Ministro da Defesa - **476** | 7. Santa Maria – Primeira Cidade do Brasil a receber N. S. de Schoenstatt - **478** | 8. Fato pessoal relevante – Título de Cidadão Baiano - **479** | 9. Semana do Exército – Orquestra Sinfônica e Baile de Gala - **480** | 10. Feliz coincidência – 200 anos do exemplar Marechal Osório - **482** | 11. Operações Fronteira – Adestramento mais real - **482** | 12. Visita General Leônidas - Ex- Comandante do CMS - **484** | 13. Viagem ao Chile com Ministro Defesa – Honrosa surpresa - **485** | 14. Viagem pessoal à China – Visita ao filho, família e Olimpíadas - **487** | 15. Meritocracia – Promoções dos meus Assistentes a Oficial-General - **489** | 16. Semanas do Soldado e da Pátria - **490** | 17. Troféu SENAR – Homenagem ao Comandante do CMS - **493** | 18. Operação Fronteira – Visita do Ministro da Defesa - **494** | 19. Reação negativa do Presidente do Paraguai à Operação - **496** | 20. Jantar BAIUCHO – Confraternização final de ano - **498** | 21. Outorga da Medalha Negrinho do Pastoreio - **498** | 22. Nomeação para o Ministério da Defesa – Despedidas - **499** | 23. Passagem de Comando - **500**

## **PARTE XXX – MINISTÉRIO DA DEFESA (MD) – (BRASÍLIA / DF) – (2008 – 2010)**

● ● **503** ● ●

1. Primeiro cargo: Secretaria de Logística, Mobilização, Ciência e Tecnologia (SELOM) - **505** | 2. Projeto Rondon - **505** | 3. Comitê de Defesa (COMDEFESA) – FIESP/SP - **506** | 4. Viagem à França – Exposição de Le Bourget - **507** | 5. Viagem particular à Polônia – Fatos especiais - **508** | 6. Encontro com Presidente Preval (Haiti), quatro anos depois - **511** | 7. Viagem à China, Alaska e Canadá

- (volta ao mundo) - 512 | 8. Confraternização – Gerais de Exército sediados em Brasília - 515 | 9. Viagens à Inglaterra (Palestra para 400 empresários ingleses), à Israel e Índia (Lições importantes) e à Abu Dhabi (IDEX) - 518 | 10. Fato pessoal especial – 40 anos de formados na AMAN - 525 | 11. Segundo cargo: Chefe do Estado-Maior de Defesa (EMD) - 527 | 12. Hipóteses de Emprego (HE) Áreas prováveis – Ajustes essenciais – Inovações importantes - 530 | 13. Viagem à França – EUROSATORY, indústria de defesa - 534 | 14. América do Sul – Reuniões Bilaterais - 534 | 15. Palestra no ENERI (Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais), Gramado/RS - 535 | 16. Viagem ao Canadá – Demonstrações de respeito e amizade - 536 | 17. Eleições Presidenciais – Comandantes das Três Forças - 545 | 18. Viagem pessoal à China – Neta (Nicole) recém-nascida e celebrar aniversário do neto (Lucas) - 545 | 19. Convite da Presidente eleita – Ministro do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (GSI) - 546

## **PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI) – (BRASÍLIA / DF) – (2011 - 2015)**

● ● 547 ● ●

1. Responsabilidade Institucional - 549 | 2. Cerimônia de Transmissão do Cargo - 550 | 3. Segurança Presidencial – Adestramento contínuo - 551 | 4. Viagens Nacionais e Internacionais (Risco Zero) - 552 | 5. Fato pessoal extraordinário – Nasce nosso quarto neto (Leonardo) - 558 | 6. Inteligência de Estado – Importância Estratégica do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) - 558 | 7. Fato pessoal especial – Reserva, após 47 anos no Exército - 566 | 8. Importantes Reuniões com Comitivas de Países Amigos - 567 | 9. Palestra para o Royal College of Defense Studies (Inglaterra) - 570 | 10. Importante reunião com Ministro Ciência e Tecnologia - Lixo Nuclear - 571 | 11. Tradição – Cumprimentos da PR aos Oficiais Gerais promovidos - 573 | 12. Tradição recuperada – Troca da Guarda Presidencial no Palácio - 573 | 13. Datas Magnas – Presença da Presidente - 576 | 14. Cerimonial Militar no Palácio – Responsabilidade GSI - 579 | 15. Cumprimentos aos Presidentes visitantes - 579 | 16. Secretários Executivos – Oficiais-Generais excepcionais - 580 | 17. Fato raro: Presidente e Vice fora do País – Presidente do Congresso assume (José Sarney) - 583 | 18. Integração do SISBIN – Objetivo permanente - 584 | 19. Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Governo (CREDEN) - Desconhecida e muito importante - 587 | 20. Reunião do Pôr-do-Sol do GSI – Rotina essencial - 588 | 21. Assistentes do Ministro GSI – Merecidas homenagens - 588 | 22. Departamento de Segurança da Informação (DSI) – Fundamental - 589 | 23. Viagem à Suécia – Assinaturas contrato Aeronave Gripen - 590 | 24. Homenagem da Cidade de Salvador – Medalha Thomé de Souza - 592 | 25. Aniversário do GSI – Solene comemoração - 593 | 26. Sistema de Proteção Nuclear (SIPRON) – Sensível responsabilidade - 594 | 27. Garantia da Lei e da Ordem (GLO) – Papel do GSI - 595 | 28. Visita do Papa Francisco ao Brasil - 596 | 29. Grandes Eventos (Copa do Mundo e Olimpíadas) – GSI (Inteligência) - 598 | 30. Fato Pessoal extraordinário – Homenagem do Colégio Militar de Salvador - 600 | 31. Fato pessoal especial – 45 anos de formados na AMAN - 602 | 32. Reeleição da Presidente - 603 | 33. Redução de Ministérios – GSI incluído numa discussão política - 604 | 34. Reunião imediata com a Presidente e o Chefe da Casa Civil – Concordaram com nossos fundamentados argumentos - 604 | 35. 2 Outubro 2015 – Imperdoável erro da Presidente – Atitude imediata: Nota à Imprensa Nacional e Internacional e Despedidas no GSI - 605

## **AGRADECIMENTOS**

● ● 607 ● ●

Obra desenvolvida, editada e publicada  
pela Editora Universitária Tiradentes  
em colaboração com a Universidade Tiradentes - Unit



## GENERAL JOSÉ ELITO CARVALHO SIQUEIRA: SERGIPE HONRA O EXÉRCITO BRASILEIRO

Com o olhar e a alma flagrando três pilares que considera fundamentais: *fatos, lições e valores*, José Elito Carvalho Siqueira caminha sobre a linha do tempo, desenhando uma singular trajetória de vida que, decerto, servirá de incentivo aos jovens que se apropriarem deste *corpus* textual. Um documento inspirador, também, para quem se dedica à pesquisa de feições biográficas. Foi escrito em linguagem técnica, porém, de fácil compreensão, tanto para civis como para militares. Para os seus contemporâneos e colegas de farda, será um deleite (re)viver uma história de vida repleta de desafios e vitórias.

Os registros acerca das instituições envolvidas, assim como os nomes das respectivas figuras humanas que lhe dão vida, são provas incontestes da veracidade de tudo que foi ilustrado e escrito. O autor, com muito entusiasmo e fiel às fontes, construiu este trabalho inspirado nas instituições pelas quais passou, evidenciando as pessoas e os feitos nelas realizados. Pesquisa instigante e convidativa à leitura, em virtude do vasto material fotográfico que permeia os capítulos que compõe o livro.

Com esse propósito, Elito demonstra o quanto foi cuidadoso em organizar e catalogar um valioso acervo composto de fontes iconográficas, documentais, impressas e outras. Destarte, diante do *fac simile* deste trabalho, constata-se que esse sergipano foi concebido para a vida militar. Embora mergulhado nas emoções, em poder partilhar com o público os principais símbolos que representam a carreira das armas (uniforme, hierarquia, disciplina, insígnias, condecorações, distintivos e outros) ele menciona, similarmente, um dos maiores patrimônios do ser humano: a família.

Os fatos concernentes aos cargos que exerceu e da vida particular (as atitudes mais marcantes dos pais, o casamento dele e dos filhos, os nascimentos dos herdeiros, as apresentações do genro, da nora, dos netos e outros) enobrecem o folhear desse viver. Da convivência em casa, Elito ressalta a preocupação da mãe (Ana Aguiar) com o zelo pelos estudos, da mesma forma que o pai (José Siqueira) enfatizava uma das lições diárias: ‘a verdade tem que ser dita independentemente da situação que se apresenta’.

Os pais foram os principais incentivadores do menino, que com apenas 11 anos, resolveu fazer concurso para o Colégio Militar, em Salvador (1959-1963). Vem dessa época, o gosto e o incentivo pela prática esportiva, uma herança salutar tão defendida e difundida pelo filósofo Platão, na Grécia Antiga e, que foi veiculada em seu livro *A República*. Tudo isso contribuiu para que esse sergipano atingisse os píncaros da carreira militar no Exército Brasileiro, ao ser nomeado Ministro Chefe do Gabinete de Segurança Nacional da Presidência da República.

Após a primeira arrancada, ao frequentar o Colégio Militar de Salvador, ingressou sucessivamente na Escola Preparatória de Cadetes (Campinas/SP); na Academia Militar das Agulhas Negras-AMAN (Resende/RJ), onde os futuros oficiais se apropriam de imprescindíveis valores para a vida (*responsabilidade, resistência, determinação, rusticidade, equilíbrio emocional, espírito, corpo e amizade*). Nesse contexto, Elito, na condição de estudante, foi eleito o melhor atleta da turma.

No Regimento Escola de Infantaria/RJ, ele fez curso de comandos, dando início assim à sua vida profissional propriamente dita. Em seguida foi para 19º Batalhão de Caçadores/4ª Companhia de Guardas (Salvador/BA). Nessa época se casou com o amor de sua vida, a esposa Graça, cujo casal teve dois filhos (Elito Júnior e Ana Helena). E, passando mais uma vez pela Academia Militar das Agulhas Negras-AMAN, Elito seguiu registrando novos *fatos, lições e valores*.

Nas fileiras do 27º Batalhão de Infantaria Paraquedista/RJ, entre outros, realizou os cursos: Mestre de Salto, Forças Especiais



e Salto Livre. Na condição de aluno, frequentou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO)/RJ e, após Mestrado da Carreira, retornou à Brigada Paraquedista. Em seguida, assumiu no 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista/RJ. No cargo de instrutor, estudou na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais/RJ, tendo participado de Campeonatos das Forças Armadas, sagrando-se campeão. Tudo isso fez Elito valorizar o esporte como atividade essencial para um bom condicionamento físico e bem-estar geral.

O filho de José Siqueira e Ana Aguiar frequentou, como aluno, a Escola de Comando e Estado Maior do Exército-ECEME/RJ, entidade que se preocupa com a formação intelectual dos oficiais. No período que passou na 6ª Região Militar, em Salvador (1985-1986), o sergipano que se destacava nos cargos que exercia, como um prêmio, teve a felicidade de retornar ao local onde tudo começou podendo conviver com a esposa e os dois filhos, ao lado de amigos e familiares.

O intrépido Oficial de Sergipe, assumiu como instrutor (1987-1989), na Escola de Comando e Estado Maior do Exército - ECEME, onde foi aluno brilhante. E seguiu honrando os sergipanos mundo a fora. Em 1988, frequentou o Army Staff College – Camberley England, que foi uma prova de fogo, em vistas da necessidade de conhecimento na Língua Inglesa. A passagem por essa instituição de ensino foi mais um passaporte para a projeção de sua gloriosa carreira. Elito teve o privilégio de estudar no local onde ocorreu uma histórica operação: a Operação Market Garden (1944). O fato extraordinário é que todos os Instrutores/Professores estavam com mais de 60 anos e haviam participado de combates naqueles locais, 44 anos atrás.

Na segunda viagem que Elito fez à Europa, em Berlim, conheceu o Quartel-General da Organização do Tratado Atlântico Norte - OTAN, participando de um painel intitulado *O Futuro*. Para felicidade dos brasileiros, o palestrante afirmou que ‘os três maiores países do século XXI serão: China, EUA e Brasil’. Assertiva fundamentada nas riquezas minerais que dormem no subsolo brasileiro, entre outras.

De volta ao coração do Brasil, o coração de Elito bate mais forte, ao passar três anos no Gabinete do Ministro do Exército, em Brasília (1990-1994). Entre as honrosas atribuições, acompanhava e publicava as promoções e movimentações de Generais, planejava a nomeação dos comandantes das unidades. Contudo, o seu curriculum se engrandece mais ainda, quando ele assumiu o Comando do 28º Batalhão de Caçadores (28ºBC) - Batalhão Campo Grande – Aracaju/SE (1993-1994, parte I).

A sua satisfação não foi somente por comandar uma das poucas Unidades Históricas do Exército, mas, sobretudo, porque realizou a lição de casa, em sua própria casa. Nesse período, assumiu uma Missão Especial como Interventor da Polícia Militar em Alagoas (1993), cuja atuação mereceu o *Título de Cidadão Honorário do Estado de Alagoas*. Assim, após essa inesquecível experiência, retornou ao Batalhão Campo Grande - Aracaju (1994- Parte 2) e registra um fato inédito até então: a visita de um Ministro (General Zenildo) do Exército, ao 28º BC.

Entre os diversos *fatos, lições e valores* compartilhados com o leitor, citam-se outras viagens, em missão que fez ao exterior: o encontro com Nelson Mandela, em sua passagem pela África do Sul (1995 a 1997). Elito com o ‘peito carregado de brasilidade comemorou o Dia do Exército Brasileiro, naquele país’. Na oportunidade, registrou, entre outros, a preocupação com os 17 mil km de fronteiras (10 países), oito mil km de costa brasileira e, também, as experiências adquiridas com as guerras.

Nosso ilustre sergipano teve o privilégio de presenciar o encontro de Pelé (Ministro do Esporte), com o presidente Mandela. No período em que passou pelo Gabinete Militar da Presidência da República (1997-1999), entre outros, recepcionou o papa João Paulo II, no Rio de Janeiro e o presidente Clinton, no Palácio do Planalto; visitou o Estado de Sergipe, com o governador João Alves Filho; fez viagem à Suíça (Davos).

A promoção ao posto de Oficial – General, aconteceu em 1999. No comando da 16ª Brigada de Infantaria de Selva

- Brigada das Missões – Tefé/AM (1999-2000), atuou numa região onde a presença do Estado Brasileiro era o Exército (fronteira com a Colômbia e o Peru). Nessa localidade, com o apoio do Exército, foram realizados melhoramentos nas áreas de infraestrutura e da saúde.

Gratificante é Sergipe conhecer outros postos ocupados por esse iluminado sergipano: Comando da Aviação do Exército - Taubaté/SP (2000-2002); Comandante da 6ª Região Militar - Salvador/BA (2004-2006); Comandante (Force Commander) da Força de Paz no Haiti – Minustah (2006-2007), uma oportunidade ímpar, por ele ter podido atuar em ações humanitárias e operacionais; Vice chefe do Departamento Logístico – Brasília/DF (2007); Comando Militar do Sul (CMS) - Porto Alegre/RS (2007-2008), o maior Comando Militar do Exército (fronteira com o Paraguai, Argentina e Uruguai), e no Ministério da Defesa em Brasília (2009-2010).

Acompanhando o auge dessa emocionante história de vida, na iminência de dizer *missão cumprida*, o general José Elito de Carvalho Siqueira foi fiel aos sentimentos de brasilidade. Comportamento perceptível, desde o desabrochar de sua vocação, ao ingressar na Escola Militar, com 11 anos de idade. Assim, em 2011, assumiu o cargo de Ministro de Estado Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República – GSI/PR, até o ano de 2015. Consciente do importante papel que exercia, ele asseverou: ‘a segurança pessoal e próxima do presidente, onde quer que ele esteja, será sempre a segurança de seu país’.

Embora tenha apresentado aos leitores um invejável currículo, Elito sublinha que: ‘Escola Prática é a Escola da Vida’ ou ‘Quem conduz o Preparo é o Emprego’. O seu nome figura no panteão do História do Exército Brasileiro, fato que enaltece o Estado de Sergipe, ao deixar grandes lições aos seus compatriotas.

Percebe-se por meio da riqueza do conteúdo e das imagens apresentadas, os indícios de que existia um desejo latente para que essa obra ganhasse vida e a história fluísse. O autor demonstra uma sensibilidade ímpar, frente às evidências de que este livro

estava sendo concebido *pari passu*, a cada novo capítulo que se descortinava em sua vida.

No espectro dos capítulos, o leitor constata um texto construído com elementos da hierarquia militar, cujo autor não se esqueceu de mencionar oportunamente, os familiares e as amizades construídas ao longo do caminho. Mesmo sendo Elito o protagonista dessa história, os cenários e as figuras humanas ganham mais relevo, que ele próprio. Uma forma ética de apresentar os conteúdos, que parecem perfilar como prática pedagógica de uma escola militar.

No decurso de sua fascinante atuação profissional até o generalato, o autor dá realce à tríade que escolheu para brindar os leitores (*fatos, valores e lições*), tal como se defende um trabalho acadêmico. Nesse contexto, o General do Exército, José Elito Carvalho Siqueira, que muito se orgulha de envergar seu uniforme, fez-se um ícone que Sergipe reconhece e reverencia. Homem de fé e desprovido de vaidade, em todas as operações (missões) desafiadoras que comandou, ele tributa a Deus o sabor de suas vitórias.

O convite aqui é para que você embarque nessa viagem de imagens e fatos históricos que nos ajuda a conhecer a história de Elito e, conseqüentemente, uma parte da história de um sergipano pelo Brasil e pelo mundo.

**Uma boa leitura para todos!.**

*Jouberto Uchôa de Mendonça*  
*Amélia Maria Cerqueira Uchôa*

## INTRODUÇÃO

A decisão de escrever este livro não foi intempestiva e sim fruto de longas e proveitosas conversas com amigos e familiares. Não é uma biografia e fiquei imaginando como fazer um livro onde seu conteúdo seria enriquecedor e sua leitura bastante agradável.

Como ao longo da minha vida, desde a infância, vivenciei vários fatos inusitados e ocupei algumas funções especiais, conclui que seria importante compartilhar, tanto no meio militar como no civil, não somente as situações isoladamente, mas particularmente as lições aprendidas e os valores que nortearam as discussões e decisões. Por razões óbvias, não poderia descrever estas diferentes situações sem uma natural cronologia, desde criança até meu último cargo de Ministro de Estado. Antes de narrar os fatos mais importantes de cada época, farei, quando necessária, uma rápida ambientação pessoal e profissional daquele momento.

Considerando que todo o conteúdo é real, não me preocupei em citar todos os nomes envolvidos, mas sim destacar pessoas e/ou instituições que com suas atitudes cooperaram para a melhor solução das várias e diferentes situações.

Os fatos narrados aconteceram no Brasil, na Europa, na Ásia, na África, no Caribe, na América do Norte, América do Sul, em cerca de dezenas de países e quase uma centena de cidades. Espero que esta diversidade de situações tornem a leitura ainda mais agradável, estimulante, interessante, esclarecedora e positiva.

Seguindo um parecer técnico, inseri várias fotos originais ao longo de todo o livro para ilustrar os momentos vividos e permitir um melhor entendimento. A imagem do “Triângulo” - Fatos, Lições, Valores – foi a maneira mais adequada e ampla que encontrei para não perder o foco durante a confecção do livro e dar mais

consistência ao texto. As 31 “partes” em que ficaram divididos os assuntos do livro, foram uma natural consequência das situações em que me encontrava quando jovem e dos diferentes cargos que ocupei ao longo de quase 50 anos. Claro que nas situações mais inusitadas e complexas como na Inglaterra, em Alagoas, na África do Sul, na Casa Militar da Presidência da República, na Amazônia, no Haiti, no Comando Militar do Sul, no Ministério da Defesa e como Ministro de Estado no GSI, os fatos e as lições são mais abrangentes e os valores mais exigidos.

Por estas e outras razões é que resolvi compartilhar com vocês estas experiências e ensinamentos, na certeza de que sua leitura será útil e válida para qualquer cidadão brasileiro, homem ou mulher, civil ou militar.

**PARTE I**

**SERGIPE  
(1946 – 1958)**







Meus saudosos pais (José e Ana) e  
querida irmã (Celeste). Aracaju -  
1955 (Eu com oito anos)

Photo Studio



**C**omo destaquei na Introdução, este livro não é uma biografia, mas para que todos compartilhem as experiências vividas, torna-se necessário uma cronologia para melhor compreensão dos **Fatos, Lições e Valores**.

Podem todos imaginar nosso Brasil em 1946, um ano após o término da Segunda Guerra Mundial e não fica difícil projetar a vida no pequenino Estado de Sergipe.

A **origem humilde** dos meus queridos e saudosos **pais** não impediu que eu tivesse uma feliz e enriquecedora infância, graças aos seus permanentes ensinamentos. Lembro-me muito bem da minha **mãe** exigindo meus **estudos**, alertando para meus corretos **procedimentos** com a minha professora e meus colegas da escola, ensinando como me comportar em diferentes situações. Meu **pai** não era de muita conversa, mas dizia sempre que eu falasse a **verdade, em qualquer situação**.

Estudei numa escola pública onde tive uma **professora admirável** (D. Nilza), a quem devo certamente muito do que consegui na minha vida. Todas as vezes que voltava em Aracaju, a primeira visita que fazia era na sua casa para abraçá-la, ouvir suas alegres histórias e ganhar inesquecíveis mangas-rosas das suas manguieiras. Graças ao seu conhecimento e alegria, tínhamos o maior prazer em ir à escola e **despertou em mim o gostar de estudar e aprender**.

A nossa infância na pacata Aracaju era na verdade muito “agitada” pela facilidade de termos **amigos** em virtude da proximidade e conhecimento entre nossas **famílias**. Assim é que vivíamos em constante atividade após os compulsórios **estudos**, seja jogando um **futebol** nas ruas em



Minha primeira e incomparável professora – D. Nilza  
Aeroporto de Aracaju – 1965

frente das nossas casas, seja tomando um **banho no Rio Sergipe** e admirando nosso nadador ídolo - “Zé do Peixe” - famoso por conduzir os navios pela foz do Rio até o oceano e voltar nadando para casa, seja indo de bicicleta ao cinema e tomando sorvetes de frutas deliciosos na **Sorveteria Cinelândia**.

**Fato importante e permanente** em toda minha vida foi como o **Esporte** apareceu para mim. Naquela época, particularmente em Aracaju, somente havia futebol. Meu saudoso pai não praticava esportes, mas um dia me presenteou com uma **raquete de tênis de madeira** - marca Procópio - famosa na época. Em Aracaju havia somente duas quadras em um único clube e ele me colocou para aprender. Também me colocou para jogar no time infantil de futebol de salão do Iate Clube, esporte que começava a ser popular. Esta iniciativa do meu pai me possibilitou ter novas **amizades**, a aprender **ganhar e perder, a lutar pela vitória e a respeitar os demais**.



Associação Atlética de Sergipe  
- 1956

Iniciativa do meu pai.

Outro **fato extraordinário** para mim foi como surgiu para uma criança de 11 anos a vontade de prestar concurso de admissão para o **Colégio Militar de Salvador**. Não sabia da existência do colégio até encontrar fardado em Aracaju um amigo de infância, um ano mais velho do que eu. Fiquei muito curioso, falei com meus pais e creio que eles fizeram contato com os pais deste caro amigo. Eu já cursava a primeira série ginásial no excelente

Colégio Atheneu e, caso aprovado, teria que voltar a repetir o ano porque o Colégio Militar somente permitia acesso na primeira série. Mesmo com este problema, decidi fazer o Concurso e, criança como era, **não percebi o problema que estava criando para meus queridos pais**. Naquela época, o acesso de Aracaju para Salvador era melhor de trem do que pela péssima estrada,

teria que morar com alguma família, as despesas aumentariam, a preocupação seria constante, mas, mesmo assim, **somente tenho lembranças deles me motivando** para o Concurso.

Assim é que chegamos em Salvador de trem, ficamos em um hotel, fiz o concurso e fui aprovado. A alegria foi imensa e continuava sem dimensionar os novos desafios para meus queridos pais. Com a ajuda de Deus e a **determinação dos meus pais** em procurar me apoiar, os problemas foram sendo resolvidos. Não me lembro de ter passado pela minha cabeça nenhuma preocupação natural como ficar longe de casa e credito, mais uma vez, a forma inteligente como eles conduziram o **complicado projeto**. Outras crianças sergipanas também foram aprovadas, nossos pais conseguiram que morássemos juntos na casa de um Sargento com sua família e que trabalhava no Colégio Militar.

Meus **primeiros 11 anos de vida** não foram muito diferentes da maioria das crianças e os **fatos, lições e valores** podem não ser tão extraordinários, mas para mim foram **absolutamente essenciais** e comprovados ao longo da minha vida. Os permanentes exemplos positivos dos meus **pais**, o prazer de **estudar**, o **esporte** como lazer e convivência com outras pessoas, a preocupação do **desafio** de um Concurso em outro Estado, o esforço realizado e a alegria da **vitória**.



Sergipanos sendo recebidos pelo Governador de Sergipe  
- Fomos desfilar em Aracaju no 7 de Setembro

Sergipanos do Colégio Militar de Salvador  
(segundo da direita para a esquerda)

Destaque para o ST Edésio - último à esquerda



## PARTE II

# COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR (1959 – 1963)







**O**s cinco anos vividos em Salvador pareceram para mim como **o início de uma nova e diferente vida**. Estava sem a minha querida família, morando numa casa desconhecida com cerca de 10 crianças, a maioria novos alunos do Colégio Militar e numa grande e desconhecida cidade. Certamente a mão de Deus ajudou a todos nós e tivemos a imensa sorte de sermos acolhidos por um casal que se tornaram nossos **segundos pais**. Faço questão de destacar os nomes do **Sargento Edésio e D. Antonieta**, pessoas simples e que souberam nos conduzir com responsabilidade, carinho, determinação e motivação.

Diversos **fatos** vêm à minha mente no momento e cito alguns que nos marcaram: permanente **cobrança dos estudos**; atenção com a **apresentação** dos nossos uniformes e calçados; **preparação antecipada** e cuidadosa de tudo; **acordar cedo** para fazer tudo com calma e tomar um **bom café**; deslocamento **a pé** para o Colégio; fins de semana com **banho de mar** no Porto da Barra; e ida a pé para assistir o **futebol** na Fonte Nova. Como conseguiríamos fazer isto e ter bons resultados sem nossos “**novos pais**”.

Fiz questão, ao longo da minha vida e enquanto estavam vivos, de demonstrar a este querido casal **meu eterno agradecimento** por algumas ações que comentarei mais a frente.

Outra imensa sorte que tivemos foi o excepcional **Colégio Militar** que nos abrigou e nos iluminou para o resto das nossas vidas. Não serei redundante falando do seu valor, mas citarei **fatos** que me marcaram e foram moldando meu caráter.

Chamava-me a atenção que tudo no Colégio era organizado e sempre tinha **alguém orientando, ensinando e motivando**. O **Exemplo** positivo dos professores, instrutores e monitores nos arrastavam



Nossa primeira Turma no CMS - 1959

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

para fazer sempre o melhor e o certo. Apesar do rigor e das exigências dos **Instrutores e Monitores** (Capitão Bendochi, Tenente Dagoberto, Sargento Nobre...) todos vibrávamos nas formaturas, no 7 de Setembro e nas subidas e descidas marchando na Ladeira do Galés.

Nas salas de aula imperava o nosso respeito e admiração aos **excelentes professores** (Professores Fraga Lima, Nunes...) e seus ensinamentos. Vivendo neste ambiente positivo e cercado de boas pessoas, a minha **motivação** e resultados nos **estudos** foram progressivamente melhorando. A aprovação anual era uma grande conquista, e nos meus últimos anos fui destacado pelo meu desempenho escolar.



Cerimônia no CMS – 1961



Cerimônia no CMS – 1963



Mais uma vez o **Esporte** aparece em nossa vida, desta vez na figura de uma **pessoa ímpar - Sargento Alcântara**. Ele tinha o Curso de Educação Física do Exército, queria implementar a atividade física, mas o recurso humano era pequeno e jovem. Em 1959 o Colégio Militar somente tinha três séries com crianças, na sua grande maioria entre 11 e 14 anos de idade. Apesar do óbice natural, mostrou uma determinação e motivação surpreendentes nos **ensinando esportes seletivos como vôlei, basquete, natação e atletismo**, conseguimos começar a participar das famosas Olimpíadas Baianas da Primavera, com bons resultados. O Sargento Alcântara descobriu em mim a aptidão para o esporte e me motivou a melhorar sempre. **Devo a ele, até hoje, o que consegui no esporte pela sua determinação e exemplo.**

**Outro fato extraordinário** aconteceu em **1963**, quando avistei, próximo à casa onde morávamos, uma bonita garota com o uniforme do Colégio das Mercês. Descobri que ela (**GRAÇA**) morava numa casa quase vizinha à nossa, e a partir daí, sentia uma grande vontade de poder conhecê-la. Do namoro escondido até o momento que escrevo, são **58 anos de um infinito amor** que resultou em dois maravilhosos filhos (Elito Júnior e Ana Helena), quatro lindos netos (Carlos Eduardo, Lucas, Nicole e Leonardo) e, sem dúvida, **a maior responsável** por tudo de bom que pude fazer na **minha vida pessoal e profissional**.

Ainda faltavam dois anos para completarmos o “Científico” da época, quando fomos informados pelo Colégio Militar da possibilidade de sermos selecionados para a **Escola Preparatória de Cadetes** em Campinas-SP e seguirmos a carreira militar. Mais uma vez – como será uma constante em toda minha vida – **um fato**



Abertura das Olimpíadas Baianas da Primavera – Estádio da Fonte Nova – 1962

**novo aparecia e eu decidia por enfrentar.** Fui aprovado na seleção, tive a benção dos meus pais e me preparei para me afastar mais ainda da família e agora, também, da minha querida e recente namorada.

Destaco como **Lições e Valores** deste período o desafio e o aprendizado de **enfrentar tudo com alegria e motivação**, apesar da ausência da querida família, a importância de estarmos cercados de **pessoas corretas e competentes** (“Palavras Convencem e os Exemplos Arrastam”) e a **sorte divina** de ter conhecido aquela que seria a **mulher da minha vida.**



Minha Graça – 13 anos

# PARTE III

## ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES (CAMPINAS / SP) (1964 – 1965)





Escola Preparatória de Cadetes do Exército – Campinas/SP – 1964



Desfile em Contância à Bandeira - 1964

**A** Escola Preparatória de Cadetes começava uma nova fase mobiliando todos os seus três anos de curso com jovens **selecionados dos Colégios Militares de todo o Brasil**. Chegamos todos em Campinas no momento histórico do **Movimento de 1964** no Brasil. Jovens e inexperientes, não tínhamos a noção exata do que se passava, mas o clima nacional de euforia nos deu a tranquilidade e a certeza de que o País estava no melhor caminho.

Começávamos nossa vida na carreira militar com as dúvidas naturais, mas cheios de esperança. Apesar da Escola não ter uma boa infraestrutura, vivíamos muito **felizes** e motivados, principalmente pelo **ambiente e sólida amizade** que se formou entre nós, brasileiros de diversos estados da Federação, além do ótimo nível de Instrutores, Monitores e Professores. Uma prova disso é que **voltamos em 2014 para comemorarmos nossos 50 anos de chegada na EsPCEx**.

Sem dúvida o **fato mais importante** deste período foi o desafio de se **adaptar** positivamente **à profissão escolhida**. As exigências permanentes de horários, disciplina, apresentação individual, treinamentos, estudo e ausência da família não foram novidades para mim pela ótima experiência adquirida nos quatro anos anteriores em Salvador. Sentia, a cada dia, que **gostava** do que estava fazendo e me sentia **feliz**, apesar das saudades da minha família sergipana e namorada baiana.



Passeio no centro da cidade – 1964/1965



As **dificuldades de contato** naquela época tornaram esta saudade um problema permanente, mas que tinha que ser enfrentado. Nas tão esperadas **férias** do meio do ano e do fim do ano, viajava de ônibus de Campinas para Salvador e Aracaju. Dias inesquecíveis de amor, carinho e felicidade. Voltávamos com saudades, mas revigorados.

Outro **fato natural**, muito importante para jovens entre 15 e 18 anos, foi o **amadurecimento** de nossos pensamentos, valores e atitudes. Assim, fui ficando mais focado, mais responsável e olhando também para o futuro.

A atividade física obrigatória ampliou meu condicionamento físico e fez confirmar minha **aptidão para os esportes**, graças ao estímulo e orientação iniciais do saudoso Sargento Cavalcante. Integrei as equipes da Escola de futebol, futebol de salão e vôlei e ainda me aventurei na cama elástica.



Férias em Salvador – 1964/1965



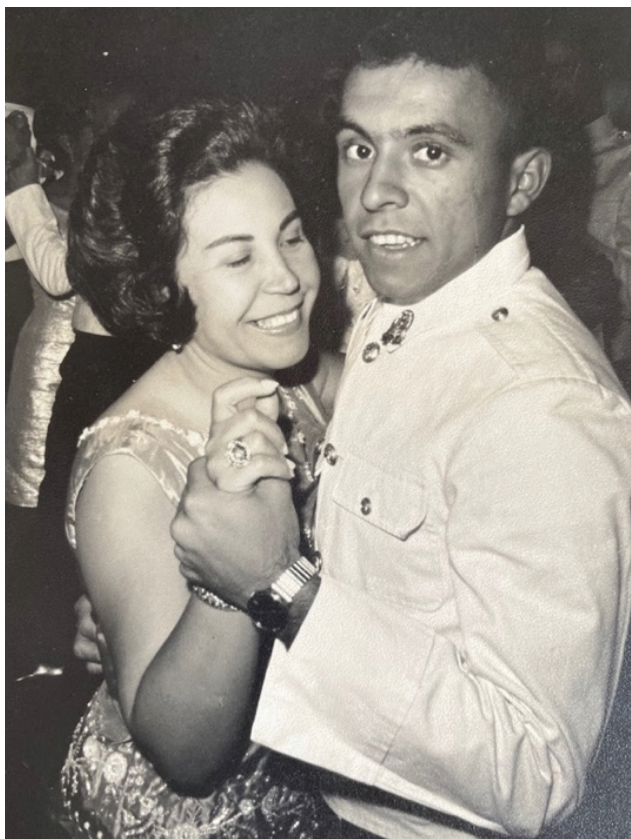
EsPCEx – Equipes de Vôlei e Futebol de Campo – 1964/1965



EsPCEx – Equipes de Futebol de Salão e Cama Elástica – 1964/1965

Com muito orgulho participamos da **I NAE** - Primeira Olimpíada envolvendo a nossa Escola, o Colégio Naval e Barbacena (Aeronáutica) em 1965. Os anos na EsPCEx “voaram”, quando menos percebemos estávamos celebrando nossa **Formatura** e comemorando com nossos familiares no **Baile do Adeus**.

Baile do Adeus  
– Eu e minha  
querida mãe -  
1965



Dias depois estaríamos arrumando as malas para outro grande desafio: ser **Cadete** na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende / RJ.

Destaco como **Lições e Valores** destes dois anos inesquecíveis: o aumento de nossas **responsabilidades**, a permanente atenção para **fazer o certo e bem-feito**, a importância da **motivação** e da **camaradagem**, a necessidade de saber **enfrentar a saudade** da família e pessoas queridas e o **amadurecimento** natural e positivo.



# PARTE IV

## ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (RESENDE / RJ) (1966 – 1969)





AMAN – Entrega Espadim de Caxias  
– Meus queridos pais – 1966

**O**s quatro anos intensamente vividos na nossa querida Academia consolidaram minha aptidão e motivação para a Carreira Militar. O nosso ambiente e o nosso dia a dia eram plenos de **Valores** positivos transmitidos e demonstrados pelos nossos excelentes instrutores. **Praticávamos a verdade, a responsabilidade, a motivação, a amizade, a camaradagem, o amor a Pátria.**



Academia Militar das Agulhas Negras - 1966

Focado no objetivo não-bibliográfico do livro, apesar de ainda estar vivendo uma época em que nossas responsabilidades eram direcionadas e compartilhadas, **tentarei destacar fatos pessoais** que me marcaram e somaram neste período de vida acadêmica.



Adestramento no Curso Básico –  
1966/1967



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Não posso deixar de citar a emoção de todos nós no primeiro ano da Academia, quando recebemos o **Espadim de Caxias** em inesquecível Cerimônia.

Não tive **nenhum militar na minha família** que pudesse me dar algumas orientações e tudo era uma novidade. Para minha sorte – e por influência da minha saudosa primeira professora – sempre gostei de **estudar** e comecei a perceber na Academia como era fundamental ter **ótimos resultados**.



MAN – Formatura Dia da Infantaria - 1968

PARTE IV – ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS  
(RESENDE / RJ) (1966 – 1969)

Motivado e incentivado por Instrutores fui me dedicando cada vez mais aos estudos, apesar das imposições de **Atleta da Academia**. Este foi outro **fato interessante e desafio permanente**. Era atleta da AMAN em duas modalidades: Vôlei e Futebol. Os treinamentos, **jogos e viagens** eram constantes e gostávamos muito, mas eram **óbices** para nossos estudos.



AMAN – Equipe de Vôlei – Campeã NAVAMAER - 1967

Várias vezes viajavamos no fim de semana com prova na segunda-feira, mesmo com jogos noturnos durante a semana e com prova no dia seguinte. Por outro lado, o **Esporte me “alimentava”** em entusiasmo, vibração, amizade, desafios e, por incrível que pareça, motivava-me para estudar. Como era muito organizado antecipava meus estudos e **consegui conciliar o Estudo e o Esporte**, com ótimos resultados.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Equipe de Futebol da AMAN



Infanteria - Operações Anfíbias  
nos Fuzileiros Navais - 1969

Minha evolução profissional foi permanente e consolidada nos dois últimos anos quando escolhi a **Arma de Infantaria** para me formar e me especializar. Minha adaptação às atividades militares aconteceu naturalmente e, para minha satisfação, era destacado pelos meus resultados, tanto nas provas escritas quanto nos diversos exercícios práticos.

Apesar da permanente saudade da família e namorada ao longo dos últimos anos, soube administrar esta situação de forma a não prejudicar meus estudos e desempenho. Continuei viajando para Salvador e Aracaju sempre que possível.

O **quarto e último ano** da Academia foi inesquecível. Vivíamos a perspectiva da nossa sonhada Formatura (Aspirantado) ao final do ano, mas antes **vivi dois fatos**



**especiais**, um na parte esportiva e outro na parte profissional. Na parte **Esportiva** participei da tradicional Prova Atleta Completo, fui o vencedor e considerado o **Melhor Atleta da minha Turma** (Turma Jubileu de Prata).



Na parte **Profissional** fomos voluntários para fazer o **Curso Básico Paraquedista** na Brigada de Infantaria Paraquedista no Rio de Janeiro. Éramos cerca de 70 cadetes e depois de cinco semanas de um intensivo Curso, realizamos cinco saltos, concluimos com êxito e fomos brevetados (cerca de 30 cadetes) numa **bonita e simbólica Cerimônia** no Pátio Marechal Mascarenhas de Moraes na AMAN. Foi uma imensa vibração, tínhamos conseguido, ainda como cadetes, **concluir um dos cursos mais importantes e difíceis do nosso Exército**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Cmt AMAN  
cumprimentando os  
novos Paraquedistas –  
Dezembro de 1969



Apresentação dos novos Paraquedistas ao Cmt AMAN – Dezembro de 1969



Outra realidade constatada foi o meu **amadurecimento**. Me sentia realizado, **feliz, motivado, equilibrado e ansioso** para enfrentar meu “primeiro trabalho” no Regimento Escola de Infantaria no Rio de Janeiro.

Finalmente, em 20 de Dezembro de 1969, numa **inesquecível Cerimônia**, com a presença dos meus queridos pais e minha namorada baiana, fomos Declarados Aspirantes a Oficial do Exército Brasileiro.

Estes quatro anos Acadêmicos foram fundamentais na **consolidação de Lições e Valores** que passariam a ser a **base** das minhas ações a partir do próximo ano. **Deixaria de ser somente um executante para ser também Comandante**. Exemplo, Responsabilidade, Motivação, Justiça, Soberania, Pátria estavam para sempre **encrustados na minha mente e no meu corpo** e tinha o dever de transmitir aos meus futuros subordinados.



Meus saudosos pais – Aspirantado – Dez 1969



Minha "futura"  
noiva - Dez  
1969

**PARTE V**

**REGIMENTO  
ESCOLA DE  
INFANTARIA**

**(RIO DE JANEIRO/RJ)  
(1970-1971)**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO





**C**om a finalidade de atender ao **objetivo principal deste livro** – Fatos, Lições e Valores – vou continuar me fixando em situações vividas, fazendo sempre que possível ligações com outras atividades humanas, visando um melhor entendimento e conclusões.

O Regimento Escola de Infantaria (**REsI**) foi o meu “primeiro emprego”, por escolha voluntária e baseado na Meritocracia, pois foi feita ainda na Academia tendo como referência nossa classificação individual em todo o Curso. Como fui um dos primeiros colocados tive várias Unidades do Exército em todo o País para escolher. Tive ainda uma grande **sorte: meus pais** deixaram a querida Aracaju e voltei a **morar com eles no Rio de Janeiro, 11 anos depois da minha ida para o Colégio Militar de Salvador (1959).**

A **Meritocracia** é a maior razão de sucesso da carreira militar e certamente o **sucesso de qualquer empresa, instituição e em qualquer atividade humana.** Ao longo deste livro mostrarei vários fatos que comprovam esta afirmação.

Como um jovem recém-formado e inexperiente, achei que teria tempo para uma **gradual ambientação e estava totalmente enganado.** Diariamente acordava às 4h30 da manhã, dirigia cerca de 30km para chegar ao Regimento, tomava um rápido café e às 6h30 recebia a apresentação - como Comandante – da minha Companhia de 120 militares, sob minha inteira responsabilidade. Os soldados, na sua maioria, eram mais jovens que eu (23 anos na época), mas a grande maioria dos meus Sargentos eram mais velhos.

É oportuno dar um “retrato” da pujança do REsI naquela época. Era o Regimento de maior efetivo e mais meios do Exército. Tinha dois Batalhões e Órgãos Regimentais que totalizavam 15 Companhias (um Batalhão atual tem no máximo cinco), um efetivo de cerca de **dois mil militares**, cerca de **200 viaturas**, morteiros pesados e carros de combate (tanques). **O Regimento** havia voltado de uma operação real de **Força de Paz na República Dominicana** – fato raro na época – e o ambiente era de muita

motivação. Comparando ao **meio civil**, estávamos numa **grande empresa**, bem estruturada, com recursos humanos preparados e motivados.

O dia era totalmente consumido em atividade física e adestramento militar com um breve descanso para almoço. Passava voando e **frequentemente não voltávamos para casa** porque tínhamos atividades noturnas.

Rapidamente senti que os resultados da minha Companhia dependiam diretamente da minha atuação, como pessoa e como seu **Comandante**. Esta salutar preocupação somente me trouxe motivação para ser cada vez mais um **Exemplo** para todos eles em qualquer situação. Observando as atitudes dos **Oficiais mais antigos**, conversando permanentemente com meus **experientes Sargentos**, fui aprendendo sob a constante obrigação de fazer o melhor.

A Companhia estava indo muito bem na sua rotina de adestramento, mas precisávamos de um **fato** extraordinário, tanto para eles como para mim. Finalmente recebemos uma **missão inopinada** e que resumirei para não fugir do foco do livro. Recebi um envelope do meu Coronel Comandante do Batalhão com a missão e os meios necessários. Teria que deslocar a minha Companhia para Miguel Pereira (120km) e permanecer 15 dias em operações contraguerrilha. Também recebi sob meu comando um comboio de 15 caminhões para levar a tropa e todos os gêneros necessários, dinheiro para emergências e votos de uma boa missão.

**Tudo era importante e sensível.** Desde o perigoso **deslocamento** do comboio pela Via Dutra, chegar e operar numa área desconhecida, cuidar da **saúde** de todos, mantê-los **motivados** por um longo período e **24/7 (dia e noite)**, cuidados com a **segurança** pessoal, a manutenção do material e viaturas, entre outros.

Foi uma **lição diuturna** para todos nós, a comprovação que a **“Escola Prática”** é a **“Escola da Vida”**, a importância do Exemplo pela presença, a atenção permanente com a saúde e moral da tropa e o melhor conhecimento dos seus homens pelas suas

atitudes, positivas ou negativas. **Quando voltamos ao REsI minha Companhia era “outra” e eu feliz por ter aprendido mais como ser um bom Comandante.**

Os **ensinamentos** colhidos: assumir responsabilidades, dedicação máxima, preparação do seu recurso humano, conhecer e cuidar dos seus subordinados, exemplo pela permanente presença, provaram que são **fatores de sucesso em qualquer estrutura, civil ou militar.**

**Outro fato importante e inusitado** foi que naquele ano não funcionaria o Curso de Formação de Sargentos na Escola de Formação de Sargentos das Armas (**EsSA**) em Três Corações-MG. A formação foi atribuída a várias Organizações Militares do País e o REsI foi uma delas. **De repente, nós, três jovens Aspirantes/Tenentes**, fomos chamados pelo Comandante para informar que, sob o comando de um antigo major, **seríamos os responsáveis pela condução de todo o Curso.** Foi um **grande desafio** porque o próprio Regimento não estava preparado para esta missão. Assim é que montamos num pavilhão desativado a estrutura essencial como mesas, cadeiras, sala de instrução, alojamento, instalações sanitárias, armários, armamentos e equipamentos necessários.

Os meses que se seguiram foram de um **aprendizado firme.** Recebemos cerca de 30 jovens e tínhamos que transformá-los em Combatentes. Assim é que mergulhamos **dia e noite** no planejamento, preparação e execução de uma missão que jamais pensamos em receber. Os **resultados** foram cada vez mais positivos e nosso entusiasmo e motivação crescentes. Durante vários anos nos encontramos com alguns daqueles Sargentos que formamos e tínhamos a satisfação de ver **profissionais agradecidos, motivados e felizes.**

Comprovamos que **tudo é possível** com motivação, união e responsabilidade. **O desafio desconhecido e intempestivo que recebemos e vencemos foi um prêmio** nas nossas vidas e mais um alicerce na nossa formação que se iniciava.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Ten Elito, Vasconcelos e Mattos com alguns concludentes do Curso de Sargentos – REsI - 1970

Nós, os três Aspirantes, éramos grandes amigos desde a saudosa Escola Preparatória de Cadetes (1964) e tínhamos conseguido fazer, ainda como cadetes, o Curso Básico Paraquedista. Escolhemos o Rio de Janeiro porque queríamos servir na Brigada de Infantaria Paraquedista, após nosso tempo no REsI.

Com menos de um ano trabalhando soubemos que haveria um **Curso de Comandos** na Brigada Paraquedista e que Tenentes voluntários poderiam se inscrever. Sabíamos que era um curso extremamente difícil e seria um objetivo quando fôssemos transferidos no futuro para a Brigada.

**Aconteceu um fato muito importante e que nos marcou profundamente.** Os requerimentos tinham que ser aprovados e assinados pelo Cmt do REsI e sabíamos que **não atendíamos as condições normais**, particularmente por sermos muito modernos e com pouquíssimo tempo na Unidade. O **Cmt** era uma pessoa muito reservada e discreta, nos recebeu, **ouviu nossos “fracos” argumentos** e surpreendentemente nos respondeu: **concordarei com uma condição**, o curso terá uma duração de três meses e



vocês após o Curso – obrigatoriamente – voltam para o REsI e vão conduzir um Estágio de Operações Especiais para os Oficiais Temporários do Regimento.

**A visão deste nosso Cmt andou sempre ao meu lado no sentido de apoiar e motivar as especializações e aperfeiçoamentos dos nossos militares de carreira.** Apesar do apoio do Comandante e dos nossos requerimentos terem seguido, soubemos que havia muitos candidatos e a prioridade seria - corretamente - para os oficiais que já serviam na Brigada Paraquedista. Nesta incerta situação chegamos ao final do ano e viajei no meu “Fusca” para ver minha querida noiva em Salvador.

**Acontece então mais um fato inusitado e de difícil decisão.** Cheguei em Salvador poucos dias antes do Natal de 1970 e como de praxe me apresentei no QG da 6ª Região Militar. Poucos dias depois, para minha **completa surpresa**, recebi um “rádio” do REsI informando que eu havia sido selecionado para o **Curso de Comandos e tinha que me apresentar no dia 4 de Janeiro.**

Confesso que pensei em desistir e tentar mais à frente. Neste momento começa a marcante presença e personalidade da minha **GRAÇA** em tudo que fui conseguindo ao longo da minha vida pessoal e profissional. Quando falei para ela da situação e do meu dilema, sua reação foi de me perguntar se o Curso seria importante para minha carreira e não de tentar me convencer a ficar nas nossas curtas férias.

Assim é que no dia 2 janeiro, após as comemorações do Ano Novo, retornei para o Rio de Janeiro.

**Esta atitude da GRAÇA - e muitas outras – serão constantes e destacadas neste livro como lições eternas para uma vida de amor e felicidade.**

O **Curso de Comandos** é certamente dos mais difíceis do Exército Brasileiro. Nos apresentamos cerca de 70 oficiais, após os exames médico, físico e psicológico ficamos cerca de 50 e – após três intensos e longos meses – cerca de 20 concluíram o Curso.

## DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO E MINISTRO DE ESTADO



### Curso de Comandos - Operações Aeromóveis - 1971

Claro que não é o caso de detalhar o Curso, mas por ser tão difícil e inusitado, relatarei **alguns fatos** acontecidos e que **servem de lições** para todos nós, civis e militares.

A grande maioria dos alunos eram jovens Tenentes e com pouca experiência. O **primeiro grande desafio** foi como trabalhar – com rendimento - em um ambiente permanentemente adverso e inopinado. Tudo acontecia instantaneamente, não tinha hora de começar ou de terminar, não sabíamos se ia para casa ou passar a noite acordado em operações e tínhamos que continuar tendo bons desempenhos. Surgiu imediatamente a importância **do trabalho em equipe, da amizade e confiança**. A cada dia que passava o Grupo mais se integrava, apesar das constantes dificuldades.

Num determinado período ficamos realizando **operações anfíbias durante todo o dia, sob sol intenso e sem poder beber água**. Quando anoiteceu e pensamos que havia terminado o dia, partimos para uma missão de **escalar o Pão de Açúcar durante toda a noite, sem beber água**. Desce-mos durante a madrugada na Praia Vermelha e seguimos direto para o Campo de Instrução de Gericinó onde fomos submetidos a **um dos piores dias do Curso: o chamado Teste de Reação de Líderes**. Estávamos todos no limite das nossas forças, sem comer e beber nas últimas 24 horas e tínhamos que planejar e executar diferentes missões em várias “oficinas” especialmente preparadas.



Curso de Comandos – Operações Anfíbias – 1971



Curso de Comandos - Operações Contraguerrilha - 1971

**Uma grande lição foi que sempre podemos fazer mais do que imaginamos**, que precisamos manter o equilíbrio nas dificuldades e que temos que **decidir sempre**.

Ao longo das cansativas jornadas fomos vendo caros amigos desistindo ou se machucando durante o curso. Eram momentos de tristeza e que tínhamos que também ultrapassar. Cabe aqui uma **importante observação**: não há demérito em não concluir um curso desta natureza, um problema orgânico, uma torção no tornozelo ou joelho, um problema familiar e outros, levavam à decisão de não continuar. Vários amigos que não concluíram nosso curso foram voluntários em anos seguintes e concluíram com sucesso.

Outro **fato importante** do curso foi a imposição de termos que **trabalhar em situações e regiões completamente diferentes**. Assim é que operamos no país em áreas urbanas, áreas rurais, nas montanhas, nos mares e rios e na selva amazônica.

Chegamos ao final cerca de 20 oficiais. Numa cerimônia simples, com presença de parentes próximos, colocamos orgulhosos nos nossos uniformes o distintivo de **COMANDOS**.

Cumpra aqui **ressaltar** o altíssimo nível dos Instrutores, Monitores e Auxiliares que souberam conduzir sensíveis operações e nos levaram a ultrapassar nossos limites.

Como não podia deixar de ser, **os desafios e as lições** continuadas durante aqueles três meses nos transformaram – para melhor – em vários aspectos. **O** nosso **amadurecimento** e **equilíbrio emocional** cresceram geometricamente, **a motivação** profissional estava na flor da pele e vimos que **o esforço** e **o sacrifício** compensam quando fazemos o que gostamos e acreditamos.

Muito felizes voltamos ao REsI prontos para pagar nossa “**Dívida**” para com o nosso Comandante. Ele deu a ordem para montarmos e executarmos o Estágio de Operações Especiais sob a coordenação de um **excelente Oficial (Capitão Dutra)**, que havia sido nosso Instrutor na AMAN.

Foi novamente um período de extrema dedicação, contínua responsabilidade para evitar graves incidentes e de resultados altamente positivos. Sentimos - mais uma vez - que estávamos no **caminho certo dentro da nossa profissão.**

Tenho escrito e continuarei citando neste livro o **papel fundamental do Esporte/Condicionamento Físico** ao longo da minha vida pessoal e profissional. Ainda cadetes jogávamos regularmente em fins de semana, como treinamento, contra equipes de vôlei do Rio de Janeiro (Flamengo, Fluminense, Botafogo, Tijuca Tênis Clube e outros).

Como fui trabalhar no Rio, o técnico do Tijuca Tênis Clube me convidou para jogar o **Campeonato Carioca de Vôlei pelo Tijuca.** Eu morava com meus pais próximo ao Tijuca, os treinamentos eram às terças e quintas à noite e os jogos aos sábados. Era comum faltar aos treinamentos, mas participava regularmente dos jogos. Era titular e evoluí muito no vôlei competindo em nível muito mais elevado.

Na **vida militar** o esporte foi ainda mais intenso. Nas diversas Competições Internas contra as outras Unidades do Rio, jogava nos times de vôlei, futebol de salão, basquete.

Fui convocado para as Equipes de Vôlei e Futebol de Salão do Exército visando os Campeonatos das Forças Armadas em diferentes cidades do País, em **1970 participei da primeira Olimpíada do Exército em Curitiba e em 1971 da segunda Olimpíada em Belo Horizonte.** Em todas as competições conseguimos resultados excelentes. Eram constantes situações de motivação, determinação, amizade e disciplina.



Abertura da Primeira Olimpíada do Exército  
– Curitiba – 1970



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Olimpíadas do Exército em Curitiba – 1970



Curitiba – Equipe de vôlei do então  
Primeiro Exército – Campeã – 1970



Manaus – Campeonato de Futebol de Salão das  
Forças Armadas – Exército Campeão - 1970

PARTE V – REGIMENTO ESCOLA DE INFANTARIA  
(RIO DE JANEIRO / RJ) (1970-1971)



Belo Horizonte – Equipe de Vôlei do então  
Primeiro Exército – Campeã – 1971



Belo Horizonte – Equipe de Futebol de Salão  
do então Primeiro Exército – Campeã – 1971

Chegava o segundo semestre de 1971 e sonhava com a possibilidade de ir para a Brigada Paraquedista em 1972. Nossa Turma tinha vários paraquedistas e a Brigada não tinha vagas para todos. Soubemos que haveria o critério de antiguidade, o que me favorecia muito, além de já ser também Comandos e estar no Rio de Janeiro. Fui proposto pelo General comandante da Brigada e estava muito feliz.

Paralelo a esta situação aconteceu **outro fato muito importante e que tive que tomar uma difícil decisão**. Em vários cursos do Exército havia as vagas compulsórias – os oficiais eram escolhidos e designados. Num determinado dia daquele semestre, o Oficial de Educação Física do REsI veio muito satisfeito me falar que eu havia sido **selecionado** pelo General Comandante da Primeira Divisão de Exército para fazer o **Curso de Educação Física do Exército por ter sido escolhido como o Melhor Oficial Atleta das Competições**.

Este era um curso muito concorrido, claro que estava na minha prioridade em realizar, mas imaginava me inscrever depois de ficar alguns anos na Brigada Paraquedista, como era o normal na época. Foi uma **difícil decisão** para uma pessoa com menos de dois anos de formado. Estava proposto para a Brigada, em qualquer critério de classificação era primeiro ou segundo, tinha ido

para o Rio com este objetivo e decidi informar ao meu comandante que me sentia muito honrado com a **indicação do General para um curso tão importante, mas que iria para a tropa paraquedista.**

Tinha certeza de que fiz a melhor decisão naquele momento, mas poucos meses depois fui surpreendido com péssimas notícias. O critério de seleção para a Brigada foi modificado, **a meritocracia não funcionou adequadamente** e não fui classificado, apesar de proposto pelo seu Cmt. **Para ampliar o problema** fui informado que seria movimentado do Rio de Janeiro.

Como **“Deus escreve certo por linhas tortas”**, naquele frustrante momento, decidi ir pessoalmente ao Ministério do Exército - ainda era no Rio - para tentar ser movimentado para **Salvador** pois lá estava minha querida noiva e me casaria no ano seguinte. Para minha surpresa havia muitos claros em Salvador e em poucos minutos estava definida minha movimentação.

As más notícias que tive que enfrentar naqueles últimos meses foram **inesperadas e aprendi grandes lições** que seriam muito úteis em várias outras situações que narrarei adiante. **Era muito jovem**, a estrada que havia trilhado até aquele momento não tinha “buracos” e, de repente, vivia uma situação que não era a mais correta e nada podia fazer. Ainda assim, **mantive minha motivação e Deus ajudou** me mostrando outras estradas com menos “buracos”.

Coloquei toda minha “mudança” no meu “Fusca” e peguei a Rio-Bahia com destino a Salvador.



# PARTE VI

## 19º BATALHÃO DE CAÇADORES E 4ª COMPANHIA DE GUARDAS (SALVADOR/BA) (1972 – 1973)





Salvador /BA – Nosso casamento -  
7 Dezembro de 1972

## RETORNO A SALVADOR APÓS 8 ANOS

**P**elos fatos narrados anteriormente não podia deixar de me sentir frustrado em ver um sonho planejado durante dois anos não se realizar. Mas a mão de Deus não me abandonou e aquele **ano de 1972 foi especialíssimo** para toda minha vida e explicarei mais adiante as razões.

Na parte **profissional**, para minha grata surpresa e motivação, fui muito bem recebido por todos no 19º Batalhão de Caçadores (19ºBC). Apesar de ser ainda um moderno Tenente, o Coronel Comandante me designou para **comandar a Companhia mais operacional do Batalhão**, certamente pelo **fato** de já possuir os Cursos de Paraquedista e Comandos. Foi para mim uma grande distinção porque todos os outros comandantes eram Capitães antigos (havia cursado a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais). Militares da Companhia haviam **participado de operações reais** há pouco tempo e havia a possibilidade de novas missões, o que aumentava minha responsabilidade sobre aqueles homens.

Ao tentar intensificar e aperfeiçoar o adestramento da Companhia percebi uma **deficiência** muito séria e que traria resultados negativos em operações reais. É que minha companhia possuía a maioria das vagas para os militares antigos (particularmente Cabos e Soldados) – o que era muito bom – mas acontecia que a maioria destes militares estavam à disposição em várias funções administrativas do batalhão.

Solicitei ao Major Oficial de Operações que houvesse uma reunião com o comandante, estado-maior e comandantes de companhia para seu conhecimento e decisão. Era o oficial mais moderno da reunião, vários daqueles ótimos militares trabalhavam com estes oficiais e logicamente não apoiaram minha sugestão de voltarem a trabalhar somente na minha Companhia.

**Foi uma reunião pesada e com várias lições na “mesa”.** Mantive meu equilíbrio emocional, não feri a hierarquia e a

disciplina, mas **fui incisivo ao Cmt que ele não possuía o efetivo de uma Companhia para emprego real e sim um efetivo de um Pelotão, o que contrariava as ordens superiores.** O Comandante, contrariando a opinião da maioria, confirmou a prioridade de pleno emprego para minha Companhia e de atividades administrativas para outras. Com o adestramento permanente, a companhia foi melhorando nos resultados e a motivação e a amizade eram constantes.

Outro **fato** importante aconteceu quando fui designado para ser Subcomandante numa **missão real especial**, que foi participar da **segurança do Presidente da República** (Presidente Médici) na sua visita a Porto Seguro. O oficial antigo designado (**Capitão Gilseno**) para ser o comandante da missão era excepcional, soube depois que ele me escolheu para a função e **aprendi muito com os seus positivos exemplos.**

Foi necessário um longo e detalhado planejamento porque envolvia um longo percurso de 1200km - ida pela BR 101 e volta pela BR116 – reconhecimentos em uma área desconhecida e a responsabilidade pelo nível da visita. Além disso, recebemos a missão de realizar **“Operações Presença”** em várias cidades da Bahia no nosso itinerário.



Missão de Segurança à visita do Presidente a Porto Seguro – 1972

Planejamos ainda, após a missão com o Presidente e antes de iniciarmos o deslocamento de retorno, incluir um **fato** inusitado: **“escalarmos” o Monte Pascoal** e realizar uma **Cerimônia** no seu topo. Esta longa e sensível missão trouxe grandes ensinamentos para todos nós.



**PARTE VI – 19º BATALHÃO DE CAÇADORES E 4ª COMPANHIA DE GUARDAS  
(SALVADOR / BA) – (1972 – 1973)**



**Ações de Presença em cidades do interior da Bahia – 1972**



**Subida do Monte Pascoal / BA e Cerimônia no seu topo – 1972**

O esporte continuou muito ativo, tanto nas competições internas da 6ª RM como na **Olimpíada do Exército em Porto Alegre e Campeonato das Forças Armadas no Rio de Janeiro.**



Campeonato de Vôlei das Forças Armadas – Equipe do Exército Campeã – Rio de Janeiro – 1972

O segundo semestre começava, em 25 de Agosto fui **promovido a Primeiro Tenente** e, para completar minha alegria, recebi logo depois a informação que havia sido selecionado para ser **Instrutor** do Curso de Infantaria na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Era uma honrosa missão poder retornar como Instrutor na Casa que nos forjou.

**Mais uma vez iria viver uma situação inusitada** porque nosso casamento estava marcado para 7 de Dezembro, não mais moraríamos em Salvador e teríamos

que partir imediatamente para Resende-RJ, local da AMAN. **Surge então um fato novo, totalmente imprevisto**, que foi uma decisão do Exército **anulando minha nomeação** de Instrutor para a AMAN porque ainda não possuía um ano de Primeiro Tenente. Como já tinha sido desligado do 19º Batalhão de Caçadores o Exército me classificou na 4ª Companhia de Guardas, também em Salvador, evitando minha movimentação com ônus para a Fazenda Nacional. Esta nova situação nos obrigou a **modificar os planos** de montar nossa casa em Resende e tivemos

que apressadamente comprar as coisas essenciais em **Salvador**. Tivemos a sorte de conseguir uma casa do Exército (PNR) para residir e fui me apresentar imediatamente para ser Subcomandante da 4ª Companhia de Guardas.

**Mais uma vez enfrentava uma frustração profissional, mas como sempre fui e continuei sendo muito otimista, não deixei aquela situação me abalar e dei total prioridade para nosso casamento que se aproximava.**

Apesar de conhecer a minha GRAÇA há quase nove anos e estarmos noivos há cerca de dois anos, nunca tivemos a oportunidade de convivermos cotidianamente por longos períodos. **O ano de 1972** em Salvador possibilitou nos conhecermos cada vez mais, termos a certeza do nosso amor e **compensou inteiramente a frustração profissional do ano anterior.**

As fotos a seguir registram este mágico momento das nossas vidas e a dádiva que Deus me concedeu colocando a Graça na minha vida. **Ao estar escrevendo este livro Graça e eu estamos completando 58 anos que nos conhecemos, 49 anos de casados e a imensurável riqueza de dois filhos e quatro netos.**

Não poderia deixar de colocar a foto seguinte porque de certa forma ela



Salvador /BA – Nosso casamento - 7 Dezembro de 1972



sintetiza um ciclo inicial de minha vida e destaca os dois casais diretamente responsáveis pela minha formação.

Graça e eu fizemos questão de convidar o **Subtenente Edésio** (já na reserva) e sua esposa **D. Antonieta** para serem nossos padrinhos de casamento como uma forma de reconhecimento e agradecimento por tudo que fizeram de bom nas nossas vidas.



Da esquerda para a direita: meu pai José, minha mãe Ana, meu avô João, minha avó Cacilda, meus segundos pais D. Antonieta e o Subtenente Edésio

Começamos nossa vida de recém-casados com o convívio agradável de muitos familiares, mas **o ano de 1973 seria novamente muito agitado e com fatos novos nos desafiando.**

O trabalho como Subcomandante da 4ª Companhia de Guardas era diferente do que havia praticado antes e foi muito proveitoso para mim, em especial pelo excelente nível dos seus militares.

PARTE VI – 19º BATALHÃO DE CAÇADORES E 4ª COMPANHIA DE GUARDAS  
(SALVADOR / BA) – (1972 – 1973)



Guarda de Honra pela 4ª Companhia de Guardas – 1973

Fui novamente convocado para integrar a equipe de vôlei do então IV Exército (hoje Comando Militar do Nordeste – CMNE) e depois convocado para a **Equipe do Exército** que jogaria o Campeonato das Forças Armadas de Vôlei em Porto Alegre.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Olimpíada do Exército em Recife – Equipe do IV Exército Vice-Campeã - 1973

**O fato extraordinário** que ocorreu é que, mais uma vez, de forma intempestiva, **o Exército decidiu me “renomear” para ser Instrutor do Curso de Infantaria da AMAN.** Os instrutores chegam no início do ano para começar normalmente o ano letivo e já estávamos quase no fim do primeiro semestre. **Atrasado,** decidi com a Graça que partiríamos imediatamente para a AMAN desistindo do tempo de trânsito de 30 dias que teria direito.

**Apesar dos óbices, estava imensamente feliz pela honrosa missão** que estava recebendo. As **lições** deste período deste período foram a importância de ter uma **esposa** somando ao seu lado, o benefício pessoal e profissional de continuar a integrar a **Equipe de Vôlei do Exército** e a certeza que o **Exército precisava continuar melhorando sua política de pessoal,** o que aconteceu ao longo dos anos e que destacarei mais adiante.

# PARTE VII

## ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (RESENDE / RJ) (1973-1975)







**Primeiro filho (Elito Júnior) – Eu, Graça e meus saudosos pais – Resende, 19 Abril de 1974.**



**N**esta época meus queridos pais já moravam no Rio e teria a alegria de tê-los mais próximos pois Resende estava apenas a 150km de distância. **Para não fugir da “rotina”, outro fato extraordinário aconteceu na nossa chegada na AMAN e que foi também pleno de lições.**

Deixei a Graça na companhia da esposa de um colega de turma que já estava instalado na AMAN e fomos em direção do Curso de Infantaria. No trajeto, este caro amigo falou que o Comandante do Curso iria me informar que o **Ministro do Exército tinha anulado minha nomeação para a Academia e me nomeado Instrutor do Curso de Comandos recém-criado no Centro de Instrução de Guerra na Selva em Manaus.**

A **surpresa foi completa** e, assim, me apresentei ao **Tenente-Coronel Domingues**, Comandante do Curso. Sabia que era um **oficial exemplar** e foi muito claro comigo. Que o Curso precisava de mim desde o início do ano, que eu havia sido escolhido em prioridade desde o ano anterior e que tentaria de tudo para reverter a decisão, apesar de ter sido nomeação do próprio Ministro do Exército. Perguntou-me o que eu preferia e, claro, que disse que minha prioridade era ficar na AMAN, inclusive porque minha mudança estava na estrada vindo de Salvador. Disse-me que iríamos imediatamente ao General Comandante para tentar alguma solução, mas não me pareceu muito otimista e logo depois entendi o motivo.

Chegamos ao Gabinete do Coronel Subcomandante, ele pediu para eu aguardar na antessala e entrou. Estava muito próximo e pude acompanhar toda a conversa. O comandante do Curso enfatizou todas aquelas informações que havia falado para mim, que havia sido o primeiro Tenente instrutor a ser selecionado desde o ano passado e que eu havia desistido do trânsito para logo me apresentar.

**Para minha surpresa o Coronel Subcomandante não levou em consideração os naturais argumentos, disse que a decisão estava tomada e que o “Tenente” aproveitasse o restante do trânsito e seguisse para Manaus.** Quando ouvi o que ele falou

pedi permissão, entrei no seu Gabinete e me apresentei. Antes que ele falasse qualquer coisa **lhe disse que não havia pedido para ser Instrutor na AMAN e sim convidado e que estaria seguindo para Manaus.** Neste momento, um coronel que também estava presente, falou muito seriamente ao Subcomandante que o “Tenente” não tinha culpa pelo que estava acontecendo, a responsabilidade era do Exército e que teria direito a nova ajuda de custo e a novo trânsito, o que eu não sabia. **O Comandante do Curso de uma forma inteligente e equilibrada** se dirigiu ao Subcomandante informando que não iria desistir, pediu permissão para se retirar e me conduziu com ele.

Como ia voltar ao Rio, o Comandante do Curso solicitou que eu passasse na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) para falar com um Instrutor (Capitão Ariel) que era filho do General-de-Exército Ariel, Chefe do Departamento de Ensino do Exército e tentar uma visita ao Departamento o mais breve possível. **A atitude deste oficial foi completamente diferente daquele Subcomandante da AMAN.** Ele me conhecia porque quando Cadete, ele era Instrutor no Curso de Infantaria. De Resende dirigi direto para a Vila Militar onde ficava a EsAO e ele estava me aguardando. Falou-me que já havia passado a situação para seu pai e que ele queria me ver imediatamente.

Passei na casa dos meus pais, deixei a Graça e fui falar com o General. **Mais uma grande lição neste momento.** Ao chegar na sala de espera sua secretária me atendeu e antes que ela me anunciasse, o General me avistou e mandou eu entrar. **Nunca tinha falado com um General-de-Exército,** confesso que estava um pouco nervoso e me apresentei ao mesmo. Ele sorriu, mandou me sentar e falou que estava muito satisfeito por me conhecer pessoalmente. Certamente seu filho deve ter falado alguma coisa sobre minha pessoa. Começou me perguntando o que eu preferia, ficar na AMAN ou ir para o CIGS/Manaus. Disse-lhe que desconhecia o assunto Manaus até chegar na AMAN, já estava com a família no Rio e minha mudança em trânsito para Resende. Estávamos em torno das 16h e ele, muito calmamente, disse-me



o seguinte: “entendi tudo, vá para casa, por coincidência às 17h30 horas tenho uma reunião com o Ministro do Exército para outros assuntos, mas **vou resolver a sua situação**”. Fiquei impressionado com a educação, objetividade e a firmeza daquele General.

**Quando estava a noite na casa dos meus pais recebo uma ligação do General e sintetizo o que ele falou: “Tenente Elito, o Ministro vai retificar ele mesmo, siga amanhã para Resende, continue sendo um excelente oficial e seja muito feliz”.**

**Este fato me marcou profundamente** porque vi exatamente de dois chefes militares, **duas atitudes e decisões completamente opostas**. Acompanhei os anos seguintes destes militares e comprovei que o nosso Exército Brasileiro primava pela **meritocracia**. Aquele **Coronel** Subcomandante era motivo permanente de crítica pelas suas atitudes e **encerrou sua carreira** pouco tempo depois. **O General** Chefe do Departamento de Ensino, ao contrário, **era um exemplo em todos os níveis** pela sua competência, iniciativa, motivação e educação. **Seu filho**, aquele Capitão que me recebeu na EsAO, também foi um brilhante oficial e, como seu pai, **atingiu o Generalato**.

Depois desta chegada tumultuada, os anos que passamos na Academia foram **excepcionais** e destacarei alguns **fatos** que comprovam minha afirmação. Um primeiro e importante **fato** daquele segundo semestre de 1973 foi a grande notícia que a **Graça estava grávida** do nosso primeiro filho, com previsão para nascer em Abril de 1974. Os meses que se seguiram tiveram a permanente alegria em nossa casa e família pela chegada do nosso primogênito.

Na parte profissional o ritmo de trabalho era muito intenso, mas permanentemente eivado de motivação e atento em **transmitir aos Cadetes valores positivos** para sua formação pessoal e militar. Quando os cadetes acordavam às 6h, nós já estávamos presentes e não tínhamos hora para acabar e voltar para casa.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Formatura Geral do Corpo de Cadetes – AMAN - 1973

Eu e outro amigo-irmão instrutor (**Tenente Álvaro**) éramos Paraquedistas e Comandos e ficamos responsáveis pelas famosas **“Operações Manda-Brasa”**. Eram operações inopinadas, normalmente executadas durante a noite e nos fins de semana. Claro que os cadetes não gostavam daqueles “momentos”, mas quando recebiam a missão e a responsabilidade de executar tudo se transformava em motivação e numa grande lição operacional. Estas Manda-Brasa eram executadas para o terceiro e quarto anos da Infantaria durante todo o ano. Praticamente todas as semanas tínhamos uma operação e tanto nós como aqueles cadetes, trabalhávamos normalmente no outro dia, apesar das poucas ou nenhuma hora de sono.

**Estas Manda-Brasa ao longo dos dois anos certamente desenvolveram valores importantes para os futuros oficiais como responsabilidade, resistência, determinação, rusticidade, equilíbrio emocional, espírito de corpo e amizade.**

A Academia tinha também sua nova e importante Seção de Instrução Especial (**SIEsp**) com Estágios de uma semana para os quatro anos da Academia e seus poucos instrutores especializados precisavam de todo apoio possível. Assim é que eu e outros Tenentes fomos voluntários para auxiliar nos Estágios, quando

não tínhamos atividades obrigatórias nos nossos cursos. Foi mais uma intensa e extra atividade que passamos a ter, mas que valia muito a pena **pela motivação e por mais um aprendizado.**



Estágio de Fuga e Evasão – SIEsp – 1973

Nos anos de 1974 e 1975 continuei nas mesmas missões anteriores e tive o prazer de ministrar instruções específicas de Morteiro Pesado (Apoio de Fogos) para os cadetes de Infantaria no seu último ano antes de serem declarados oficiais.

Nas **Instruções Especiais** que estava sempre envolvido, nosso contato com os cadetes era de permanente cobrança e num ambiente emocional pesado e intencionalmente planejado.



Operações Aeromóveis – Curso de Infantaria - 1975

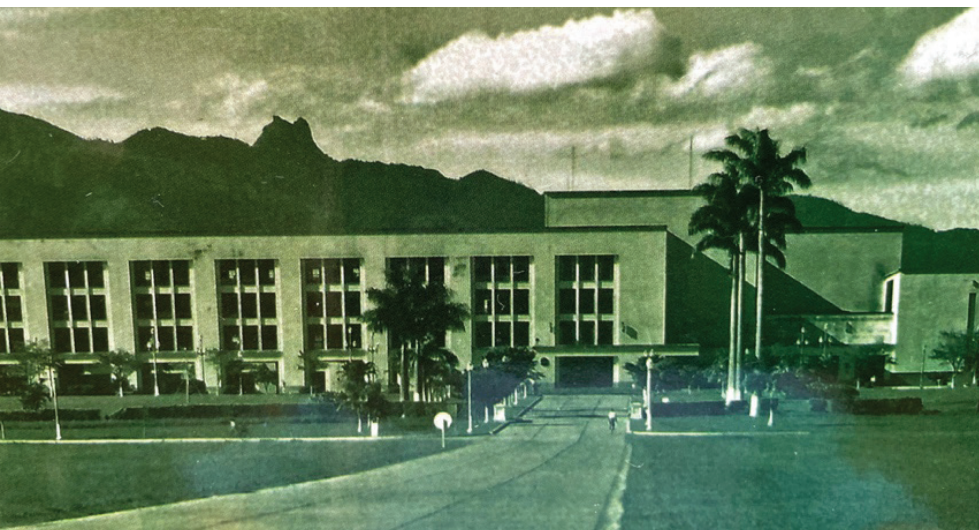
DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Nestas **Instruções em sala de aula e práticas de tiro real no campo** o ambiente de aprendizagem era diferente e pude **conversar muito com os cadetes** sobre o presente e em especial sobre suas atitudes no futuro.

Em 19 de Abril de 1974, **nascia nosso primeiro filho** em Resende. Graça e eu resolvemos dar o meu nome para ele e foi um momento incrível em nossas vidas. Tudo passou a girar em torno dele, sobrecarregando em especial a Graça porque as minhas missões na Academia absorviam grande parte do dia e da noite.

Em **1974 ocorreu outro fato muito interessante** pois surgiu de uma conversa informal entre alguns Instrutores do Curso de Infantaria e tornou-se - **até os dias de hoje** – uma **Tradição** para todos os novos Cadetes de Infantaria.

A conversa era que deveríamos escalar a **“Galinha Choca”** - símbolo permanente, histórico e sempre visível quando olhávamos para a AMAN - e colocar no seu topo o símbolo da **Infantaria**. Claro que não tínhamos tempo nem informações adequadas, mas decidimos que deveríamos tentar.



Ao fundo da AMAN a “Galinha Choca” - à esquerda a “cabeça” e à direita a “cauda”.



Assim é que, num sábado, eu e mais dois instrutores do Curso e colegas de Turma (Tenentes Newton e Strubinsky) pegamos um Jipe, uma carta topográfica para nos indicar possíveis acessos, um lanche porque não tínhamos previsão de retorno e iniciamos o reconhecimento. A **carta não era atualizada** e os acessos iniciais não foram bons. Subíamos as elevações iniciais, mas não tinha continuidade e o **mau tempo** não permitia nossa observação. Decidimos descer, pegar a viatura e **tentar acessar pela retaguarda**. Depois de um demorado deslocamento, chegamos a um local que permitia uma visão direta da elevação e vimos uma pessoa arando manualmente uma pequena área. Tivemos muita **sorte** porque ele tinha sido soldado no Batalhão de Serviços da AMAN e havia conduzido uns alpinistas suíços ao topo alguns anos atrás.

Complementou nos mostrando que era uma caminhada até a base da elevação, mas que depois era uma mata e rochas e que ele não sabia o melhor caminho. Ele **concordou em nos levar até onde sabia**, mas já estávamos no meio da tarde e não teríamos tempo de luz diurna. Combinamos então que voltaríamos no dia seguinte, e começaríamos a subida às 6h. Acordamos na madrugada do domingo e começamos dando sorte porque o tempo estava muito bom e pudemos iniciar a subida como planejado.



Reconhecimento concluído – Vista da Galinha Choca – 1974

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Subida da Galinha Choca –  
Reconhecimento - 1974

Depois de algumas horas, marcando o itinerário na mata, tendo os devidos cuidados com a segurança, evitando lances de real escalada, **chegamos no topo da “Galinha Choca”**, mais precisamente na sua “cabeça”.



Foto histórica na “cabeça” da  
Galinha Choca – 1974

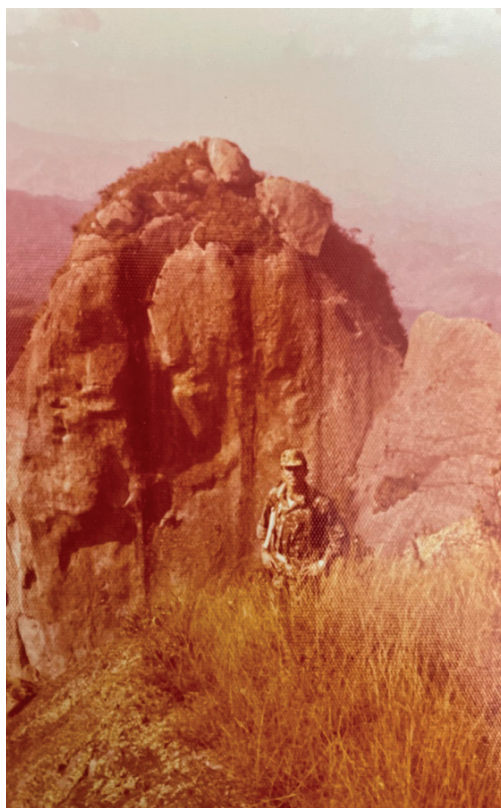


Foto da “cauda” da Galinha Choca – 1974



Foi uma **grande vibração** da pequena equipe e como o dia estava bonito conseguimos enxergar todo o Vale do Paraíba, algumas cidades e principalmente Resende. As ideias foram surgindo, fizemos os reconhecimentos necessários e consolidamos uma sugestão a ser levada ao Comandante do Curso de Infantaria.

Ratificando o critério de **Meritocracia** do Exército, não posso deixar de referenciar os excepcionais valores pessoais dos dois Comandantes do Curso de Infantaria que tive o privilégio de trabalhar. Tanto o **Ten Cel Domingues** como o **Ten Cel Souza** eram fontes diárias de **exemplos** positivos para todos nós “jovens” Instrutores. As atitudes dos Ten Cel Domingues e Souza, desde a minha tumultuada chegada na AMAN e outros **fatos** que destacarei a seguir, tornavam nossa vida pessoal e profissional invejáveis.

Apesar da ambiciosa atividade extraclasse que planejamos o TC Souza nos deu carta branca para executar. Em resumo faríamos uma **primeira subida à Galinha Choca** para realizarmos o **Batismo** dos novos cadetes de Infantaria (Terceiro ano), teríamos que mandar fazer um mastro de cerca de nove metros em três seções para facilitar a subida, levar material e pessoal especializado para fixar de forma permanente o mastro, confeccionar uma grande Bandeira com o Símbolo da Infantaria realizar a Cerimônia do seu Hastearamento e colocar na base do mastro uma pedra mármore com a inscrição 1974.

Apesar das naturais dificuldades tudo foi conseguido e planejamos para um sábado o deslocamento e a subida de cerca de 150 militares, na sua maioria os cadetes do Terceiro ano.





Primeiro Hasteamento do Pavilhão da  
Infantaria e Batismo dos novos Infantes  
na Galinha Choca – 1974

Foi um **fato inesquecível** para todos nós e os resultados foram mais positivos do que imaginamos. O planejamento para aquele ano incluiu uma subida obrigatória com o quarto ano que se formaria no final do ano e não podiam sair da Academia sem escalar a Galinha Choca.

A primeira Bandeira foi intencionalmente grande e com binóculos podíamos enxergar da Academia. Naquele ano de **1974** subimos a Galinha Choca **mais duas vezes** levando o quarto ano e representantes do Comando da AMAN e do Corpo de Cadetes.

Este **fato** nos deu a alegria e a certeza que **vale a pena ousar, inovar e perseguir objetivos**, desde que mantenhamos o foco do melhor para nossa

Instituição ou para nosso trabalho. A satisfação tornou-se ainda maior porque não imaginávamos que esta **Tradição** se perpetuasse e neste ano (2021) completa **47 anos** de existência.

Em agosto de 1975 toda nossa Turma foi promovida a **Capitão**, uma grande motivação para todos nós, jovens oficiais com seis anos de carreira.

Meu tempo de Instrutor acabava e solicitei ser transferido para a desejada Brigada de Infantaria Paraquedista no Rio de Janeiro. Mais uma vez fui surpreendido com minha classificação, desta vez para Cruz Alta no Rio Grande do Sul.

O **fato** que destaco nesta situação foi a **atitude do TC Souza**, nosso Comandante do Curso de Infantaria. Sem me informar, ele procurou retificar minha movimentação com contatos pessoais em Brasília.

Faltavam poucos dias para minha mudança ser apanhada para seguir destino para Cruz Alta quando o TC Souza me ligou e pediu para ir falar com ele. Começou me falando que sabia que a minha movimentação para Cruz Alta não era ideal, sabia do meu interesse de ir para a tropa paraquedista e que tinha solicitado a um amigo de turma que trabalhava no Gabinete do Ministro do Exército em Brasília que verificasse a possibilidade de retificação. Este amigo informou que seria muito difícil, mas que iria tentar. Agradei ao TC Souza o seu empenho e que estava tudo certo para meu deslocamento, inclusive com uma casa já alugada - paguei três meses adiantados - por um colega de turma que estava servindo em Cruz Alta.

Neste momento, o TC Souza falou que havia me chamado porque tinha acabado de receber um “rádio” e me passou uma cópia do mesmo para ler. Para a minha **total surpresa** dizia que minha movimentação seria retificada e seria eu classificado em um Batalhão de Infantaria Paraquedista. Refeito do susto, somente podia agradecer a **iniciativa e interesse do TC Souza** e pensar no que fazer com as urgentes providências administrativas. No “rádio” não constava para qual Batalhão iria e somente podia haver alterações de destino com esta informação. As comunicações na época não eram ideais, mas lembrei de um grande amigo dois anos mais antigo (**na época Capitão Carneiro**), havíamos feito o Curso de Comandos juntos e ele era ajudante de ordens do Ministro Chefe da Casa Militar da Presidência da República. Consegui falar com ele e **naquele mesmo dia me enviou a informação oficial que precisava**.

**As atitudes do TC Souza e do Capitão Carneiro são lições que servem de exemplo para todos nós, nas demonstrações de amizade, iniciativa e no melhor para nossas Instituições.**

Os quase três anos intensamente vividos na Academia trouxeram inúmeras **lições**: a **responsabilidade** de orientar jovens Cadetes (universitários) para terem sucesso na sua vida pessoal e profissional, a necessidade da consolidação de **valores** positivos permanentes nas suas futuras ações, o **Exemplo** como fator essencial em tudo, a importância do **estudo e de resultados** em toda sua vida, a **motivação** para fazer tudo sempre da melhor maneira, o permanente exercício do culto da **amizade**, da **discrição** e da **autenticidade**.

Foi com este “**Amadurecimento**” que no final de novembro de 1975 eu, Graça e nosso primogênito nos despedimos da nossa inesquecível AMAN e seguimos para o Rio de Janeiro em **busca de novos fatos, lições e valores**.

# PARTE VIII

## 27º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA (RIO DE JANEIRO / RJ) (1975 1977)







Curso de Salto Livre – Barra da  
Tijuca – Outubro de 1977



**D**epois de quase quatro anos, finalmente, conseguia servir na tropa paraquedista. A **ansiedade** era tanta que me apresentei no 27º Batalhão de Infantaria Paraquedista poucos dias depois de deixar a Academia. **O Comandante do Batalhão – Coronel Gastão – ainda nem sabia da minha classificação**, mas me recebeu muito bem e quando soube que eu era da Equipe de Vôlei do Exército me escalou obrigatoriamente para fazer dupla com ele. Depois é que vi que era um **entusiasta do esporte**. A Brigada tinha atividade física obrigatória das 7h às 9h e o condicionamento físico da maioria era excelente e necessário.

Como esperado, o ambiente era especial, as Unidades da Brigada eram todas próximas e seu efetivo de quase cinco mil homens impressionava. Uma **situação especial** e muito agradável é que passamos a conviver com vários oficiais **colegas de turma**, além de outros contemporâneos dos bancos acadêmicos.



Companheiros de Turma – Cap França, eu, Abreu e Aristarco – Janeiro de 1976

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Fui designado para ser Comandante de uma das quatro Companhias do Batalhão e mergulhamos de corpo e alma na preparação dos novos soldados paraquedistas. Fizemos em poucos dias a nossa readaptação de salto e começamos o ano de 1976 a todo o vapor.



Readaptação de Salto – Janeiro de 1976

rizado, fui convocado para o **Campeonato de Vôlei do Exército** e para o **Campeonato de Tênis das Forças Armadas**. Foi muito bom voltar a competir e rever vários amigos.

O período inicial dos soldados recrutas e ainda não paraquedistas é intencionalmente muito intenso para que cheguem no curso de formação nas melhores condições possíveis. São inúmeros os fatos pitorescos ou curiosos neste período na Brigada e vou sintetizar um **fato** acontecido comigo e na minha Companhia, sendo coerente com o objetivo do livro.

A rotina do acordar muito cedo continuou porque morava perto dos meus pais na Tijuca para beneficiar a Graça e nosso filho, então fazia um deslocamento diário de mais de 40km (ida e volta).

Depois de dois anos fora das competições oficiais do Exército e Forças Armadas porque como Instrutor na Academia não era auto-

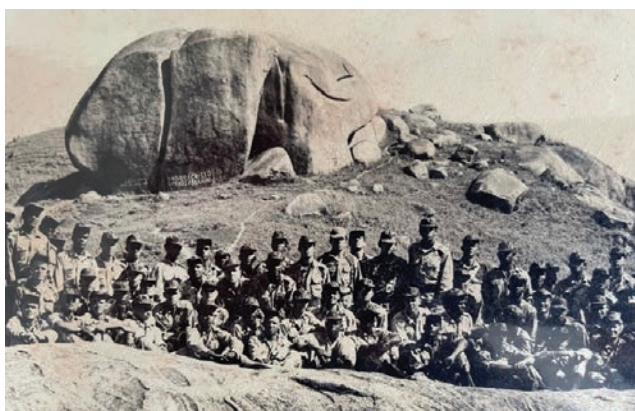


Campeonato de Tênis das Forças Armadas  
– Equipe do Exército Campeã – Porto Alegre - 1976

Meu melhor oficial era o **Tenente Shoji**, muito sério, exigente ao extremo com ele e com os subordinados e muito querido pelos soldados, apesar de viver “arrancando o couro deles”. Após o treinamento físico de duas horas, os soldados tinham que tomar banho e estarem prontos em cerca de 10 minutos para terem direito a um lanche. O Shoji entrou na minha sala dizendo que os novos soldados, ainda não paraquedistas, estavam muito devagar e **pedia autorização para lançar gás lacrimogênio no alojamento para “acelerar” o grupo**. Claro que autorizei, a confusão foi completa e o prazo foi cumprido em tempo recorde.

Minutos depois fui **chamado pelo Coronel Comandante**. Ao entrar na sua sala estavam **ele e o subcomandante em lágrimas** e o seu Gabinete completamente tomado de gás lacrimogênio. Claro que assumi a responsabilidade, expliquei a razão do gás e que desconhecíamos a “ligação” com o seu gabinete. Depois vimos que havia uma tubulação antiga que vinha do primeiro andar onde ficava o alojamento para o Gabinete no térreo. Como antigo e experiente paraquedista o **Comandante entendeu a “inovação”** e, claro, proibiu a repetição quando estivesse no Gabinete.

Ainda no primeiro semestre tivemos a belíssima **Cerimônia de Brevetação** dos novos Paraquedistas e sentimos todos a incrível vibração de estarmos trabalhando numa extraordinária tropa. O rendimento da minha Companhia e do Batalhão era cada dia melhor. Atividades de saltos diurnos e noturnos, operações especiais, ambiente permanente de motivação e de camaradagem faziam o ano voar.



Minha Companhia – Campo Escola de Cascadura  
– Prática de Montanhismo – 1976

O segundo semestre de 1976 andava e precisava completar minhas especializações na Brigada, atrasadas quase quatro anos pelos fatos já narrados. Meu Comandante concordava com meus argumentos, mas que me autorizava somente em 1977. Ele tinha razão por quê o Batalhão era prioritário naquele momento.

**O ano de 1977 foi incrível por vários fatos que vivi, lições que aprendi e destacarei a seguir.**

Em janeiro iniciei o **Curso de Mestre de Salto** – certamente o curso mais essencial para a Brigada – e concluímos com um excelente rendimento. Durante o Curso fui informado que tinha sido selecionado para o **Curso de Forças Especiais** e que seria executado em **duas fases**: na primeira, com duração de três meses, o **Curso de Comandos**; na segunda, durante seis meses e somente para os aprovados na primeira fase, o **Curso de Forças Especiais**.

O **fato inusitado** é que eu e outro grande amigo, Capitão Rabay, já éramos Comandos e fomos informados que seríamos **Instrutores na primeira fase e alunos na segunda**. Ao lado da surpresa e da honra estava o curtíssimo prazo que teríamos para nos preparar, particularmente depois que soubemos que seríamos **Instrutores de Patrulha**, assunto fundamental durante todo o Curso.

Mais uma vez agradecia a Deus pela personalidade que me deu de **enfrentar desafios** sempre com otimismo, motivação e confiança. Tínhamos feito o Curso há seis anos, mas as áreas operacionais selecionadas eram praticamente as mesmas, o que facilitou nossos vários reconhecimentos para montar em curto prazo as operações e as fundamentais avaliações dos alunos.

A verdade é que a **intensidade e a responsabilidade que tivemos** é difícil de descrever. Durante cerca de três meses vivemos mais na Brigada do que em casa, tínhamos cerca de duas Patrulhas por semana, as noites eram mal dormidas ou em claro em virtude das operações, mas a nossa motivação era cada vez maior.

Abro um parêntese para citar um **fato pessoal** que comprova a minha sorte de ter a Graça como esposa. Ela estava **grávida** do nosso segundo filho, com previsão para nascimento em Julho e jamais deixou de me apoiar e me incentivar. Sua calma e determinação me davam a tranquilidade que precisava para bem conduzir meu trabalho.

O Curso de Comandos exigiu o máximo de todos nós, mas fomos inteiramente recompensados com os excelentes resultados, apesar de lamentar a saída de alguns alunos, como é normal num curso com esta intensidade física e emocional.

Após uma semana de folga tiramos o “capacete” de Instrutor e colocamos o de Aluno para dar início ao **Curso de Forças Especiais**. O esforço continuou muito intenso, mas o Grupo era constituído de militares mais experientes e todos Paraquedistas, Mestres de Salto e Comandos.

Os seis longos meses deste diferente e estratégico Curso foram nos impregnando de **lições e valores** que sabíamos na teoria, mas que nunca tinham sido tão intensa e permanentemente **exigidos de forma prática**. A diversidade de missões teóricas e práticas como Operações Psicológicas, Estágio em Hospital, Estágio de Operações na Escola Nacional de Inteligência, Infiltrações por Terra, Mar e Ar e outras, foram nos convencendo da importância do **conhecimento**, de um detalhado **planejamento**, da **iniciativa** e da **coragem**, da **confiança** e da **amizade**, da **discriminação**, do **equilíbrio emocional** e da **decisão** oportuna. Esta consolidação de procedimentos me ajudou muito em vários fatos sensíveis que iria viver ao longo da minha carreira e que destacarei ao longo do livro. Deus me ajudou porque no dia 20 de julho de 1977 o Curso estava terminando um Estágio no Centro de Estudos de Pessoal (CEP) no Leme e permitiu que pudesse levar a Graça ao hospital e ver o **fato extraordinário** do nascimento do nosso segundo filho, uma linda menina que demos os nomes das avós – **Ana Helena**.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



**20 Julho de 1977 – Nasce nossa filha Ana Helena**

Fui rever nossa filha mais de um mês depois porque começamos o isolamento para planejamento, infiltração e realização do Exercício Final do Curso em Porto Murtinho em Mato Grosso.

PARTE VIII – 27º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA  
(RIO DE JANEIRO / RJ) – (1975 1977)



Exercício Final do Curso de Forças Especiais  
– Porto Murtinho/MT – Desmobilização da  
Guerrilha – Setembro de 1977



Exercício Final do Curso de Forças  
Especiais – Porto Murtinho/MT Equipe  
de Forças Especiais – Setembro de 1977

Imensamente felizes e realizados, pessoal e profissionalmente, tivemos nossa Brevetação em uma simples, mas muito significativa Cerimônia na Brigada Paraquedista.

Outro **fato muito importante** aconteceu em virtude de ter sido classificado em **primeiro lugar** no Curso. Fui **brevetado pelo Coronel da Reserva Gilberto – Forças Especiais Nr 01** – e pai do então Tenente Fernando que havia sido meu cadete. Foi uma grande honra para mim e **guardo esta imagem com muito orgulho.**



Encerramento do Curso  
de Forças Especiais  
– Brevetado pelo Cel  
Gilberto – Forças  
Especiais Nr 01 –  
Setembro de 1977

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Novos Forças Especiais do Exército Brasileiro – Setembro de 1977

Apesar de tantos **desafios** e conquistas, ainda faltava o **Curso de Salto Livre** para minha completa formação e para minha sorte haveria um em outubro. Foi mais uma experiência diferente e preocupante porque deixaríamos de fazer o salto automático (“enganchado”) para realizar saltos livres com abertura a nosso comando. Sabíamos dos riscos e do alto nível de reprovação, mas como Forças Especiais era uma missão obrigatória.

Adaptei-me muito bem na técnica do salto livre e após 15 saltos fomos brevetados. As imagens a seguir mostra a Barra da Tijuca ao fundo ainda “deserta”.

Tenho certeza de que todos que leram estas últimas páginas concordam que o **ano de 1977 foi extraordinário** para mim, pois Deus me permitiu realizar em um ano as especializações que deveria ter feito nos quatro anos anteriores.





Curso de Salto Livre – Barra da Tijuca – Outubro de 1977

Quando achava que tudo se ajustaria na Brigada e que iria servir no então Destacamento de Forças Especiais no ano seguinte, fui informado que os 10 primeiros da minha Turma foram relacionados para fazer o **Curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 1978**. Achávamos que nossa Turma iria somente em 1979, mas o Exército decidiu que cerca de 20% fariam mais cedo.

A EsAO corresponde ao Mestrado da carreira, sabia da sua importância, mas lamentei a saída mais cedo da Brigada Paraquedista.

Pessoalmente não tive problemas porque já morava com a família na Tijuca e decidi não mudar para a Vila Militar para ficar mais perto dos meus pais e da escola do nosso filho.

Nos despedimos do meu primeiro Batalhão - 27º BIPqdt - no início do ano e concentrei-me para começar mais uma importante fase da nossa profissão.

Os **fatos** que vivi nestes anos na Brigada consolidaram **lições** importantes. No caso do Ten Shoji a certeza de que temos que **prestigiar e acreditar no bom profissional e assumir a responsabilidade** pelas nossas decisões. O benefício da **atividade física** e das Competições e os **desafios** de ser **Instrutor** de um Curso de Comandos e ser **aluno** em três cursos – Mestre de Salto, Forças Especiais e Salto Livre.

A Brigada me **ensinou diariamente alguma coisa** porque tudo nela tinha uma dosagem de diferença das outras Unidades do Exército e foi um **privilegio** merecer esta distinção.



**PARTE IX**

**ESCOLA DE  
APERFEIÇAMENTO  
DE OFICIAIS  
(RIO DE JANEIRO / RJ)  
ALUNO – (1978)**



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Sala de Aula da Infantaria – EsAO - 1978**



**Curso de Infantaria EsAO – Instrutores e Capitães Alunos - 1978**

**N**ove anos após nossa Graduação na Academia, iniciávamos o nosso **Mestrado** na carreira militar. A motivação era imensa para este importante desafio e somente tínhamos informações altamente positivas da EsAO.

No **Curso de Infantaria éramos 108 Capitães** de cerca de cinco diferentes Turmas da AMAN e nossa pequena Turma de 1969 era a mais moderna. Apesar de não estarmos fazendo o Curso com a maioria da nossa turma foi muito gratificante rever amigos mais antigos e que convivemos nos quatro anos acadêmicos, nas Competições do Exército e das Forças Armadas e nos diversos cursos na Brigada Paraquedista.

Como alguns amigos também moravam no bairro da Tijuca, organizamos um “**transporte solidário**” onde fazíamos um rodízio diário dos nossos carros para facilitar as necessárias atividades de nossas esposas.

O **curso** era realmente **muito bom** e cada dia que passava mais me **identificava** com os conhecimentos profissionais ensinados. Meus resultados nas avaliações eram muito positivos e a intensidade dos estudos cada vez maior.

Um **fato muito triste ocorreu com meu querido pai**. Apesar de ter apenas 56 anos, foi acometido de um câncer e teve que se internar no Hospital do Fundão. Minha irmã fazia Doutorado em Medicina em Londres e minha mãe precisava do nosso apoio. As atividades diárias do Curso não me davam chance de um melhor apoio e a **Graça**, mais uma vez, foi a permanente e a melhor ajuda para meus pais, apesar dos nossos dois pequenos filhos. Ao longo do segundo semestre, vinha da Vila Militar para casa e depois para o Hospital. Nunca tinha acompanhado alguém da família doente e de repente tive que enfrentar com meu próprio pai.

Como naquela época não abria vagas na Brigada Paraquedista combinei com a Graça em escolher trabalhar no 28º Batalhão de Caçadores em Aracaju, minha terra natal e perto da família dela em Salvador.

Com o **sério problema do meu pai**, falei com a Graça que iríamos **continuar no Rio** em qualquer Unidade que abrisse vaga. Como sempre, concordou inteiramente com a minha decisão.

Certamente a **mão de Deus** mais uma vez me ajudou porque mesmo com o sério problema do meu pai **consegui** manter meu rendimento e me **classifiquei em primeiro lugar** no Curso, empatado com o estimado amigo Capitão Jarbas.

Fui abençoado uma segunda vez porque o Exército decidiu abrir naquele ano vagas na Brigada Paraquedista e pude voltar em menos de um ano, desta vez para o **25º Batalhão de Infantaria Paraquedista**.

Na época se comentava da “**diferença**” entre um Capitão com a EsAO e outro sem. Ao terminar o Curso, constatamos que era verdade. O excelente nível dos Instrutores, os Exercícios no terreno, as discussões em alto nível, a motivação profissional, o aumento do nosso conhecimento operacional, nos proporcionaram um **verdadeiro “salto” na nossa capacitação e identificação com a nossa carreira**.

Foi um ano que comprovou que não existem **vitórias** sem muito **esforço e dedicação**, mas foi também um ano muito triste vendo todos os dias **meu pai** deitado numa cama de hospital e sentindo-me impotente em ajudar.

Apesar de tudo, somente podia **agradecer a Deus** pela minha família, pela classificação no Curso, pelo retorno à Brigada Paraquedista e por permitir ficar perto dos meus pais.

**PARTE X**

**25º BATALHÃO  
DE INFANTARIA  
PARAQUEDISTA  
(RIO DE JANEIRO / RJ)  
(1979)**





**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Zona de Lançamento da Marambaia – Exercício do 25º BIPqdt – 1979**



**Exercício na Marambaia – S3 Cap Elito e S4 Cap Faia**

**P**rofissionalmente não podia estar mais realizado, voltava à tropa paraquedista e fui nomeado **Oficial de Operações** do Batalhão. O **recurso humano era excelente**, o Comandante, Coronel Paquet, era muito experiente, cultivava as tradições aeroterrestres, estava sempre presente nas operações e nos dava autoridade para planejar e executar. O efetivo de oficiais de carreira no Batalhão estava completo e em excelente nível. Comentávamos que entre os Tenentes e Capitães haviam **três Medalhas Marechal Hermes**, distinção concedida aos primeiros lugares nos cursos do Exército.



25º BIPqdt – Chegada Marcha 32km – Cel Paquet à frente – 1979

O ambiente de trabalho era também excelente e tudo se resolvia pela **competência e motivação** de todos, especialmente dos oficiais e sargentos. O Batalhão fazia todos os anos uma excelente Operação na Marambaia que envolvia salto, operações contra-guerrilha e exfiltração.

Infelizmente, tive que enfrentar em março um **fato muito triste** que foi a **perda do meu querido pai**, com apenas 56 anos. Foi um momento difícil de retratar em palavras. Nunca tinha visto a perda de familiares e, de repente, perdia alguém tão próximo. Lamentei muito sua partida tão cedo e **fiquei me cobrando que devia ter dado mais atenção aos meus pais**. Minha querida irmã não pode vir de Londres e tentei enfrentar aquele momento dando total atenção à minha mãe. O **apoio da Graça** continuou sendo fundamental, especialmente atenuando a tristeza dos dias seguintes e a necessidade de **retomar a vida**, apesar de tudo. Foi também muito bom o apoio e a presença dos amigos da Brigada e de outros que trabalhavam no Rio de Janeiro. Nessas horas o melhor remédio é a presença da **família** e dos **amigos**.

**Mergulhei** ainda mais nas minhas atividades profissionais, planejando exercícios para o Batalhão, com saltos diurnos e noturnos, realizando salto livre com a equipe da Brigada e o Destacamento de Forças Especiais, participando das Olimpíadas Internas da Brigada Paraquedista e mais um Campeonato das Forças Armadas de Vôlei, integrando a Equipe do Exército.



Equipe de Vôlei do 25º BIPqdt – Campeã – 1979

A **foto** anterior **merece uma citação** por uma feliz coincidência: os jogadores 11 (Tenente Farias) e cinco (Tenente Fernando) tinham sido **meus Cadetes e também chegaram ao posto máximo da carreira, General de Exército.**



Equipe de Futebol de Salão – Vice-campeã – 1979

O **fato** que passo a narrar foi muito triste por um lado, mas também uma **inesquecível lição** para mim que era o oficial mais antigo presente e para todos que tivemos que **saltar num trágico momento**. Eu era o oficial de operações do Batalhão, naquele dia cerca 100 militares saltariam no Campo dos Afonsos e era o oficial mais antigo.

Nosso salto começaria às 8h e enquanto equipávamos assistíamos a um **salto livre de militares do PARA-SAR**. De repente, acompanhamos a queda de um **paraquedista sem abrir o paraquedas até o choque com o solo**, a cerca de 400 metros da tropa.



Podem imaginar a correria decorrente, com **ambulâncias, equipes técnicas e isolamento da área**. Minutos após o acidente, chegou um mensageiro perguntando pelo oficial mais antigo e solicitando que fosse falar com o Coronel **Comandante da Base Aérea de Afonsos**. Foi direto ao assunto dizendo que os procedimentos legais iam durar pelo menos duas horas e que achava melhor **suspender o salto e retornar ao Batalhão**.

Sabia que em **situações trágicas o melhor remédio é enfrentá-las imediatamente**, falei para ele que **preferia aguardar com a tropa** e pedi permissão para falar com meu Comandante, **Coronel Paquet**. Quando falei minha sugestão, ele aprovou totalmente, disse que mandaria um lanche para a tropa e pediu para passar o telefone para o Comandante da Base. Resumindo, ele disse: **“os soldados somente voltarão ao Batalhão depois de saltarem”**.

Voltei à área de aprestamento, coloquei toda a tropa num hangar, mandei desequipar, informei que **iríamos saltar** a qualquer hora e agora por mais uma razão, em **homenagem ao paraquedista que acabara de falecer**. Fomos saltar às 11h30, apesar da tentativa de motivação, o ambiente era de silêncio, mas com o **roncar dos motores e a rampa aberta**, a adrenalina voltou e foi um necessário e oportuno salto para todos nós.

O **fato novo que vale destacar** é que pela primeira vez a Seleção Militar de Vôlei do Brasil iria participar do **Campeonato Mundial Militar (CISM) em Atenas/Grécia**. O Exército foi o Campeão do torneio das Forças Armadas e, em consequência, tivemos a maioria de jogadores convocados e o nosso técnico (Cel. Souto) seria o responsável pela preparação da equipe.

O Cel. Souto tinha larga experiência, inclusive vivência em Olimpíadas e entramos num ritmo de treinamento extraordinário para compensar o pouco tempo que teríamos até a viagem para a Grécia. O ritmo era de seis horas de treinos por dia (três pela manhã e três pela tarde), com um ou mais jogos por semana a noite contra os clubes cariocas. Todos melhoramos nossos rendimentos e fomos motivados para o Campeonato Mundial.



Havia **16 países** no campeonato, o nível técnico era muito alto e a média de altura também. A média da nossa equipe era em torno de 1,83 m, eu com os meus 1,69m, enquanto equipes da China e Holanda giravam em torno de 1,95m. Notamos também que várias equipes tinham jogadores de suas equipes nacionais, alguns países tinham Batalhões Esportivos, enquanto nós todos éramos militares de carreira e temporariamente à disposição para aquela competição.



Equipe Militar de Vôlei do Brasil – Mundial em Atenas/Grécia – 1979

Nosso **rendimento** no Mundial considerei **excepcional** por ser a primeira vez que participávamos. Ficamos em **sexto lugar** na classificação geral e perdemos jogos para equipes experientes e muito fortes. A China foi a campeã, o único set que perdeu na competição foi para o Brasil e a Holanda foi a vice-campeã.



Cerimônia de Abertura do Mundial Militar de Vôlei – Atenas/Grécia – 1979

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Congraçamento entre os 16 países participantes – Atenas/Grécia – 1979

Voltamos muito satisfeitos e com a esperança de participar do próximo Campeonato Mundial que seria realizado dois anos depois na **Holanda**. O que aconteceu e falarei mais adiante.

De volta ao 25º BIPqdt, reassumi minhas funções. Como tinha sido primeiro colocado na EsAO fui premiado com o **ingresso automático** na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Doutorado de nossa carreira, sem necessidade de prestar o seu concorrido e difícil concurso. A previsão era que este acesso seria em dois ou três anos e o **meu plano era continuar me adestrando na Brigada Paraquedista e no Destacamento de Forças Especiais**.

Ocorre então um **fato** muito interessante e que foi uma outra grande **lição** para mim. Com menos de um ano no 25º BIPqdt, fui **convidado para ser Instrutor do Curso de Infantaria da EsAO**. Fiquei muito honrado, mas fiquei em **dúvida** porque não era minha **prioridade** profissional, apesar do honroso convite que havia acabado de receber.

Por uma coincidência o **Gen. Pamplona**, Comandante da Brigada Paraquedista, veio logo em seguida fazer uma visita prevista no 25 BIPqdt. Estávamos todos os Oficiais almoçando com o Gen. Pamplona quando meu comandante, **Coronel Paquet**, me chamou dizendo que o General queria falar comigo.

É oportuno falar da impressão altamente positiva que tínhamos do Gen. Pamplona pelo seu equilíbrio, educação e exemplar paraquedista.



Visita do Comandante da Brigada Paraquedista, General Pamplona, ao 25º BIPqdt - Guarda de Honra – 1979

Me apresentei ao General que sorriu cordialmente e falou de forma calma para mim: **“Elito, eu soube que você foi convidado para ser Instrutor do Curso de Infantaria da EsAO e não vai aceitar. É verdade?”**. Fiquei surpreso porque era um assunto pessoal e, certamente, foi o Coronel Paquet que tocou no

assunto. Prontamente **disse que sim** ao General e justifiquei com os argumentos que citei anteriormente. Com a mesma calma de sempre, ele falou: “**Elito, entendo os seus argumentos, mas a sua decisão não é a melhor. Como Comandante da Brigada é um privilégio ter você aqui, mas você já sabe tudo que precisa saber da nossa tropa. Para você e para o Exército é muito melhor que você vá para a EsAO**”. Certamente ele percebeu minha reação porque não ouvi o que gostaria, mas como as palavras vieram de um destacado chefe militar decidi pensar a respeito.

Naquela mesma tarde recebi ligações de amigos especiais que já eram instrutores ou foram também convidados que me colocaram alguns importantes argumentos que não tinha pensado. Então, **resolvi mudar minha decisão** particularmente pelas “**lições**” de um chefe exemplar e mais experiente. A **espontânea atitude** do Gen. Pamplona de me chamar e mostrar uma visão profissional e estratégica, **marcou-me** por toda a vida e tentei aplicar sempre que necessário.

**Nomeado** para ser Instrutor do Curso de Infantaria da EsAO, mais uma vez me despedia da **incomparável Brigada Paraquedista** e partia motivado e confiante que a mudança seria também muito positiva.

# PARTE XI

## ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS (RIO DE JANEIRO / RJ) (1980 – 1982)







**Instrutores do Curso de  
Infantaria da EsAO – 1980**

Os três anos em que tive o privilégio de ser Instrutor na “**Escola dos Capitães**”, foram especiais por várias razões. Começaria destacando o excepcional nível dos instrutores – **Meritocracia** - e o excelente ambiente, pessoal e profissional.

O Curso de Infantaria tinha mais de 100 capitães alunos, divididos em duas salas de aula. Assim é que nós atuávamos em dupla de Instrutores e tive a sorte de ter como parceiro um **amigo-irmão (Capitão Cerqueira)**, que já era instrutor quando cheguei.

Não posso deixar de destacar as qualidades pessoais e profissionais do então **Capitão Cerqueira** porque, por uma feliz coincidência, ao longo de nossas carreiras, estivemos sempre juntos, inclusive como Generais-de-Exército no Alto Comando do Exército. Além disso, morávamos no mesmo bairro (Grajaú) e nossas famílias tornaram-se cada vez mais próximas. Foi neste ambiente altamente salutar que trabalhamos intensamente em transmitir aos Capitães Alunos os conhecimentos profissionais e valores essenciais para a nova fase de suas carreiras após a EsAO.

Todos nós nos preocupávamos pela excelência das instruções, pela constante procura da melhoria das instruções no campo e pelas qualidades das visitas.

Um **fato muito importante** surgiu de uma constatação com relação à Amazônia. Confirmamos que o número de Capitães de Infantaria que conheciam a área era muito pequeno. Decidimos então, montar uma **visita do Curso de Infantaria ao Comando Militar da Amazônia e realizar um Estágio de Operações na Selva**. Assim é que em 1980, realizamos pela primeira vez, os resultados foram excelentes e a visita foi incluída de forma permanente no Curso.



Instrutores do Curso de Infantaria na Base de Instrução 4/CIGS – Manaus – 1980

Um **fato inusitado** aconteceu porque, como era Instrutor, não poderia competir nos Campeonatos do Exército e das Forças Armadas. Haveria no ano seguinte (1981), o **Mundial Militar de Vôlei na Holanda** e por uma feliz coincidência, no período dos jogos, o Curso de Infantaria estaria em atividade centralizada da EsAO, o que poderia viabilizar minha participação. **O Ministro do Exército autorizou**, participei do Campeonato das Forças Armadas que seria base para a convocação, fomos campeões e mais uma vez a maioria dos jogadores convocados e o técnico foram do Exército.

Mais uma vez, destaco o **Esporte** com uma **atividade essencial** para o seu condicionamento físico, melhor rendimento operacional, preservação da saúde, adestramento no enfrentamento de **desafios**, manter o foco e o **equilíbrio emocional, responsabilidade** em representar sua Instituição ou seu País e importância do trabalho de equipe para atingir o melhor **resultado**.



Equipe do Exército Campeã – Belo-Horizonte – 1980

Foi difícil de conciliar o período de treinamento antes da viagem porque tinha minhas atividades do Curso na EsAO (Vila Militar) e os treinamentos eram na Escola de Educação Física do Exército na Urca, mais de 30km de distância. Contei com a compreensão do nosso excelente técnico (Tenente Coronel Jorge), faltei a alguns treinamentos e tentava

compensar nos demais e nos jogos treinos que eram à noite ou aos fins de semana.

Nossa preparação foi semelhante à da Grécia, mas contávamos com um **fator** muito importante que era a **experiência da equipe**. A maioria dos titulares na Grécia estavam na atual seleção.

Novamente tínhamos **16 países** participando, divididos em quatro grupos de quatro pessoas, onde se classificavam dois para as fases finais. Nosso desempenho foi melhorando a cada jogo, nos classificamos para as fases finais, vencemos equipes fortes como **França, Alemanha e Itália** e nos classificamos para as semifinais junto com a China (campeã na Grécia), Holanda (vice-campeã na Grécia e dona da casa) e Bélgica.



Mundial Militar de Vôlei em Harderwijk /  
Holanda – Cerimônia de Abertura – 1981

Jogamos contra a Holanda e perdemos de 3x1, a China ganhou da Bélgica de 3x0 e fomos disputar a medalha de bronze contra a Bélgica. Um fato importante é que na fase de classificação havíamos perdido da Bélgica num jogo muito equilibrado. Nesta disputa da medalha jogamos muito bem, ganhamos de 3x1 e o **Brasil conseguiu, pela primeira vez, uma medalha em jogos coletivos nos Mundiais Militares.**

Ouvirmos o **Hino Nacional Brasileiro** na Cerimônia foi uma emoção indescritível. Estávamos todos muito felizes e orgulhosos porque o resultado alcançado parecia impossível e mais uma vez comprovamos que **com competência e muito esforço tudo se consegue.**



Equipe Militar de Vôlei do Brasil – Mundial Militar em  
Harderwijk / Holanda – Medalha de Bronze – 1981

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Para mim, em particular, foi uma **conquista especial** porque sabia que com as novas funções que minha carreira exigiria, seria muito difícil participar de competições de alto nível. **Nessa época, já tinha mais de 10 anos integrando Equipes do Exército e das Forças Armadas e chegando aos 35 anos de idade.**

Outro importante **fato** pessoal que merece ser destacado foi minha promoção a **Major** em 25 de agosto. Foi nossa primeira promoção por **Merecimento** e mais um estímulo da nossa Instituição Exército.

Com o ano de 1982 em curso, meu relacionamento para fazer o **Curso de Estado-Maior em 1983/1984** se confirmou. Como já estava no Rio de Janeiro, pude me dedicar sem maiores problemas às minhas últimas missões de Instrutor na maravilhosa **“Casa do Capitão”**.



Primeira Medalha do Brasil em  
Esportes Coletivos nos Mundiais  
Militares – Harderwijk / Holanda  
– 1981



# PARTE XII

## ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO/RJ) (1983 -1984)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



ECEME – Concludentes de 1984



ECEME – Conclusão do Curso – 1984

**R**ealizar o Curso de Estado-Maior, o nível **Doutorado** da nossa carreira, é um grande privilégio e fruto de um grande esforço para a aprovação num difícil concurso. Como já falei anteriormente, fui beneficiado em ter acesso sem concurso pela minha classificação no Curso da EsAO (Mestrado). Em torno de 50% dos oficiais que se formam na AMAN conseguem fazer o Curso.

Outro dado muito interessante é que tínhamos nos mais de 100 oficiais-alunos uma grande variedade de oficiais de **diferentes Turmas**. A nossa turma de 1969 era a mais moderna e o oficial mais antigo fazendo o curso era da turma de 1959. Se por um lado essa heterogeneidade podia parecer estranho, por outro lado a convivência por dois anos com oficiais **mais antigos** foi muito útil e interessante para nossas **avaliações** e na formação de outras importantes **amizades**.

Como esperado, a necessidade de horas de estudo era elevada pelo volume de assuntos e pelos níveis dos escalões e dos seus planejamentos. Por outro lado, a motivação de todos e o elevado padrão dos nossos instrutores criavam um **excelente ambiente de estudo, lazer e trabalho**.



Intervalo para o Almoço - 1983

À semelhança do Curso da EsAO, decidi continuar morando no nosso apartamento, agora no Grajaú, para facilitar a vida da Graça e pela manutenção dos nossos filhos na excelente escola que já estudavam.

Haviam vários amigos que faziam o Curso, moravam próximos e rapidamente organizamos um excelente **“transporte solidário”** para a Praia Vermelha. Perdíamos algum tempo nos deslocamentos pelo trânsito normalmente pesado, mas vínhamos sempre conversando e trocando ideias válidas sobre o Curso.

Ao longo dos dois anos, nos reunimos várias vezes para longas e proveitosas discussões antes das diversas provas.

Os **Exercícios no Campo** e as **Viagens de Estudo** foram muito importantes e fontes de novos conhecimentos. O **Ciclo de Palestras** da Escola trazendo altas autoridades e especialistas em várias áreas ratificavam a excelência dos objetivos da ECEME.

Os dois anos passaram muito rapidamente e lá estávamos em 1984, recebendo as cidades que abririam vagas e que seriam escolhidas, mais uma vez, pelo critério da **Meritocracia** baseado no rendimento do curso.

Graça e eu já tínhamos decidido por sair do Rio de Janeiro e para nossa sorte, **Salvador** foi uma das cidades que teria vagas. Coloquei em primeira prioridade, mais uma vez fiquei entre os primeiros colocados e dias depois recebemos a confirmação da minha designação para o **Comando da 6ª Região Militar**. Eu e toda a família de Sergipanos e Baianos ficamos muito felizes.

Após uma bonita Cerimônia no Auditório da Escola nos despedimos dos vários amigos que se espalhariam por todo o País.

A imagem abaixo de autoria de um aluno (TC Godoy) “sintetiza” muito bem os dois maravilhosos anos em que estivemos juntos.

Poderia destacar como **lições** deste período o aumento da nossa **responsabilidade** perante nossa Instituição Exército. Éramos jovens oficiais superiores, possuidores do Curso de mais alto nível da carreira, tínhamos o privilégio de ser **Comandante**, de exercer funções variadas e ainda poder ser **Oficial-General**.

# PARTE XIII

## COMANDO DA 6<sup>a</sup> REGIÃO MILITAR (SALVADOR – BA) (1985 – 1986)







Dia do Soldado –  
Ordem de dia – 1984

**A** pós 12 anos, voltávamos a Salvador imensamente felizes, tanto pelo lado pessoal, como pelo profissional. A Graça e em especial nossos dois filhos, agora com 11 e oito anos, teriam a grande oportunidade de **conviver com familiares**. Na parte profissional não podia ser melhor, pois fui designado para fazer parte da **Seção de Operações**.

Tivemos ainda a sorte de morarmos numa boa casa na Vila Militar o que facilitou muito nossa vida cotidiana, reunião da família e formação de novas amizades.

Um **fato** muito importante que aconteceu é que nosso **filho** ingressou no Colégio Militar de Salvador, **na mesma série que entrei 26 anos atrás**. Cabe ainda, neste momento que escrevo, destacar que meu **neto, 3ª geração**, também ingressou e está cursando o Colégio Militar de Salvador desde 2017 (**58 anos depois**).

**Na parte profissional vivi uma situação bem interessante**. Sabia que as 12 Regiões Militares existentes no País tinham uma prioridade administrativa, mas suas estruturas variavam de acordo com as características de suas áreas de responsabilidade.

A **6ª Região Militar** tem também Unidades Operacionais com destaque para os **3 Batalhões de Infantaria** sediados em Salvador, Aracaju e Feira de Santana. O Batalhão de Aracaju é a única unidade operacional na capital de um Estado. Começamos a inspecionar, todas tinham ótimos comandantes e cumpriam os Planos de Instrução.



**Inspeção de Instrução no 19º BC – Salvador –  
Comandante 6ª RM General Santa Cruz – 1984**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Inspeção de Instrução no 28º BC – Aracaju – 1984

Um fato interessante ocorreu quando comecei a pensar nos **Exercícios a serem montados e conduzidos pela 6ª RM, tive a surpresa que estes exercícios eram montados pelos próprios Comandantes dos Batalhões** e o Comando da Região apenas assistia às demonstrações. O correto era a Região preparar, montar e avaliar as Unidades na sua execução, claro que respeitando as suas estruturas. Seria uma **mudança necessária**, o tempo não era ideal, o trabalho seria muito grande, mas tinha certeza de que precisava ser feito.

O **primeiro desafio** foi convencer nosso Coronel Chefe da Seção de Operações e depois ter a aprovação do General Comandante, particularmente porque tiraria a “autonomia” dos Comandantes de Unidade. O Chefe da Seção entendeu e fomos falar com o General. O maior problema para ele, com razão, era o **custo**, mas mostrei que as Operações mais importantes eram de Operações Especiais e de **baixo custo**. Adestraríamos as chamadas Subunidades de Operações Especiais (**SUOPES**) que cada batalhão possuía, montaríamos um Exercício centralizado para cada uma

das 3 SUOPES, e um para o Batalhão de Operações Especiais (**BOPES**), que seria o coroamento da instrução. O General Comandante aprovou nossa sugestão e começamos imediatamente a tomar várias providências.

Paralelo a este planejamento, as atividades da Região corriam muito bem. As Olimpíadas da Região, Corrida Duque de Caxias, Semana do Exército e visitas às Unidades.

A base do planejamento das **Operações** sob a nossa responsabilidade é que elas fossem **o mais real possível**. Desta forma, as áreas tinham que ser mais distantes para obrigar o planejamento administrativo detalhado dos Comandantes. Tínhamos dificuldade de boas cartas, mas selecionamos cinco áreas para reconhecimento, quatro na Bahia e um em Sergipe.



Corrida Duque de Caxias – 1984

Foram cerca de **dois meses de intensa atividade**, envolvendo grandes deslocamentos e montagem dos incidentes para adestramento em cada área. Para nossa satisfação as áreas selecionadas atenderam o que queríamos e as **Unidades faziam rodízio anual**. As regiões escolhidas na Bahia ficavam em Alagoinhas, Uruçuca (perto de Ilhéus), Serra Preta (na Estrada do Feijão), Paulo Afonso e em Sergipe na Serra de Itabaiana. **As tropas faziam deslocamentos de 100 a 400km e operariam em regiões importantes dos Estados.**

Na época não tínhamos as facilidades do computador e da Internet e o trabalho da montagem de toda a documentação exigiu um trabalho hercúleo dos nossos **Cabos e Sargentos Auxiliares**. Mais uma **grande lição** comprovada da importância de valorizar e destacar o valor dos nossos subordinados (“Auxiliares”).



Como o **Adestramento** era em áreas afastadas e as comunicações não eram ideais, **inovamos colocando uma Arbitragem** – desde o nível Pelotão até Batalhão – e que seria conduzida por oficiais do Batalhão não envolvido naquele Exercício. A preparação dos oficiais envolvidos na Arbitragem requereu um esforço adicional de nossa parte, mas inteiramente recompensado pelos resultados alcançados.

Tínhamos a convicção que a “**Escola Prática é a Escola da Vida**” e a execução dessas operações ao longo destes dois anos deram um verdadeiro **salto operacional** nas Unidades da 6ª RM e uma grande motivação pessoal e profissional para todos os envolvidos.

No segundo semestre de 1986 aconteceu Outro **fato importante** que foi o honroso convite para sermos **Instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército** no Rio de Janeiro. Para a família seria também muito bom porque nosso filho continuaria seus estudos em outro excelente Colégio Militar e poderíamos dar um melhor apoio à minha querida mãe.

Os **fatos** destacados e as **lições** decorrentes neste período confirmaram para mim a importância de reconhecer e valorizar nossos **subordinados**, a certeza de **quem orienta o Preparo é o Emprego (Escola Prática)** e a importância da **família** em todas nossas ações.



# PARTE XIV

## ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO / RJ) (1987)





Com nossos queridos filhos  
- 26 Novembro 1987

**A**lém da grande honra de ser Instrutor da Escola de mais alto nível do Exército, estava tendo o **privilegio** de fechar um fantástico ciclo: ter sido **Instrutor** nas três principais Escolas do Exército nos níveis **Graduação, Mestrado e Doutorado**.

Mais uma vez fui muito bem recebido por todos e confirmei o excelente ambiente de trabalho. Apesar de ter estado sempre envolvido em Operações, fui designado para ser **Instrutor de Logística** no mais alto nível de emprego.

Aprendi em pouco tempo que foi para mim a **melhor solução** porque bem ou mal conhecia Operações, mas a Logística neste nível tinha muito a aprender, além de ser absolutamente essencial para o sucesso de qualquer operação.

Em agosto de 1987 aconteceu um fato tradicional da nossa carreira que foi nossa **Promoção por Merecimento a Tenente-Coronel**, comemorada no meio familiar e com os diletos amigos da ECEME.

A **foto** colocada a seguir tem um **fato especial** que é o meu encontro com um dos meus maiores amigos de Turma em São Gabriel da Cachoeira e também recém-promovido, o **então TC Vasconcelos**. Brillante oficial, havia terminado o curso da ECEME, foi classificado em Manaus e nomeado, apesar de moderno e fora da lista de comando, **Comandante do futuro 5º Batalhão de Infantaria de Selva em São Gabriel da Cachoeira**. Estava ele com a esposa e filha “morando” num quarto do Hotel de Trânsito da Companhia de Engenharia porque a sua Unidade ainda não existia. Claro que ficou



ECEME – Instrutores de Logística - 1987

muito chateado com aquela difícil situação, foi um gerente de obras no primeiro ano e no ano seguinte o Primeiro Comandante da recém-inaugurada Unidade. Relato esta situação real porque **voltarei a falar do TC Vasconcelos num fato extraordinário acontecido cerca de cinco anos depois e com lições muito válidas.**

**Nossa nomeação de Instrutor era por dois anos,** podendo ser



reconduzido por mais um ano. Nosso primeiro ano seguia muito positivo nas instruções, nas viagens de estudo, na vida pessoal convivendo com muitos amigos e suas famílias, além de estarmos próximos da minha querida mãe e nossos filhos podendo aproveitar a “vovó”.

Acontece então um **fato extraordinário** e que se tornou, sem dúvida, **o maior desafio que iria enfrentar até então**, pelas peculiaridades que destacarei

ECEME - Viagem de Estudos à Amazônia Ocidental – São Gabriel da Cachoeira – Com um “irmão” da minha Turma (então TC Vasconcelos) - 1987

a seguir. Já estávamos no mês de Novembro comemorando a chegada do final do ano letivo e com uma viagem de carro planejada com a família e mais dois casais amigos.

No dia 23 de Novembro estava em nosso apartamento quando o telefone tocou no início da noite. Era um Coronel do Gabinete do Ministro do Exército, perguntou se era o Tenente Coronel Elito quem estava falando e, após minha confirmação, disse que o **Ministro do Exército, General Leônidas, queria falar comigo.** Não conhecia pessoalmente o nosso Ministro e após meu formal cumprimento ele foi direto ao assunto. Disse que acabara de me selecionar para fazer o **Curso de Estado-Maior na Inglaterra**, que era grande minha responsabilidade pois era um grande país. O Brasil tinha cerca de oito anos que não enviava um oficial, que seria o início de um intercâmbio fruto da sua recente viagem àquele País e que tinha

certeza do meu sucesso. Ainda sob o efeito da **total surpresa**, agradei pela distinção e pelo telefonema e perguntei quando começaria o Curso. Respondeu que eu teria que me apresentar na Escola no dia 2 Janeiro de 1988. **Teria, portanto, cerca de 40 dias, incluindo Natal e Ano Novo para ir morar na Inglaterra.**

Três dias depois, 26 de novembro, completei 41 anos com a família, amigos da ECEME e um bolo com um “soldado britânico “.

Além do tempo excessivamente curto, **não tinha uma “memória” atualizada** de algum oficial brasileiro. Consegui saber quem foi o último oficial que havia feito o Curso anos atrás, era o Coronel de Artilharia Macedo e estava no Comando do Batalhão Depósito de Munições em Paracambi / RJ. Imediatamente telefonei para ele, tivemos uma excelente conversa e ficou de me mandar uma cópia do Relatório que havia feito ao regressar ao Brasil.



26 Novembro de 1987 – Meu aniversário com amigos da ECEME – Início das despedidas

Uma **informação** administrativa muito **importante** que ele deu foi que todos os alunos recebiam uma **boa casa e totalmente mobiliada**. Era uma excelente notícia, mas que me trouxe um **sério problema** – onde colocar nossa mudança? Perguntei sobre a Escola para nossos filhos e ele não pode ajudar porque não havia levado os seus. O seu **Relatório** foi muito válido para eu ter uma ideia geral do Curso, onde se localizava e por ser a única informação que tinha no momento.

Apesar do entusiasmo pela missão recebida, os **desafios** que se apresentavam eram **inusitados e complicados**. Poucos dias depois recebi uma informação do Exército que teria que fazer um **teste de Inglês eliminatório no Consulado Britânico no Rio de Janeiro**, na época na Praia do Flamengo.



Mais uma vez cabe um “**parêntese**”: em 1987 não havia Internet/computador que facilitasse o estudo de um idioma, por interesse próprio sempre estudei Inglês em curso particular, mas é claro que não tinha o nível ideal de Inglês, particularmente porque ia para a Inglaterra para estudar, para ser aluno.

Nos dois ou três dias que tive antes do **teste** tentei compensar ao máximo minhas deficiências, fui muito bem recebido no Consulado, realizei um teste de cerca de duas horas, não fui tão bem como gostaria, mas, graças a Deus, fui **aprovado**.

Quando pensei que as coisas estavam se resolvendo, recebi a confirmação da minha apresentação em Londres no dia 2 de Janeiro de 1988, mas ainda sem a família que somente viajaria um mês depois. Era um procedimento padrão da Escola, mas que eu desconhecía completamente.

O Curso de Estado-Maior na Inglaterra chamava-se “**Army Staff College**”, localizava-se na cidade de Camberley, cerca de 30km de Londres e que começaria no início de **fevereiro**.

A apresentação em 2 de **janeiro** era no **Royal Army Educational Center (RAEC)**, na cidade de Beaconsfield, próxima a Camberley, onde os **alunos estrangeiros de língua não-inglesa fariam uma imersão necessária de ambientação à OTAN e ao Trabalho de Comando do Staff College**.

Essa situação me obrigou a viajar sozinho em janeiro e deixar com a **Graça** a difícil missão de espalhar nossa mudança nos apartamentos de minha mãe, irmã e num depósito do Exército. Mais uma vez, Graça foi decisiva e conseguiu realizar esse complexo problema com a ajuda de amigos especiais da ECEME.

Este **fato** realmente extraordinário trouxe **lições** inesquecíveis para mim e para minha família. Confirmava-se que o Exército realmente valorizava a **Meritocracia**, que nada se consegue sem muito esforço, que temos que **persistir**, ser sempre **otimista** e que o apoio da **família** era fator determinante de sucesso.

# PARTE XV

## ARMY STAFF COLLEGE (CAMBERLEY – ENGLAND) (1988)



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Army Staff College – Encerramento do Curso – Camberley / England – 1988**

**A**pós a chegada do Ano Novo com a família, viajei sozinho para Londres em 1 janeiro. Fui recebido pelo Sargento Auxiliar do Adido porque ele estava em férias e do aeroporto seguimos direto para o **Royal Army Educacional Center (RAEC)** em Beaconsfield.

Conforme falei anteriormente, faríamos uma **imersão** de cerca de 30 dias para nos ambientarmos às exigências do Curso. As instalações eram excelentes e cada aluno tinha uma suíte mobiliada.

No café da manhã encontrei com cerca de 16 oficiais, todos de diferentes países e de língua não-inglesa e fomos para a “Aula Inaugural”. Aí começou meu **primeiro grande desafio** que foi a necessidade urgente de melhorar meu nível de Inglês. O comandante do RAEC era um Brigadeiro de origem escocesa e acho que **consegui entender em torno de 40% do que ele disse**. Ao meu lado estava o oficial de Israel (Major Yossi) – que viria a ser um dos meus maiores amigos – perguntei o que ele tinha entendido e ele muito calmamente falou “zero”. **Concluí que não estava tão mal**.

**A imersão foi fundamental para meu progresso**, das 7h até à 00h era estudando ou falando Inglês e tivemos a sorte de ter um excelente coordenador e com uma pronúncia perfeita.



RAEC – Com o TC Rodrigues, Espanha - 1988



RAEC – Com amigos de Portugal, Indonésia e Suíça - 1988

Para se ter uma ideia da pressão, tivemos **quatro dias** para prepararmos **três palestras de 15 minutos** sobre temas dos nossos países e apresentarmos aos demais participantes. Claro que não esperava esta situação, não tinha fonte de consulta, na época sem Internet e tive que montar apresentações da minha própria cabeça. Escolhi como temas a **Amazônia, a Brigada Paraquedista e a carreira do Oficial do Exército Brasileiro**. Fiz primeiro em Português, traduzi para o Inglês, certamente com vários erros, e **treinei exaustivamente** sozinho. No final da noite a cabeça estava sempre pesada, mas me sentia mais confiante.

Me senti muito bem nas apresentações, não precisei ler nada e as críticas do coordenador foram muito bem colocadas. A partir daí sentia a **melhora diária e a motivação aumentando**.



Ginásio do RAEC - 1988

Fazia muito frio e sentia necessidade de fazer uma **atividade física**. A corrida era o ideal, mas o frio e a instabilidade do tempo não ajudavam, além do que às 16h já anoitecia. Passamos a correr **dentro do ginásio pois tinha calefação** e aprendi a jogar **Squash** porque nele havia três quadras.

Paralelo ao “estágio”, fomos recebendo informações mais detalhadas do Curso tais como: quando receberíamos nossas casas; calendário; que seríamos **180 oficiais, sendo 130 britânicos e 50 oficiais estrangeiros de 45 países; porque EUA, Alemanha, Índia e Austrália tinham mais de um aluno**.

**Observação:** o Brasil era o **único** representante da América do Sul.





Beaconsfield / England – RAEC – 1988

Sem dúvida a imersão no RAEC foi fundamental para mim em todos os sentidos. **Evoluí muito no idioma, me familiarizei com a OTAN, Pacto de Varsóvia e o Trabalho de Comando do Exército Inglês.**

Após um excelente jantar de encerramento e confraternização, nos deslocamos para Camberley para recebermos nossas casas e nossas famílias.

A impressão de **Camberley** não podia ter sido melhor, perto de Londres, com cerca de 25 mil habitantes, tudo muito organizado, ótimas lojas e supermercados e ótimas escolas. A **casa** tinha de tudo e levei algumas horas recebendo e conferindo todo o acervo. Fui também muito bem recebido pelos **Diretores das escolas** que nossos filhos iam estudar, comprei um **carro usado** – volante do lado direito e marcha do lado esquerdo - e me preparei para pegar a Graça e nossos queridos filhos em Heathrow, aeroporto de Londres.

Quando eles chegaram ficaram impressionados com minha desenvoltura no aeroporto dirigindo e todos gostaram muito da casa e da Vila Militar.



Camberley – Nossa casa na Vila Militar – 1988

Todos os alunos casados moravam nestas casas geminadas, num local muito agradável, numa área verde nos fundos da Escola e que permitiu ao longo do ano a consolidação de verdadeiras **amizades**, algumas perenes até os dias de hoje, **33 anos depois**.

O *Army Staff College* para os oficiais ingleses é um ponto crucial para suas carreiras e seus resultados definiam seus futuros, funções e promoções.

Um **fato interessante no Curso e bem diferente do nosso** é que não havia Instrutores ministrando aulas de Doutrina. Os 180 alunos foram divididos em 18 Grupos, chamados “*Sindicatos*”, em cada um tinha 10 alunos sendo em torno de sete ingleses e três estrangeiros (*Overseas*). Para cada Grupo havia um **Instrutor que apenas dizia as missões e estipulava as condições de avaliação**. Como somente os alunos trabalhavam e mostravam suas decisões, o **Instrutor, depois de dois meses de permanente contato, tinha perfeitas condições de dar um conceito do rendimento de cada aluno**.

As **imagens** a seguir não visam mostrar conteúdo e sim **exemplificar** como eram os **documentos** que tínhamos que redigir e como os instrutores faziam suas observações sobre o que fizemos.

RESTRICTED  
Ex SECRET

2. Tasks ①

a. Specified

1) Restore the affected areas to government control.

b. Implied

1) Liaison with Navy and RAF to consider the move and deployment of 5 AB Bde.

2) To avoid to close the STRAITS OF HORMUZ to commercial Hc ✓

c. Essential. The essential task is to restore the affected areas to government control

3. Freedom of Action / Constraints

a. We cannot use our tps already embarked and returning to UK.

b. Op must be completed asp and with the minimum of force level of British tps.

c. In the interests of maintaining good relations with SUWATQ we are urged to be careful not to cause too much collateral damage in carrying out our task.

d. Time when we will have the Navy's support.

MSN

4. To restore the affected areas of the MUSANDAN PENINSULA to government control asp and avoid to close the STRAIT OF HORMUZ to commercial Hc.

2  
Ex SECRET  
RESTRICTED

This is the most important point for 5 AB Bde to be able to take specific action.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

5 Jul 88



Syndicate C3  
Third Term

Lt Col J Elito BRAZIL (139)

EX DIRE STRAITS

1. This is a good effort. You have displayed a sound grasp of the appreciation process and you have applied it quite well in this exercise. Some of your considerations are a bit shallow and some deductions could be expanded further. Nevertheless I was able to follow your thinking and I found your plan easy to understand.
2. You need to concentrate on your Mission Analysis in separating higher intentions from those operational tasks that the Bde can do, and which finally contribute to the overall objective. In this case, if you capture Goat Island and Khasab, you virtually do all that is required.
3. Similarly, a more detailed analysis of the ground and sea approaches should have revealed Khawr Naid with its hard as being a most convenient insertion point in conjunction with Wadi Salalah.
4. Overall, however, a commendable effort. Thank you for your clear work and practical approach.

*P S O'Sullivan*

P S O'SULLIVAN  
Lt Col

Elito,

1. As your DS says this is another good effort. Whilst your discussion / deduction process was a little 'thin' you managed to pick out most of the vital issues. You also followed your priorities through into your plan. Then you decided to launch the Guekhas on a sea landing onto GOAT ISLAND which would probably have been yours (and their) downfall. You would have been better served if you had landed them by helicopter, preceded by some SAS jets.
2. Overall however, you tackled a complicated exercise most methodically and proved again that you can do an appreciation effectively.

*Furber*  
Col

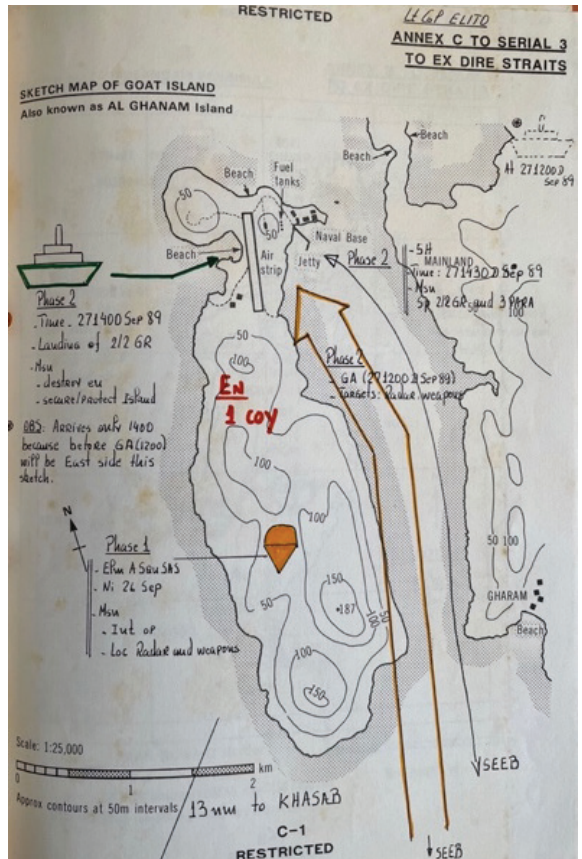
Operação na área do Golfo manuscrita por mim - Exemplo de uma avaliação -  
Ataque de Brigada - 1988

Palestras eram somente no Auditório e na Abertura de algum grande tema como Ofensiva ou Falklands (Malvinas).

**Outro fato interessante** é que **não havia graus de zero a 10**, mas as Provas (*Papers*) tinham uma **rígida correção** doutrinária dos Instrutores de cada Grupo demonstrada numa **observação escrita e assinada por eles**.

Estes **Grupos de 10 alunos ficavam juntos dois meses**, eram modificados os alunos e Instrutores e assim sucessivamente até o final do Curso. Fizemos cerca de **quatro rodízios** no ano, achei **muito positivo** assim como o sistema dos **alunos serem permanentemente exigidos a expor, argumentar e decidir**.

Os *papers* eram provas de operações simuladas em várias partes do mundo, particularmente no Oriente Médio, África e Ásia. Caso voltasse para a ECEME tentaria aperfeiçoar alguma coisa neste sentido.



Complemento do meu  
manuscrito da mesma  
Operação no Golfo - 1988



Este ano vivido numa Escola de Estado-Maior que era referência mundial – **Ytzhak Rabin**, Primeiro-Ministro de Israel, foi aluno nos anos 50 e outros – serviu para que eu também constataste o **excelente nível da nossa ECEME**.

Apesar da natural deficiência inicial no idioma eu já tinha um Curso de Estado-Maior e claro que tinha mais conhecimento do que eles. A dificuldade era de forma e não de conteúdo e **destacarei mais adiante situações** que comprovam o nosso excelente nível.

Minha adaptação era crescente e cada dia mais participativa. Para minha sorte tivemos um **fato oportuno no tema de “Jungle Operations” (Operações na Selva) e a área selecionada era no pequeno Belize**. Após as observações e durante as naturais discussões, mostrei a todos que alguns conceitos tinham que ser revistos e me prontifiquei em ilustrar a realidade das Operações na Selva, pois tínhamos uma área de **selva continental** e a **melhor Escola do mundo** na formação de Guerreiros de Selva. A repercussão positiva foi imediata e passei a ser um **“consultor”** permanente sobre aquele tema.

As visitas e demonstrações no campo eram frequentes e muito válidas. Ao lado de Camberley estava **Aldershot, que era a maior estrutura militar** no País e vizinho à nossa Escola estava a **Academia Militar de Sandhurst** (semelhante à nossa AMAN).



**Demonstrações no campo – Transporte em Helicóptero Chinook - Região de Aldershot – 1988.**

Duas **visitas** muito interessantes foram as visitas de dois ou três dias às **Royal Air Force e Royal Navy**, que incluíram voos de alguns alunos no caça HAWK e um dia no mar a bordo do porta-aviões Invencible (esteve nas Malvinas).



Visita a Royal Navy - Porta-avião Invencible - com amigos da Irlanda e Bélgica – 1988

**Relato a seguir um fato extraordinário e de lições excepcionais.** O *Staff College* fazia uma primeira viagem à Europa para **estudar no terreno**, no exato local que ocorreram duas **históricas Operações**: a **Batalha de Waterloo (1815)** e a **Operação Market Garden (1944)**. Era em sistema de rodízio e naquele ano seria a Market Garden.

Como o livro foi feito tanto para **civis como militares**, vou detalhar algumas **ações reais no sentido de enaltecer fatos e lições úteis para todos**.

Um **fantástico fato** desta viagem é que todos os “**Instrutores**” nos locais reais da Operação **tinham combatido naquele local 44 anos atrás**. Eram na época jovens Sargentos, Tenentes, Capitães, pessoas da Resistência Francesa e Holandesa, pilotos de planadores e agora estavam conosco como civis, Coronéis e Generais, **todos com cerca de 65 / 70 anos**. Ao lado da **emoção** permanente, vimos **exemplos reais de determinação, coragem, resiliência e**

**amizade.** Destacarei alguns deles porque são eternos **exemplos para qualquer cidadão.**

É muito válido, neste momento, fazermos um **resumo da magnitude daquela operação.** É considerada a **maior operação militar com lançamento de paraquedistas da história.** Foram utilizados cerca de **5000 aviões e planadores** que lançaram **16000** paraquedistas e transportaram outros **20000**, totalizando **36000.** Tudo que escrevo a partir de agora são informações reais transmitidas pelos **“Veteranos Instrutores”.**

A Market Garden tinha um **objetivo estratégico que era acelerar o fim da Segunda Guerra Mundial** que já se arrastava por cinco anos. Havia um consenso em Setembro de 1944 que as forças alemãs estavam fracas, em constante declínio e que o sucesso da Market Garden faria a Guerra terminar antes do Natal.

Planejou-se então este **lançamento massivo** de milhares de paraquedistas dos **EUAs, Inglaterra, Polônia e outros,** com o objetivo de **conquistar as importantes pontes do Rio Reno, na Holanda** e possibilitar o **avanço mais rápido e contínuo dos Aliados na direção de Berlim.** Os paraquedistas protegeriam as pontes até a chegada de uma Divisão Blindada Inglesa que faria a operação militar que chamamos de **“Juncção”.** No planejamento, esta junção estaria consolidada em **48 horas.**

**A Ponte de Arnhem era o objetivo da Brigada Paraquedista Inglesa que saltou com 10 mil homens e seria a última a fazer a junção.**

Operação Market Garden  
– Holanda – Setembro de  
1944 – Falando o então  
Capitão John Waddy  
(Comandante de uma  
Companhia Paraquedista  
Inglesa, ferido três vezes  
em Arnhem, serviu depois  
da na Palestina, Vietnam e  
nas Forças Especiais – em  
1988 (Coronel da reserva)



O Comando da Operação seria do mais famoso General Britânico da Segunda Guerra Mundial, **Gen. Montgomery**, realmente um excelente militar, mas também criticado por algumas atitudes.

Cabe aqui uma **observação** interessante: esta operação está detalhada num **excelente livro** – *A Bridge Too Far* – e num **ótimo filme** com o mesmo título – Uma Ponte Longe Demais. O Cel. **John Waddy**, referenciado na foto anterior, foi consultor durante as filmagens. O ator **Sean Connery** faz o papel do Comandante da Brigada Inglesa que salta em Arnhem, o **Robert Redford** é um Comandante de um Batalhão Paraquedista da 82ª Americana na conquista da ponte de Nijmegen, o **Peter O’Toole** é o Comandante da Divisão Inglesa responsável pela Junção e **Gene Hackman** o Comandante da Brigada Polonesa.

O senhor de cabelos brancos que aparece de perfil na foto anterior é o **Coronel Geoffrey Powell**, também comandante de uma das companhias de paraquedistas do mesmo batalhão do Coronel John Waddy, participou efetivamente da **retirada dos dois mil paraquedistas que sobreviveram** em Arnhem e escreveu vários livros.

O Gen. Montgomery **omitiu uma informação crucial** para os paraquedistas, que veio da inteligência holandesa relatando a presença de **Blindados** alemães na região. O Coronel Powell, apesar de britânico, critica em um dos seus livros esta atitude, mas reconhece que mesmo que fosse informado poucos acreditariam pelo clima de euforia em que os Aliados se encontravam e na certeza do término da Guerra até o **Natal**.

Depois de cinco anos de guerra todos já conheciam o valor das tropas alemãs e **esta lição foi “esquecida”** naquele momento, acarretando sérias consequências à Operação, como veremos adiante.

Os milhares de paraquedistas **saltaram** com armas mais leves e com munição e equipamento **para 48 horas**. A **junção** da Divisão Blindada com os paraquedistas **em Arnhem aconteceu somente no nono dia**.

Antes de voltar a falar mais de Arnhem gostaria de contar um **fato curioso** na **Ponte de Nijmegen**.

Ponte de Nijmegen ao fundo – Então Sargento Peter Robinson da Divisão Inglesa que fez a Junção com a 82ª Airborne Brigade em setembro de 1944



O então **Sargento Robinson** era o Adjunto de um Pelotão de Tanques (quatro tanques) e que estava no comando porque seu Tenente comandante tinha sido ferido e removido da operação. Com um temperamento muito alegre nos contou um pouco do que tinham passado. Surpreendidos com a atuação dos alemães a **coluna de blindados perdeu impulso** e na confusão dos combates as **comunicações** também sofreram **sérios problemas**.

Atrasados e sem ligações com a 82ª, chegaram nas proximidades de Nijmegen. Seu Capitão reuniu os Comandantes de Pelotão e disse-lhes que o **Esquadrão iria liderar o acesso à ponte** e perguntou quem gostaria de ser o primeiro Pelotão a entrar na ponte. Muito **autêntico**, falou que apesar do medo que estava, era o mais moderno e não teve escolha, seria seu Pelotão o primeiro.

Todas as pontes sobre o rio tinham sua parte central mais alta, eram estreitas para a manobra dos tanques e **única linha de**

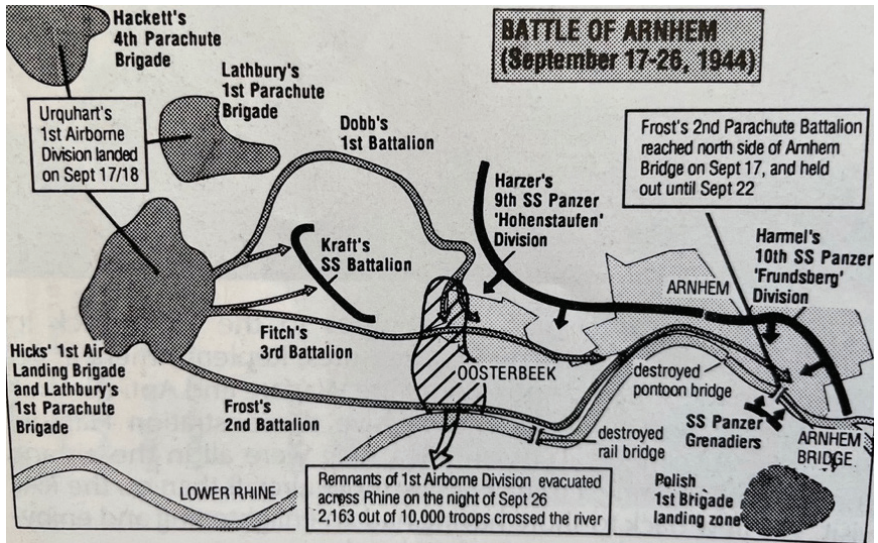


**ação era avançar.** O Sargento Robinson destacou que os **minutos “subindo”** na ponte sem saber o que veria quando chegassem na sua parte mais alta duraram uma **eternidade**, mas vibraram quando viram os soldados americanos da 82ª na outra margem.

O Sargento Robinson nos deu um verdadeiro **exemplo de coragem, equilíbrio emocional, disciplina e autenticidade.** Guardo esta foto com muito carinho e orgulho.

Ao longo destes nove longos dias, apesar do sucesso total ou parcial das tropas paraquedistas, muitos fatos aconteceram, mas o que se passou em **Arnhem foi o mais relevante** em todos os sentidos e faço questão de destacar.

Este esboço ajudará a todos entenderem os **fatos** heroicos e as **lições** dos erros que aconteceram.



Esboço da Batalha de Arnhem – Setembro de 1944

A **primeira grande lição de Arnhem** – muito bem mostrada no livro e no filme – foi o **erro** do Comandante da Brigada Inglesa

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

de concordar em **saltar longe (cerca de 10km) do principal objetivo**, a Ponte de Arnhem (zona de lançamento à esquerda no croqui). Era um bom comandante, mas inexperiente. No **filme** o experiente comandante polonês (ator Gene Hackman), se irrita e chega a perguntar ao oficial que fazia o Briefing “**de que lado ele estava**”.



Zona de Lançamento da Brigada  
Inglesa em Arnhem – Ainda  
existente 44 anos depois – 1988

Após uma difícil reorganização, os três Batalhões tentam se deslocar na direção da ponte e são surpreendidos pela forte presença de tropa alemã e de blindados. Conforme pode se ver no Esboço, **somente o Segundo Batalhão do Cel. Frost consegue chegar na ponte**.

Durante os nove dias de operação os outros dois Batalhões ficaram detidos e não chegaram para ajudar o Cel. Frost.



Ponte de Arnhem – principal objetivo da Brigada Paraquedista Inglesa – 1988

O **Cel Frost** ainda estava vivo em 1998, mas nunca aceitou o convite da Escola. Justificava que entendia a solicitação e pedia

que entendessem suas razões. O “**Veterano Instrutor**” na ponte de Arnhem **foi seu Capitão Oficial de Operações** que nos transmitiu  **fatos especiais e lições inesquecíveis** do mesmo local onde era o prédio onde ficou o Estado-Maior do Batalhão e que atualmente era um restaurante.

Como previsto, a partir das 48 horas tudo começou a faltar e o racionamento de ração e munição foi muito severo.

Ele confirmou um **fato “irônico”**, também registrado no filme e que bem mostra o **valor do Cel. Frost**. Num determinado momento aparece um militar alemão na Ponte conduzindo uma bandeirola branca e propõe que o Batalhão Inglês se renda. Ele manda informar que não aceita a rendição das tropas alemãs por falta de acomodações.

**A situação estava crítica e o Cel. Frost mandou reunir seu Estado-Maior e os Capitães Comandantes de Companhia**. Em **resumo** falou o seguinte: **determinava** que o Estado-Maior, os Comandantes e **seus homens retraíssem e tentassem sobreviver** e que **ele permaneceria** no Posto de Comando aguardando os alemães.

Nosso “Veterano Instrutor” se **emocionou** naquele momento, mas continuou. Ele e todo o Estado-Maior ficaram com o Cel. Frost, no outro dia o **Comandante das tropas alemãs** chega sem combater ao seu Posto de Comando e **sua primeira atitude foi prestar continência ao Cel. Frost** em reconhecimento ao seu valor. Aprisionados, foram colocados em um **trem** e seguiram na direção leste para algum **campo de concentração**. Para sorte deles, houve uma pane no itinerário e aproveitando-se do mau tempo **conseguiram fugir**. Não sabiam onde estavam, mas sabiam que tinham que fugir para o oeste. Dias depois foram **encontrados por homens da resistência francesa (“maquis”)**. Comentou ele que se orgulhavam muito nos encontros pós-guerra de terem escapado do terror de um campo de concentração.



Arnhem - Igreja que foi referência para a retirada dos paraquedistas em setembro de 1944

Quando Montgomery chega em Arnhem no **nono dia**, ele considera a missão cumprida - decisão também muito criticada - e determina o reatamento dos paraquedistas ingleses, retirados de botes.

**Arnhem, para os Paraquedistas do mundo inteiro, é um símbolo de respeito e de luto, por ter sido a operação onde se perdeu mais combatentes aeroterrestres. Dos 10 mil que saltaram, somente dois mil sobreviveram.**

Como **Paraquedista**, foi um privilégio viver esta **experiência no local da Market Garden**. Foi uma semana de grandes ensinamentos e espero que tenha conseguido **compartilhar** com todos que leem esse livro, os **exemplos** de tantos heróis e que tiremos os **ensinamentos** dos erros e acertos cometidos.

Para concluir, apesar da **Market Garden** não ter atingido seu objetivo estratégico, certamente **cooperou** em muito para o final da Segunda Guerra Mundial em maio de 1945, porque **obrigou as forças alemãs** a concentrar seus escassos meios naquela área e logicamente enfraquecendo outros setores vitais.

O *Staff College* tinha muitas antigas e bonitas **tradições**. Citei algumas que tiveram nossa participação direta e foram **fatos** da nossa vida na Inglaterra.

Um **grande evento** chamava-se “*Overseas Students Exhibition* “. Todos os 45 países montavam um *stand* com suas características especiais e toda a comunidade civil e militar da área visitavam.



Mais uma vez minha esposa **Graça** fez um excelente trabalho para divulgação do Brasil e contamos com a ajuda da Embaixada Brasileira, em especial do seu Adido do Exército, **Cel. Crespo**.



Visita do Adido do Exército, Cel. Crespo e esposa – Camberley – 1988



Stand do Brasil montado pela Graça – Camberley - 1988

Como é bem conhecido, o tempo na Inglaterra é muito instável e todos aproveitam ao máximo o período de **verão**. O próprio *Staff College* tinha 30 dias de férias, que aproveitamos viajando de carro conhecendo vários países da Europa num “balão” até Roma.

Nessa excelente **viagem pela Europa**, tenho que destacar um **fato** muito significativo para mim e para minha família. Informei ao Adido do Exército na Itália que gostaria de conhecer em **Pistóia** o Monumento em homenagem aos nossos “**Pracinhas**” falecidos durante a Segunda Guerra Mundial e ele teve a gentileza de agendar com o **Sargento Miguel Pereira**, responsável pela manutenção do Monumento.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Sargento Miguel Pereira –  
Responsável pelo Monumento dos  
Pracinhas – Pistóia / Itália - 1988

Ele era uma pessoa especial e **resumo** a seguir  **fatos** interessantes da sua vida na época da Segunda Guerra. Ele era o rádio operador do então General Mascarenhas de Moraes, Comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Quando acabou a guerra em maio de 1945, havia vários **militares brasileiros ainda desaparecidos** e ficaria um efetivo de militares com a missão de procurar e identificar estes militares. **O Miguel Pereira estava namorando uma italiana** e convenceu o General a integrar este grupo. Terminou **casando-se** e em 1988, **43 anos depois**, tivemos o prazer de conhecer a família Miguel Pereira. Ele já faleceu e um dos seus filhos assumiu este honroso legado do seu pai.



Jantar na residência do  
Miguel Pereira e sua  
esposa italiana – Pistóia /  
Itália - 1988

Retornando da excelente viagem aproveitamos o bom tempo para a prática de esportes “*outdoor*”. Havia um tradicional **Torneio de Tênis**, de simples e de duplas no *Staff College*. Solicitei jogar com meu filho, na época com quatorze anos e fomos vice-campeões.



**Torneio de Tênis do Staff College – eu e o meu filho vice-campeões – Camberley - 1988**

O General Comandante estava presente na premiação, ficou surpreso e elogiou a participação do nosso filho. No torneio de simples fui campeão.



**Torneio de Tênis do Staff College – Premiação pelo General Comandante e esposa - Camberley - 1988**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Volto a destacar a **importância do Esporte / Atividade Física** para tudo na vida. Além das vantagens de saúde e lazer, facilitou nossos **contatos e amizades**. Eu e o oficial da Indonésia integramos a **Equipe de Tênis do Staff College** em jogos ao longo do ano.



Equipe de Tênis  
do Staff College –  
Camberley – 1988

Além das Operações Conjuntas com o *Navy Staff Course* e *Air Force Staff Course*, também tínhamos **confraternizações** esportivas como no futebol, também muito popular na Inglaterra.



Jogo de Confraternização entre o *Army Staff College* e *Navy Staff College* – Greenwich - 1988

Outro **fato excepcional** foi nossa **segunda viagem à Europa**, especificamente à **Alemanha**, onde visitaríamos uma Brigada Panzer Alemã na cidade de **Senelager**, uma das três Divisões Blindadas Inglesas em **Paderbon** e depois à **Berlim** para visita à OTAN, ao Muro e à Alemanha Oriental.

Para não perder o **foco do livro**, é oportuno lembrar que o **Muro** cairia um ano depois, em 1988 ninguém previu este fato nas discussões e **Berlim ainda estava “dividida”** em setores entre EUA, Inglaterra, Rússia e França.

Outro **fato** que julgo válido ressaltar, eram os **extraordinários efetivos de tropas da OTAN e do Pacto de Varsóvia dentro da Alemanha**. A **Rússia** tinha um milhão de militares (cinco vezes o efetivo do Exército Brasileiro), os **EUA** 250 mil militares (maior que o Exército Brasileiro) e a **Inglaterra** 60 mil militares (sua melhor tropa).



Demonstração da Brigada Panzer Alemã –  
Senelager – 1988

Não esqueçamos que a Alemanha não é um país de grande extensão territorial, esteve **ocupada por 45 anos e não perdeu sua Identidade**. É um dos melhores países do mundo e um exemplo de organização para todo o mundo. Uma **grande lição** para todos.





Visita à 2ª Divisão Blindada Inglesa – Paderbon – 1988

As visitas à Brigada Panzer Alemã e à Divisão Blindada Inglesa foram excelentes e mostraram a importância do Adestramento (**Escola Prática**) e da motivação para bem cumprirem suas missões. Uma **lição clara**, depois de 45 anos de “**paz**”, é que ela foi uma natural consequência do **equilíbrio** entre a quantidade e a qualidade das forças envolvidas – **OTAN x Pacto de Varsóvia**. Caso houvesse um flagrante desequilíbrio entre estas Forças poderíamos ter sérios problemas pós-guerra.

Faço questão de registrar o **fato seguinte** porque foi uma **lição positiva e diferente** que aprendi.

Na excelente programação em Berlim, estivemos uma manhã inteira no **Quartel-General da OTAN para um Painel sobre o tema “O Futuro”**. Os Palestrantes, civis e militares, eram autoridades alemãs, americanas e inglesas. Um deles, alemão, civil e professor emérito da Universidade de Berlim, concluiu sua brilhante apresentação dizendo: **“Os três maiores países no Século XXI serão China, EUA e Brasil.”**. Claro que ele não sabia da presença de um brasileiro na Comitativa e no intervalo das palestras o procurei. Era um senhor com mais de 50 anos, eu



estava de uniforme e o nome Brasil se destacava no meu braço. Ele imediatamente notou, demonstrou surpresa e sorriu. **O tempo era curto e perguntei-lhe em que se baseava para dar aquela afirmação.** Mais uma vez sorriu e começou dizendo que conhecia o Brasil mais que muitos brasileiros, que viajava para lá pelo menos duas vezes ao ano como palestrante convidado da Unicamp, que já tinha ido à Amazônia, aos Pampas, ao Pantanal, que **nós brasileiros estávamos “sentados” numa verdadeira mina de ouro e que tínhamos que valorizá-lo e defendê-lo.** Ouvir esta opinião sobre o Brasil de uma pessoa deste nível há mais de **30 anos**, me encheu de orgulho. Em todas as ocasiões possíveis que fui tendo ao longo da vida, fiz questão de mostrar essa **“verdade”** e que tínhamos o dever de torná-la realidade.

A visita ao **Muro** foi outro **fato** muito esperado particularmente porque fomos autorizados a passar num *check-point* e visitar a **Alemanha Oriental**.



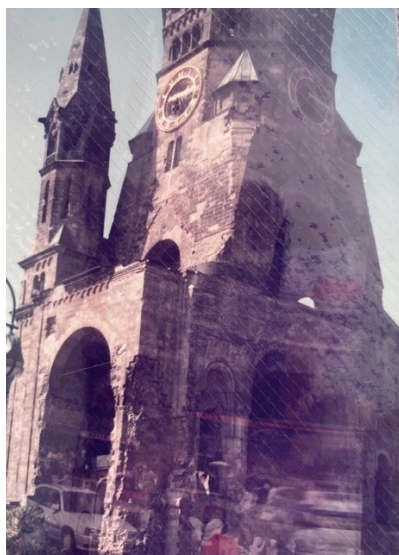
**Muro de Berlim –  
Um ano antes da sua  
demolição – com  
amigos da Costa do  
Marfim, Espanha e  
Israel - 1988**

No ponto de controle, nossos passaportes foram checados individualmente por **militares russos**. Apesar da demora tudo correu bem e fomos conduzidos nos ônibus para locais pré-determinados

pelo lado Oriental. O **contraste entre o progresso do lado Ocidental e do Oriental eram alarmantes**, os prédios em mau estado, muitas ruas sujas, os carros na sua grande maioria muito velhos, mas com lindíssimos monumentos.



Área do Monumento de Lenine – com amigos da Espanha, Portugal e Israel – 1988



Berlim – Ruínas de 1945 preservadas ao lado do progresso atual - 1988

Constatarmos estes **contrastes numa mesma cidade, 44 anos depois**, nos dava a certeza de quem estava no melhor caminho. Tínhamos no curso dois **excelentes oficiais alemães** e tive o prazer de conviver com eles e suas famílias. Muito **competentes e objetivos**, se destacavam nas atividades do curso e sempre comentavam dos erros do passado e da necessidade de unir todos os alemães. Outra grande **lição** de Nação e Soberania.

**Berlim** foi uma grata surpresa para todos pela sua modernidade e pujança. Em 1945 foi severamente bombardeada pelos aliados e 43 anos depois a Alemanha já era um dos maiores países do mundo.

A imagem a seguir do **Reichstag** é muito conhecida, mas adequada ao objetivo do livro porque é **fato** que na sua frente Hitler convencia o povo alemão a lutar. É um **lugar simbólico** na rica história da Segunda Guerra Mundial.

Reichstag – Local de  
grandes aparições  
de Hitler – Atual  
Parlamento Alemão –  
1988



Voltamos ao *Staff College* com mais uma imensa bagagem de **conhecimentos e lições**. A intensidade dos estudos continuava, mas me sentia cada vez mais confiante.

No segundo semestre recebi a **ótima notícia** que ao voltar para o Brasil, iria novamente ser Instrutor na **ECEME**. Seria uma grande oportunidade para compartilhar a excelente experiência adquirida no Army Staff Course.

Havia também uma bonita e tradicional festa no *Staff College* chamada “**Summer Ball**”, em traje a rigor e convidei o nosso Adido do Exército. O culto às **tradições e aos valores** de Pátria e Soberania pelos ingleses me chamaram sempre a atenção durante todo o curso.



Prontos para o tradicional Summer Ball –  
com o Coronel Crespo, Adido do Exército –  
Camberley/England – 1988

Outro **fato muito interessante** foi a semana que tivemos sobre o **Tema Falklands Operations (Malvinas)**. Estávamos em 1988 e a Operação havia acabado em 1982. Todos os **palestrantes** do Exército, Marinha e Força Aérea haviam **participado dos combates** em funções e situações especiais. Como falei anteriormente, eu era o único oficial da América do Sul no Curso porém, soube que até antes do conflito também havia a presença de um oficial argentino.

Para mim foi especialmente oportuno pelo alto nível das exposições e pela oportunidade de ouvir as diferentes opiniões dos ingleses.

Como sul-americano, foi muito bom constatar nas diferentes exposições dos ingleses, o **excelente valor dado aos militares argentinos**. Comentaram que lutaram bravamente até os seus limites e pontuaram **falhas logísticas** como decisivas para o final das operações. Esta é mais uma grande **lição** - verdadeira em várias situações - um excelente **planejamento operacional** não é duradouro sem um detalhado e eficiente **planejamento logístico**.

Vivi também uma **vibrante emoção** quando os alunos estrangeiros paraquedistas, cerca de 15, foram convidados pelo Ministério da Defesa Britânico a saltarem e serem brevetados Paraquedistas Britânicos. Após uma demorada decisão, o Estado-Maior do Exército autorizou e fizemos **quatro saltos de Balão** – inusitado para mim – recebendo o **Diploma e Brevet de Paraquedista Britânico**.



# Award of British Army Parachute Wings



"UTRINQUE PARATUS" – "READY FOR ANYTHING."

*This is to Certify that*

Lieutenant Colonel Jose Elito Brazilian Army

*has carried out the appropriate training,  
including parachute descents, to qualify  
as a British Parachutist and is  
entitled to wear British Parachute Wings*

*Date* 17 November 1988

*Colonel  
Regimental Colonel*

Paraquedista Britânico – 1988



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Os dois últimos meses do Curso foram uma avalanche de despedidas e providências administrativas culminando um **excepcional ano para mim e para minha família**, em especial para os **nossos filhos** de 11 e 14 anos. A convivência que eles tiveram na escola e na vila militar com crianças de 45 diferentes países, tornaram eles **fluentes no inglês**, com uma interessante **visão de mundo**, muito **amadurecidos** e a certeza de que tudo seria muito importante para os seus futuros.

As **imagens** a seguir retratam os dois “**Brevet**” – De Paraquedista Britânico e do Army Staff Course - que tive a honra de usar nos meus uniformes a partir daquele ano, a foto oficial de todo o Curso e finalmente uma foto minha e da Graça na frente do Army Staff Course.

“Brevet” - Paraquedista Britânico  
e Army Staff Course – Camberley  
/ England – 1988



Army Staff Course – Foto Oficial – Camberley / England – 1988

# PARTE XVI

## ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (RIO DE JANEIRO/RJ) (1989)





ECEME – Participação em  
Exercício da Brigada de  
infantaria Paraquedista – 1989

**A**pós uma ótima viagem de retorno ao nosso País, me apresentei imediatamente na ECEME porque o ano letivo iria começar. Regressei para o excelente time de Instrutores da área da **Logística**, ao mesmo tempo em que apanhava nossa mudança que estava em depósito e casa de familiares. Tivemos a sorte de receber um ótimo apartamento na Urca e tudo foi se ajustando normalmente.



ECEME – Instrutores de Logística – 1989

Como esperado, o ano corria muito bem e num excelente ambiente pessoal e profissional. A ECEME continuava com sua **intensa programação** de Exercícios, Palestras, Visitas e Viagens de Estudos, todas muito importantes, tanto para os Instrutores como para os Alunos.

**Durante o ano, eu e outros Instrutores que tinham feito Curso de Estado-Maior no exterior, trocamos ideias sobre o que podia ser aplicado para melhorar ainda mais o nível da nossa ECEME.**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Quando parecia que teríamos um final de ano tranquilo, fomos surpreendidos - **fato** - com a honrosa informação de que estávamos sendo nomeados para o **Gabinete do Ministro do Exército em Brasília**.

Apesar da súbita saída da **ECEME**, tive o prazer de acompanhar algumas importantes **mudanças feitas nos anos seguintes** na grade curricular da nossa querida Escola.

Apesar de mais uma mudança com somente um ano de função, tive novamente o apoio e estímulo da **Graça** e nos preparamos para nossa primeira movimentação para Brasília. Mesmo com a distinção da nomeação, lamentei deixar nossa querida ECEME e a convivência ao lado de tantos amigos.



Instrutores da ECEME – 1989



# PARTE XVII

## GABINETE DO MINISTRO DO EXÉRCITO (BRASÍLIA/DF) (1990 -1992)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Quartel General do Exército  
Brasília - DF

**N**os meus três anos no Gabinete do Ministro do Exército, tive o privilégio de servir com três Ministros – **Generais Leônidas, Tinoco e Zenildo**. Foram anos de constantes ensinamentos e aprendizagem e de uma convivência excepcional com **militares e servidores civis do mais alto nível**, confirmando, mais uma vez, a preocupação do Exército com a **Meritocracia**.

O **Ministro Leônidas** já estava terminando o seu mandato e nosso contato foi muito breve, mas interessante. Havia acabado de chegar em Brasília e estava ainda hospedado no nosso Hotel de Trânsito quando o então **TC Heleno** - um amigo-irmão, colega de turma e que já estava no Gabinete – me ligou e disse: “**o Ministro Leônidas soube que você joga tênis e lhe compulsou para jogar amanhã, devendo estar na sua casa às 06h30.**”. Como o Heleno ia também jogar, me apanhou no Hotel e ainda me emprestou uma raquete. Quando chegamos na sua residência oficial, já estava o quarto jogador, Cel. Seixas Marques, seu chefe de segurança, um caro amigo das Forças Especiais.

O General Leônidas logo apareceu, me apresentei, era a primeira vez que o via pessoalmente e **lembrou de imediato** quando ligou para me informar que eu havia sido escolhido para fazer o Curso de Estado-Maior na Inglaterra. O fato curioso veio a seguir: nós iríamos jogar na Academia de Tênis de Brasília que era um pouco longe, eu e o Heleno nos sentamos no banco traseiro do carro e, de repente, o **Gen. Leônidas se senta no banco do motorista** com o Cel. Seixas Marques no seu lado. Eles já estavam acostumados e o Ministro virou-se e disse sorrindo: “**Elito, quando imaginou que o Ministro do Exército seria seu motorista.**”. Dizia que era o único momento que ele podia dirigir com tranquilidade.

Era um **Ministro** em fim de missão e me causou uma **excelente impressão** pessoal e profissional pelo seu temperamento e entusiasmo.

Fui designado para ser integrante da **Assessoria 1** do Gabinete e tinha ao meu cargo duas importantes e sensíveis responsabilidades:

## Promoções e Movimentações de Oficiais-Generais e Nomeação dos Comandantes das Unidades.

Com muito prazer relato a seguir **o fato de um simples servidor civil**, meu único auxiliar, por ter sido **meu maior “professor”** e certamente o mais eficiente subordinado civil com quem trabalhei. Chamava-se **José Maria**, já era do Gabinete do Ministro quando o Ministério ainda era no Rio de Janeiro, acompanhou a mudança para Brasília, possuía na época **mais de 30 anos no Gabinete**. O novo Ministro do Exército, **Gen. Tinoco**, seu Chefe de Gabinete, **Gen. Tamoyo** e vários outros Generais, já **tinham trabalhado com ele**, gozava da admiração de todos e sua personalidade me surpreendeu completamente. Ao lado de todos estes reconhecidos méritos, **a educação e a discrição do José Maria eram impressionantes e o seu sensível trabalho impecáveis**. Seu entusiasmo e dedicação eram de um **“jovem”** no início da carreira.

O texto da Lei de Promoção de Oficiais e a sua Regulamentação eram **complexos**, possibilitavam diferentes interpretações e o **José Maria sempre tinha uma fundamentada resposta**.

Mais de uma vez eu recebi oficiais-generais, inclusive o próprio Ministro, que iam à AI para cumprimentá-lo.

Na época ainda não tínhamos o computador a pleno e todo o trabalho dele era feito a mão e na tradicional máquina de escrever. Aprendi muito com os **exemplos diários** do José Maria e se tive algum sucesso no meu trabalho, devo ao seu **caráter e responsabilidade**. Ele era solteiro, cuidava da sua idosa mãe e Graça e eu tivemos sempre muito prazer em ajudá-los.

**José Maria foi uma lição inesquecível** para mim nos três anos que tive o privilégio de sua companhia e foi **minha permanente referência** de competência, educação, discrição, humildade e eficiência.

O **Ministro Tinoco** foi com quem tive o prazer de trabalhar por mais tempo. A **impressão** que nos passava era de uma pessoa muito **discreta e voltada integralmente aos problemas da Força**.



Apesar de ser um oficial-adjunto na A1, as minhas duas **missões** de Oficiais-Generais e Comandantes de Unidades, me **obrigavam** a acompanhar o Coronel Chefe da Assessoria nos **despachos** com o Ministro.

Num destes despachos, sempre formais, ele dirigiu-se a mim dizendo que sabia do meu curso na Inglaterra e **perguntou-me como estava meu nível de Inglês**. Respondi que depois de um ano estudando, discutindo e fazendo provas, me sentia muito bem. Formalmente, ele disse: “eu entendo razoavelmente Inglês, mas não gosto de falar e a **partir de hoje você será o meu intérprete**.”. Como ele não perguntou, nada respondi e encarei o **fato** como missão.

Confesso que fiquei um pouco preocupado porque nunca tinha praticado ser intérprete. Dias depois da sua ordem, recebi a informação que seria o seu intérprete na visita do **Secretário de Defesa dos EUA**, Dick Cheney, ao Exército Brasileiro.

O Secretário Dick Cheney, apesar de civil, tinha uma **excelente visão de “Defesa”**, foi muito cordial e destacou a importância do relacionamento entre os dois países. O Ministro Tinoco foi muito objetivo nas suas perguntas e respostas, o que facilitou muito minha missão.

Visita do Secretário de  
Defesa dos EUA, Dick  
Cheney, ao Ministro do  
Exército, Gen Tinoco –  
1990





**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Ministro do Exército, Gen. Tinoco e o Secretário de Defesa dos EUA,  
Dick Cheney – Brasília – 1990**



**Ilustres visitas ao Senhor Ministro do Exército, General Tinoco**

As oportunidades de poder participar diretamente destas **visitas de alto nível** ao senhor Ministro do Exército, ampliou minha visão e conhecimento de vários e importantes temas. Coloco as duas fotos seguintes para melhor ilustrar essa **excelente missão que o Ministro Tinoco me proporcionou.**



**Ilustres visitas ao Senhor Ministro do Exército, General Tinoco**

Ao longo do tempo fomos ampliando nossos conhecimentos em relação aos sensíveis temas dos Oficiais-Generais e Comandantes de Unidades. Ficava muito à vontade no meu trabalho por ter o “professor” José Maria e pelas **atitudes exemplares** do **General Tamoyo**, Chefe de Gabinete e do Ministro do Exército.

Os **dois fatos** que sintetizo agora, mostram exemplos de **coerência e bom senso que devem ter um Comandante, Chefe ou Diretor.** Cito-os porque envolveram **dois grandes amigos de turma** e em um deles tive uma direta participação. No **primeiro caso**, destaco algumas qualidades do **Ministro Tinoco**, como não fugir dos seus **critérios** e valorizar o trabalho das suas

Assessorias. Era a decisão de uma missão no exterior (Paraguai), a Assessoria I preparava uma detalhada planilha com as informações necessárias e os três oficiais selecionados, em ordem de prioridade, para decisão do Ministro. O **número dois** da lista era meu amigo-irmão **TC Marzullo e Assistente do Ministro**. Ele, ao olhar a lista destacou todos, em especial o Marzullo e escolheu o número um da planilha. Não foi surpresa a sua criteriosa decisão.

Este **primeiro fato** serve, para quem está lendo agora estas linhas, melhor imaginar os momentos **do segundo fato** que relato a seguir. Poucos dias depois estava na AI e vi o oficial que cuidava de missão no exterior comentando sobre uma seleção para o **Curso de Estado-Maior em Portugal**. Era um curso de um ano, semelhante ao que eu havia feito na Inglaterra e fiquei curioso em ver quais os oficiais selecionados. **Para minha grata surpresa, o número um da lista era meu amigo-irmão (TC Vasconcelos)**, desde a Escola Preparatória, servimos juntos no REsI, fizemos vários cursos juntos, era também Forças Especiais, Piloto de Helicóptero e era aquele que visitei e **narrei anteriormente**, quando Instrutor da ECEME, em **São Gabriel da Cachoeira para ser Comandante de um Batalhão que ainda não existia**.

Cabe aqui uma **observação importante**: as regras da época diziam que cada mês passado no exterior o militar passaria um ano sem concorrer; no meu caso, como no dele, não concorreríamos mais para nenhuma outra missão.

Durante a conversa com o oficial encarregado da missão no exterior, percebi que cerca de dois meses depois haveria a escolha para uma **missão de dois anos na França** onde o requisito básico era ser **piloto** ou gerente de manutenção de helicóptero. Tinha certeza de que ele seria também o número um para esta missão, mas se ele fosse como número um para Portugal, certamente o Ministro Tinoco o escolheria.

Decidi então levar o assunto ao Coronel Chefe da A1, me escutou, entendeu meus argumentos, mas é claro que não podia alterar os critérios e ele tinha razão.

**Pela vontade de Deus**, num dos despachos de Comandantes de Unidades com o Ministro, o chefe da A1 disse que estava com uma pasta de missão no exterior que precisava da **urgente decisão e era a missão Portugal**. Apesar da vontade de argumentar fiquei calado e observando o Ministro analisando a planilha. **De repente**, ele que pouco falava, **perguntou por que o TC Vasconcelos já tinha Comando**. Para estes cursos normalmente iam oficiais modernos e sem comando, como foi o meu caso. Notei que ninguém sabia e **levantei a mão solicitando permissão para falar**. O Ministro concordou e destaquei para ele o que nossa **Instituição** tinha feito com ele, nomeando-o muito moderno, logo após a ECEME, **fora do processo** e para um Batalhão que ainda não existia. Falei que foi para São Gabriel da Cachoeira com a família, não tinha onde morar e ficou num quarto do hotel de trânsito, que o **seu primeiro ano foi de gerente das obras e o 1º Comandante do ainda inacabado Batalhão**.

**Não resisti e perguntei se podia acrescentar uma sugestão** que já havia comentado com o meu Chefe da A1. Ele concordou, ouviu atentamente, disse que não gostava de mudar critérios e como garantir que ele seria indicado para a missão na França. Disse que ele tinha razão, mas também **eu tinha certeza de que ele seria o número um da lista para a França**. Virou para mim e disse que eu teria que falar para ele que tinha sido o culpado da sua não ida para o exterior e eu concordei.

**O Ministro Tinoco alterou seu critério**, nomeou para Portugal o número dois, pouco tempo depois a planilha da **França** estava pronta com o **TC Vasconcelos** de número um e o **Ministro Tinoco o nomeou**.

Como esperado, fez um ótimo trabalho na França e nunca comentei com ele o fato narrado acima. Escrevo no **livro** porque este **grande amigo já está no reino dos céus** e gostaria de compartilhar com todos esta imensa alegria que tive de ver o **mérito do Vasconcelos ser reconhecido** e de, mais uma vez, **enaltecer a análise, sensibilidade e decisão do Ministro Tinoco**.

**Em dezembro de 1991 fui promovido a Coronel, por Merecimento, ao último posto da carreira.** Naquela oportunidade completava 22 anos de formado e me sentia inteiramente recompensado pelo que o Exército havia me proporcionado até então.

Nos anos de 1991 e 1992 nossa turma da AMAN concorreu efetivamente ao processo de nomeação de Comandantes de Unidades e o **fato** é que, coincidentemente, eu era o responsável pelo processo. Foi um **salutar desafio fazer estas seleções de forma totalmente imparcial e meritória** e fiquei realizado ao ver o Ministro Tinoco aprovar a grande maioria das planilhas propostas.

**Mais curioso ainda** é que eu fazia parte do universo de 1992 e, logicamente, me inseri em todas as fases do processo. Como todos, escolhi as 10 Unidades em prioridade de escolha, a minha **prioridade um foi comandar o 28º Batalhão de Caçadores em Aracaju, minha terra natal e onde meu pai tinha sido soldado na época da Segunda Guerra Mundial.**

Nos processos de anos anteriores e certamente ocorreria em 1992, havia uma grande **dificuldade** de selecionar comandantes para a **área amazônica**. Para facilitar o processo decisório do Ministro, fiz uma **relação** de cerca de 30 oficiais que considerava **mais aptos** para o comando naquela área e **me incluí na mesma**.

Como previsto, não houve muitos voluntários e o Comandante Militar da Amazônia indicou vários nomes para comandar suas Unidades, inclusive o meu. **Ao montar as planilhas nossos nomes estavam nas nossas prioridades e fora delas.**



Como eram **centenas de Unidades** e o Ministro decidia uma a uma, eram necessárias **várias reuniões** que levavam cerca de dois meses em virtude da intensa agenda do Ministro.

Numa das primeiras reuniões com o Ministro, entrou na sala o **Gen Ex Santa Cruz, então Comandante Militar da Amazônia** e quando viu o motivo da reunião, ratificou a dificuldade na sua área. Como vocês já leram, nos conhecíamos porque fui seu oficial de operações na Bahia/Sergipe após a ECEME e ele o General Comandante da 6ª Região Militar. **Ao me identificar disse para o Ministro Tinoco: “Elito é um ótimo nome para ser Comandante na Amazônia.”** O Ministro Tinoco sorriu e me perguntou o que eu achava. Disse-lhe que meu nome estava na relação da Amazônia, **não era voluntário, mas que iria sem problemas**. O Ministro agradeceu ao General Santa Cruz a sugestão e que o manteria informado. Senti naquele momento que Aracaju tinha ficado mais distante.

Dias depois, em mais uma reunião, a **planilha do 28º BC** foi mostrada para decisão do Ministro Tinoco. Sem mudar seus **critérios** me escolheu para ser o Comandante. Para mim, família e amigos foi um momento inesquecível. Quando parecia que o ano terminaria normalmente, tivemos em **setembro a saída do Presidente Collor e presenciei mais um fato especial dentro do nosso Exército com importantes lições de responsabilidade e altruísmo do nosso Ministro do Exército, General Tinoco**.

**Atento aos objetivos do livro**, narrarei os fatos que vivenciei. As notícias que circulavam na imprensa diziam que os Ministros Militares tanto poderiam continuar, como serem substituídos. Em nosso nível chegou um informe que o Gen. Tinoco não iria continuar, que o Gen. Zenildo seria o novo Ministro do Exército.

**O que me impressionou positivamente durante todo o tempo foi a calma e a discrição do Gen. Tinoco**. Soubemos que os Generais conversaram naquele dia e no dia seguinte o Ministro Tinoco reuniu todo o Gabinete, **falou de uma maneira irretocável**,

da honra que teve em servir ao Exército e que nada na Instituição mudaria. Agradeceu o trabalho de todos nós e despediu-se. **Uma atitude exemplar.**

Nos meus últimos meses no Gabinete do Ministro, tive o prazer de conviver com o **General Zenildo** e constatar a afirmativa do Gen. Tinoco de que a **Instituição continuaria no seu rumo institucional**. Ele manteve inclusive o General Tamoyo como Chefe do seu Gabinete e o ano foi concluído como planejado.

Depois de **três maravilhosos anos**, me despedi de inúmeros amigos, do meu “**professor**” **José Maria** e nos preparamos para **voltar a morar na minha terra natal, 34 anos depois e como Comandante do 28ºBC.**

# PARTE XVIII

## COMANDO DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES (ARACAJU/SE) PARTE 1 – (1993)





**Vista do 28º Batalhão  
de Caçadores – 1993**

**I** mensamente feliz e realizado, assumi o **Comando do 28º Batalhão de Caçadores (28ºBC)** cercado de familiares e vários amigos de infância. Estava particularmente orgulhoso porque estava comandando a Unidade que meu pai foi soldado e lamentei muito sua ausência física naquele momento.

Abro um **parêntese** para ressaltar uma importante **tradição**, mas que é válida para qualquer grande Instituição. O Exército denomina de “**Unidades Históricas**” aquelas que participaram de **Guerras Externas**, apenas cerca de 5% das nossas Unidades tiveram este privilégio e o **28º BC é uma delas**. Com o nome de 8º Batalhão de Linha, participou dos cinco anos da **Guerra do Paraguai** e ficou mais cinco anos em **Assunção** no pós-guerra. A sua denominação, “**Batalhão Campo Grande,**” é em homenagem à região da última batalha da guerra. Mais um motivo de orgulho para eu **comandar uma das poucas Unidades Históricas do Exército**.

Os dias em Sergipe e no Batalhão eram cada vez mais vibrantes, estimulantes e os resultados muito positivos. Várias ideias estavam surgindo para melhorarmos ainda mais o Batalhão nos próximos dois anos. O primeiro semestre voava, quando nos primeiros dias de julho **aconteceu um fato absolutamente extraordinário**.

Eram cerca de 9h da manhã, estava reunido com meus oficiais do Estado-Maior, quando meu telefonista entrou na sala dizendo que era o **Ministro do Exército e que queria falar comigo**. Quando atendi, estava na linha um caro amigo, Coronel Bonumá, assistente do Ministro e após um breve cumprimento passou ao Ministro Zenildo. Iniciou me perguntando se eu estava a par dos sérios problemas no Estado de Alagoas, respondi que estava acompanhando pela imprensa e ele então falou o seguinte: “**Elito, preciso ser direto, estou indo agora para um despacho com o Presidente Itamar Franco e vou indicar o seu nome para ser**



uma espécie de “interventor” em Alagoas, particularmente na sua **Polícia Militar**. Algum problema?” Como “soldado” disse que não tinha problema, mas o questioneei sobre o meu Comando, no cargo a menos de seis meses. Respondeu-me que não concordou com os nomes apresentados, teria que ir **sozinho para a missão**, minha família ficaria em Aracaju, meu subcomandante responderia pelo comando, daria um **prazo de três meses** nesta situação e depois veria o que fazer. Concluiu dizendo para eu **pegar imediatamente um avião para Brasília** para uma reunião com ele no outro dia às 8h.

Ao desligar, meu primeiro pensamento foi o **Batalhão** e como já estava com meu Estado-Maior, pedi a natural reserva do assunto, mandei tentar reservar urgente uma **passagem para Brasília** porque em Aracaju não tinha tantos voos e tentei ordenar as ideias.

Consegui uma passagem para 17h, tentei avisar a **Graça** que iria a Brasília, mas ela estava em uma visita com as esposas dos oficiais e sargentos.

**No início da tarde sou surpreendido** com uma aflita ligação da minha mãe no Rio de Janeiro, porque tinha acabado de ouvir na **televisão que o Presidente havia nomeado um Coronel do Exército interventor em Alagoas e dizia o meu nome**. Minutos depois, toda a **imprensa sergipana** foi para o 28º BC para ter alguma resposta sobre o assunto. Claro que não os atendi e mandei informar que somente falaria após meu retorno de Brasília.

06 JUL 1993

FOLHA DE S. PAULO

# Coronel do Exército começa intervenção na PM de Alagoas

Ministro da Justiça diz que interventor fica "até quando for necessário"

Da Sucursal de Brasília

O coronel de infantaria José Elito Carvalho Siqueira, 47, foi nomeado ontem pelo presidente Itamar Franco como interventor na Polícia Militar de Alagoas. Ele deve assumir o comando ainda hoje, tão logo seja apresentado ao governador Geraldo Bulhões. Segundo o ministro da Justiça, Maurício Corrêa, o coronel ficará em Alagoas "até quando for necessário para sanear a situação lá".

José Elito Siqueira substitui o coronel Nilton Rocha, afastado do cargo há duas semanas, sob acusação de ser conivente com crimes praticados por policiais militares — especialmente grupos de extermínio. Apesar das denúncias, "Rochinha", como é chamado pela mulher do governador, Denílma, assumiu o Gabinete Militar do Estado, por pressões dela.

Esta é a segunda intervenção do Exército na Polícia Militar de Alagoas. A primeira foi em 1990, em decorrência de uma greve dos policiais militares por melhores salários. Durou nove meses.

O atual interventor é paraquedista e estava no comando do 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju (leia texto nesta página). Fez cursos de comando e de forças espe-

ciais e tem curso do Estado-Maior realizado na Inglaterra. Para auxiliar Siqueira, foram indicados pelo ministro do Exército, Zenildo de Lucena, outros dois oficiais.

De acordo com o Exército, Siqueira terá plenos poderes de ação, podendo até mesmo exonerar "Rochinha" do Gabinete Militar. A intervenção na PM alagoana foi decidida na sexta-feira, depois de uma reunião entre o Bulhões e Corrêa.

Caso Bulhões se recusasse aceitar a intervenção na PM — ação exclusiva dele —, o governo examinava até mesmo a possibilidade de intervir no Estado, afastando-o

## Interventor tem amplos poderes

Da Sucursal de Brasília

O coronel do Exército José Elito Carvalho Siqueira, que vai assumir o comando da Polícia Militar de Alagoas, terá os seguintes poderes, durante a intervenção:

1 - Mandar instaurar sindicâncias para apurar as acusações existentes contra a PM;

2 - Comandar de fato e de direito todas as ações da PM alagoana, que é órgão auxiliar das Forças Armadas;

3 - Exonerar e nomear titulares para todas as companhias e pelotões da Polícia Militar no Estado

de suas funções. Para não dar a impressão de perda de poder, Bulhões disse, sexta-feira, que foi ele quem pediu que o Exército assumisse o comando da PM.

A crise na polícia de Alagoas foi provocada pelas acusações do ex-secretário de segurança Wilson Perpétuo de que 80% dos crimes no Estado têm a participação de policiais militares. Geraldo Bulhões afirma que, de 900 crimes ocorridos entre 91 e 92, "apenas" 15 PMs estavam envolvidos.

## Insatisfação

O comandante interino da Polícia Militar de Alagoas, coronel Valdemir do Carmo, que será substituído hoje, afirmou ontem que a intervenção "traz uma insatisfação natural, mas a tropa está subordinada a acatar a decisão".

Colaborou ARI CIPOLA, da Agência Folha

Notícia semelhante circulou em toda a imprensa

Esta **avalanche de fatos ocorreu em poucas horas**, consegui informar a Graça durante a tarde e segui para o Aeroporto. Cheguei à noite em Brasília, fiquei no apartamento dos queridos amigos **Coronel Heleno e sua esposa Sônia**, conversamos bastante, mas com muitas interrogações.

## Interventor é coronel sergipano

Da Agência **Folha**, em Aracaju

O interventor na Polícia Militar de Alagoas, coronel do Exército José Elito Carvalho Siqueira, 47, exerce atualmente a função de comandante do 28º Batalhão de Caçadores e da guarnição federal em Sergipe.

Siqueira voltou a Sergipe, onde nasceu, em janeiro deste ano, quando deixou o gabinete do Ministério do Exército, em Brasília, para assumir novas funções, de comando.

Durante todo o dia de ontem ele evitou falar com jornalistas. Informou apenas, por meio do subcomandante do 28º Batalhão de

Caçadores, major Daniel Medeiros Lima, que dará entrevista quando "tiver definida a sua missão".

Siqueira foi informado ontem pela manhã, por telefone, de que seria nomeado para assumir o comando da PM no Estado de Alagoas na condição de interventor. Ele tinha viagem prevista ontem à noite para Brasília, onde teria encontro com os ministros da Justiça, Maurício Corrêa, e do Exército, Zenildo Zoroastro de Lucena.

O interventor da PM alagoana dedicou 29 de seus 47 anos de vida à vida militar. É casado e pai de dois filhos.

Outra publicação também de 6 de julho de 1993

Alguns detalhes que escrevo a seguir da minha **reunião** com o Ministro Zenildo, visam exclusivamente atender o foco do livro – **fatos, lições e valores**.

Exatamente às 8h o Ministro me recebeu muito cordialmente, estavam com ele o General Tamoyo, seu Chefe de Gabinete e o General Juraszek, Chefe do Centro de Inteligência do Exército. Sentamos no seu Gabinete e o **General Zenildo**, como sempre **sincero e direto**, fez importantes **observações**.

Começou dizendo que em uma **primeira reunião** com o Presidente da República e vários Ministros, há vários dias, discutia-se a **Intervenção Federal em todo o Estado de Alagoas**. Com o intuito de **colaborar**, falou que o Exército poderia indicar um **Coronel para ser o Comandante da PM**. Segundo ele, não tinha pensado em nenhum nome porque seria uma **pequena ajuda à Intervenção no Estado, que normalmente atingiria a substituição do próprio Governador e Secretários**.

Quando ele falou da presença do **Exército, o Ministro da Justiça sugeriu ao Presidente** que podia se **evitar, no momento, uma real Intervenção** que certamente traria um grande **desgaste ao Governo** e faria uma **“Intervenção Branca” com a presença do Exército**. O Presidente achou válida a ideia, o Ministro ponderou que **não era a sua intenção ter o Exército numa ação isolada**, a decisão foi mantida e pediu um tempo para melhor analisar a situação apresentada.

Retornando ao Quartel-General, ligou para **Gen. Âncora**, Comandante Militar do Nordeste e pediu que indicasse Coronéis para a missão. Não gostou dos nomes apresentados e lembrou que eu estava perto, apesar de estar no início do Comando.

O **Ministro Zenildo foi muito franco** comigo e disse muito calmamente: **“Elito, não sei exatamente o que você terá que fazer, confio em você porque acho que pensa semelhante a mim e o que achar que está errado corrija.”** Complementou dizendo que estava me **jogando numa “fogueira”, que podia comprometer minha carreira** e que ele e o Exército tudo fariam para me ajudar no sucesso da missão.

Entre tantos tópicos de discussão, **falei que não levaria segurança de militares do Exército**. Tinha que levantar o moral da Polícia Militar, ganhar sua confiança e iria sozinho. O Ministro concordou, mas disse que eu devia levar dois Tenentes-Coronéis para serem meus Assessores. Achei muito válida a ideia, ele me deu a relação de oficiais do Gabinete e selecionei os **TC Adriano e Cherem**.

Tenho que abrir mais um “**parêntese**” para elogiar a **atitude** exemplar desses dois oficiais. Chamados naquela mesma manhã ao Gabinete, aceitaram prontamente a missão com deslocamento para **Maceió em 48 horas** e com escala em Aracaju para o meu embarque.

O **General Tamoyo seria meu permanente contato**, ajustei que semanalmente mandaria um **Relatório** manuscrito para o Ministro. Desejou-me boa sorte e fui com o General Juraszek ao **Centro de Inteligência** para uma **Ambientação** da situação em Alagoas.

Retornei no final do dia para Aracaju onde tive a triste notícia da perda da minha adorada **avó Cacilda**. No outro dia pela manhã fui ao Batalhão para necessários ajustes e no início da tarde peguei o voo para Maceió, já na companhia do Adriano e Cherem.

Ao terminar de narrar estes  **fatos**  dos meus seis primeiros meses de Comando no 28ºBC, não posso deixar de referenciar a **situação vivida pela minha família, em especial pela minha esposa Graça**. A preocupação deles era imensa, mesmo ficando em Aracaju teriam segurança, mas, mesmo assim, somente tiveram palavras de estímulo para **minha inusitada missão**.

O **fato conclusivo** é que em menos de **72 horas** minha vida mudou completamente e para um **desafio numa situação de nível nacional e com um forte componente político**. Mais do que nunca teria que me valer das **lições** aprendidas e dos **valores** que acreditava.



# PARTE XIX

## MISSÃO ESPECIAL NO ESTADO DE ALAGOAS (1993)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Passagem de Comando da Polícia Militar do Estado de Alagoas (PMAL), ao fundo o Governador do Estado de Alagoas, Geraldo Bulhões - 9 Julho 1993

**C**hegamos em Maceió no dia 8 de julho, quinta-feira, para assumir o Comando Geral da Polícia Militar de Alagoas no dia seguinte, 9 de julho. **O tempo era curtíssimo** e do aeroporto fomos direto para o Palácio do Governo para uma fundamental **reunião com o Governador Geraldo Bulhões**.

Antes de prosseguir é **oportuno dizer que são tantos fatos vividos**, com tantas variáveis, que a missão em **Alagoas poderia ser um livro específico**. Atento ao objetivo maior deste livro, tentei destacar os **fatos que julguei mais extraordinários e que fossem mais interessantes para a leitura de todos**.

O **Governador** nos recebeu muito bem, pareceu uma pessoa introvertida, de poucas palavras, educado, elogiou o Ministro Zenildo pela conversa que tiveram e disse que confiava nos resultados positivos pela nossa presença. Adiantou que ficaríamos hospedados no **Hotel Meliá** (4/5 estrelas) e que ficava à nossa disposição. **Tinha que ser educado, porém incisivo** e comecei agradecendo o hotel, mas que não aceitaríamos. Nosso trabalho iria exigir **discrição** e iríamos escolher um **hotel mais simples**.

Na conversa ele falou que após a Cerimônia na Polícia Militar, eu assinaria no Palácio o termo de posse como **Secretário de Estado**, na presença dos demais Secretários. Desconhecíamos esta informação. Em **Alagoas** o Secretário de Segurança somente tinha a Polícia Civil e o DETRAN. **A Polícia Militar era subordinada ao seu Comandante Geral e Secretário de Estado**.

Falei para ele que, como um dos seus Secretários, **seria leal e ético e que antes de sensíveis decisões, lhe avisaria do que iria acontecer**. Sabia que não era o que ele gostaria de ouvir, mas me respondeu que o Ministro Zenildo disse que podia confiar em mim e concordou.

Saímos rápido para definir um hotel e demos muita sorte. Achamos um **simples e bom hotel**, bem localizado e que tinha 2 quartos conjugados. Dei o maior para o Adriano e Cherem, no meu instalamos uma mesa de trabalho.

Nas últimas 48 horas, antes de chegar em Maceió, **fiz dois contatos importantes com oficiais do Exército que haviam comandado a PM de Alagoas** e que me ajudaram nas minhas primeiras decisões. Falei primeiro com o **Coronel Paulo Nei**, estimado chefe e amigo, e queria alguma informação dos 15 Coronéis porque ia nomear um deles como Chefe do Estado-Maior. Como os **TC Adriano e Cherem eram mais modernos do que os 15 Coronéis, decidi que eles não ocupariam funções específicas e seriam exclusivamente meus Assessores**. Estes Coronéis eram Capitães na época do Comando do Coronel Paulo Nei, mas lembrou que o então Capitão Torquato era muito bom e fez o Curso de Educação Física do Exército. Falei depois com outro querido amigo, **Coronel Sá Rocha**, havia comandado poucos anos atrás, conhecia a maioria dos Coronéis e ratificou a boa impressão do **Cel. Torquato**. Questionei se havia alguém de confiança na área da **Segurança**, ele lembrou do nome do **Capitão Jean** que era da inteligência e confiável.

No dia seguinte, sexta-feira, tivemos a **Cerimônia de Passagem de Comando com muitas autoridades**, um grande desfile e determinei uma **imediate reunião** no Auditório com **todos os oficiais-superiores da PMAL**. Tinha que tomar logo a **iniciativa** e destaquei para todos que a partir daquele momento era seu Comandante, que estava ali para colocar a Sesquicentenária PMAL no seu devido lugar e com o respeito e a confiança da população. Falei que valorizaria todos os **bons militares** e utilizaria o Regulamento, sem exceções, nos **maus militares**. Foi uma mensagem genérica, mas necessária.

Seguimos depois para a cerimônia de **posse no cargo de Secretário de Estado no Palácio**. Enquanto aguardava a Cerimônia, o então **TC Peixoto**, meu ex-cadete e que estava representando o **General Athos**, Comandante de uma Brigada em Recife, pediu para falar comigo um **assunto urgente**. É que na quarta-feira da semana seguinte haveria uma **Formatura dos Aspirantes da Academia da Polícia Militar**, ele seria um dos

homenageados e queria ter a confirmação. Desconhecia o assunto e disse ao TC Peixoto que no dia seguinte, sábado, já tinha marcado para às 8h uma reunião com todos os 15 Coronéis da PMAL e ligaria para o General Athos ainda no fim de semana.

Pelos recortes dos **jornais** anteriores pode-se notar que **um dos problemas era o ex-comandante da PM**, amigo do Governador e de sua esposa. Dias antes da nossa nomeação, o **Governador o exonerou, mas o nomeou Chefe da Casa Militar, também nível Secretário.**

Nesta mesma **sexta-feira à noite chamei o Coronel Torquato para falar comigo no Hotel.** Foi um **fato importante** porque todos achavam que meu Chefe do Estado-Maior seria um dos oficiais do Exército.

Sabia que ele tinha feito seus cursos de Aperfeiçoamento e Estado-Maior fora de Alagoas e que não concordava com as atitudes do ex-comandante. Disse-lhe que gostaria que fosse meu **Chefe de Estado-Maior**, mas que somente aceitasse se estivesse **motivado e pronto para executar as necessárias mudanças.** Complementei que seria **importante sua experiência na PMAL**, mas ele tinha que estar determinado e marchar na nossa **“mesma cadência”**. Ficou muito emocionado e disse que seria uma **honra** ser o Chefe de Estado-Maior naquele momento.

Deus nos ajudou nesta decisão, o **Coronel Torquato foi fundamental e leal em todo nosso tempo na PMAL e preparei-o para ser o meu substituto. Comecei a reunião do sábado “apresentando” o Coronel Torquato como meu Chefe de Estado-Maior** e pude sentir a reação positiva dos demais. Disse-lhes que daria a palavra a cada um para que resumissem suas atribuições, problemas e soluções e que interromperia quando julgasse necessário.

O **fato mais marcante desta reunião** aconteceu quando chegou a vez do coronel Comandante da **Academia** falar, lembrei imediatamente da **Formatura dos Aspirantes** da próxima



quarta-feira. Perguntei a **razão** da antecipação da Formatura do final do ano para o meio do ano e a resposta foi que tinha sido uma **decisão** pessoal do então Comandante. Eram **35 Cadetes que seriam declarados Aspirantes**. Perguntei ao Coronel encarregado do Pessoal se estávamos com falta de oficiais e respondeu que não. Voltei ao Comandante da Academia, perguntei como foi ajustada a **grade curricular** e respondeu que se aumentou a carga horária diária e nos fins de semana. Questionei então qual a porcentagem das matérias curriculares **ministradas** aos cadetes e ele falou em torno de **65%**. Na área do Ensino me julgava competente para dar opinião e disse-lhe que um ano letivo com **menos de 80% ministrado não cumpriu seus objetivos**.

O Comandante concordou, mas disse que a **situação era irreversível** por várias razões, tais como: todos os convites distribuídos, parentes dos Aspirantes com viagens e hospedagens reservadas e pagas, os Aspirantes já tinham comprado sua espada e seus uniformes, o Clube, onde seria realizado o Baile, um dos melhores do Estado, já reservado, além da Orquestra e Buffet também contratados.

**Sem hesitar, informei que se estes eram os motivos, estava tudo cancelado**. Ante ao espanto de todos, falei ao Comandante da Academia que reunisse na segunda-feira, na primeira hora de expediente, todo o **Corpo Docente e Discente da Academia**. Ainda sem acreditar, perguntou-me o quê deveria falar e respondi que **eu é quem iria falar para todos**. Claro que não tinha certeza da minha decisão, mas concordar com o absurdo apresentado estava fora de questão.

**Este fato e esta decisão não planejados, estamparam nas primeiras páginas de todos os jornais de domingo dizendo: “Exército chega e anula tudo”. Começamos de pé direito e certamente Deus nos iluminou.**

**O GLOBO**  
**SÁBADO**  
**CORPO A CORPO** 10 JUL 1993

**José Elito Carvalho Siqueira, interventor do Exército**  
**Bulhões não terá influência na PM**

ARNALDO FERREIRA

MACEIÓ — O interventor do Exército na PM de Alagoas, coronel José Elito Carvalho Siqueira, foi empossado ontem pelo governador Geraldo Bulhões (PSC) e garantiu que o Governo do estado deixará de ter influência política na PM. José Elito afirmou que o regulamento militar será cumprido e que quem não se enquadrar será demitido.


**O GLOBO** — O senhor assume a PM de Alagoas, que enfrenta diversos problemas. Onze militares são acusados de envolvimento com os crimes de pistolagem e 19 formavam o chamado "batalhão PC". Qual será seu primeiro ato no comando da PM?

**OSÉ ELITO** — Primeiro, fazer um levantamento geral para saber onde estão os militares. Depois, aplicar o regulamento militar. O regulamento é muito claro: quem não se enquadra é sumariamente punido.

**O GLOBO** — Qual será a interferência política do governador Geraldo Bulhões?

**OSÉ ELITO** — Acho que nenhuma. O Exército é uma força

Pedro Lula



O governador Bulhões (à esquerda) empossa o coronel José Elito (de frente) na PM

neutra. Assumo numa condição excepcional para corrigir distorções.

**O GLOBO** — Como há na PM militares envolvidos com o crime organizado, o senhor não teme ser assassinado por impor mais disciplina?

**OSÉ ELITO** — Não. Alagoas é um estado tranquilo e o que vou fazer não é nada mais que cumprir a lei, aplicar o regulamento militar.

**O GLOBO** — O senhor vai investigar os atos do ex-comandante Nilton Rocha?

**OSÉ ELITO** — Vamos fazer um levantamento geral da ficha militar de todos da ativa. Isso é um ato normal de quem acaba de assumir o comando.

Secretário

Ainda no fim de semana, conversei com o **Major Jean**, confirmei seu valor e o encarreguei da nossa Segurança. Selecionei também um jovem **Capitão Luciano** para ser meu Ajudante de Ordens. Tinha sido Oficial Temporário do Exército e fez a Academia de Minas Gerais onde foi o primeiro colocado.

O Major Jean e o Capitão Luciano foram **excepcionais**, trabalharam **24 horas todos os dias** em que estivemos na missão e juntos com o Coronel Torquato formaram nosso círculo mais próximo para análises e decisões. Uma observação oportuna (**Meritocracia**): **tive a satisfação de ver, cerca de 20 anos depois, que ambos foram Comandantes da PMAL e o Luciano também Chefe da Casa Militar.**

Nossa conversa com o Corpo Docente e Discente da Academia foi **um fato oportuno e simbólico**. Quando chegamos havia muita **imprensa**, mas não falamos com ela. Ao entrar no Auditório da Academia, estavam os Instrutores, os Cadetes dos três anos e todos os Professores, militares e civis e algumas senhoras. **Não tinha muito o que falar, mas minhas palavras tinham que ser fortes, sentidas e valorizadas**. Antes de começar a falar dei um “**bom dia**” para todos e a resposta foi muito acanhada. Intencionalmente bradei outro “**bom dia**” em voz estridente e recebi o adequado retorno. **Aí “brinquei”:** **agora sinto que estou na Casa que forma os futuros Chefes da PMAL.**

**Em resumo**, falei que lamentava os inconvenientes da minha decisão para eles e familiares, que todos os seus Instrutores sentados à frente usam e honram suas estrelas de Oficiais porque cumpriram o exigente Currículo e eles ainda não tinham cumprido. Mostrei que a **Prioridade única é a Instituição PMAL e todos nós estamos abaixo dela**. **Amanhã**, vocês começam os **três meses de Curso** que faltam e no **final do ano** teremos o prazer de **cumprimentar** todos como os novos Oficiais da PMAL. **Ao final da Missão Alagoas, voltarei ao assunto.**

A partir deste dia tivemos que lidar com vários e diferentes **assuntos**, todos sensíveis e **envolvendo diferentes setores do governo.**

O fato extraordinário que narro agora está ligado à área da Saúde. A PMAL tinha um Hospital e seu Coronel Diretor trouxe uma série de **problemas e interferências**. O atendimento estava ruim e tinha vários médicos que não cumpriam expediente. Quando aprofundamos, descobrimos que alguns médicos se tornaram **Aspirantes Médicos sem a correta seleção, indicados por pessoas influentes, não prestavam serviço no hospital da PMAL, tinham dois no exterior e todos ganhavam vencimentos de oficiais da Polícia Militar**.

A PMAL tinha **mais médicos** que a própria Secretaria de Saúde e um dos objetivos era “cobrir” os claros resultantes das frequentes greves. Mandeí reunir os quase **80 médicos**, mostramos os novos horários de expediente do Hospital, podiam escolher dentro dos interesses da PMAL e teriam 24 horas para ficarem ou serem exonerados. Ao **final, ficaram cerca de 50**, promovi vários ao posto acima, todos os demais suspendi os vencimentos e os exonerei da PMAL. Houve várias reclamações de pessoas influentes que não consideramos, o Hospital deu um **salto de qualidade com atendimento de 24 horas** e foi uma decisão que teve um efeito altamente positivo na **família militar**.

Outro fato que merece ser narrado, era o elevado número de policiais militares “trabalhando” fora da PMAL. O maior problema é que estavam em vários órgãos do Governo. Eram cerca de **500 militares** e tive sorte que mais de **100 estavam lotados na Casa Militar do Governador, ganhando uma excelente gratificação e o Governador não sabia**. Mostrei a ele que manteria os efetivos de lei nos órgãos e mandaria o restante **voltar em 48 horas**. Quando detalhei os quase 500 que voltariam atingia policiais em **Secretarias, seguranças e motoristas de autoridades, Tribunais e na Assembleia, entre outros**.

Vale destacar o fato vivido com alguns Deputados. O **Presidente da Assembleia** me ligou dizendo que estava havendo discussões em plenário, fruto da minha decisão e que um grupo de **Deputados queria ter uma reunião urgente comigo**. Concordei de imediato

e recebi cerca de oito deles. Comecei dizendo que estava cumprindo uma Lei aprovada por eles e assinada pelo Governador. **Quem estava voltando era o excesso. Na Assembleia, por exemplo, havia 30% a mais do que o previsto.**

Quando pensei que estava resolvido, um deles, falou que eu não podia fazer aquilo, **que o cabo policial militar, motorista dele e da família há mais de cinco anos**, era de total confiança, que a vida em Alagoas era muito perigosa etc. O interrompi, disse que entendia sua preocupação, **mas se ele queria continuar com o policial militar eu o demitiria e ele o contrataria como civil.** O policial voltou para a PMAL.

**Outro fato com importantes lições** aconteceu em um **concurso** para incorporação de **mil soldados**. Este concurso teve mais de **15 mil candidatos**, estava previsto para **novembro do ano anterior**, foi adiado e já estávamos em julho. Chegou ao meu conhecimento porque os candidatos pagaram uma **taxa de inscrição** e tanto eles como a imprensa, cobravam a realização do concurso. Analisando o problema, vimos que a **PMAL não precisava deste efetivo**, a estatística nos mostrava uma necessidade de cerca de **200** recrutas/ano e notamos uma clara **influência política**. **Não havia necessidade nem planejamento orçamentário para suportar aquele aumento de 10% no efetivo geral da PMAL.**

Para minha sorte a **estrutura financeira da PMAL** estava bem-organizada, me informou que o **dinheiro das taxas estava aplicado**, mas que somente cerca de metade dos inscritos pagaram.

Fui informado ainda que as **provas** para o concurso não foram montadas porque a **estrutura não era confiável**. **Decidimos anular aquele concurso**, devolver o dinheiro da taxa, com correção, aos candidatos que pagaram, definimos um novo concurso para 200 vagas para outubro e um prazo de 30 dias para as novas inscrições. As provas foram feitas pelo **Colégio Militar de Fortaleza**.

**Resultado das decisões:** tivemos mais de cinco mil candidatos, todos pagaram, o concurso foi realizado, os aprovados foram



chamados pela classificação do **mérito**, submetidos a **exames médicos e físicos** e com poucos dias de treinamento já se destacavam.

**O fato a seguir era um assunto corrente na imprensa nacional** de que Alagoas tinha “**quadrilhas da pistolagem**” e **com envolvimento de policiais militares**. O Cel. **Torquato** confirmou a possibilidade, havia alguns **indícios**, mas precisava que alguém denunciasse para se tomar as devidas medidas. **Mais uma vez Deus nos ajudou** porque numa operação policial na divisa com Pernambuco, uma quadrilha foi presa em flagrante e, quando interrogados, confirmaram outros membros. Neste grupo havia **sete militares da PMAL**, todos cabos e soldados. Graças a **corajosa atitude de uma juíza**, conseguimos a denúncia de todos eles e decretei suas prisões. **Quatro foram presos e entregues à Justiça Militar, os três que fugiram passaram a desertores, cortamos seus vencimentos e os expulsamos da PMAL**. Foi um fato altamente positivo para a **Corporação** porque os envolvidos ou estavam na cadeia ou não eram mais policiais militares.

O **fato** seguinte é muito importante porque me permitiu ter um contato pessoal com a esposa do Governador. O Coronel Comandante da Academia foi ao meu Gabinete para me dar o **convite para a tradicional Cerimônia de Entrega dos Espadins aos novos Cadetes**. No Exército homenageamos **Caxias** e nas Polícias Militares homenageamos **Tiradentes**.

O convite estava muito bonito, mas logo na primeira página havia uma relação de **pessoas a serem homenageadas, inclusive eu**. Estavam o Governador, D. Denilma como **Madrinha da PMAL** e outras autoridades. Questionei o Coronel e ele disse que era tradição. Mostrei ao mesmo que os **únicos homenageados da Cerimônia eram Tiradentes e os Cadetes**, as autoridades presentes estariam lá para abrihantarem o evento e cumprimentarem os Cadetes agraciados e seus familiares. Ele concordou, mas disse que as autoridades já tinham recebido o convite e foram avisadas da homenagem. **Disse a ele que cortasse as homenagens e que eu mesmo avisaria às autoridades**.

Praticamente todos os dias íamos ao Gabinete do Governador. A sala de espera estava constantemente cheia e ajustei com ele que avisaria com antecedência e usaria uma entrada mais discreta. **A residência oficial do Governador era no andar superior do Palácio.** Quando estava conversando com ele sobre este e outros assuntos, uma tenente PM, ajudante de ordens da primeira-dama, pediu permissão e disse-me que **D. Denilma gostaria de falar comigo após o despacho com o Governador.**

Ela me recebeu formalmente numa sala e aparentava estar satisfeita. Ao contrário do Governador, era extrovertida e suas primeiras palavras me surpreenderam. Começou me **agradecendo porque eu havia transformado o Governador,** estava mais calmo, se alimentando melhor e somente teve palavras de elogio. Agradei e fiquei esperando-a falar o **real motivo do convite.** Muito concatenada, me disse que tudo fez e faz pela PMAL, somente tinha o **objetivo de ajudar a Instituição e seus integrantes.** Por isso é que carinhosamente era chamada de Madrinha da PM.

A ocasião não podia ser mais oportuna e dei o exemplo do convite que ela havia recebido. **Disse-lhe que ela seria sempre muito bem recebida na PMAL como esposa do Governador, mas que havia tirado nossos nomes das homenagens previstas no convite.** Falei dos motivos e da decisão de não ter homenageados naquela Cerimônia e ela **concordou** plenamente. Muito educadamente me serviu água de coco, castanhas e café, conversamos sobre nossas famílias e **saí satisfeito da nossa reunião.** Ao longo de toda nossa missão tivemos um bom relacionamento com a D. Denilma.

**Ainda no mês de julho avisei ao Adriano e Cherem que deixaríamos de usar os uniformes do Exército e passaríamos a usar os uniformes da PMAL.**

Esta atitude foi extremamente positiva para a Corporação e começamos uma **intensa visita a todos os Municípios do Estado**. Diferente do Exército, os efetivos policiais se pulverizam para fora dos quartéis nas mais diversas missões e tem que ser assim. **O problema** maior era a falta de **presença dos Comandantes** imediatos aos seus subordinados e o **descontrole** nas tradicionais folgas.



Entrega dos Espadins aos novos Cadetes  
– Governador Geraldo Bulhões e esposa,  
D. Denilma – 1993



Visitas e Inspeções nos Municípios – 1993

Os meus Assessores, Adriano e Cherem, fizeram um trabalho logístico e operacional admirável para a melhoria da PMAL a médio e longo prazos. Sentimos claramente nos dois primeiros meses a elevação do moral e da motivação da PMAL. O ambiente estava ótimo e a camaradagem cada vez melhor. No nosso Quartel-General colocamos treinamento físico obrigatório e todos juntos fazíamos corrida, jogos de futebol e vôlei.



Visitas e Inspeções nas Estruturas Policiais Militares – 1993

Outro fato que a imprensa nacional noticiava, era que militares da PMAL faziam a segurança de PC Farias e facilitaram sua fuga. Estes militares estavam nos 500 que retornariam em 48 horas. O único que não voltou dentro do prazo foi o chefe da equipe, Sargento Flávio. Com sete dias de ausência passou a desertor e cortei seus vencimentos. No nono dia apresentou-se voluntariamente para trabalhar, mas como era desertor mandei prendê-lo imediatamente.



## Sargento que protegia PC é preso

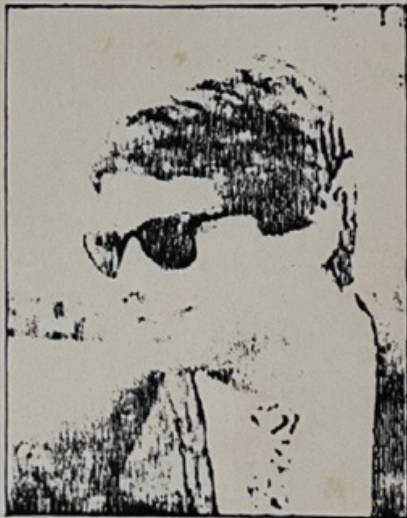
25-09-92

MACEIÓ — O sargento PM Flávio Almeida da Silva Filho, chefe da segurança de Paulo César Farias, apresentou-se ontem cedo no quartel da corporação certo de que iria trabalhar normalmente, mas foi considerado desertor e acabou preso.

As 15 horas, escoltado por um tenente e dois soldados, Flávio foi à sede da Polícia Federal para depor no inquerito que apura a fuga de PC. O sargento é suspeito de tê-lo ajudado a fugir. Mancando de uma perna, resultado de um acidente de moto recente, ele chegou na sede da PF sem farda e saiu duas horas depois de prestar depoimento.

— A última vez que vi o doutor Paulo César foi no dia de São João, em junho, e não sei de nada sobre sua fuga porque estava doente — disse o sargento ao delegado Jorge Luiz Bezerra, que preside o inquerito.

Flávio foi preso por determinação do comandante geral da PM, coronel José Elito, e recolhido a uma dependência do próprio quartel onde ficará até o julgamento pela Justiça Militar. O coronel José Elito disse que os demais policiais militares que estavam à disposição de PC já voltaram ao quartel e estão trabalhando normalmente até que seja concluído um inquerito pa-



Sargento Flávio: desertor da PM

ra saber até que ponto eles estão envolvidos na fuga do caixa de campanha de Fernando Collor.

— Se houver culpa haverá punições — disse o comandante da PM de Alagoas.

O coronel José Elito contou que determinou a volta ao quartel de 200 policiais excedentes que estavam lotados no gabinete militar. Outros 300 homens da corporação que prestavam serviço irregularmente como seguranças também foram reconduzidos às suas funções anteriores.



A notícia da sua **prisão saiu em rede nacional**, a Rede Globo foi me solicitar uma entrevista do Sargento para o **Fantástico**, tudo tendo foco na fuga do PC Farias. Claro que **neguei** e disse-lhes que havia **prendido um militar desertor da Corporação e que somente estava à disposição da Justiça Militar**.

É válido falar a **conclusão deste fato**. Ele passou cerca de **60 dias preso** sendo julgado, sabíamos que deveria ser absolvido, pois foi a própria PMAL que oficialmente o colocou nesta situação. **Absolvido, classifiquei no meu Quartel-General** e diariamente o observava. Como imaginava, era muito inteligente, trabalhava muito bem na sua seção e não causou nenhum problema.

O **fato** que ainda incomodava era o **ex-comandante usando uniforme e num cargo de destaque**. Ele se mantinha distante e discreto, mas continuavam as especulações sobre suas influências na Corporação. Resolvi fazer uma **análise apurada da Legislação da PMAL** e descobri nas entrelinhas uma importante informação que dizia: **“o Comandante Geral da PMAL ao deixar o cargo irá para a reserva remunerada com os benefícios do cargo”**. Continuando a pesquisa, confirmei que o **cargo de Chefe da Casa Militar era privativo de Coronel da ativa**.

Com estas duas oficiais informações, poderia colocá-lo na reserva e retirá-lo da Casa Militar, mas era claro que o **Governador** precisava ser informado e concordar. Falei-lhe que precisava falar um **assunto urgente** e marcamos para o dia seguinte.

No hotel, à noite, acertei detalhes com Adriano e Cherem, decidi que não trataria os **dois assuntos** simultaneamente e sim, **sucessivamente**. Ele concordando com a passagem para a reserva, mostraria a segunda proposta de tirá-lo da Casa Militar.

**Como esperado**, quando mostrei o Regulamento, assinado por ele e aprovado pela Assembleia, **tomou um susto, disse que ele era um amigo e não concordava**. Argumentei com ele que estaríamos contra a Lei e solicitei que fizéssemos uma reunião com todos nós para que ele pudesse achar a melhor decisão. Na

reunião o Governador falou da nossa conversa anterior, dos dispositivos legais e o Coronel concordou com os argumentos. Falei calmamente ao Governador dizendo que tínhamos outro **problema sensível** a resolver, mas que o próprio Coronel nos ajudaria na decisão.

Voltei para o Governador e disse que com a decisão de passagem para a reserva ele **não podia continuar como Chefe da Casa Militar porque era um cargo privativo de Coronel da ativa. Ele concordou com a minha afirmação e o Governador decidiu substituí-lo.**

Apresentei ao Governador os nomes dos Coronéis aptos para o cargo e ele escolheu um bom nome. Já tínhamos esboçado os Decretos e no **dia seguinte** publicou-se no **Diário Oficial** a passagem para a reserva ex-ofício do Coronel, sua exoneração da Chefia da Casa Militar e a nomeação do novo Chefe.

Sem dúvida foi um **objetivo estratégico conquistado**. Os resultados eram positivos e essa publicação **consolidou** o ciclo de mudanças emergenciais e necessárias.

Corria o mês de **setembro**, O Ministro Zenildo e o General Tamoyo recebiam semanalmente nossos Relatórios manuscritos e chegaram à **conclusão que estava na hora do Exército se retirar**. Confirmei que o **Cel. Torquato** estava preparado para assumir e continuar o trabalho planejado. Mandou me informar que falaria com o **Presidente Itamar Franco**.

Paralelo a este momento, os TC Adriano e Cherem foram selecionados, por mérito, para serem **Comandantes de Unidades** do Exército, tinham um Estágio obrigatório para fazer em Brasília no mês de outubro.

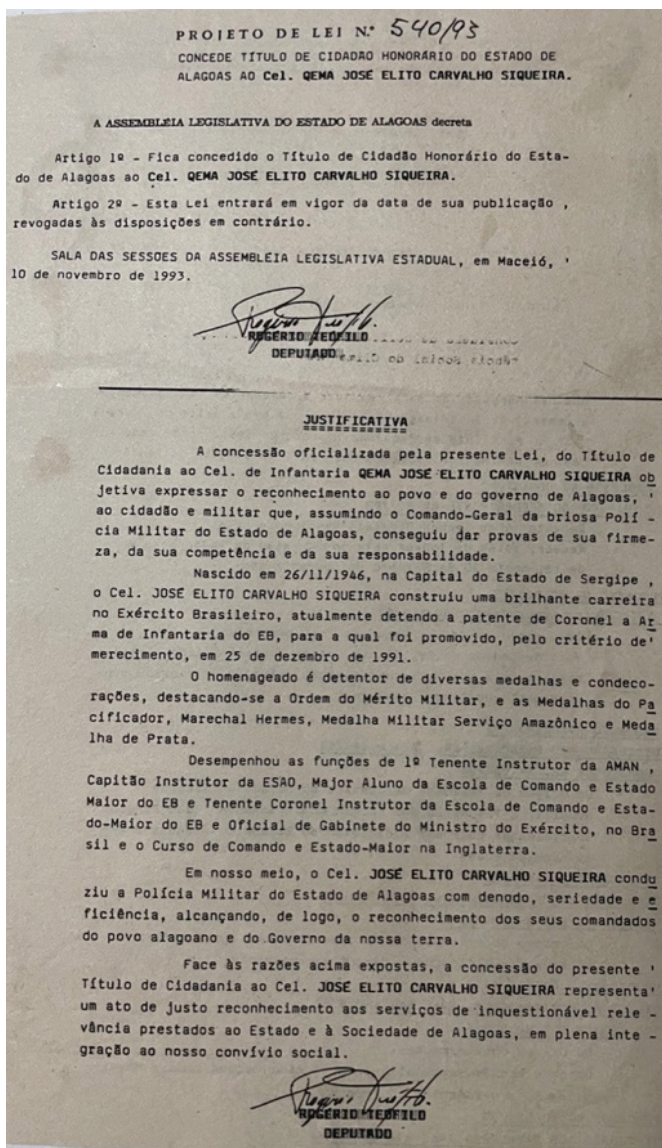
Dias depois o **General Tamoyo me ligou preocupado** porque na conversa do Ministro Zenildo com o Presidente havia acontecido um **fato inusitado**. Segundo ele, também estava presente na reunião o Ministro da Justiça, Maurício Correia. Ao falar dos resultados positivos da missão e da necessidade da saída do

Exército, o **componente político falou mais alto** e argumentaram que seria muito importante manter este bom momento, pois **ano que vem tinha eleições** e a missão poderia ficar até a “desincompatibilização” prevista para **abril do próximo ano**. O Ministro surpreendido pediu um tempo para analisar.

O General Tamoyo disse então que o Ministro Zenildo tinha um compromisso comigo de retornar ao Comando do 28º BC e pediu para **eu analisar minha substituição pelo TC Adriano ou pelo TC Cherem**. Respondi imediatamente que não faria isso porque ia ferir todos os princípios de **Hierarquia e Disciplina** que tanto defendemos nos últimos meses. **Complementei dizendo que continuaria no Cargo**. Ele falou que conversaria com o Ministro e me retornaria o mais breve possível. Dias depois o Gen. Tamoyo me retornou dizendo que o Ministro tinha concordado com minha decisão e que **falaria de novo com o Presidente quando retornasse de viagem ao exterior**.

Liberei os TC Adriano e Cherem para o Estágio e autorizei que ficassem em Brasília para ajustarem as providências familiares necessárias e de mudanças para suas novas Unidades em dezembro / janeiro.

Finalmente em **outubro**, o **Ministro Zenildo conseguiu convencer o Presidente** e o General Tamoyo pediu que não divulgasse até que o General Comandante Militar do Nordeste fosse pessoalmente falar com o Governador. Esta reunião aconteceu dias depois em um excelente ambiente e com expressivos **agradecimentos do Governador ao Exército**. Os dias seguintes foram de despedidas e de agradecimentos. Recebi já em Aracaju a cópia anexa da **Concessão do Título de Cidadão Honorário do Estado de Alagoas**.



Concessão do Título de Cidadão Honorário do Estado de Alagoas – 1993

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Minha missão foi encerrada oficialmente com minha **Passagem de Comando em novembro de 1993**, registrada nesta imagem. Foi um inesquecível momento, ao lado do Governador do Estado, sua esposa D. Denilma, várias outras autoridades e com a presença especial da minha esposa **Graça**.



Passagem de Comando ao Coronel Torquato – Novembro 1993

Em **dezembro**, já estava no Comando do 28º BC e voltei à Alagoas. **Este fato me marcou muito e vocês entenderão**. Recebi o convite para o **Baile do Aspirantado daquela Turma que em julho eu tinha cancelado a Cerimônia**. Fui com a Graça, em farda de gala do Exército e fomos muito bem recebidos por todas as autoridades. O **extraordinário** é que os Aspirantes, quando souberam que eu estava presente, **interromperam o Baile**, reuniram-se no palco da orquestra e me **convidaram para subir**. Um Aspirante, orador da Turma, falou em nome de todos concluindo: **“o senhor estava certo”**. Não falei nada, mas fui cumprimentá-los individualmente e **todos, sem exceção, lacrimejavam à minha frente**. Este **presente** compensou todos os desafios enfrentados e resumidos para vocês que leem este livro.



# PARTE XX

## COMANDO DO 28º BATALHÃO DE CAÇADORES (ARACAJU / SE) PARTE 2 – (1993 -1994)



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**28º BC – Festividades da Semana da Pátria –  
Governador João Alves e autoridades – 1994**

**R**etornei ao meu Batalhão, à minha terra e à minha família, muito realizado, tendo vivido uma **experiência única e muito feliz pelos resultados**. Torcia para que no ano de 1994 pudesse me dedicar integralmente ao 28º BC e compensar um pouco os meses em que estive ausente.

O Batalhão Histórico, 28º BC - Batalhão Campo Grande - já tinha uma tradição altamente positiva no Estado de Sergipe. Era a única Unidade Operacional do Exército na cidade, naquela época com cerca de 80 anos em Aracaju, altamente conceituado pela população e com vários ex-militares do Batalhão em diferentes funções no Estado.

**Antes de falar de dois fatos extraordinários** acontecidos selecionei algumas **imagens** que mostram a **dinâmica** das atividades da nossa vida de Comandante e de Soldado durante 1994.



Adestramento no Campo de Instrução do Feijão do 28ºBC - 1994



Tradicional Corrida do Batalhão – Da Praia de Atalaia ao 28º BC – 12km



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Semana do Exército – Exposição no Shopping e Baile do Exército – 1994



Páscoa dos Militares e Palestra para o Rotary – 1994



28º BC – Bicampeão das Olimpíadas da 6ª Região Militar – 1994

Nesta intensa e vibrante missão de Comandante, aconteceu o **primeiro fato extraordinário que foi – pela primeira vez no 28º BC – a visita de um Ministro do Exército, General Zenildo**. Como era do seu feitio, mandou dizer que somente iria ao Batalhão ver a tropa e na minha casa falar com a Graça. Sem dúvida foi uma **grande deferência do Ministro para com o 28º BC e minha pessoa**.

Fizemos o Cerimonial normal no Batalhão, mas pelo ineditismo da sua presença mandamos fazer uma placa comemorativa da sua visita, fixamos na entrada principal e pedi ao mesmo que inaugurasse. **Sua presença, sua simplicidade, a maneira clara e prática com que se dirigiu aos soldados e o sorriso permanente, cativou a todos que não o conhecia**. As imagens a seguir são obrigatórias neste livro.



Visita do Ministro  
do Exército,  
General Zenildo,  
ao 28º BC – 1994



Placa da  
primeira visita  
de um Ministro  
do Exército ao  
28º BC – 1994



O segundo fato extraordinário aconteceu em outubro. Estava designado, para fazer o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército em fevereiro, no Rio de Janeiro, após passar o Comando do 28º BC, quando recebo uma ligação do **General Tamoyo**, Chefe do Gabinete do Ministro, informando que eu tinha sido **nomeado Adido Militar na África do Sul e que teria que vir urgente a Brasília para fazer o Estágio de Adido**. O Ministro Zenildo havia criado três novas Aditâncias – África do Sul, Rússia e Angola – e mandou nos incluir no Estágio dos Adidos anteriormente nomeados.

Não tínhamos mais expectativas de ir para o exterior pelas normas em vigor, mas o Ministro retornou para normas anteriores e nossa Turma teve a sorte de ser analisada.

Em Brasília, paralelo ao Estágio, fomos sendo informados de mais detalhes. Nós seríamos os primeiros Adidos do Exército naqueles três países e **na África do Sul eu seria Adido do Exército e Aeronáutico**. No programa do Estágio havia a previsão de visita aos Embaixadores dos países. Como ainda não havia este cargo na Embaixada Brasileira na África do Sul, me preparei para saber o máximo do País para facilitar futuras decisões. Como o **idioma oficial da África do Sul era inglês**, fiquei à vontade para a importante conversa com o Embaixador. Fui muito bem recebido, me presenteou com vários livros sobre a África do Sul e conversamos sobre o Presidente Mandela que tinha sido eleito no ano anterior. Na verdade, o País tinha três “Capitais”. A **Executiva**, que era Pretória; a **Legislativa**, que era Capetown; e a **Judiciária**, que era Bloemfontein. **Moraríamos em Pretória, sede do Governo e onde estavam todas as Embaixadas**.

Como é **tradicional**, aconteceria a **reciprocidade** de cargos e viria um Coronel da África do Sul para ser Adido no Brasil. Perguntou-me quando viajaria, lhe disse que ainda não sabia porque estava no Comando de uma Unidade, com previsão de passar o Comando em janeiro e que estimava chegar em fevereiro. Ficou surpreso, disse que o **seu Adido chegaria no início**

**de dezembro** e pediu para informar ao Ministro do Exército a necessidade de **agilizar minha chegada à África do Sul.**

Retornando ao Quartel-General, informei ao General Tamoyo do assunto e fui para o Estágio. No dia seguinte, falou-me que o **Ministro Zenildo determinou que eu antecipasse a Passagem de Comando** para Dezembro e viajasse o mais breve possível. Argumentei que não seria conveniente passar o Comando antes do final do exercício financeiro, ele concordou, marcamos a **Cerimônia para 6 de janeiro e eu partiria imediatamente para a África do Sul.**

Voltei ao 28º BC para as naturais e emergenciais providências e **outro fato inusitado acontece.** Era final de novembro e novamente o General Tamoyo me surpreendia. Falou-me que o Ministro determinou que **eu fosse na primeira semana de dezembro à África do Sul para comprar o material necessário para o Escritório do Adido, inclusive o carro.** Teria a disponibilidade de algum recurso e teria que me preparar para fazer as devidas **licitações no exterior.** Foi uma correria e decidi levar a **Graça por minha conta** para ver dois problemas importantes: uma **casa** para alugarmos e **escola** para nossa filha. O nosso filho, já estudante de Engenharia, decidiu ficar no Brasil.

Lembrei-me da estrutura do **Escritório do Adido na Inglaterra** e solicitei ao caro amigo que estava no cargo, que me mandasse **fotos e uma cópia do seu acervo.** Tinha que comprar materiais para a sala do Adido, Auxiliar do Adido e Secretária.

A semana na África do Sul foi muito produtiva graças ao apoio do nosso **excelente Embaixador Antônio Amaral de Sampaio,** que nos colocou à disposição uma funcionária que conhecia muito bem Pretória. Aluguei um carro e passávamos **o dia inteiro levantando as lojas e preços para compor o processo licitatório.** O Ministro Zenildo determinou que em prioridade dois comprasse material permanente para as residências do Adido e Auxiliar do Adido.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

A Embaixada Brasileira estava em fase de mudança e tive que comprar os diferentes móveis sem ter as definições dos espaços. **As lojas aceitaram guardar o material adquirido até minha chegada e o carro deixei na residência do Embaixador.** Paralelo às compras, a **Graça** matriculou nossa filha numa ótima **escola** e conseguiu reservar uma excelente **casa** de um Diplomata sul-africano que estava de saída para a Europa.

A viagem, apesar da época, foi de muita valia porque o Embaixador conhecia profundamente a África do Sul e tive um perfeito retrato do País.

O mês de **dezembro** foi de **preparativos** e de especiais **despedidas**. Meu grande amigo e substituto, **Coronel Alexandre**, chegou e pode ocupar imediatamente a casa do Comandante porque eu já estava há alguns meses morando numa casa da Vila Militar para poder reformar nossa casa funcional.



Inauguração da Gruta de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa no  
28º BC – Dezembro de 1994

Apesar do Natal e Ano Novo, fizemos uma tranquila passagem de função e apresentei-o às mais altas autoridades do Estado.



**Foram dois anos muito intensos e atípicos em virtude da nossa missão especial em Alagoas, mas plenos de fatos, lições e valores.**

Concluía o Comando na minha Terra muito feliz, realizado e privilegiado pelo convívio diário de familiares e especiais amigos.

As imagens a seguir mostram um pouco do nosso momento inesquecível da Passagem de Comando do nosso 28º BC, Batalhão Campo Grande.

**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**28º BC – Passagem de Comando – 6 de janeiro de 1995**



# PARTE XXI

## ADIDO DO EXÉRCITO E AERONÁUTICO NA ÁFRICA DO SUL (1995 -1997)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Formalidades para as Cerimônias Nacionais

**O**s próximos dois anos vividos neste **grande e desconhecido País foram repletos de fatos, lições e valores** que compartilho com todos que leem este livro. Para uma melhor compreensão de todos e uma leitura mais proveitosa, tenho que **iniciar destacando a figura exemplar do Presidente Mandela, sem perder o foco do livro**. Os fatos são reais, históricos e que comprovei pessoalmente.

O Presidente Mandela, após 27 anos preso, foi solto em 1990 pelo então Presidente De Klerk. De 1990 a 1993, viabilizou-se sua candidatura à Presidente e foi eleito em 1994. O **primeiro exemplo que destaco** foi sua atitude totalmente imprevisita na escolha do seu vice-presidente. Numa **jogada política sem precedentes, convida o então Presidente de Klerk para ser seu Vice-presidente** e ele, numa altruística atitude, aceita. Esta decisão do De Klerk e a visão estratégica do Mandela, foram **bases para a nova e promissora fase que a África do Sul viveria e que tive o privilégio de conviver**.

A grande **imagem da campanha** era a figura serena dos dois com a frase histórica e usada sempre pelo Mandela – **“We Are One Nation”** .

Todos os outros fatos que narrarei aconteceram após minha chegada. Tudo correu como planejado, depois de poucos dias em hotel fomos para a residência, nossa mudança chegou, nossa filha começou a frequentar a escola, fomos nos ajustando na nova Embaixada e recebemos oficialmente as **“Credenciais”**.



Posse pelo General Chief of Staff Intelligence – Fevereiro de1995

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Novas instalações da Embaixada Brasileira – 1995



Excelente residência que alugamos – 1995

Vejo também muito **oportuno falar agora do nosso excepcional Embaixador Antônio Amaral de Sampaio**. Desde a nossa primeira viagem em dezembro à África do Sul, **ficamos realmente muito amigos e por um fato muito especial**. Na nossa primeira conversa em dezembro, perguntei-lhe se tinha algum parentesco com o **Brigadeiro Antônio de Sampaio – Patrono da Infantaria do Exército Brasileiro** – ele sorriu, me levou à sua imensa biblioteca. Em cima de uma mesa havia uma antiga **espada**, pediu para desembainhá-la e ler o que estava escrito na lâmina: **“Do Imperador Dom Pedro II ao General Sampaio”**.

O Embaixador Sampaio era **Bisneto** do Brigadeiro Sampaio e aquela era a sua **espada original**. Complementou com uma informação que desconhecia: o filho e o neto do Brigadeiro Sampaio, respectivamente seu avô e seu pai, foram também Generais do Exército. **Estava, portanto, na frente de uma pessoa que teve o pai, avô e bisavô Generais do Exército e um deles Patrono da Infantaria.**

Ele dizia sempre: “**sou Diplomata de profissão e Militar de coração**”. Conhecia vários Generais como Leônidas e Paiva Chaves, tinha o hobby do **hipismo** até ter sofrido um **gravíssimo acidente** com permanentes sequelas. Ele andava de bengala, sua visão foi afetada parcialmente e fazia caminhada e piscina diariamente como fisioterapia.

Era uma pessoa **vibrante** e foi dele a **iniciativa** de criar a Aditância na África do Sul. A sua incrível **Biblioteca** era composta de milhares de livros, impecavelmente organizados, com muitos temas históricos e militares e com preciosas primeiras edições. Dizia ele que o General Leônidas pediu que **um dia doasse ao Exército** aquele acervo. Mais adiante volto a falar da **homenagem** que pensei para o Embaixador e que se tornou realidade.



**Apresentação oficial dos novos Adidos – Recepção na residência do Embaixador Sampaio e sua esposa, D. Dalila – Fevereiro de 1995**



Voltando aos  **fatos e lições**  envolvendo o Presidente Mandela, relato uma  **real situação político-militar** . Antes é necessário um breve e interessante relato histórico. Durante as décadas do  **Apartheid** , vários  **grupos**  tentaram se organizar para lutar contra aquele regime e o  **maior deles chamava-se Umkhonto we Sizwe (MK)** . Quando o Presidente Mandela assumiu, haviam em torno de seis Grupos, seus efetivos giravam em torno de  **60 mil homens e pensava em aproveitá-los nas Forças Armadas** .

O  **Chefe do MK**  chamava-se Joe Modise e o Mandela o nomeou  **Ministro da Defesa** , provocando uma enorme interrogação no futuro das Forças Armadas. Elas chamavam-se “South Africa Defense Forces” ( **SADF** ) e Mandela mudou para “South Africa National Defense Forces” ( **SANDF** ). O seu  **Chefe**  era do Exército e o  **único General quatro estrelas** . Os Comandantes do Exército, Marinha, Aeronáutica e Corpo Médico eram Generais três estrelas.

Quando o Mandela assumiu o Governo, o Chefe da SADF era o  **General Meiring** . Por razões óbvias estava se despedindo e arrumando seus pertences quando foi informado que o  **Presidente Mandela queria falar com ele** . Os dois sentaram-se e Mandela falou mais ou menos nos seguintes termos: “ **General, sei que o senhor está saindo, mas lhe convido a ficar porque a Nação precisa dos seus serviços** ”. O General Meiring agradeceu, mas disse que não concordava com algumas medidas a serem adotadas e  **seria mais um problema do que solução para o seu governo** . Citou inclusive a ideia de  **incluir pessoas nas Forças Armadas, sem os necessários requisitos** . Quando julgou que a conversa estava encerrada, o Presidente, mais uma vez, disse que o  **convite era da Nação, que ele trouxesse as soluções para o que não concordava e ele mudaria, se necessário** .

Quando cheguei na África do Sul, o General Meiring já era o  **Chefe da SANDF**  há alguns meses, fazia um excelente trabalho e  **ficou durante todo o governo do Presidente Mandela** .

A situação da  **inclusão**  de pessoas nas Forças  **sem qualificação** , ele resolveu da seguinte forma: estabeleceu “padrões

mínimos” para Soldados e Cabos, para Sargentos, para Tenentes e Capitães, para Oficiais Superiores, para Generais e todos teriam que **fazer Estágios ou Cursos para a devida aprovação**. Somente cerca de **10 mil** atingiram os padrões e na sua grande maioria no nível Cabos e Soldados. O Presidente Mandela aprovou o plano integralmente.

**Uma grande lição foi a sua visão político-militar ao nomear para um cargo político o Chefe do MK e nomear para o maior cargo militar seu General mais competente.**

Era o primeiro Adido do Exército e Aeronáutico do Brasil no País e precisava acelerar meus conhecimentos e contatos necessários. Fui a uma comemoração de **data nacional** de um país e gostei muito das **formalidades e tradições herdadas dos ingleses**. Todos em trajes formais, com condecorações e várias autoridades. Decidi então realizar uma **solene Cerimônia no Dia do Exército Brasileiro, 19 de abril**. Mais uma vez, **Graça** foi fundamental e decidiu fazer a Cerimônia na grande área verde de nossa casa.



**Local da Cerimônia pelo Dia do Exército Brasileiro – 19 de abril de 1994**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Dia do Exército Brasileiro –  
Palavras iniciais

Como era a **primeira vez** que acontecia, falei com o Embaixador Sampaio que abriria a Cerimônia falando brevemente sobre o Brasil e o seu Exército. Ele concordou e **guardei como surpresa um fato** que tinha certeza de que poucos ou ninguém conhecia.

Claro que **destaquei nosso País** pela sua dimensão continental, grande população, “proximidade” com a África do Sul, imensa potencialidade e as oportunidades de cooperação entre nossos países. Falei do nosso Exército de 200 mil homens, dos nossos 17 mil km de fronteiras com 10 diferentes países e dos oito mil km de costa Atlântica.

Falei então para todos das **nossas experiências em guerras**, especialmente na Segunda Guerra Mundial, quando enviamos uma **Divisão com 25 mil homens que combateram na Itália - lada a lado - no mesmo Teatro de Operações da Divisão da África do Sul**. Sabia que eles eram Forças tradicionais e valorizavam muito as tropas que combateram, **sabia também que desconheciam aquele fato**.



Embaixador  
Sampaio  
– Maior  
autoridade  
brasileira na  
Cerimônia

O **efeito** da minha fala foi **imediat**o, particularmente entre os militares presentes. O Comandante do Exército da África do Sul, **General Otto**, também Paraquedista, veio me cumprimentar e aproveitei para lhe dizer que estava chegando e tinha muito interesse de conhecer suas tropas, em **especial os Paraquedistas e Forças Especiais**. Convidou-me para visitá-lo e eu disse que estava pronto a partir de amanhã. **Ele sorriu e disse: “típico de paraquedista”**.



**Dia do Exército Brasileiro - Embaixador Sampaio, Chief of Staff Intelligence e os Adidos – 19 de abril de 1994**

A **programação dos Adidos era muito boa**, mas havia espaço para mais atividades. Começamos a visitar Comandos em diferentes áreas do País e a confirmar seu potencial e sua tecnologia.



**Viagem dos Adidos – Visitas a Comandos Regionais**



Poucos dias depois, o **Comandante do Exército me recebeu** e foi uma excelente troca de ideias de comum interesse para nossos países e nossos Exércitos. O **primeiro fato** importante foi que julgava essencial um **intercâmbio de nível Curso de Estado-Maior** para Oficiais Superiores. Achou muito válido, disse que o Curso na sua Escola de Estado-Maior era todo no **idioma “afrikaans”**, também oficial e falado somente pelos brancos, mas que foi todo adaptado para o **Inglês e haveria algumas poucas vagas para oficiais estrangeiros**. Mesmo sem falar com nosso Exército, disse que para o Brasil era prioridade um. O **segundo fato** muito importante é que eu sabia do valor dos seus **Forças Especiais**, tinham três Batalhões estrategicamente colocados no País e sob um comando de General. Na época, o nosso efetivo era somente de um Batalhão. Propus que fizéssemos um **intercâmbio operacional anual com Equipes de Forças Especiais**. Gostou muito da ideia e disse que o General Bourman, Comandante da Brigada, entraria em contato comigo.

Outro **fato interessante** da missão é que **cheguei primeiro na África do Sul do que meu Sargento Auxiliar**, Sargento Freitas, e com muito prazer **preparei sua chegada** alugando seu apartamento ao lado da Embaixada e mobiliando com o material permanente que havia comprado em dezembro. **Era um excepcional Sargento e com sua chegada, os trabalhos da Aditância deram um salto quantitativo e qualitativo.**



Edifício do Sargento Freitas e parte do mobiliário adquirido – 1995



Outro **fato extraordinário** que merece ser narrado foi a **visita oficial de Pelé, Ministro dos Esportes, à África do Sul**. O futebol é muito popular no País, particularmente nos **75% de negros do País** e um dos objetivos era divulgar o jogo que a Seleção Brasileira faria contra a África do Sul poucos meses depois. **Ele e Mandela não se conheciam pessoalmente e era o momento mais esperado por todos**. Como já falei, a África do Sul herdou várias tradições inglesas como volantes dos carros no lado direito e o seu **formal Cerimonial**.

Na chegada ao **Palácio Presidencial** – chamado Union Building – Pelé foi recebido com **Guarda de Honra, salva de tiros** e foi encaminhado com a delegação para os **cumprimentos formais** do Presidente Mandela. **O local era um grande salão**, Mandela e Ministros postados numa extremidade, Pelé e comitiva apareciam pela outra, faziam uma **reverência**, deslocariam na direção do Presidente, Pelé falaria cinco minutos, Mandela responderia no mesmo tempo e depois ambos iriam para uma sala privada à retaguarda do Mandela.

**Quando o Pelé apareceu na extremidade do salão, ao invés de fazer a reverência falou bem alto “olá Mandela”, surpreendentemente Mandela respondeu “olá Pelé” e ambos se deslocaram e se abraçaram no meio do salão**. O Cerimonial foi surpreendido, tentou reverter, mas era impossível. Ambos **pareciam velhos amigos**. Pelé elogiou a beleza do Palácio e perguntou se podiam dar uma volta, Mandela riu, concordou e **ambos saíram sem rumo pelos corredores e varandas e tiravam retratos com os servidores**. Enfim, ficou a **grande lição para todos nós da espontaneidade e autenticidade destes dois ícones mundiais**.

Nosso Embaixador organizou uma formal recepção para o Pelé na sua residência.



Recepção na residência do Embaixador –  
A família com Pelé – 1995

**Outro fato muito curioso aconteceu** quando estávamos indo de carro para a casa do Embaixador. **Nosso motorista Wiliam**, negro, voltou-se para mim, perguntou se podia pedir um favor e quando concordei disse: **“o senhor pode pedir ao Pelé para tirar um retrato com os motoristas?”**. Sorri com o pedido, disse que seria muito difícil, mas que tentaria.

Pelé quando me viu fardado veio ao meu encontro muito alegre e disse que lembrou do **seu grande amigo Capitão Coutinho**, preparador físico da seleção na Copa de 1970. Foi quando tiramos a foto anterior e me lembrei do pedido do Wiliam. Comentei que sabia que era difícil, comentei que a parte externa da casa não ajudava e Pelé disse: **“Coronel, vou falar com o Embaixador para mandar trazer os motoristas aqui.”** Assim foi feito, a foto abaixo registra mais esta **lição de humildade** de Pelé.



Motoristas com Pelé na residência do Embaixador. Wiliam na foto é o segundo à esquerda de Pelé - 1995

Desde o primeiro momento que soube que também representaria a **Aeronáutica**, fiz contato com seu Estado-Maior e tive conhecimento de importantes informações.

Muito válido destacar que a **Força Aérea da África do Sul é a segunda mais antiga do mundo**, somente perdendo para a Royal Air Force da Inglaterra. Certamente foi criada por iniciativa da própria Inglaterra que colonizava o País desde 1800.

**Ainda no Brasil soube de um fato que não teve a melhor decisão para o Brasil.** A África do Sul queria comprar cerca de 70 aviões para formação dos seus pilotos e a nossa aeronave **Tucano**, era a preferida. Pilotos sul-africanos vieram ao Brasil, testaram a Tucano e a aprovaram. Seria uma grande venda para o Brasil, mas o **Itamaraty não deu parecer favorável** em virtude da situação

do País na época e ainda não termos relações plenas com ele. A África do Sul terminou comprando 70 aeronaves Pilatus, da Itália e já estava no cargo quando chegaram.

O Estado-Maior da Aeronáutica destacou a elevada **tecnologia** que possuíam e que seria válido implementar nossas relações.

Tive o privilégio de assistir a belíssima Cerimônia dos **75 anos** da “South African Air Force”.

**Muito importante é falar novamente do nosso Embaixador Antônio Amaral de Sampaio**, que completaria seu tempo de exterior e voltaria para o Brasil. O **fato surpresa** que me referi anteriormente foi que falei com o Gabinete do Ministro da **especial ligação do Embaixador com o Exército** – filho, neto e bisneto de Oficiais-Generais – e de possuir a Espada original do Brigadeiro Sampaio, Patrono da



75 anos de criação da Força Aérea da África do Sul – 1995

nossa Infantaria. O **Embaixador** somente queria doar a Espada após seu falecimento, mas **o convenci que era melhor em vida e numa grande Cerimônia do Exército**. Assim é que em 1995 sugeri ao Ministro Zenildo fazer uma especial Cerimônia em 24 de maio de 1996 - Dia da Infantaria – no Brasil e onde o Embaixador faria a solene entrega da Espada.

Este **fato surpresa se concretizou no Rio de Janeiro, em maio de 1996**. O Exército conduziu o Embaixador Sampaio de Brasília para o Rio de Janeiro, mais precisamente na Vila Militar, na **presença de mais de dois mil militares**, com a **representação de toda a Infantaria Brasileira** – Cadetes, Selva, Montanha, Caatinga, Blindada e Paraquedista – ele falou de forma vibrante e muito emocionado o **Ministro Zenildo** agradeceu sua atitude e a **honra do Exército ter a Espada original**

**de um dos seus Patronos.** Feita a entrega simbólica, a **Espada foi para o Salão Nobre do Batalhão Sampaio, na Vila Militar.** Dias após a Cerimônia o Exército entregou ao Embaixador na sua residência em Brasília um **vídeo com toda a Cerimônia.** Anos depois o visitei em Brasília e fez questão de me agradecer e mostrar o vídeo.

**Conhecer e trabalhar com o Embaixador Sampaio foi um presente de Deus e tornar realidade a Cerimônia em sua homenagem e do seu Bisavô, foi uma das maiores alegrias que tive.** Infelizmente, faleceu há poucos anos em São Paulo.

**O novo Embaixador, Oto Maia,** mostrou-se também um excelente Diplomata, era Nordestino, nos tornamos grandes amigos, mantemos **contato até hoje** e mora no Rio de Janeiro.



Novo Embaixador do Brasil, Oto Maia – Entrega de Credenciais  
ao Presidente Mandela – Foto Histórica – 1995

Da mesma forma que comemoramos em abril o Dia do Exército, comemoramos solenemente em outubro o nosso **“Dia do Aviador”**, na presença do nosso novo Embaixador, Adidos e outras Autoridades.



Cerimônia do Dia do Aviador – Presença do nosso novo Embaixador Oto Maia e família



Imagens do Dia do Aviador – 1995

A África do Sul patrocinou uma **Exposição de Material de Defesa** e estimei o Exército e Força Aérea a mandarem representantes O Exército não pode atender, mas a Força Aérea mandou o **Brigadeiro Taveira**, na época **Vice Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica**. O **fato importante** é que o Brigadeiro Taveira tinha uma vasta experiência como **Piloto de Provas e no Instituto Tecnológico da Aeronáutica**, vários projetos foram discutidos, a participação da Força Aérea foi crescente e até os dias de hoje continuam ativas.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

No momento que escrevo este livro, fazemos **26 anos** que criamos a Aditância do Exército e Aeronáutica. A impressão positiva da época foi comprovada anos depois com a criação do cargo de Adido da Aeronáutica. **Hoje, temos na África do Sul os Adidos das Três Forças.**



África do Sul – Exposição de Material de Defesa – Brigadeiro Taveira e esposa

**Outro fato importante**, talvez resultante da nossa conversa pessoal com o General Oto, Comandante do Exército, a Escola de Estado-Maior da África do Sul abriu **duas vagas para oficiais estrangeiros, uma para a Inglaterra e outra para o Brasil.** A excelente notícia pegou todos de surpresa, mas o Ministro Zenildo gostou e determinou a imediata seleção de um oficial. O Curso teria a duração de um ano.

Foi selecionado o **Major Assad**, viria com a esposa e três filhos, o tempo era curto e o ajudamos alugando uma casa mobiliada e matriculando os filhos na escola. A vinda do Major Assad trouxe uma **vantagem não prevista**, fui convidado para acompanhar viagens da Escola de Estado-Maior, o que aumentou em muito meu conhecimento do País e de suas Forças Armadas.



Viagens com a Escola de Estado- Maior - Major Assad, primeiro aluno brasileiro.

A **imagem** abaixo é muito significativa. Foi uma Cerimônia da Escola de Estado-Maior ao Brasil no **dia da nossa Independência**. O Major Assad fez um excelente discurso, podemos vê-lo em destaque e nosso Pavilhão Nacional hasteado no mastro principal.



Data Nacional do Brasil – Cerimônia na Escola de Estado-Maior da África do Sul

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

**Muito interessante a destacar** é que, cumprindo as determinações do General Meiring, Chefe das SANDE, haviam seis “Generais” dos grupos armados fazendo o Curso para poderem acessar ao Generalato. Um deles, certamente o mais competente, **General Nianda**, teve o prazer de conhecê-lo nestas viagens.

Foi nomeado depois do Curso **Chefe do Gabinete do General Meiring e, anos depois, o substituiu, tornando-se o novo Chefe das SANDE.**

Durante nossos dois anos na África do Sul tivemos o prazer de participar de **diversas e formais Cerimônias**, além de ver o geométrico crescimento do número de Adidos. Constatamos a importância do **Culto às Tradições e aos Valores de uma Nação** e o **Presidente Mandela, seu exemplo maior.**



**Data Nacional da África do Sul – Em frente ao Palácio Presidencial (Union Building)**



Formalidades para as Cerimônias Nacionais

Não poderia deixar de escrever neste livro de **fatos, lições e valores** o que foi **uma das maiores demonstrações de sincera amizade** que eu e Graça vimos ao longo da nossa vida. **Seis casais sergipanos, todos civis, decidiram espontaneamente nos visitar** e perguntaram se era possível. Sinceramente achávamos que não viriam, mas aconteceu e tivemos a felicidade de mostrar a África do Sul para eles durante uma semana. Aluguei uma van de 15 lugares, eu fui o motorista em Pretória, Johannesburgo e arredores e pegamos um avião para conhecer Cape Town.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visita de queridos amigos civis sergipanos – Chegada no aeroporto e visitando o Hotel The Palace, na época o único seis estrelas do mundo

Continuamos, dentro das possibilidades, a praticar **esportes** com o objetivo de ajudar a **saúde e confraternizar com novos amigos**. A África do Sul oferecia várias facilidades como ginásios fechados com piscinas aquecidas, diversas aulas de ginástica previstas durante o dia e a noite, quadras de squash, lanchonetes, áreas para as senhoras deixarem os bebês e ainda conjuntos externos para tênis e futebol.



Confraternizações esportivas – Pretória / África do Sul

Em 1996 voltamos a comemorar as datas festivas dos **Dia do Exército e da Força Aérea**, onde destacamos os ótimos resultados alcançados entre nossas Forças Armadas, tais como: ampliação de projetos tecnológicos, ida de uma equipe de Forças Especiais ao Brasil para adestramento integrado e a vinda de um Oficial Superior para fazer o Curso de Estado-Maior na Força Aérea.





Dia do Exército Brasileiro – 19 de abril de 1996

Outro fato interessante ocorreu nos preparativos da visita oficial do Presidente Fernando Henrique Cardoso à Angola e África do Sul. Há algum tempo tentava visitar o caro amigo **Coronel Paulo Cesar, Adido em Angola**, para conhecer de perto as dificuldades existentes e visitar o **Batalhão Brasileiro** que cumpria a missão de paz UNAVEM III. Ele então sugeriu que eu fosse no mesmo período que a equipe **“Precursora” da Presidência chegaria em Luanda para montar a visita**, porque aproveitaríamos para ir no avião brasileiro até a cidade de Kuíto, onde estava o Batalhão, não só pela grande distância como pelo péssimo estado das estradas.

Para minha grata surpresa, estava na Comitiva um **amigo-irmão, Coronel Sparta**, Chefe da Segurança do Presidente, certamente o maior Atleta que o Exército já teve, também paraquedista e com quem tive o privilégio de conviver como cadete, como Tenente na AMAN e como Capitão na Brigada de Infantaria Paraquedista.

**Chefiava a Delegação Brasileira o Embaixador Frederico Araújo**, Chefe do Cerimonial do Itamarati e principal personagem do que vou narrar.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



**Chegada em Luanda da Equipe Precursora da viagem Presidencial – Embaixador Frederico Araújo, Chefe da Missão e Cel. Sparta, Chefe da Segurança do PR**

Antes da chegada da Comitiva, o Coronel Paulo Cesar comentou das dificuldades para a visita, particularmente porque o **Presidente de Angola, apoiado pelo nosso Embaixador em Angola, queriam que nosso Presidente ficasse todo o tempo em Luanda**, não fosse à Kuíto onde estava o Batalhão Brasileiro e o maior argumento era falta de Segurança. Falou-me ainda que não concordava e que ia sugerir que nosso Presidente fosse ver o Batalhão.



**Adidos da África do Sul e Angola com as esposas – Luanda, 1996**

Conversei de imediato com Sparta, ele entendeu, falou muito bem do Embaixador Frederico e disse que conversaria com ele.

Além do **Batalhão em Kuító**, mais distante, havia também uma Companhia de Engenharia em Calamboloca, bem próximo de Luanda. **O Embaixador ouviu a proposta e os argumentos do Cerimonial de Angola e disse que decidiria após a visita às nossas tropas.**

Tivemos um dia intenso e longo visitando as Unidades, incluindo o deslocamento aéreo para Kuító, As Unidades Brasileiras estavam muito bem instaladas e 100% independentes, em virtude das condições críticas das áreas em que se encontravam, especialmente Kuító que tinha uma longa e triste história de lutas entre a guerrilha e o governo. **O Comandante do Batalhão, Cel. Ademar, tinha sido meu Cadete, era um oficial exemplar, fez uma impecável exposição e convenceu a todos nós que o Presidente tinha que visitar o Batalhão.**

A Comitiva retornaria pela manhã ao Brasil e o **Embaixador Frederico** solicitou reunião assim que pousamos no início da noite em Luanda. Todos reunidos, ele pediu a palavra, agradeceu o empenho de todos, em especial do cerimonial angolano. Então, disse que **havia decidido que nosso Presidente cumpriria uma programação em Luanda, iria a Kuito ver o Batalhão e de lá voaria para a África do Sul.** Intimamente vibramos com a decisão e quando pensávamos que estava tudo certo, o **Chefe do Cerimonial Angolano, bastante sério, falou que nosso Presidente ficaria poucas horas no seu País, que não podia concordar com a decisão** e, quando quis continuar, foi “educadamente” interrompido pelo Embaixador Frederico que falou: **“muito me surpreende que o senhor como Diplomata avalie o valor de uma visita pelo número de horas que um Presidente fica no país. Saiba que nosso presidente terá mais tempo com o seu do que com o Presidente Mandela na África do Sul. Porém, caro Embaixador, vou lhe esclarecer um ponto fundamental e que o senhor desconhece: o Presidente do Brasil é o Comandante Supremo das Forças**

**Armadas e se o senhor acha que ele não pode visitá-los, o nosso Presidente não virá ao seu País”.**

Ele quis argumentar, o Embaixador Frederico disse que a reunião estava encerrada e que aguardava a decisão final de Angola até a sua hora de decolagem no dia seguinte. Para todos nós presentes na reunião, foi uma **lição exemplar de inteligência, competência, patriotismo e autoridade.**

Como ele deve ter imaginado, **ainda naquela noite o Governo de Angola concordou com a proposta brasileira.**

O destino quis que eu tivesse **novos contatos** com o excelente Embaixador Frederico, mas será assunto do capítulo seguinte.

**No mês seguinte ocorreu a visita em Luanda,** conforme aquela programação e fazia parte da Comitativa Oficial, por razões óbvias, o **Ministro do Exército, General Zenildo.**



**Chegada do Presidente do Brasil na África do Sul, vindo de Angola – 1996**

Mandou avisar que na África do Sul se desligaria da Comitativa, passaria dois dias comigo, **queria conhecer a Embaixada, o Escritório do Adido, minha casa e que decolaria de Cape Town para um compromisso em Buenos Aires.**

Com muito prazer destaco o **fato** desta **primeira visita do Ministro do Exército à África do Sul** e porque a Aditância foi criada na sua gestão. Fizemos um roteiro por Pretória, Johannesburgo e Cape Town e as imagens retratam alguns desses momentos.



Visita do Ministro Zenildo ao Embaixador Oto Maia – Pretória - 1996



Visita Ministro Zenildo à África do Sul – visitando Sargento ferido em Angola, tratamento em Pretória e no nosso Escritório – 1996



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visita obrigatória ao The Palace (Hotel seis estrelas) - 1996



Cape Town – Cabo da Boa Esperança e a Table Mountain – 1996

O final do ano sinalizou nossos preparativos para o término da nossa missão em fevereiro. **Ainda em 1996, o Exército avisou que eu iria para Brasília trabalhar no Gabinete do Ministro.** Ficamos muito felizes pela função e principalmente porque ficaríamos mais perto do nosso **filho**, que fazia Engenharia Mecânica em Uberlândia, Minas Gerais.

O mês de janeiro foi muito intenso, mas pleno de momentos alegres de despedidas dos caros amigos Adidos.

Como era Adido do Exército e Aeronáutico, o meu substituto, em sistema de rodízio, foi o **Coronel Aviador Montechiari**. Ainda no Brasil, mandei para ele todas as informações que julguei essenciais. Ao retirar nossa mudança, **arrumamos a casa com o material permanente adquirido** e enviei fotos e acervos, tanto dela como do Escritório.



Imagens de materiais adquiridos para a residência

Os dois anos intensamente vividos neste maravilhoso País, semelhante ao nosso em vários aspectos, foi **uma grande lição de vida pessoal, para minha família e, em especial para nossa filha**, que completou a High School e no ano seguinte ingressou na Pretória University, cursando **Odontologia**.

Os  **fatos** narrados refletem-se sempre na **incrível pessoa do Presidente Mandela e seus permanentes ensinamentos**. A oportunidade de **conhecê-lo** e de ter sido o **primeiro Adido do Exército e Aeronáutico** no seu País, foram e são motivos de **honra e orgulho**.



Adidos na África do Sul – Pretória 1996

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

As imagens a seguir ilustram os formais momentos de **transição do cargo e da recepção** de despedidas que o Embaixador Oto Maia e sua esposa, D. Carla, nos ofereceram.



Transmissão do cargo ao Cel. Av Montechiari e inauguração do nosso retrato – Fevereiro de 1997



Autoridades e Diplomatas Brasileiros presentes – Fevereiro de 1997



Recepção de Despedidas na Residência do Embaixador Oto Maia – Fevereiro 1997

**PARTE XXII**

**GABINETE MILITAR  
DA PRESIDÊNCIA DA  
REPÚBLICA  
(BRASÍLIA/DF)  
(1997 – 1999)**







**Passagem do cargo de Chefe da Segurança do PR –  
Apresentação ao Presidente da República – 1997**



**T**enho que começar explicando o porquê do título acima estar “**Gabinete Militar da Presidência da República**” e não “**Gabinete do Ministro**”, como fui oficialmente informado ainda na África do Sul. Esta explicação nos leva a um **fato muito interessante** e que precisa ser citado neste livro pelo seu **ineditismo**.

Chegamos em Brasília numa sexta-feira de março e fomos para nosso Hotel de Trânsito. Minha apresentação seria segunda-feira e fui convidado para um churrasco de confraternização do Gabinete do Ministro (Centro de Comunicação Social do Exército – CCOMSEx) no sábado. Ainda na sexta-feira, um amigo-irmão, colega de turma, ligou nos convidando para ir à noite para o tradicional “**assustado**” nas casas dos Coronéis recém-promovidos a Oficiais-Generais. Eram Coronéis dois ou três anos mais antigos, mas alguns eram nossos amigos desde os tempos acadêmicos.

Estávamos aguardando o elevador para cumprimentar um deles quando nos deparamos com o General de Divisão Intendente **Edison**, muito amigo do Ministro Zenildo. Perguntou quando tinha chegado e para onde eu iria. Ao falar que ia para o Gabinete do Ministro ele me sussurrou: “**não vai não, mas espere o Ministro falar com você**”. Ainda naquela noite recebi uma ligação do Coronel Lúcio, Assistente do Ministro, me dando as boas-vindas e informando que o **Ministro queria falar comigo na segunda-feira, às 13h**.

No outro dia, como previsto, fui ao almoço de confraternização e o **General Bini**, Chefe do CCOMSEx, disse que **não me apresentaria antes do Ministro Zenildo falar comigo**. A conclusão óbvia é que havia algo pendente, mas não tinha a mínima ideia do que seria e tinha que esperar a segunda-feira.

Na hora marcada, o **General Tamoyo**, Chefe do Gabinete do Ministro, me conduziu à sala do Ministro. Recebeu-me muito alegre, cumprimentou-me pela missão e disse: “**você mal chegou e já está me abandonando**”. Ainda sem entender, sorriu, nos sentamos e disse que me explicaria rapidamente. Falou que o

**Coronel Sparta**, Chefe da Segurança do Presidente da República, estava **desde dezembro transferido para o Comando Militar do Sul** e estava ainda na função aguardando um substituto, até aquele momento ainda não definido. Que já havia falado do **meu nome** com o **Presidente Fernando Henrique Cardoso e com o General Cardoso, Ministro Chefe da Casa Militar e que ambos aprovaram.**

Concluiu dizendo que deveria me apresentar ao General Cardoso às 14h30 e estar pronto para **trabalhar imediatamente.**

Do Gabinete do Ministro Zenildo fui direto me apresentar ao **General Cardoso**. Foi um **encontro excelente pela amizade e respeito forjados desde os tempos de AMAN**, em especial quando éramos Tenente/Capitão Instrutores do Curso de Infantaria e ter sido o primeiro oficial com sua esposa D. Sônia a conhecerem nosso **recém-nascido primogênito em 1974** (23 anos atrás).

O essencial no momento era a **urgência** para eu me ambientar numa missão tão sensível e poder liberar o Coronel Sparta. Nossa conversa não podia ser mais produtiva. Foi muito prático e objetivo, falou que o conhecimento e a experiência somente viriam com o dia a dia, mas que era **essencial fazermos pelos menos duas viagens juntos com o Presidente nos próximos dias**. Importante lembrar que ainda não tinha apartamento nem informações da chegada da nossa mudança vinda da África do Sul. Meu trabalho seria de terno e por sorte eu tinha trazido comigo alguns na minha bagagem pessoal. Iríamos **“morar “alguns dias no Hotel de Trânsito, viajei com Sparta e o Presidente dois dias depois e Graça, mais uma vez, ficou frente a um novo desafio.**

Nos dias seguintes fui conhecendo melhor a grande e necessária estrutura da Segurança Presidencial que abrange, além do **Presidente, o Vice-Presidente, seus familiares diretos, seus locais de trabalho e suas residências, 24 horas por dia e nos 365 dias do ano.**

Não conhecia o **Presidente** Fernando Henrique Cardoso, mas desde nosso primeiro contato foi muito **gentil**, sabia das minhas

referências pelo General Cardoso e desejou-me sorte e sucesso. A especial **amizade** que tinha com o **Sparta** ajudou muito, sabia da sua competência e determinação e do excelente recurso humano que ele estava me passando.



Cerimônia de Posse no cargo de Chefe da Segurança do PR, presidida pelo Ministro Chefe do GMPR, General Cardoso – 1997

Todos que estão lendo este livro certamente podem avaliar os inúmeros fatos que ocorreram nestes dois anos de tantas e sensíveis missões. Cito o quantitativo a seguir para poder dimensionar ainda mais minha afirmativa: **em dois anos, cerca de 104 semanas, realizei cerca de 160 viagens, sendo 35 internacionais. Qualquer missão com o Presidente**, pública ou privada, simples ou complexa, exigiam absolutamente o mesmo cuidado porque as **consequências seriam sempre graves**.

Procurei selecionar alguns **fatos** que trazem **lições especiais** e pela representação dos envolvidos.

**O Presidente ia regularmente a São Paulo, pois tinha seu apartamento na capital e uma casa em Ibiúna, além de ser amigo de longa data do Governador de São Paulo, Mário Covas. O fato** que relato a seguir foi interessante porque aconteceu numa das minhas primeiras idas a São Paulo. O Presidente tinha dois eventos, o primeiro às 16h no Palácio Bandeirantes com o Governador e às 18h no Hotel Renaissance para a Abertura de um Fórum Mundial.

Havia a previsão de manifestações, tomamos as medidas necessárias e **faríamos um deslocamento motorizado de cerca de 20 minutos do Palácio ao Hotel**. O evento do Palácio terminou cedo e o Governador convidou o Presidente para conversarem no seu Gabinete. Estava em pé próximo aos dois, quando o Governador falou que o trânsito para o hotel estaria muito pesado, seria **melhor ir no seu helicóptero** e pousar no heliponto existente no terraço do hotel. Um parêntese: já tínhamos levantado esta hipótese, mas foi descartada porque o heliponto não suportava o peso do helicóptero presidencial e um pequeno somente levaria duas ou três pessoas, dividindo a Comitiva



Governador de SP, Mário Covas,  
grande amigo do PR - 1997

O **Presidente** chamou-me, falou da sugestão do governador e **pediu minha opinião**. Fui incisivo dizendo que agradecia a sugestão, mas que **faríamos o que foi planejado**. Para minha grata surpresa, o Presidente ironicamente falou para o Governador: “**está vendo Covas, a Segurança não deixa, vamos de carro**”.

Ao longo da minha missão este foi o lado mais positivo do **Presidente, ele confiava e respeitava a Segurança e nunca alterou uma decisão nossa**. Certamente porque sabia que estaríamos a seu lado a qualquer hora e o levaríamos para qualquer local, no País ou no exterior.

Outro **fato interessante** ocorreu na primeira vez que o levei com D. Ruth, sua esposa, à sua casa em **Ibiúna**. Como era longe, fazíamos um primeiro deslocamento de helicóptero de Congonhas a uma área segura e isolada para pouso e dali fazíamos um pequeno deslocamento motorizado.

O **objetivo era descansar**. Quando saímos do asfalto, a cerca de mil metros da sua casa, havia uma **grande concentra-**

**ção de repórteres e câmeras de TV. D. Ruth**, muito irritada, falou para mim: “está vendo Coronel, sua segurança veio antes e todo mundo fica sabendo”. Respondi que podia ser, mas **os principais jornais de SP noticiaram durante toda a semana a vinda dos senhores**. O Presidente interveio e disse: “Ruth, o Coronel está certo, nosso próprio pessoal credenciado no Palácio é quem vaza as notícias”. Ainda complementei que **se não fosse a ação preventiva da Segurança, todo aquele pessoal estaria na frente da casa**. Uma importante e permanente **lição é que sempre teríamos outros “atores” envolvidos e influenciando no planejamento e execução da Segurança**.

Outro **fato significativo foi a visita do Papa João Paulo II ao Brasil**. O Presidente foi recebê-lo na sua chegada na Base Aérea do Galeão e à noite o receberia com a família no Palácio Laranjeiras – Residência do Governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar, que continuou morando no seu apartamento e cedeu ao Presidente nas suas viagens ao Estado.

Os planejamentos foram bem detalhados e repetidos várias vezes porque envolviam autoridades, grande público, deslocamento terrestres e aéreos, diurnos e noturnos.



Deslocamento de helicóptero para sua casa em Ibiúna / SP – 1997



Visita do Papa João Paulo II ao Brasil – Chegada no Galeão – Rio de Janeiro - 1997





Visita do Papa João Paulo II ao Presidente e família – Palácio Laranjeiras – Rio de Janeiro - 1997

Quando o **Papa** desceu as escadas do avião, o Presidente aproximou-se para cumprimentá-lo e ele **sorrindo falou: “podemos falar em português?”**. Tive a oportunidade de falar rapidamente com ele, em mais de uma oportunidade, sem dúvida uma **pessoa iluminada** e que encantou a todos.

A visita particular ao Presidente e família ocorreu num ambiente informal, ele conversou calmamente com os filhos e netos, tirou fotos e trouxe algumas lembranças do Vaticano. **Até hoje, 23 anos depois, a Graça ainda tem o Terço que ele me deu.**

Não posso deixar de narrar aqui uma **incrível coincidência** que foi a visita do **Presidente Mandela** ao Brasil, meses depois do meu retorno da África do Sul. Estava convencido da importância do aumento das relações entre nossos países, inclusive que fizesse parte do Mercosul.

Tive o prazer de voltar a cumprimentá-lo, o Presidente ofereceu um almoço festivo no Palácio Alvorada e fez uma **deferência** à minha pessoa e a Graça. Disse-me que estávamos convidados para o almoço, mas não como Chefe da sua Segurança e sim como **amigo do Presidente Mandela**.

**Outro fato muito interessante para relatar é relacionado à visita do Presidente Clinton ao Brasil.** Como esperada, foi alvo de críticas da imprensa, particularmente quanto à Segurança, onde falavam que seu pessoal estava dando as ordens no Brasil.

Precisamos aqui de mais um “parêntese”: a **segurança pessoal dos Mandatários no mundo inteiro é feita pelo seu próprio pessoal** e todo o planejamento é feito pela Segurança do país visitado. Este planejamento é mostrado ao Escalão Avançado do país visitante e aprovado antes da chegada do Mandatário.



Visita do Presidente Mandela ao Brasil –  
Graça cumprimentando os Presidentes – 1997



Visita do Presidente Clinton – Reunião de Trabalho no Palácio do  
Planalto - 1997

**Eu mesmo reuni o Escalão Avançado do Presidente Clinton, expliquei todos os procedimentos e tudo foi aprovado. O fato que relato a seguir comprova a afirmativa.**

O Presidente Clinton pousaria à noite na Base Aérea de Brasília e seguiria imediatamente para um **jantar no Palácio Alvorada, residência do Presidente do Brasil, com uma pequena comitiva**. A grande parte da Comitiva seguiria diretamente para a Embaixada Americana.

Os Presidentes cumprimentaram-se e dei as boas-vindas ao seu Chefe da Segurança, **Cel. Harris**, também Forças Especiais.

Estávamos no salão principal quando, pelo rádio, meu adjunto falou que havia um **problema**: um **membro da delegação americana**, dizendo ser secretário particular do Presidente, queria entrar, mas estava **sem o “Pin” identificador** que havíamos entregue ao Escalão Avançado. Mandeí aguardar, falei com o **Harris**, **se desculpou pelo erro**, foi pessoalmente falar com o secretário “barrado”, esperou cerca de 30 minutos até chegar o “Pin” e somente assim foi autorizado a entrar. **Quando a Segurança sente que está entre profissionais, tudo corre muito bem.**

O **fato a seguir não foi noticiado**, mas tive o **privilegio de estar presente**. Numa reunião de trabalho prevista para o Salão Oval do Palácio do Planalto, teve antes uma **reunião fechada** entre os Presidentes, cada um com dois ou três assessores. O Presidente falou ao Presidente Clinton que antes de qualquer discussão, seria muito válido ele ouvir cinco minutos do **Ministro Lampreia** (Relações Exteriores) e cinco minutos do **Ministro Malan** (Fazenda) sobre as **relações do Brasil, EUA e o Mundo**. Os dois deram uma verdadeira “aula”, o Presidente Clinton somente balançava afirmativamente a cabeça e tomava notas. Foi uma verdadeira **lição de competência e soberania**.

Em todas as visitas oficiais, o **Itamaraty** oferece um jantar formal à Autoridade e Comitiva. Tivemos que ajustar algumas medidas de Segurança nos acessos secundários e contamos com o apoio do Ministro Lampreia.



Visita do Presidente Clinton – Jantar de  
Recepção no Itamarati – 1997

Como **curiosidade**, as duas imagens a seguir mostram nossa posição durante o jantar, com **visão direta ao Presidente e D. Ruth**. Não participando do jantar, vários militares da segurança ficavam em posições mais próximas do Presidente.



Eu e a Capitão Priscila, militar mais antiga da segurança da D. Ruth - 1997

As imagens a seguir procuram mostrar um **fato natural, intensidade e a dinâmica do dia a dia do Presidente** e, em consequência, o volume de equipes que precisavam se deslocar antes, integrar os órgãos envolvidos e ensaiar todo o planejamento. Assim é que num dia estaria recebendo o Presidente Menem, da **Argentina**, no outro estaria no **Nordeste**, em seguida no **Sul**, ou em DAVOS, na **Suíça**. **As lições eram contínuas, mas exigiam sempre competência, ensaios e “risco zero”**.



Visita do Presidente Menem, Argentina e visita ao Estado de Sergipe, na foto com o Governador João Alves - 1997



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visita à Divisão Blindada de Santa Maria/RS e em DAVOS, Suíça, com o Embaixador Frederico, Chefe do Cerimonial do Itamarati - 1997



Ao falar da Suíça, lembrei-me de um importante fato que nos ensina o quanto é importante na vida as **verdadeiras amizades**. Quando estava em 1988, estudando na Inglaterra um dos meus grandes amigos, foi o então Tenente Coronel Hugo Christen da Suíça. **Estávamos em 1997, quase 10 anos depois**, ainda mantínhamos contato e como passaríamos em Berna, perguntei-lhe se haveria alguma chance de revê-lo. Ele disse que já era **General**, estava no Comando de uma Brigada numa cidade afastada e que **achava muito difícil nos encontrarmos**. Cumprimentei-o pela promoção e disse que lamentava não o encontrar.

Quando estávamos em **Berna** almoçando com o Presidente no Hotel, minha equipe informou pelo rádio que havia um oficial suíço que queria falar comigo. Chamei meu adjunto para me substituir e tive a grande **surpresa e alegria de rever o Hugo e sua esposa Ruth**.





Reverendo, 10 anos depois, o General Hugo e esposa. Amigo do Curso de Estado-Maior na Inglaterra – 1997

Estávamos no Hall conversando, quando o **Presidente** apareceu vindo do almoço. Fui em sua direção, expliquei rapidamente quem era e ele **fez questão de cumprimentá-los**. A conversa ficou tão boa que nos sentamos, o Presidente chamou seu fotógrafo, tiramos fotos juntos e mandei cópia para ele. **Ainda hoje, 23 anos depois, mantemos contato com o Hugo e família.**

Achei muito válido inserir a **viagem do nosso Presidente à Inglaterra** porque teve **vários fatos interessantes**. Um deles foi a presença de **Pelé**, Ministro dos Esportes, que tinha uma agenda paralela e iria receber uma Comenda da Rainha.

O **fato** foi que a imagem de **Pelé estava na primeira página** dos principais jornais e as notícias da visita presidencial em páginas internas. **O próprio Presidente brincava que não dava para “competir com o Pelé”.**



Viagem Presidencial à Inglaterra – Pelé, Ministro dos Esportes – 1997

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



O Presidente chegando na  
Universidade de Cambridge para a  
Cerimônia - 1997

O Presidente recebeu o Título de Doutor “Honoris Causa”, da **Universidade de Cambridge** e a **lição** que gostaria de destacar deste **fato** é a manutenção e o culto às **Tradições**.

A Universidade tinha quase **800 anos**, a preservação dos ritos, das vestes e do local chamou a atenção de todos. O mais expressivo, porém, é que toda a **Cerimônia** na Igreja da Universidade foi falada em **Latim**. Todos tínhamos o Folheto Latim / Inglês para acompanharmos a solenidade.

O **Cerimonial e as Tradições Inglesas** são ainda presentes em vários países do mundo, como na África do Sul, Índia e outros. As imagens a seguir destacam a **figura ímpar da Rainha Elizabeth** e nossa chegada para o **jantar de gala** que ela ofereceu ao Presidente.



Encontro com a Rainha Elizabeth e chegada para o jantar em homenagem ao nosso Presidente - 1997

**O fato que narro a seguir envolveu difícil decisão num sensível tema Diplomático / Político.**

Depois de cerca de 12 horas de voo, chegamos em **Madri** com o Presidente para o início de uma importante “**Visita de Estado**”. Na Espanha, este nível de visita somente acontecia duas vezes por ano. Seria uma **agenda de alguns dias** com importantes encontros com o Rei Juan Carlos, o Primeiro-Ministro Aznar e outras autoridades.

Como oficialmente a visita somente começaria no dia seguinte, nosso **Embaixador ofereceu um jantar ao Presidente e Comitiva** em sua residência. Aproximadamente às 21h, hora Espanha, o Ajudante de Ordens falou comigo que o **Senador Antônio Carlos Magalhães precisava falar com o Presidente**. Ele retirou-se do jantar e o acompanhei a uma sala reservada. **O assunto era o problema cardíaco que seu filho, Deputado Luís Eduardo Magalhães**, acabara de ter no final da tarde, hora Brasil. O Presidente ao voltar para a mesa fez questão de detalhar pontos da conversa e **concluiu que a situação estava sob controle**. O jantar prosseguiu normalmente e voltamos para o Castelo fora de Madri que hospedava o Presidente. A Delegação como um todo estava hospedada em um hotel no centro da cidade.

**Além da Segurança, médico, Ajudante de Ordens e Chefe do Cerimonial, estavam no Castelo o Ministro Lampreia e o Ministro General Cardoso**. Assim que chegamos, entrei em contato com o então **Coronel Aviador Pinto**, responsável pelas Aeronaves Presidenciais e narrei o que havia acontecido. Entre as linhas de ação levantadas do que poderia acontecer, estava a de **retorno** ao Brasil em caso de falecimento do amigo e Deputado. Claro que era **improvável no momento**, mas tinha que ser levantada em virtude das diversas providências logísticas como alerta à tripulação, preparo das aeronaves, plano de voo e outras. O Coronel Pinto era extremamente atento e manteve a necessária discrição.

Por volta de **1h30 o Ajudante de Ordens me acordou informando do falecimento do Deputado Luís Eduardo** e que

**precisava acordar e informar ao Presidente.** Antes de avisá-lo, acordamos os Ministros Lampreia e Cardoso, atualizamos as informações e acordamos o Presidente para dar essa triste notícia.

Os momentos seguintes foram de muitas perguntas e difíceis respostas. As perguntas giravam nas duas linhas de ação levantadas: **continuar na programação da Visita de Estado ou retornar imediatamente ao Brasil.** O Ministro Lampreia julgava mais adequado continuar a Visita e que seria uma forte justificativa para sua ausência no velório e funeral. O Presidente ficou arrasado com a notícia, estava extremamente pensativo e ponderando as vantagens e desvantagens de cada linha de ação.

Liguei imediatamente para o **Coronel Pinto**, falei da possibilidade de retorno e perguntei-lhe qual a **hora mais cedo** que ele estimava poder decolar. Apesar da hora e da urgência ele foi muito positivo e disse que tentaria estar pronto a partir das **7h**. Paralelo à tomada de decisão, fomos informados que o velório e o funeral seriam em Salvador e concluído no final da tarde.

**O Presidente falou com o Rei Juan Carlos e com o Primeiro Ministro Aznar**, explicou-lhes a situação, disse que pretendia retornar imediatamente, mas não podia tomar esta decisão sem falar com eles. Ambos foram **extremamente gentis** e concordaram com sua decisão. No caminho do aeroporto, antes das **7h**, o **Presidente fez questão de passar nas residências do Rei e do Primeiro Ministro** para agradecer-lhes pessoalmente e foram, mais uma vez, muito educados e dizendo que esperavam sua visita o mais breve possível.

Com os naturais problemas para um longo voo de retorno chegaríamos em Salvador somente no final da tarde. **Antes de decolar de Madri, mandei deslocar um Escalão Avançado de Brasília para Salvador e preparar tudo para a chegada do Presidente.**

Com menos de 24 horas, de Madrid decolamos de volta ao Brasil num longo voo direto para Salvador. As **imagens** a seguir mostram os momentos da chegada do Presidente ao velório do

Deputado Luís Eduardo. A **atitude do Presidente** de retornar da Espanha naquela situação foi uma verdadeira prova de **amizade e consideração** ao Deputado Luís Eduardo e ao seu pai, Senador Antônio Carlos Magalhães.



O Presidente no velório do Deputado Luís Eduardo Magalhães – Salvador – 1998

Meses depois deste triste acontecimento, aconteceu um **fato inusitado e que envolveria o Senador Antônio Carlos Magalhães**. O fato é que tanto o Presidente Fernando Henrique como o Vice-presidente Marco Maciel estariam fora do Brasil ao mesmo tempo e o **Senador assumiria temporariamente a Presidência**. Era a primeira vez que acontecia e fomos eu, o Chefe do Cerimonial e um Ajudante de Ordens para uma reunião no gabinete do Senador para ambientá-lo e esclarecer qualquer dúvida. Nos recebeu muito bem, já nos conhecíamos de eventos anteriores, ele sabia que eu era Sergipano, tinha estudado no Colégio Militar de Salvador – ele foi o principal responsável pela volta da sua atividade - e casado com uma conterrânea. O **Chefe do Cerimonial** disse que um Diplomata estaria com ele todo o tempo e antecipando as informações necessárias. O **Ajudante de Ordens** disse que o manteria informado de toda a agenda, contatos necessários e em condições de realizar qualquer ligação que ele precisasse. O Senador, muito direto, disse que iria pela manhã ao Palácio, que não se sentaria na cadeira do Presidente e a tarde iria para o Congresso. Quando ia começar a falar da Segurança, ele me interrompeu dizendo: “**Coronel, não quero aquele monte**



**de carros com sirene e ambulância”.** Eu sorri e calmamente fui explicando a ele que os quatro carros que formam o Comboio Presidencial são **carros de proteção imediata em 360 graus**, não utilizam sirene em deslocamento normal e a ambulância não fazia parte do comboio, ela se deslocaria à distância e de forma discreta.

Como teria um fim de semana no período que estaria no cargo, perguntei se ficaria em Brasília ou iria para Salvador. Disse que iria para Salvador, mas que não queria ninguém com ele, pois era sua casa e seu pessoal o receberia. Ainda reforçou dizendo que eu conhecia a Bahia, sabia do que ele estava falando, ele ia visitar o túmulo do filho e o meu pessoal não conhecia a Bahia.

**Dei razão a ele como cidadão, mas disse-lhe que iria a Salvador desta vez como Presidente da República e ninguém, além da Segurança Presidencial, teria esta institucional autoridade.** Disse-lhe que um meu Adjunto, Tenente-Coronel, seria o seu Chefe de Segurança, que ele poderia ir para qualquer lugar, que enviaria um Escalão Avançado a Salvador e toda a equipe estaria hospedada num hotel próximo ao seu apartamento. A conversa foi muito franca, o **Senador disse que sabia das referências sobre nosso trabalho e terminou concordando.**

No dia do embarque do Presidente Fernando Henrique, o Senador foi à Base Aérea de Brasília para se despedir e assumir o cargo. Naquele momento, **apresentei o Tenente-Coronel Saraiva, que seria o seu Chefe de Segurança.**

Durante a viagem mantinha contato com o Saraiva e tudo corria muito bem. Quando chegamos de volta ao Brasil, ele estava aguardando o Presidente na saída da Aeronave, conversaram animadamente e quando me viu falou: **“Coronel, o senhor tinha razão, o pessoal é excelente, obrigado e parabéns”.**

Ficou a **lição de que temos que assumir a responsabilidade e jamais dividi-la.**

Julgo também interessante falar de alguns **fatos curiosos** que envolvem a **Segurança Presidencial** e que certamente muitos dos que estão lendo o livro não conhecem ou não avaliam a sensibilidade das situações. **Estes fatos giram em torno dos deslocamentos e viagens do Presidente da República.** Como é natural e necessário, o Cerimonial convida e organiza a Comitiva para cada evento, mas o **deslocamento e a presença do Presidente são de única responsabilidade da Segurança Presidencial.**

Um **fato constante e sensível**, por exemplo, era quais autoridades embarcariam no **helicóptero do Presidente.** Eram cerca de 10 lugares e todos tinham nível de integrar as nove vagas restantes, ou oito, caso D. Ruth estivesse na Comitiva.



**Helicóptero Presidencial 01**

Acontece que nestes momentos de deslocamento, viagem, hospedagem, **algumas pessoas têm que ter precedência sobre qualquer autoridade.** Estas pessoas são o Chefe da Segurança, o Médico, o Ajudante de Ordens e o Chefe do Cerimonial, por **motivos óbvios.** Desta forma, das 10 vagas do helicóptero somente cinco ou menos ficavam disponíveis para as autoridades convidadas.

Claro que várias teriam que ir no outro helicóptero, o que gerava ponderações e algumas discussões. Amenizávamos um pouco esta situação pousando o helicóptero 02 no evento primeiro que o do Presidente.

Outra situação era nas **hospedagens**, particularmente em viagens internacionais. Falei anteriormente, na **Espanha**, onde o Presidente hospedou-se num Castelo oferecido pelo Rei. Ali ficaram as pessoas de apoio essenciais, os dois Ministros indispensáveis e a grande parte da Comitiva em um hotel na cidade.

Uma das vezes que fomos aos Estados Unidos, o Presidente Clinton convidou nosso Presidente e D. Ruth para um **jantar e pernoite em Camp David**. Teria que haver um deslocamento de helicóptero, o que não era desejável, mas solucionado porque ia no mesmo helicóptero do Presidente Clinton e somente podia acompanhar o Presidente as pessoas essenciais para aquele momento (Chefe da Segurança, Médico e Ajudante de Ordens). O Chefe da Segurança do Presidente Clinton ainda era o **Coronel Harry**, que veio ao Brasil com ele e nos facilitou bastante a missão em Camp David.



Camp David –  
Residências para  
os hóspedes e  
“veículo” para  
deslocamentos –  
1998

Outro **fato muito curioso** e importante da Segurança Presidencial, era o **constante emprego das Aeronaves**, tanto para viagens nacionais como internacionais. O trabalho executado diuturnamente pelos integrantes da **Força Aérea** era impecável,

desde o rígido cumprimento dos horários aos serviços de bordo e autorizações para voos em diferentes espaços aéreos O Presidente tinha sua **área reservada** para reuniões, refeições e repouso. A aeronave era uma verdadeira segunda casa para o Presidente. A imagem a seguir retrata os cumprimentos em voo para ele no dia do seu **aniversário** e com a presença do Ministro da Aeronáutica.



Área reservada do Presidente na Aeronave – 1998

O que comentaremos a seguir são **fatos marcantes** que convivemos decorrentes da **primeira reeleição para Presidente no Brasil em 1998**.

Viveríamos uma **situação inusitada** porque na campanha prevista por lei para 1998, tínhamos um candidato já Presidente e com plenos poderes no cargo.

Foi então publicado um **Decreto** regulando esta situação extraordinária. **Somente poderiam acompanhar o Presidente como Candidato o Chefe da Segurança, o Médico e o Ajudante de Ordens**. O importante Escalão Avançado seria composto somente pelos meus homens da segurança pessoal.

Outro fato que me afetaria diretamente é que eu seria a pessoa autorizada pelo Presidente para tratar dos detalhes do evento com o “Comitê de Campanha” do estado a ser visitado.

Em uma importante reunião com o Presidente e com o General Cardoso, ouvi importantes considerações a serem observadas, porém a situação Presidente/Candidato era permanente em qualquer caso e disse-lhes que **tentariamos atender todas as solicitações dos Comitês de Campanha, mas a prioridade continuaria a ser a Segurança do Presidente e a preservação da sua Autoridade.** Ambos concordaram e essa “autonomia” foi essencial em vários momentos, como os senhores verão.

Na preparação da viagem para **Porto Alegre**, fiz a reunião com o Comitê de Campanha no Ginásio do Beira-Rio. Eram todos civis e a maioria políticos. A programação, em termos gerais, consistia em uma **apoteose** de chegada no aeroporto, uma grande **carreata** do aeroporto até uma grande churrascaria onde teria um **almoço** festivo e dali para o Ginásio do Beira-Rio, onde seria o grandioso **comício** de Porto Alegre.

A primeira dificuldade foi convencê-los de que a **carreata** (cerca de 300 veículos), acompanhando o comboio do Presidente seria inviável, face aos riscos e consequências imprevisíveis que poderiam ocorrer. **Ouvi reações tipo “Coronel, o senhor quer que o homem perca a eleição”, “a programação já está aprovada”.** Como a churrascaria era em um grande parque que permitia o pouso de helicóptero, sugeri que traríamos o Presidente/Candidato direto do aeroporto e a “carreata” já estaria no parque, o que foi aceito.

Ao chegarmos ao Ginásio do grande comício, vimos que a **entrada do Presidente era a mesma do público** e andaria pela quadra onde tinha cerca de mil cadeiras antes de subir ao palco. Perguntei-lhes por que o Presidente/Candidato **não entrava por trás do palco e responderam que não tinha acesso.** Ao fazermos o reconhecimento detalhado, vi que o **Estádio do Beira-Rio ficava na direção da retaguarda do Palco, mas que tinha um muro de proteção.** Informei, então, que da Churrascaria, traria o Presidente



de helicóptero, pousaria no gramado do Beira-Rio, viria para o ginásio em comboio motorizado e que **derrubassem uma parte do muro para acesso do Comboio**. Apesar das discussões, as mudanças propostas foram aceitas



Campanha do Presidente/Candidato – 1998

Numa outra viagem ao Rio Grande do Sul, desta feita em duas grandes cidades do interior, teríamos um comício a tarde, decolaríamos para a outra e teríamos mais um comício, desta vez noturno. O evento da parte da tarde ocorreu como planejado. Quando pousamos para o **evento noturno** e entramos no ônibus com o Governador Antônio Brito, meu adjunto de segurança, que veio no avançado, chamou-me pelo nosso rádio seguro e disse que tinha um assunto urgente a tratar pessoalmente. Fui para a parte inferior do ônibus e ele informou que a **Polícia havia recebido uma ligação informando que bombas haviam sido colocadas no local do comício**. **Haviam checado e confirmado o telefone público**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Perguntei se tínhamos feitos todos os procedimentos, confirmou que **desde as primeiras horas da manhã foi feita varredura com tudo vazio**, especialmente nas áreas onde o Presidente estaria. Complementou que havia a previsão de cerca de **20 mil pessoas** no evento, a equipe da Segurança Presidencial estava nos locais previstos e nada tinha sido encontrado até o momento. Mandeí aguardar.

Voltei para a parte superior do ônibus, liguei para o **General Cardoso** pelo celular criptografado, disse-lhe que todas as medidas foram executadas, continuávamos atentos, especialmente nos lugares que ele circularia e que **seria melhor prosseguir ao invés de cancelar o evento**. Ele aprovou, dei ordem para o ônibus iniciar o movimento e **não informei ao Presidente**.



Campanhas no Rio Grande do Sul e São Paulo - 1998

As **horas seguintes** foram de extrema **atenção e preocupação** da Segurança Presidencial e, felizmente, nada aconteceu.

**Quando o avião decolou para Brasília, informei ao Presidente e à sua Chefe de Comunicação Social** o que havia acontecido. Logicamente ficaram preocupados, mas o mais importante é que nada extraordinário havia acontecido.

Durante a campanha aconteceram fatos semelhantes, mas nenhum desta envergadura.

As viagens à **Amazônia** foram sempre importantes e emocionantes. Não houve nenhum fato extraordinário ligado à Segurança Presidencial, mas coloco esta imagem pela importância estratégica desta incrível área do nosso País.

**Outros fatos interessantes ocorreram na campanha da Bahia.**

O Comitê de Campanha planejou dois grandes Comícios, um em Ilhéus e outro em Salvador, ambos noturnos. Em **Ilhéus** o local escolhido foi a **Praça da Catedral**, um local simbólico, mas muito pequeno e com acessos limitados. **O palco seria nas escadas da Catedral**, mas não se chegava nele sem passar na multidão que já estaria aglomerada na pequena praça. O ideal era mudar de local, mas não havia outro na cidade, mudamos então o **palco para o lado da praia** e isolamos sua retaguarda. Teríamos que **chegar com o Presidente pela areia da praia e improvisamos uma “estrada”**.



Campanha na Amazônia – 1998

Uma outra tradição que o Comitê queria, atendendo a vontade do Senador Antônio Carlos Magalhães, é que o povo pudesse “tocar nos pés” de quem estava no palco. Tínhamos uma **distância mínima** de segurança para o Presidente e colocamos nas primeiras filas convidados especiais, idosos e crianças. As mudanças surtiram efeito e o resultado foi positivo.

A reunião com o Comitê para o Comício em **Salvador** foi conduzida num bom ambiente de trabalho, mas com algumas surpresas. Quando achávamos que o local em Salvador seria na Fonte Nova, na Orla ou outro amplo local, o Comitê nos informou

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Campanha em Ilhéus / Bahia – 1998



Campanha em Periperi / Salvador – 1998

que o **primeiro comício tinha que ser em Periperi, um subúrbio a cerca de 20km de Salvador.** Fomos fazer o reconhecimento e o local escolhido era numa área central do Município, muito movimentada, com pouco espaço e acessos limitados.

Havia também o desejo do Comitê de fazer uma **carreata** de Salvador até Periperi, mas que tivemos que cancelar pelo longo trajeto, ser noturno, falta de acesso adequado na chegada e porque **já tinha planejado trazer o Presidente de helicóptero até a Base Naval de Aratu, em Paripe,** município vizinho a Periperi. Da Base Naval, faríamos um curto deslocamento motorizado por um acesso isolado para o comboio. Uma **outra tradição** era chegar passando por uma

**Ala de Baianas,** mantivemos, mas as colocamos na retaguarda do palanque e que está na imagem seguinte. Os resultados foram também positivos.

Começamos o ano de 1999 com a “**posse**” do Presidente reeleito e um novo ciclo começando na vida nacional. As imagens abaixo mostram este histórico momento.



Presidente reeleito tomando posse no Congresso Nacional – 1999



Certamente deveríamos ter um ano menos tumultuado do que o ano eleitoral de 1998, mas certamente muito intenso. Coloquei a imagem abaixo no livro porque vi como um **fato importante a iniciativa do Presidente de reunir os Governadores para o bem maior do País.**



Reunião do Presidente reeleito com os Governadores –  
Fevereiro de 1999

**Mais uma vez, eu seria surpreendido com um fato absolutamente extraordinário e que merece uma adequada explicação.**

Estávamos no final de Fevereiro, nossa Turma de Formação de 1969 chegaria a partir de 1999 para concorrer à **Promoção de Oficial-General**. As três promoções anuais são em março, julho e novembro e **nossa Turma somente concorreria em novembro**, porque em março teriam cinco vagas, mas ainda haviam oito oficiais da Turma mais antiga e em julho não haveriam vagas.

Um destes oito oficiais mais antigos, Coronel Alves, trabalhava conosco no GMPR. A reunião do Alto Comando do Exército (ACE) seria naquele dia, onde seriam escolhidos os cinco Coronéis para as vagas existentes de promoção em 31 de março. **Na nossa reunião matinal com o Gen. Cardoso, ele lembrou que o Coronel Alves podia ser escolhido e que preparássemos um “guarascuito”, uma pequena confraternização para cumprimentá-lo.**



O dia foi muito intenso, como sempre, planejamentos e preparativos para eventos em Brasília, viagens e de repente percebi que já passava das 17h e não tinha sido avisado da promoção do Coronel Alves. Liguei direto para ele, me informou que **apenas sabia que tinha havido um atraso e que podia sair o resultado a qualquer momento**. Fui então para a sua sala para ficarmos conversando e aguardando a informação do ACE. Estava ao telefone quando vi que um dos seus oficiais aproximou-se dele e o cumprimentou. Concluí que finalmente a reunião do ACE havia acabado, desliguei o telefone e o cumprimentei efusivamente. **No momento em que o abraçava ele me agradeceu e disse: “Elito, você também foi promovido”**. Disse-lhe que não, porque nossa Turma ainda nem constava da lista. **Ele complementou dizendo que o atraso foi justamente porque o ACE decidiu durante a reunião que duas das cinco vagas já seriam para nossa Turma e que eu e o Coronel Heleno fomos escolhidos**.

**A surpresa foi total**, não sabia o que falar e **fomos ao Gen. Cardoso para confirmar a esperada promoção do Coronel Alves e informar da minha inesperada promoção**. Minha primeira preocupação foi com minha função - privativa de Coronel - porque em cerca de 30 dias teria que passar o cargo e não tínhamos pensado em substituto.

Vocês que estão lendo o livro podem avaliar o turbilhão de pensamentos que passava na minha mente. **Graça não estava em Brasília**, tinha viajado para Salvador para dar apoio a um parente próximo que estava muito doente, pedi à minha secretária para avisá-la e que ligaria assim que pudesse. Aconteceu um **fato curioso** porque minha secretária, nervosa com a súbita notícia, dizia para a Graça que eu tinha sido promovido e ela **naturalmente agradecia a informação na certeza de que ela falava da promoção do Coronel Alves**. O fato é que minha secretária não convenceu Graça que eu havia sido promovido à Oficial-General. **Minutos mais tarde, liguei para ela, ao lado da surpresa compartilhamos a imensa alegria e orgulho pela nossa promoção e ajustamos a sua volta imediata**.

Para completar a “confusão”, poucas horas depois, **nossas casas seriam visitadas por amigos para os tradicionais cumprimentos**, tínhamos que recebê-los adequadamente e Graça estava em Salvador. Por sorte, **Heleno e eu morávamos no mesmo edifício** e na mesma prumada, acertei com ele que iria para o seu apartamento, dividiríamos as despesas e coloquei um aviso na minha porta informando onde estava.

Naquela noite, ainda não sabíamos onde iríamos comandar e no dia seguinte tive a **grande notícia que iria comandar na Amazônia a 16ª Brigada de Infantaria de Selva em Tefé / AM**. Quando falei ao **Presidente**, sua primeira reação foi de perguntar se eu não queria ir para um lugar melhor. Eu sorri, agradei, expliquei para ele do **privilégio de servir na área amazônica** e que não haveria lugar melhor.

Os dias seguintes foram curtos, a melhor solução encontrada para minha substituição foi colocar o meu vice chefe, também Coronel, como chefe interino até o novo titular ser escolhido pelo Exército.

**Um fato interessante e simbólico** foi idealizado pelo Coronel Aviador Pinto e autorizado pelo Presidente. Ele planejou uma **Confraternização no meu último voo** em missão de Segurança Presidencial e as imagens abaixo registram esta **distinta atitude de um caro amigo**.



Despedidas em voo – Presidente, Ministros e Assessores – 1999

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Os ajustes para a Chefia da Segurança foram adequados porque meu Coronel, vice-chefe já conhecia muito bem o trabalho e era um ótimo oficial. O que mais mereceu nossa atenção é que **deixaríamos nossos filhos nas Universidades de Engenharia e Odontologia em dois Estados diferentes, mas sabíamos que eles teriam sucesso.**

Em **31 de março de 1999** fomos oficialmente promovidos à General de Brigada em uma inesquecível **Cerimônia**, ao lado de familiares, amigos e com a **presença do Embaixador Oto Maia** – nosso Embaixador na África do Sul - que soube da minha promoção e deslocou-se do Rio de Janeiro para Brasília para nos cumprimentar em **mais uma prova de verdadeira amizade.**



Promoção a Oficial - General – Entrega da Espada pelo Paraninfo General Cardoso e cumprimentos do Ministro do Exército, General Gleuber – 31 março de 1999

PARTE XXII – GABINETE MILITAR DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
(BRASÍLIA/DF) – (1997 – 1999)



Promoção a Oficial -  
General – Com familiares,  
amigos e nossos queridos  
filhos – 31 março de 1999



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Promoção a Oficial - General –  
Cumprimentos do Presidente

Esses dois anos em uma função tão especial e sensível, foram de **lições e exemplos diários** que procurei ressaltar para todos.

Tenho a obrigação de destacar o **Presidente** pela sua permanente educação, respeito e confiança no trabalho da Segurança Presidencial e ao meu chefe imediato, Ministro Chefe do GMPR, **General Cardoso**, pelo equilíbrio nas decisões e apoio incondicional ao nosso trabalho.



**PARTE XXIII**

**COMANDANTE DA  
16ª BRIGADA DE  
INFANTARIA DE SELVA  
(TEFÉ/AM)  
(1999-2000)**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Assunção do Comando da 16ª Bda Inf Selva - Brigada das Missões – Tefé / AM – 1999



**C**ertamente um bom número das pessoas que lerão este livro, mesmo os militares, **não tiveram a oportunidade de conhecer a Amazônia**, particularmente nas regiões onde a única presença do Estado Brasileiro é o Exército.

**Antes de narrar alguns fatos importantes**, é muito oportuno que todos entendam e imaginem o ambiente em que estaremos nas próximas páginas. **A cidade de Tefé** é a terceira maior do Estado do Amazonas, perdendo somente para Manaus e Itacoatiara, tem cerca de 70 mil habitantes, incluindo os “ribeirinhos”, distante **500km de Manaus** e com ligação somente pelo Rio Solimões / Amazonas ou pelo ar.

**O Rio Tefé**, afluente do Solimões / Amazonas, forma o Lago Tefé que é maior do que a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro. **De Tefé para as fronteiras da Colômbia e Peru, são outros 500km.**

O Exército Brasileiro colocou a 16ª Brigada de Infantaria de Selva (16ª Bda Inf SI) na área pela sua posição absolutamente estratégica. As grandes “estradas” que vem das fronteiras, Rios Solimões / Amazonas, Japurá, Içá e Juruá, passam obrigatoriamente por Tefé. **A Brigada é a permanente Presença e Dissuasão do Estado na Amazônia Ocidental.**



Centro da Cidade de Tefé / Amazonas – 1999

Também é **válido um breve resumo** da epopeia da 16ª Brigada. Coerente com o planejamento estratégico do Exército de **priorizar a Amazônia**, três Brigadas do centro-sul do País foram deslocadas: uma de Niterói / RJ, uma de Petrópolis / RJ e outra de Santo Ângelo / RS.

A Brigada de Santo Ângelo denominava-se 16ª Brigada de Infantaria Motorizada – Brigada das Missões – e foi a designada para Tefé. Sua numeração foi mantida, o nome alterou para **Brigada de Infantaria de Selva** e como Tefé era também uma Centenária região Missioneira, manteve-se a denominação de **“Brigada das Missões”**. Ela **chegou em Tefé em 1993**, ocupou uma construção abandonada de uma Escola Agrícola e os militares e famílias ficaram precariamente alojados. **De 1993 a 1996, as obras andaram muito bem**, particularmente nas construções das residências dos oficiais e sargentos e na melhoria das instalações da antiga escola agrícola.

Infelizmente **em 1996, a empresa encarregada da obra, faliu, travou-se uma disputa judicial, tudo parou e em 1999, quando chegamos, a situação ainda era a mesma.**

O General que me passou o Comando, **General Azevedo**, foi enfático ao dizer que ao lado da **vibração** de comandar a Brigada estava a **frustração** de ver a construção da nova Brigada parada. Foi uma fácil conclusão que teria **dois fatos prioritários: Presença e Dissuasão** nas fronteiras com a Colômbia e Peru e Inaugurar a **“Nova Brigada”**.

A **Brigada tinha uma motivação diária especial**, o recurso humano era muito bom, os militares e suas famílias estavam bem instaladas, as estruturas militares em Tefé eram razoáveis, mas na área da **Nova Brigada** estava tudo parado e inacabado.

Na imagem a seguir, todos podem ter uma ideia do que acabo de falar. Da estrada que corta a foto para cima, podemos ver as **estruturas militares e as residências**. No alto da foto, vemos em maior número a Vila dos Sargentos. **Da estrada para baixo, era a área prevista para a “Nova Brigada”**.



O maior Batalhão da Brigada, 8º Batalhão de Infantaria de Selva (8º BIS), ficava em **Tabatinga**, fronteira com a Colômbia. Com uma população de cerca de 40 mil pessoas, era “separada” por uma rua de **Letícia**, cidade colombiana, também com cerca de 40 mil habitantes.



Vista aérea da 16 Bda Inf SI – Abril de 1999



8º Batalhão de Infantaria se Selva – 8º BIS – Tabatinga /AM - 1999

Esta é uma **realidade amazônica em outros pontos, mas nenhum se compara à situação Tabatinga / Letícia**. Outro fato é que meu Comandante de Tabatinga era um Coronel e em Letícia o **Comando Colombiano era de Oficial-General**. Minha presença em Tabatinga era sistemática e marcava sempre uma reunião com o Oficial-General colombiano. O clima era muito cordial, analisávamos os problemas comuns e destacava a necessidade da **Presença e Dissuasão dos dois países**.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visitas regulares ao 8º  
BIS – Tabatinga - 1999

A Brigada tinha cerca de mil km de fronteira na sua área de responsabilidade e quatro Pelotões de Fronteira (PEF) desdobrados, dois na fronteira com a Colômbia e dois na fronteira com o Peru. Seus efetivos eram do Batalhão de Tabatinga que possuía cerca de 1,2 mil militares.

O trabalho realizado pelos quase 30 PEF desdobrados no arco amazônico é um fato extraordinário e que tentarei dimensionar a seguir, detalhando os permanentes desafios dos meus quatro Pelotões, suas lições, exemplos e seus incríveis resultados.

Meu Pelotão mais ao norte era o 3º Pelotão Especial de Fronteira (3º PEF), em Vila Bittencourt, situa-se em uma “estrada” fundamental, que é o Rio Japurá e que vem da Colômbia com o nome de Rio Caquetá. O Rio Japurá é um dos mais importantes afluentes do Solimões / Amazonas e o encontra bem próximo de Tefé.



3º PEF – Vila Bitencourt - Na margem do Rio Japurá – Fronteira com a Colômbia - 1999

Nestas viagens tínhamos o apoio indispensável da **Força Aérea Brasileira** em uma pequena Aeronave Bandeirante, com uma disponibilidade de **seis a nove passageiros**, dependendo das distâncias e alternativas de pouso. Estes voos somente podiam ser visuais e com regras rígidas de segurança. Levava sempre Graça e, em Tabatinga, incluía o Comandante e esposa. **Elas desempenhavam um papel especial conversando com a esposa do Tenente Comandante do Pelotão e esposas dos Sargentos**. Em ocasiões planejadas para missa e batizado, levava também o **Padre**.

**Todos os PEF tinham cerca de 60 militares, mas a população existente era acima de 300 pessoas.**



3º PEF – Vila Bitencourt – Tradicional Formatura do Pelotão com os alunos da Escola – 1999

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



3º PEF - Gabinete do Tenente Comandante e uma visão do Rio Japurá – 1999

Um fato comum nos PEF e causa maior dos seus sucessos é que todos seus **moradores** têm assistência permanente de **Médico, Dentista e Farmacêutico do Exército** e todas as **crianças estão na Escola**. O Exército tem um **Convênio** com o Governo do Estado do Amazonas onde este fornece os **professores** e os PEF ficam responsáveis pela instalação, alimentação e preparação da sala de aula.

É oportuno esta **observação operacional** sobre alguns rios amazônicos. Por lei são considerados “**águas internacionais**”, o que permite o “trânsito” de embarcações dos países. Naquela época, **não tínhamos ainda o Poder de Polícia** – agora temos – e, claro que dificultava nossa dissuasão. **Cumprimos a lei, mas decidimos que todos tinham que parar nos PEF para controle**. Tivemos **problemas**, alguns sérios, mas mantivemos a essencial **Presença e Dissuasão**.



2º PEF – Ipiranga – Na margem do Rio Içá – Fronteira com a Colômbia – 1999

Descendo para o Sul, chegamos no **2º PEF, em Ipiranga**, ainda fronteira

com a Colômbia, também na margem de uma **outra importante “estrada” amazônica que é o Rio Içá**, outro afluente do Solimões / Amazonas.

**Outro importante fato operacional merece ser registrado agora.** A presença do General na fronteira, apesar de importante, não era suficiente. Tínhamos que **aumentar o poder militar na fronteira** e decidi levar regularmente a tropa de Tefé até a fronteira nos nossos meios fluviais já existentes. Graças ao empenho do Comandante da minha Base Logística, **Tenente Coronel Luiz Antônio**, em pouco tempo **modernizamos nossos meios e atualizamos os nossos “práticos” (pilotos) na condução dos meios fluviais também durante a noite.**



16ª Bda Inf SI – Tefé /AM – Aprestamento – 500km de deslocamento fluvial - 1999



Desta forma, **começamos a conduzir cerca de 150 militares para os PEF em 48 horas de deslocamento fluvial.** A Brigada deu um verdadeiro **salto operacional e a motivação de todos foi contagiante.**

Ao longo dos 500km até a fronteira, passávamos por **cidades ribeirinhas**, mandava avisar aos **Prefeitos**, parava um ou dois dias para realizarmos inspeção de saúde, partos, tratamento dentário, atividades de lazer e esportes nas escolas e a noite nossa Banda fazia uma apresentação musical. **O ambiente alegre, o respeito pelo Exército e os resultados compensavam qualquer sacrifício.**



Apoio às populações ribeirinhas do Rio Japurá – 1999

A primeira vez que levei a Banda de Música na direção da fronteira, o destino foi o **2º PEF de Ipiranga**, estava na área há cerca de **80 anos** e claro que nunca tinha recebido a visita de uma **Banda**. Foi um dia especial, algumas pessoas chegaram a chorar de emoção e a foto a seguir foi enviada para todo o Exército destacando a **primeira presença de uma Banda num PEF**. Muito importante na foto é a presença dos **estudantes e a integração de todos**.

Durante a noite, na quadra de esportes do PEF, a Banda fez uma apresentação para todos os moradores e famílias.



2º PEF – Ipiranga  
– Foto histórica  
com a tropa de  
Tefé e a Banda -  
Rio Içá ao fundo  
– 1999



Apresentação da Banda de Música – 100% da população do PEF presente - 1999

Estes dois PEF estão no que chamamos de “**Calha Norte**” do Solimões / Amazonas. Tabatinga, sede do 8º BIS, está no próprio Rio Solimões / Amazonas e os dois PEF que veremos agora estão na “**Calha Sul**”, ou seja, ao sul de Tabatinga.

**O 1º PEF em Palmeiras do Javari**, fica nas margens do **Rio Javari**, mais uma importante “**estrada**” amazônica, também afluente do Rio Solimões / Amazonas e fronteira com o Peru.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



1º PEF – Palmeiras  
do Javari – Na  
margem do Rio  
Javari – Fronteira  
com o Peru – 1999

No 1º PEF tem um permanente “inimigo”, que é a presença do conhecido “**mosquito Pium**” na sua área. É muito pequeno e sua picada causa incômodo e coceira. Como é **tradicional** nos PEF, fomos recebidos pelos alunos da Escola com votos de boas-vindas.



1º PEF – Palmeiras de  
Javari - Tradicional e  
emocionante “boas-  
vindas” da escolinha  
– 1999

Apesar do isolamento natural, a educação nos PEF era completa até o 8º ano, com bons professores, material didático igual ao das demais escolas do País e, agora, com Internet instalada.

Outro **fato bastante interessante** é o Lema “**Vida, Combate e Trabalho**” dos Pelotões de Fronteira, claramente notado no dia a dia dos PEF pelos patrulhamentos permanentes, melhorias das instalações, adequadas água e energia, hortas, motivação e confraternização permanentes, além do ótimo nível da saúde e educação.



Instalações do 1º PEF – Palmeiras do Javari – 1999



1º PEF – Palmeiras do Javari – Tradicional desfile escolar – 1999

O 4º PEF em **Estirão do Equador**, também no Rio Javari, fronteira com o Peru e na divisa do Estado do Acre, era nosso Pelotão mais ao sul da nossa área de responsabilidade.



4º PEF – Estirão do Equador – Na margem do Rio Javari – Fronteira com o Peru – 1999



Intencionalmente não havia falado até agora de outro **fato importantíssimo** nos Pelotões Especiais de Fronteira. Todos possuem uma **pista de pouso pavimentada de 1400/1500 metros** que permite pouso de aeronaves pesadas como o C-130 Hércules e o novo KC-390 da Força Aérea. Essas pistas estão ao lado das instalações dos PEF, mas no **4º PEF** de Estirão do Equador **está a 7km do Pelotão** por uma estrada em mau estado e que só permitia o trânsito de um pequeno trator. Nos seis meses de cheia, era melhor ir de barco por um afluente do Rio Javari, chegava neste e depois de 30 minutos de barco chegava ao PEF.



Chegada no 4º PEF – 7km de trator ou de barco nos seis meses de cheia – 1999

O 4º PEF tinha em sua área um **fato sensível permanente e que exigia redobrada atenção**. Havia presença de peruanos realizando corte e tráfico de madeira. Como eu tinha outro Batalhão em Cruzeiro do Sul e mais próximo desta área problema, fazíamos um trabalho integrado de **inteligência**, com ações de **Presença e Dissuasão** e com resultados muito positivos. **Outro fato** em toda a fronteira era a tentativa de construção de **pistas de pouso clandestinas**. O 4º Batalhão de Aviação do Exército, com seus helicópteros, realizava um apoio logístico e operacional indispensáveis.

A **foto** abaixo mostra bem a imensidão da floresta e a dificuldade de identificação de uma **pista clandestina**.



Identificação de uma pista clandestina na Amazônia  
Ocidental – 1999

Um **fato interessante** e uma ótima coincidência foi a **visita do Presidente** Fernando Henrique à Tefé para conhecer o Projeto Mamirauá, uma reserva ecológica ali existente. Seu tempo em Tefé foi muito curto, mas tive o prazer de rever e hospedar em nossa casa o **Coronel Aviador Pinto** e o **Embaixador Valter Pecli, Chefe do Cerimonial**, amigos próximos nos dois anos em que fui Chefe da Segurança do Presidente.



Tefé / AM – Visita do  
Presidente – Chegada  
no Aeroporto – 1999



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



O Presidente, D. Ruth, Graça e familiares dos militares – Tefé ao fundo – 1999

A 16ª Bda Inf SI era “nova” na cidade de Tefé. Ficávamos no Km 01 da estrada de 4km que ligava o aeroporto à cidade e decidi “acordar” a cidade diariamente, correndo e cantando com toda a Brigada até o centro da cidade (6km).



16ª Bda Inf SI – Corrida diária ao centro da cidade –  
Tefé /AM - 1999

Fizemos uma ótima amizade com o Bispo Sérgio, explicamos porque tínhamos o nome de “**Brigada das Missões**”, herdado da área Missioneira de Santo Ângelo / RS e Tefé era também há cerca de um século. **Convidei então nosso Arcebispo Militar, Dom Ávila, um especial amigo, que viesse de Brasília para celebrar com Dom Sérgio a Páscoa dos Militares.** Essas e outras ações tinham o objetivo de integrar cada vez mais a Brigada com a população de Tefé.



Páscoa dos Militares na Catedral de Tefé – Celebrada por Dom Ávila, Arcebispo Militar e Dom Sérgio, Bispo de Tefé – 1999



Outro fato que tive que lidar envolveu o campo político, mas naquela região tínhamos que decidir e rápido. **Tefé tinha um único Hospital e que funcionava muito mal.** Tinha apenas quatro médicos, somente um era formado, os demais eram “práticos” e um deles era o Diretor do Hospital. Quando cheguei, tive conhecimento de um **Convênio do Governo do Estado com o Exército**, que cederia elementos de saúde para auxiliar a população no Hospital. **Diariamente mandava para o hospital Médicos, Dentistas e Farmacêuticos.**

Quando fui tomar conhecimento detalhado do fato, somente havia **problemas graves**, tais como: **críticas ao Exército** que não conseguia tratar da população, o Hospital estava com **dívidas** na cidade e não podia mais comprar material, o **Diretor era um dos**

**candidatos a Prefeito**, o Governador havia mandado no ano anterior uma grande quantia para o Prefeito resolver os problemas de saúde de Tefé e este mandou “construir” um novo Hospital chamado Hospital da Mulher. Fui ver este **hospital que somente tinha paredes e telhado, nada mais**. Comentava-se na cidade que o Prefeito teria usado uma parte do dinheiro naquela obra e desviado o restante.

Quando procurei o **Prefeito** para conversar, tive a informação que ele **morava em Manaus** (500km de distância) e vinha de vez em quando a Tefé. Paralelo a esta situação, recebemos a **ótima notícia** que a **boa pista** do aeroporto de Tefé iria ser **ampliada em 300m para permitir o pouso de todas as aeronaves, fruto do Projeto SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia)**.

A única **usina de asfalto quente** na Amazônia era do **Exército**, essencial para asfaltar a ampliação da pista e viria para Tefé. Como a Usina ficaria parada algum tempo aguardando os trabalhos iniciais de terraplanagem, compactação e outros, tive a ideia de **asfaltar a péssima estrada do aeroporto à cidade e mesmo sua área central**. Bastaria a Prefeitura dar o insumo e o Exército faria o resto. **Mandei nossa Engenharia fazer o levantamento topográfico da estrada**, como não encontrava o Prefeito, mandei avisá-lo e nunca me retornou.

Depois de vários dias ele me procurou, era natural de Tefé, não demonstrou interesse pelo asfaltamento e no problema do hospital foi totalmente insensível.

Já havia informado ao **General Lessa, Comandante Militar da Amazônia**, que o prazo de validade do Convênio estava acabando e se continuasse aquela situação, era **melhor retirar o Exército**. Solicitei ainda ir a Manaus falar pessoalmente com o Governador Amazonino Mendes. **O General Lessa me autorizou, demonstrando ser um chefe que decidia e confiava nos seus Comandantes**.

Concluí minha reservada reunião com o Prefeito informando-o da minha reunião com o Governador e que **informaria**

**o que pensava sobre ele, o Hospital e o asfaltamento da cidade.** Acrescentei ainda que as portas da Brigada estariam abertas ao Prefeito de Tefé, mas que seu Comandante não o convidaria e que ajudaria a população de Tefé sem lhe dar conhecimento.

**Nosso encontro com o Governador foi muito bom.** O Prefeito de Tefé era do seu partido, mas ele estava muito chateado porque não sabia do estado calamitoso do sistema de saúde em Tefé e muito menos do Hospital da Mulher. Quando **falei que tiraria o Exército e não renovaria o Convênio**, ele não concordou e perguntou o que era necessário para renovar. Falei que duas coisas eram essenciais: **imediate exoneração do Diretor e um recurso mensal igual ao que o Hospital Militar de Tabatinga recebia do SUS.** Já tinha um nome de um dentista do Hospital de Tabatinga que trabalhava na Administração e estava dando baixa. **No outro dia um decreto exonerou o Diretor, nomeou o novo Diretor, renovamos o Convênio e depois de dois meses tínhamos um “outro” Hospital.**

Apesar de todos estes **fatos e desafios**, sabia que **o maior e mais complexo era reiniciar as obras da Brigada.** Fui a **Manaus** para ver na Comissão Regional de Obras (**CRO-12**), o Projeto e ter do seu Diretor as orientações necessárias. **Não gostei do que ouvi**, considerações técnicas sem objetividade, perguntei por que não tinha janelas em grande parte do prédio do Comando e a resposta foi que o **projeto era “padrão”**, tudo se justificava porque não tinha recursos e não senti o comprometimento do Diretor. Perguntei então a ele **qual o recurso que ele precisaria para a “Nova Brigada” funcionar nas novas instalações** e ele respondeu-me que cerca de **800 mil reais, isto há 22 anos.**

Voltei para Tefé e liguei para o **General-de-Exército Medeiros**, Chefe do Departamento de Engenharia e Construção (**DEC**). Ele tinha a visão geral do problema, mas quando comecei a detalhar a situação ele ficou preocupado e ao falar o valor da obra, ele tomou um susto. Tomei a liberdade de falar que ele podia remanejar recursos de cidades que não tinham emergências, pois

estávamos com três anos de obras paradas, inacabadas e deteriorando sob a chuva e sol amazônicos. Ele compreendeu e disse que levaria o assunto ao **Ministro do Exército, General Gleuber**.

Dias depois ligou dando a **grande notícia** que o Ministro tinha autorizado e foi conseguido os recursos solicitados. Claro que os senhores verão no texto a seguir o grande esforço de todos, mas tenho o dever e o prazer de destacar que **se não fosse o empenho e a decisão desses dois grandes Chefes não teríamos a “Nova Brigada”**.

Começava uma impositiva odisséia pelas dificuldades e particularidades de **Tefé**. Não havia na cidade nenhuma loja ou empresa registrada no **SIAFI** (Sistema Integrado de Administração Financeira) e a **licitação** seria feita em Manaus.

A empresa vencedora foi de Manaus e dias depois chegou uma pequena equipe a Tefé para iniciar os trabalhos. A partir daí, **diariamente e após a corrida, eu ia ver a obra e conversar com o bom “mestre de obras”**. O início foi desanimador porque o desgaste nas estruturas do prédio principal ao longo de três anos era visível em vários pontos e obrigou a **um lento e braçal trabalho de recuperação**.

Ao lado do prédio principal havia uma estrutura de paredes e telhado, também parada há 3 anos e que seria o nosso **Posto Médico**. Liguei então para o Chefe do Departamento Geral de Serviços (**DGS**), **General Góes**, que precisava de recursos para mobiliar o Posto e materiais específicos como **Gabinetes Odontológicos e Aparelho de Raios -X**. Ele prometeu me atender e **viabilizou meses depois** o que pedimos.

Também com o **concorde** do General Medeiros, mudamos o projeto do prédio principal da Brigada colocando **grandes janelas no seu perímetro**, aumentando a ventilação, a luz natural e a natural redução do consumo de energia.

Com a obra da pista em andamento e a ampliação das obras, agora incluindo o Posto Médico, o **Batalhão de Engenharia de**



**Construção de Santarém** foi designado para ampliar seu apoio à 16ª Bda Inf Sl. De um efetivo inicial de cerca de 20 militares chegamos a cerca de 90.

**Outro fato que merece registro**, mais uma vez pela motivação e determinação do Comandante da Base Logística, Tenente Coronel Luiz Antônio, **enviei meu “empurrador” conduzindo duas balsas de Tefé até Santarém, em cerca de oito dias de viagem.** A missão era trazer cerca de uma dezena de máquinas de Engenharia e materiais diversos para acelerar ainda mais as obras. Depois de mais oito dias de navegação o **“comboio” chegou a Tefé, aumentando ainda mais a motivação de todos.**

A foto abaixo mostra as **obras nos primeiros meses** no Pavilhão de Comando e no Posto Médico.



16ª Bda Inf Sl – Reinício das obras após três anos – 1999

Estávamos no segundo semestre, as obras corriam melhor e aconteceu um **fato extraordinário e grave**, fruto da incompetência do Chefe da CRO-12. Num determinado dia da minha rotina diária de inspeção, estava **conversando com o Mestre de Obras e perguntei para ele quando iniciaria os trabalhos de instalação da água e luz na área da Brigada.** Para minha completa surpresa, após olhar as plantas, falou-me que **estas obras vitais**

**não estavam previstas para ele executar.** Fui imediatamente ao meu Gabinete, liguei para o Coronel Chefe da CRO-12, falei o que tinha acabado de ouvir e ele teve a petulância de responder: **“General isto é outra obra”.** Mandei-o imediatamente parar de falar e lembrei-lhe que pessoalmente havia perguntado qual o recurso necessário para que a nova brigada pudesse funcionar e **nada funciona sem água e sem luz.** Durante esta decepcionante conversa, perguntei o quanto era necessário para “completar” a obra e ele me falou que precisava de **mais 600 mil reais.** Concluí a conversa com este coronel informando que **relataria ao General Medeiros o ocorrido e pediria sua exoneração do cargo pela total irresponsabilidade demonstrada.**

Quando falei ao General Medeiros o que havia acontecido, reagi como eu esperava, mas disse-lhe que as obras estavam indo bem, não podíamos parar e **pedi que ele fizesse o possível e o impossível para conseguir aquele recurso.** Mais uma vez, o **General Medeiros nos surpreendeu, conseguiu os recursos e disse que tomaria as providências necessárias na CRO-12.**

O **plano** era inaugurar as novas instalações no **Dia do Exército** – 19 de abril de 2000. Caso houvesse algum problema adiaríamos, mas a diretriz era inaugurar em abril.

No 7 de Setembro, **Dia da Pátria,** colocamos todo o efetivo da Brigada para desfilar. Nossos soldados eram todos de Tefé e das cidades ribeirinhas próximas e a população foi em massa comemorar nossa Independência. Neste dia o **Prefeito** estava em Tefé e ficou ao nosso lado.



16ª Bda Inf SI – Tefé / AM – Data Magna – Independência do Brasil –  
7 setembro de 1999

Para os **militares** que estão lendo o livro, o próximo **fato** que registro a seguir é **comum** para todos nós, mas este nosso tradicional encontro a cada cinco anos na nossa **AMAN**, revestiu-se de forma especial porque comemorávamos **30 anos** de formados, a grande maioria da nossa Turma havia passado para a **reserva** naquele ano e conseguimos estar com a Graça para rever tantos amigos-irmãos.



AMAN – Turma Jubileu de Prata – 30 anos de formados - 1999

No início do ano o **General Medeiros** viria visitar a Brigada e inspecionar as obras. Sabia da sua adoração e divulgação da **Nossa Senhora de Schoentatt** por ter realizado um milagre e salvado seu neto que estava com leucemia, providenciei a construção do tradicional **Oratório** e encomendei no Paraná a sua imagem. Fizemos com nosso Padre uma Cerimônia de inauguração alguns dias antes e criamos um **fato** para fazer uma **merecida surpresa** em agradecimento ao seu esforço em prol da Brigada.

Inauguração do Oratório  
de Nossa Senhora de  
Schoenstatt – 16ª Bda Inf  
SI – Tefé / AM – 2000



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

A visita do Gen Medeiros foi excepcional. As áreas internas do Pavilhão de Comando e do Posto Médico estavam em fase final de acabamento, mas a parte externa estava muito feia. Falei para ele que iríamos inaugurar em abril, no Dia do Exército. Informalmente ele chamava todos de “cabra” e falou: “**cabra, você vai ser preso, vai convidar todo mundo e não vai acabar esta obra**”.



Obras no Pátio de Formatura e na frente do pavilhão de Comando – Janeiro de 2000



Obras na frente do Pavilhão de Comando – Novas janelas já instaladas – Janeiro de 2000

Quando saímos do Pavilhão de Comando para ir verificar o Posto Médico, disse que a 16ª Bda Inf SI tinha preparado uma **surpresa** para ele. Quando ele viu o **Oratório parou, pediu para ficar sozinho, aproximou-se, ajoelhou, rezou e chorou.** Certamente foi o **melhor presente** que podíamos ter oferecido a este chefe exemplar.



Não poderia deixar de fazer uma referência ao **trabalho assistencial** que a **Graça**, as senhoras dos oficiais e sargentos e amigos civis da cidade prestavam às diversas **comunidades pobres e ribeirinhas**. Também por sua iniciativa, fez esta **Gruta** da Nossa Senhora da Medalha Milagrosa na **residência** do General Comandante, preservada até hoje pelos demais comandantes.



Homenagem da 16ª Brigada ao  
General Medeiros



Gruta da Nossa Senhora da Medalha  
Milagrosa – Residência do Comandante  
- 1999

Em **março de 2000**, o Alto Comando do Exército (ACE) reuniu-se, como previsto, **para mais uma promoção de Oficiais-Generais e consequentes movimentações**. Eu tinha menos de um ano no Comando e tinha certeza de que não seria movimentado. Os últimos Comandantes haviam ficado dois anos e estava torcendo por isso para poder inaugurar a nova sede da Brigada.



O **General Lessa** já havia passado o Comando Militar da Amazônia para o **General Alcedir** e foi ele que me ligou a noite de Brasília para informar Outro **fato extraordinário da minha vida**.

Começou dizendo que estava muito chateado, que o Comandante do Exército, General Gleuber, não concordou com os seus argumentos e manteve **minha movimentação para Taubaté / SP, para ser o Comandante da Aviação do Exército**, apesar de não ser piloto. O General Gleuber teria dito que precisava de mim na Aviação do Exército e não mudaria sua decisão.

O General que viria para o meu lugar era um dos Coronéis recém-promovidos, a contar de 31 de março e o General Alcedir definiu a data de **25 de abril** para a Passagem de Comando.

Decidi então que **inauguraríamos** o novo Pavilhão de Comando da Brigada e seu Posto Médico **no dia da Passagem de Comando**. Teríamos cerca de **45 dias** e muita coisa ainda por fazer, os móveis comprados ainda não haviam chegado, as poltronas do Auditório também e as **obras externas como o pátio principal, drenagem e asfalto estavam atrasadas em virtude das chuvas**. Estabelecemos também o **trabalho noturno** e tínhamos que torcer e rezar para as chuvas diminuírem.

Paralelo ao desafio de estar tudo pronto em 25 de abril, queria fazer da inauguração da Brigada um evento diferente. Além dos convites formais ao Comandante do Exército e membros do ACE, tivemos a ideia de **convidar todos os ex-comandantes, desde a criação da Brigada em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul**. Com o apoio do Comandante do Exército, em especial do seu Chefe de Gabinete, **General Bastos**, foi conseguido uma Aeronave da FAB e o Gabinete custeou as despesas dos ex-comandantes.

**No dia da Cerimônia estavam presente cerca de 25 Oficiais-Generais sendo nove ex-Comandantes.**

Os desafios continuaram diários e sendo vencidos a cada dia. Para terem uma ideia, as **especiais letras** com o nome da Brigada e que podem ver nas fotos a seguir, foram confeccionadas no

Arsenal de Guerra no Rio de Janeiro, por uma deferência do seu Diretor e grande amigo **General Brochado**. Era uma carga aérea de cerca de 500kg, que **chegaram três dias antes** da Cerimônia e deram um grande trabalho para alinhá-las e furar a laje existente. **O piso e as poltronas do Auditório chegaram sete dias antes e o Aparelho de Raio-X dois dias antes.**

Selecionei algumas fotos, com alguns comentários, para tentar compartilhar a emoção que todos sentimos naquele **incomparável dia**.



Véspera da Cerimônia – Vista diurna e noturna do Pavilhão de Comando –  
24 de abril de 2000



16ª Bda Inf SI – Passagem de Comando para um caro amigo, General  
Ferrarezi - 25 de abril de 2000

**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**16ª Bda Inf SI – Passagem de Comando para um caro amigo,  
General Ferrarezi - 25 de abril de 2000**



**Outra vista da Passagem de  
Comando e Inauguração do  
Posto Médico pelos Generais  
Medeiros e Lessa – 25 de  
abril de 2000**

Sem dúvida o grande momento do dia foi a inauguração da “Nova Brigada”. O General Nery, primeiro Comandante de Tefé, não conteve a emoção várias vezes, o General Confúcio, na época com 84 anos, foi o primeiro Comandante em Santo Ângelo e sugeri ao General Alcedir que ele descerrasse a fita.



16º Bda Inf SI – Pavilhão de Comando inaugurado pelo General Confúcio, “Decano” e 1º Comandante em Santo Ângelo – 25 de abril de 2000



Inauguração do nosso retrato na Galeria dos ex-comandantes –  
25 de abril de 2000



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como tínhamos muitos amigos e convidados especiais, planejamos um **tradicional almoço** de confraternização numa das nossas **balsas no Lago Tefé**. Após o almoço, todos retornaram para Brasília e a noite Graça e eu nos despedimos de todos viajando para Manaus e daí para Taubaté / SP, onde assumiria o Comando da Aviação do Exército cerca de 10 dias depois.



Almoço de Confraternização e Despedidas – SELVA

Os fatos, lições e valores vividos na Amazônia são **inesquecíveis** e se posso sintetizar alguma coisa diria que onde há a presença do Estado não temos grandes problemas e o **Estado na Amazônia** são as nossas Forças Armadas, em especial o Exército Brasileiro.



**PARTE XXIV**

**COMANDANTE DO  
COMANDO DE AVIAÇÃO  
DO EXÉRCITO  
(TAUBATÉ / SP)  
(2000 – 2002)**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Assunção do Comando de Aviação do Exército – Taubaté / SP – Maio de 2000



**C**onfesso que cheguei em Taubaté com muitas interrogações, mas ao mesmo tempo motivado pelo **desafio de comandar a Grande Unidade Operacional mais nova do Exército.**

Voltei meu pensamento para **1989**, quando havia acabado de chegar do Curso de Estado-Maior na Inglaterra e me apresentava na ECEME para ser instrutor. Naquela oportunidade, o **Exército estava procurando Oficiais Superiores voluntários, com o Curso de Estado-Maior, para fazerem o Curso de Piloto de Helicóptero.** Eu e mais alguns amigos nos inscrevemos, mas logo depois retirei meu nome porque julguei que não era a melhor atitude para com a ECEME.

Nos poucos dias que tive antes de assumir o Comando, procurei saber o máximo de informações possível e fiquei positivamente impressionado. **A Aviação do Exército** possuía na época cerca de **80 helicópteros**, um recurso humano excelente com mais de **150 Oficiais Pilotos**, quase **500 Sargentos de Manutenção** e ótimas instalações.

O General Obara, que estava me passando o Comando, estava indo para a reserva e me informou que eu **precisava urgente de um Chefe de Estado-Maior.**

Assunção do Comando  
de Aviação do Exército  
– Taubaté / SP – Maio  
de 2000



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Assunção de Comando – Desfile Aéreo – Presença do Ex-Ministro  
Zenildo – Maio de 2000

Como falei anteriormente, nossa Turma completou 30 anos de serviço e os Coronéis que não foram promovidos a Generais estavam indo para a reserva desde 1999, mas podiam continuar no Exército até completarem nove anos no posto de Coronel. Deus mais uma vez me iluminou e lembrei de um **amigo-irmão, colega de Turma, Coronel Wanderlei, que era pioneiro da Aviação, havia comandado o seu Batalhão de Manutenção, passado dois anos na França chefiando a Comissão Brasileira em ligação com a Eurocopter, estava ainda na ativa e servia em São Paulo, capital.**

Liguei para ele imediatamente, vibrou muito de podermos trabalhar juntos, mas lembrou que o Exército, corretamente, não estava mais movimentando os Coronéis da nossa Turma.

**Vivi então um primeiro fato muito interessante.** Esta decisão de movimentação era do Departamento Geral do Pessoal e o seu Chefe era o **General de Exército Guilherme**, conhecido como um excelente soldado e muito firme nas suas decisões. Nunca tinha servido com o General, mas por uma feliz coincidência **ele havia comandado o 28º BC de Aracaju** alguns anos antes

de mim e, mesmo servindo nos EUA, mandou-me um excelente relatório em resposta às perguntas que mandei, à época, para ele como ex-comandante.

Liguei para o General, ouviu meus argumentos, mas **disse que não abriria exceção porque um ano depois o Exército teria outra despesa com o mesmo oficial**. Falei-lhe então que o Exército não faria duas despesas em um ano com o Coronel porque ele tinha residência em Taubaté e ficaria lá quando passasse para a reserva. Ele ainda perguntou: “quem garante que ele vai ficar?” e eu respondi imediatamente: “eu garanto General, o Coronel Wanderlei me assegurou e sempre foi um oficial de escol.”. **O General Guilherme o movimentou e sou eternamente grato pela sua confiança e decisão.**



Coronel Wanderlei – amigo-irmão e excepcional Chefe de Estado-Maior – Maio de 2000

O Comando da Aviação do Exército é o único grande comando onde trabalhamos e moramos na mesma área. Apesar das atribuições extras, as vantagens de estarmos juntos 24 horas do dia compensavam inteiramente. O **Coronel Wanderlei** apresentou-se imediatamente, tivemos longas e proveitosas conversas, traçamos algumas prioridades e vou **destacar os principais e mais curiosos fatos.**

Minhas passagens na Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt), também um diferente Grande Comando e nos



Cursos de Comandos e Forças Especiais, ajudaram-me bastante em enxergar algumas coisas e tomar rápidas decisões.

O **primeiro fato** que me chamou a atenção é que o Grande Comando de Taubaté tinha **seis ótimas Unidades** – três Batalhões de Aviação, um Centro de Instrução, um Batalhão de Manutenção e uma Base Administrativa – **todas trabalhando muito bem, mas de “costas” uma para as outras**. Lembrei-me da Bda Inf Pqdt nos anos 70, onde tínhamos até problemas entre as Unidades e não o desejável espírito de Grande Unidade.

A **primeira decisão foi que uma vez por semana faríamos uma corrida em forma com toda a Aviação**. O Centro de Taubaté ficava a 5km da Aviação com a Rodovia Presidente Dutra no itinerário. Fiz um reconhecimento correndo com meus oficiais do Estado-Maior, havia um viaduto que permitia cruzar a Dutra e atingir o centro da cidade. **As ruas eram estreitas, o efetivo seria de cerca de mil militares, o trânsito ia engarrafar um pouco, mas o grande objetivo da integração seria cumprido**. Dei 30 dias para todos estarem em condições de correr **10km** e avisei que faríamos numa cadência lenta para que a grande maioria pudesse concluir.

Nossa Banda tocava na nossa saída às 7h, pegava nosso ônibus, descia na Praça Central, começava a tocar às 7h25, a tropa passava às 7h30, entrava no ônibus de novo e nos recebia na chegada à Aviação.

A **corrida** passou a ser uma **atração** na cidade, os colégios interrompiam momentaneamente as aulas e a população apoiava.



Corrida semanal de 10km ao Centro de Taubaté – 2000 a 2002

Outro fato que eu percebi é que a Aviação, como uma “Tropa Especial”, **tinha que ter um Brado e uma Oração**. Criamos o Brado de “Aviação” que tinha que ser falado dentro e fora da Aviação e fizemos um **Concurso** para selecionar a Oração. Um Capitão foi o vencedor e, a **partir de então, nossas Cerimônias começavam com a Oração citada em trechos por um militar e respondida por toda a tropa**.



Tradição conquistada – Oração da Aviação ao iniciar as Cerimônias

### ORAÇÃO DA AVIAÇÃO

"Esta oração evoca a inquebrantável fé em Deus e o acendrado sentimento religioso do homem brasileiro. Clama pela proteção divina, mas principalmente, agradece ao Senhor os dons concedidos a nós, soldados, que nos permitem, em defesa de nossa Pátria, cumprir a nobre missão de voar!"

### ORAÇÃO DA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO

Letra: Cap Paulo Roberto Jacques Nunes Seixas

SENHOR,  
VÓS QUE TUDO CRIASTES,  
E A QUEM TODOS DEVEMOS A VIDA,  
NÓS VOS LOUVAMOS, Ó DEUS,  
PELO DOM SUBLIME DOS PÁSSAROS  
E VOS ROGAMOS SENHOR,  
DAI-NOS NO CAMPO DE BATALHA,  
O VOO FIRME E SEGURO DA ÁGUA,  
CONCEDEI-NOS ANTE O INIMIGO,  
A CORAGEM DE RICARDO KIRK,  
E ANTE AS NOSSAS VAIDADES,  
A PRUDÊNCIA DE DÉDALO  
E MANTENDE AGESA EM NOSSOS CORAÇÕES,  
A CHAMA DO IDEAL DE ÍCARO!  
DAI-NOS POR FIM, Ó DEUS,  
ANTE AS NOSSAS FRAQUEZAS,  
A VOSSA FORÇA!  
AVIAÇÃO!!!  
BRASIL!!!

Texto da Oração da Aviação do Exército - 2000

Estas “simples” atitudes **mudaram o espírito da Aviação** e começamos a sentir os positivos resultados.

**Outro fato que percebi**, também pela experiência na Bda Inf Pqdt, **era o baixo número de oficiais de Aviação com o Curso de Estado-Maior**. Eu possuía um excepcional número quantitativo e qualitativo de oficiais, entre 150 e 200 e quase ninguém com este importante Curso para a carreira ou com intenção de realizá-lo. Os Capitães / Majores ficavam tão envolvidos e motivados no que estavam fazendo que a **prioridade do curso acabava sendo adiada ou não realizada**. Confirmei minha impressão com o **Coronel Wanderlei** e mandei reunir todos os oficiais da Aviação em um hangar. Comecei falando da minha experiência, em que vi vários excelentes oficiais não fazerem o curso e deixarem de ter melhores chances profissionais, que havia ali um recurso humano importante para o Exército e que a estrutura da Aviação facilitava o estudo e discussão em grupo.



Reunião com todos os Oficiais da Aviação - 2000

Mandei levantar a mão quem estava em condições de prestar o Concurso e mais de 50 se apresentaram. **Disse-lhes que a matrícula seria obrigatória**, mesmo que não tivessem esta prioridade e que os oficiais que já possuíam o Curso seriam seus “orientadores”. A cobrança ficou permanente, o ambiente de estudo pegou ritmo e **naquele ano, foram aprovados 12 Oficiais, um número extraordinário**.

No ano seguinte passaram outros 10 Oficiais e nestes últimos 20 anos sempre houveram aprovados da Aviação. **Vários Capitães/Majores da minha época, são hoje, Oficiais-Generais, o que comprova a decisão acertada e oportuna.**

**Outro fato interessante** foi que tínhamos três Batalhões de Aviação operacionais, mas com estruturas diferentes de Aeronaves e somente um deles estava com os helicópteros armados de Metralhadoras Pesadas e Foguetes. **Era uma situação cômoda, mas não operacional**, uma vez que os Batalhões tinham que ter as mesmas capacidades e os mesmos tipos de aeronaves. Mais uma vez conversei com o Coronel Wanderlei, ele me deu razão e levantou alguns óbices logísticos, mas não impeditivos.

**Convoquei uma reunião com todo meu Estado-Maior e os Comandantes de Unidades e lancei a sugestão.** Como previsto, as discussões aconteceram porque ambas as linhas de ação tinham **vantagens e desvantagens**. Interrompi a discussão, mostrei para eles **que nosso futuro dependia da nossa real operacionalidade e não somente voar**, que tínhamos que parar de falar de helicóptero e sim de **“Unidades de Helicópteros”**. Assim sendo, nossos batalhões teriam que ter as mesmas capacidades e teríamos até 60 dias para os devidos remanejamentos de pessoal e material.



Aviação do Exército – Vetor operacional e logístico essencial em qualquer missão - 2000



Esta **decisão teve resultados expressivos** graças ao recurso humano competente e ao comprometimento de todos em cumprir a missão.

Com poucos dias no Comando chamou-me a atenção a figura ímpar do **Patrono da Aviação do Exército - Capitão Ricardo Kirk** – e fiquei impressionado. Foi o **primeiro piloto do Brasil** fazendo o **curso na França em 1912**, somente seis anos depois do Santos Dumont realizar seu voo histórico com o 14 BIS; **fundou a Escola de Aviação no Campo dos Afonsos/RJ em 1913**; empregou o meio aéreo na **Campanha do Contestado em 1914** e **veio a falecer nesta campanha em 1915**, quando a sua aeronave caiu face às condições meteorológicas. **Nosso Patrono foi muito bem escolhido e precisava ser mais cultuado**. Fui ainda informado que o local da queda da aeronave, perto de Porto União / SC, estava sinalizado e que ele tinha uma neta e bisneta que moravam em Niterói / RJ.

**Não tínhamos um Busto padrão do nosso Patrono** e liguei para o amigo-irmão e meu conterrâneo, **General Aragão, Diretor do Arsenal de Guerra**. Disse que faria o Busto, que somente precisava de uma foto adequada. Conseguimos uma foto e solicitei que **fizesse dois Bustos, porque iria colocar um no Comando da Aviação do Exército e o outro no local da sua queda em Porto União / SC**. Fizemos o reconhecimento em Porto União, solicitei o apoio do

Coronel Comandante do nosso Batalhão de Engenharia naquela cidade, ampliamos o local, melhoramos e sinalizamos o acesso, e envolvemos também o **Prefeito** porque o local seria colocado como **ponto turístico** da região.

Fizemos contato com os **familiares** e meses depois inauguramos o Busto e as



Familiares, neta e bisneta do Patrono  
Ricardo Kirk - 2000



melhorias em Porto União numa formal **Cerimônia**. **Levamos os militares da Aviação de ônibus e um Helicóptero pairou no local no momento do emocionante evento.**

Esta **Tradição** também foi mantida até os dias de hoje nesta justa homenagem ao nosso Patrono Ricardo Kirk.



**Cerimônia no Monumento em homenagem ao Patrono Ricardo Kirk –  
Porto União / SC - 2000**

Não posso deixar de destacar um **fato pessoal** e muito significativo para toda nossa família. Em 16 de dezembro de 2000, **nossa filha casava-se em Salvador com o Tenente Gustavo**, numa cerimônia celebrada pelo amigo e Arcebispo Militar do Brasil, **Dom Ávila** e começando um novo ciclo em nossas vidas. Hoje, com 21 anos de casada, temos de presente **dois lindos netos, Carlos Eduardo e Leonardo.**

Mais uma vez contamos com a amizade e presença do Dom Ávila, Arcebispo Militar do Brasil, na nossa **Páscoa**. Da mesma forma que fizemos em Tefé, inauguramos mais um **Oratório** da Nossa Senhora de Schoenstatt. A Aviação já



**Casamento da nossa filha Ana  
Helena – 16 dezembro de 2000**

possuía uma bonita Capela e trouxe o Padre que estava em Tefé conosco. **A fé é uma companhia essencial nas nossas vidas pessoal e profissional.**



Aviação do Exército – Páscoa dos Militares e Inauguração do Oratório de Nossa Senhora de Schoenstatt – 2001

**Outro fato interessante**, que merece ser colocado no livro, foi a determinação do Estado-Maior do Exército para que eu visitasse a **Aviação do Exército Argentino e, em seguida, recebesse o Comandante Argentino no Brasil**. Nossa relação com a Argentina é muito antiga, particularmente no intercâmbio nível Curso de Estado-Maior, mas desconhecíamos a sua Aviação do Exército.

Nossa **Comitiva foi excepcionalmente bem recebida** e com uma agenda muito bem planejada. **Infelizmente**, nas palavras do seu **General comandante**, os últimos anos tinham sido muito difíceis e com uma **canibalização contínua dos meios aéreos**. Possuíam mais de 15 modelos diferentes de aeronaves, com uma média de idade superior a 15 anos e sem perspectivas de curto prazo. **O ponto alto deles era seu recurso humano**, Oficiais pilotos e Sargentos mecânicos de alto nível, alguns com experiência das Malvinas e que mantinham a motivação e os meios aéreos voando.



Visita à Aviação do Exército Argentino – 2001

Pouco tempo depois, tivemos o prazer de recebê-los em **Taubaté** e retribuir a atenção dispensada à nossa Comitiva. Sabia que ele ficaria impressionado com a nossa “nova” Aviação do Exército, outros países têm uma Aviação maior, mas não é orgânica do Exército e sim do Ministério da Defesa. **Neste foco, de orgânica do Exército, somos uma das maiores do mundo.**

Além de mostrarmos a Aviação do Exército em Taubaté, fizemos uma visita à AMAN, Unidades no Rio de Janeiro e algumas atividades turísticas.

Foi uma excelente oportunidade que tivemos de fortalecer nossos laços de amizade, trocar ideias e ensinamentos e mostrar nossa capacidade dissuasória.



Visita do Comandante de Aviação do Exército Argentino – 2001



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visita do Comandante de Aviação do Exército Argentino – 2001

A **rotina diária** da Aviação do Exército era **muito intensa** e diversificada, diferentes  **cursos** durante todo o ano, plano de **manutenção** rígido e exemplar, **emprego** em diferentes regiões do País, presença sistemática ao nosso 4º Batalhão de Aviação desdobrado em **Manaus**, confraternizações e missões não planejadas.

**Destaco duas delas por diferentes e válidos motivos.** A **primeira** porque nem todos que estão lendo o livro sabem que nossos primeiros pilotos e mecânicos foram **formados pela Marinha e Força Aérea** Brasileira, cerca de 15 anos depois éramos totalmente independentes, mas mantínhamos laços de fraterna amizade e troca de conhecimentos, especialmente com a Marinha em sua Base de São Pedro da Aldeia. Por uma feliz coincidência, o **Almirante Castro Pulga**, Comandante da Base, ia passar o comando e iria para a reserva. Tinha sido por sete anos aluno do nosso Colégio Militar do Rio de Janeiro e resolvi fazer uma **Cerimônia formal** para ele. Convidei-o para vir almoçar com seu Estado-Maior e quando ele pousou, toda nossa Aviação estava em forma para homenageá-lo. Foi uma **total surpresa**, demos uma lembrança da nossa Aviação e ele não resistiu à emoção ao agradecer.



Homenagem da Aviação do Exército nas despedidas do Almirante Castro Pulga, Comandante da Base de São Pedro da Aldeia – 2001

**A segunda porque, mais uma vez, tinha contato com o Presidente da República em outra diferente função.** Por alguma razão, o helicóptero presidencial não podia levá-lo de Congonhas para o seu sítio em Ibiúna e o Exército determinou que nossa Aviação o conduzisse. Como era a primeira missão sob o meu Comando, estive presente na sua chegada para cumprimentá-lo.



Aviação do Exército - Apoio ao Presidente da República e esposa – 2001



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Tivemos a sorte de estar no Comando da Aviação do Exército em 2001, ano que estava “debutando” e planejamos uma extensa programação de festividades, culminando num Baile de Gala pelos seus **15 anos de existência**. Foi um **fato significativo** que envolveu competições esportivas, visitas escolares, exposição da Aviação para a população, Cerimônia Militar e desfile de Aeronaves.

Convidamos todas as autoridades que estiveram envolvidas na sua Criação. **O Ex-Presidente José Sarney** confirmou presença, mas sua mãe faleceu na véspera da Cerimônia e o **General Leônidas** participou da Solenidade Militar, mas não pode ficar para o Baile.



Baile de Gala pelos 15 Anos da Aviação do Exército – Generais Rech, Lessa, Ex-Ministro General Tinoco e General Fajardo - 2001

**Merece também registro um fato que envolvia aquisições de novas aeronaves e suas consequências.** Fui informado que o Exército compraria da França oito Helicópteros Cougar, muito válido porque precisávamos de helicópteros com maior capacidade de carga e receberíamos cerca 1,5 milhão de reais para fazer um novo hangar.

Conversando com meus oficiais do Estado-Maior e Comandantes, mostrei-lhes meu ponto de vista, que **Unidades Especiais**

**devem ser centralizadas o máximo possível para melhor adestramento e emprego.** Complementei que como somos um país continental, o desmembramento do **4º BAVEX em Manaus foi uma correta decisão**, em virtude da prioridade estratégica da região.

Falei então que, com a notícia da compra dos Cougar e da construção do hangar, tive uma **ideia e queria compartilhar e discutir com eles.** Disse-lhes que a nossa **região Oeste**, seria, no futuro, mais problemática do que a Amazônia, por causa dos **milhares de km de linha seca**, fácil acesso e pouca presença de nossas tropas. Informei então que tinha uma sugestão a ser discutida com o Chefe do Estado-Maior do Exército (**EME**) e queria a opinião deles. **Em resumo**, era o seguinte: **com este recurso, construiríamos o hangar em Campo Grande, levaríamos o 3º BAVEX de Taubaté para lá e seu hangar em Taubaté ficaria disponível para os novos Cougar.** Concluí dizendo que este desdobramento permitiria o emprego imediato nas áreas mais remotas e os dois Batalhões de Taubaté seriam empregados na área leste do País, prioritariamente. Foi uma ótima discussão e a **linha de ação aprovada em nosso nível.**



Aviação do Exército - Visita do General Marcelo,  
Chefe do Estado-Maior do Exército – 2001

Aproveitei a visita do **General Marcelo** à Aviação e conversei longamente com ele. Havia colhido um **dado muito positivo**, que era a real possibilidade de construir o **Hangar ao lado da**

**Base Aérea de Campo Grande, área da União**, do outro lado da pista do **Aeroporto** e que permitiria utilizar os controles de voo e as estruturas de emergência já existentes. Solicitei autorização para fazer uma **viagem de reconhecimento** para concluir da viabilidade ou não da linha de ação e ele aprovou.

**O reconhecimento foi excelente**, o General Comandante Militar do Oeste (CMO) ficou entusiasmado porque sua capacidade operacional aumentaria exponencialmente, o **Coronel Comandante da Base Aérea achou ótima a ideia e sugeriu uma localização ainda melhor**. Falou que a Força Aérea tinha um projeto de expansão e nos mostrou uma semelhante área, mas do outro lado da pista, ou seja, ao lado do Aeroporto e ainda mais próximo das estruturas de emergência.

O General Comandante do CMO disse que sua Comissão Regional de Obras poderia fazer o Projeto e fiquei de entrar em contato com o EME.

Claro que era um Projeto de médio / longo prazos, demorou mais do que o previsto, mas **anos depois o 3º BAVEX foi inaugurado em Campo Grande, em uma estrutura muito melhor do que a inicialmente planejada**. Estávamos em outras funções, mas nos orgulhamos muito quando vimos aquela **ideia de 2001 tornar-se realidade**.



3º BAVEX – Novas instalações em Campo Grande – Aeroporto acima à esquerda e Base Aérea acima à direita – Dias atuais.

**Ao final do ano de 2001, tivemos a informação de que iria para Brasília para assumir o cargo de Diretor de Avaliação e Promoções do Exército.**

O mês de janeiro foi de intensas visitas, despedidas e preparação da Cerimônia de Passagem de Comando.



**Cerimônia de Passagem de Comando da Aviação do Exército – Fevereiro 2002**



**Ato formal da Passagem de Comando e entrega de lembrança pelo Comandante Militar do Sudeste, General Albuquerque – 2002**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Ato formal da Passagem de Comando e entrega de lembrança pelo Comandante Militar do Sudeste, General Albuquerque – 2002

Os dois anos passados na Aviação do Exército aumentaram em muito meu conhecimento numa área nova de emprego e essencial na atual conjuntura mundial. Fiquei **muito feliz com os resultados** alcançados face às ideias e os **fatos** aqui narrados, tive a certeza de que **havia conseguido integrar** aquelas excelentes Unidades da Aviação **em um Grande Comando Operacional e Logístico, cultuando seu Patrono, suas Tradições, seus Valores e voltados para seu estratégico emprego em todo o território nacional.**



**PARTE XXV**

**DIRETORIA DE  
AVALIAÇÃO E  
PROMOÇÕES  
(BRASILIA/DF)  
(2002 – 2004)**



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Assunção do Cargo de Diretor de Avaliação e Promoções – Brasília / DF - 2002**



**D**epois de ter duas excepcionais oportunidades operacionais na 16ª Bda Inf SI (Tefé) e no CAVEX (Taubaté), viveria nos próximos dois ou três anos uma inesquecível e diferente lição ao **lidar diretamente com o maior valor da nossa Instituição, o seu Recurso Humano.**

Mais uma vez é muito válido e oportuno fazer algumas essenciais observações sobre a **DAPROM** para que **todos entendam os fatos que vou narrar** e possam melhor compreender a importância deles.

Como o próprio nome da Diretoria indica, ela é responsável por duas importantes e sensíveis **missões que envolvem todos os Oficiais e Sargentos de Carreira do Exército, totalizando mais de 50 mil militares.**

A **primeira missão, Avaliação**, era uma ferramenta essencial para formarmos um conhecimento baseado na **Meritocracia** e largamente **empregado em grandes Instituições, Civis e Militares.** Qualquer atividade ligada a análise de um recurso humano exige muito cuidado, detalhe, aperfeiçoamento e continuidade. Ao longo das últimas décadas, nosso Sistema de Avaliação continua sendo aperfeiçoado e foi com muita satisfação que **constatei sua positiva evolução.**

Como vocês leram, quando servi no Gabinete do Ministro de **1990 a 1992**, uma das minhas responsabilidades era o planejamento e execução do Processo de Seleção dos Comandantes de Unidades. **Obrigatoriamente ia à Diretoria de Cadastro e Avaliação** (nome em 1990) para obter todos os dados disponíveis para compor a **Análise de Mérito** de todos os oficiais relacionados para Comando. Ainda não tínhamos o pleno uso do computador, o número de dados não era grande, mas o **trabalho imparcial e meritório tinha bons resultados.**

Ao **retornar** a lidar diretamente com problemas de Mérito **10 anos depois**, foi bem mais fácil ver a evolução e os resultados, particularmente pelo mais amplo emprego do computador.

Solicitei de imediato aos meus Chefes de Seções explicações detalhadas e objetivas para melhor entender as nossas sensíveis missões.

A **Avaliação (Perfil)** naquela época era **semestral**, frequência adequada e usada mundialmente, assim como a **Anual**. Desta forma, um militar chegaria aos 30 anos de serviço com 30 ou 60 avaliações.

Como previsto, havia **críticas ao Processo**, algumas válidas, mas a grande justificativa era perguntar “**como seria uma Análise de Mérito sem Avaliação?**”. Cabia, portanto, analisar as críticas e continuar melhorando o Sistema. Foi neste contexto que vimos que estava na hora de uma melhoria mais ampla no Processo e destaco os **fatos mais significativos**.

O Chefe do Departamento Geral do Pessoal, **General Montedônio**, conhecia muito bem a política de pessoal do Exército, concordou com as sugestões apresentadas e autorizou sua implementação.

O **primeiro fato** foi que precisávamos “**simplificar**” os documentos de avaliação do **Perfil** que iriam para os **Avaliadores** nas quase 800 Unidades espalhadas em todo o território nacional. Colocamos então **frases mais objetivas e reduzimos a quantidade de itens**.

**Outro fato importante** é que a Conclusão da Avaliação (Perfil) estava na **base cinco**, quando tudo na nossa vida é na **base 10**. Além disso, **não havia graus decimais, o que resultava em um acúmulo indesejado de valores iguais**. Passamos então para base 10 e com valores decimais intermediários, fizemos uma ampla e antecipada informação aos Avaliadores, realizamos a primeira avaliação e os **resultados foram muito positivos**.

Outra importante ferramenta de Avaliação que mereceu atenção foi a “**Valorização do Mérito**”. Ela tinha o objetivo de **pontuar fatos importantes da carreira**, mas estava tendo uma tendência quantitativa e **desviando do seu objetivo** específico. Havia sugestões de **pontuar as Medalhas**, mas havia dezenas, algumas mais representativas do que outras por uma razão meritória e **selecionamos muito poucas**. Outras sugestões de **pontuar**

**Cursos**, que também restringimos somente para aqueles de **interesse da Instituição**. Chegaram até sugestões de **pontuar funções** como Comando, Adidos e que **não era o caso**, pois exatamente por causa do Processo Meritório, no qual estava a Valorização do Mérito, é que aquele Oficial ou Sargento foi escolhido para a missão.

A evolução do emprego do **computador** permitiu a integração de dados e a comparação de várias formas e decisões muito mais consistentes. **Em 1990, tínhamos uma meia dúzia de dados para análise e em 2002 cerca 15 ou mais.**

O trabalho da **DAPROM** exigia de todos um **rígido calendário, uma execução sem erros e uma utilização diária pelo Exército dos seus “produtos”**.

A **segunda missão, Promoções**, era absolutamente **estratégica** porque envolvia todo nosso efetivo profissional e, sem dúvida, era um importante fator de motivação e realização pessoal que **refletia em toda nossa Instituição**. É **oportuno** resumir o Sistema de Promoções do Exército. Temos anualmente três períodos de promoção de **Oficiais Gerais** (março, julho e novembro); três de promoção de **Oficiais** (abril, agosto e dezembro); e dois de promoção de **Sargentos** (julho e dezembro). Podem perceber que os **trabalhos da DAPROM** para cumprir a segunda missão, da mesma forma que a primeira, exigia sua atenção e responsabilidades nos **365 dias do ano**.

Vamos primeiro destacar os  **fatos** mais importantes e curiosos nas promoções de **Oficiais Gerais e Oficiais** e depois nas promoções de **Sargentos**.

As Forças Armadas têm uma antiga e excelente Lei chamada “Lei de Promoções de Oficiais” (LPO) e cada Força fez a sua devida Regulamentação. Estes Documentos criam a **Comissão de Promoções de Oficiais (CPO) como o órgão responsável, dentro de cada Força**. No Exército, esta Comissão é composta por **15 Oficiais Gerais** que servem em Brasília, o **Presidente** da CPO é o General Chefe do Estado-Maior do Exército (**EME**) e o General Diretor da DAPROM seu **Secretário**.



Toda a **documentação** que a Comissão de Promoções precisava para avaliar, votar e promover, era **feita pela DAPROM** e as **reuniões** eram obrigatoriamente realizadas numa **sala exclusiva em suas dependências**.

Tive o **privilégio** de ser o responsável por este funcionamento e de comprovar a seriedade e eficiência dos integrantes da CPO.



DAPROM – Sala exclusiva para reuniões da Comissão de Promoções de Oficiais (CPO)

Comentávamos como era válido o ensinamento e gratificante a experiência de ter sido um Oficial General membro da CPO. Procurávamos **facilitar ao máximo o trabalho** dos Oficiais Generais da CPO fornecendo-lhes uma **organizada e ilustrada documentação** e com bastante **antecedência** das reuniões programadas. Esta rotina era plenamente executada pela CPO nas promoções de Capitão até Coronel.

Um **fato** muito importante que aconteceu foi a **modernização da Sala da CPO**. Graças à nossa equipe de informática, foi desenvolvido, implantado e integrado um **novo sistema de votação nos Laptops de cada Oficial General, além de todas as informações necessárias**. Nossas reuniões ficaram mais práticas e com uma redução de tempo de quase 50%.

Para a **promoção de Coronel a General de Brigada**, o trabalho era também todo executado pela CPO, mas por Lei, o critério da promoção era por Escolha do Alto Comando do Exército (ACE). O Presidente da CPO era um dos membros do ACE, alguns membros

eram designados “Relatores” e a **DAPROM** entregava para eles toda a documentação com as propostas da CPO.

**Alonguei-me** intencionalmente para que todos, especialmente os **civis**, tivessem conhecimento da importância e do **valor que o Exército dispensa à valorização do seu recurso humano**.

Um **fato** que me chamou a atenção foi que a Comissão de Promoções de Oficiais (CPO) existia desde o Império e a Comissão de Promoções de Sargentos (**CPS**) **era muito acanhada e para promover um efetivo três ou quatro vezes maior e mais heterogêneo**. Para vocês terem uma ideia, os **Oficiais tinham sete especializações** (grupos diferentes para promoção) e um efetivo estável de formandos na AMAN, enquanto os **Sargentos tinham quase 20 especializações** e um efetivo muito variado de formandos na Escola de Sargentos (EsSA).

Após um detalhado estudo e aprovação do General Montedônio, resolvemos **implantar a CPS exatamente nos mesmos moldes da CPO**. Assim é que na CPO tínhamos **15 Oficiais Gerais**, na CPS colocamos **15 Coronéis**, na CPO os Oficiais Gerais tinham Coronéis Auxiliares e colocamos na CPS Subtenentes Auxiliares.

**Outro fato importante** foi que também conseguimos **igualar os parâmetros** das avaliações para as Promoções. Desta forma, a sistemática de promoção por Merecimento de **Capitão para Major** ficou a mesma para promoção por Merecimento de **3º para 2º Sargento**; a sistemática de promoção por Merecimento de **Major para Tenente Coronel** ficou a mesma para promoção por Merecimento de **2º para 1º Sargento**; e a sistemática de promoção por Merecimento ao último posto da carreira do Oficial (**Coronel**) ficou a mesma para promoção por Merecimento ao último posto da carreira do Sargento (**Subtenente**).

Criamos também uma **sala exclusiva para as reuniões da CPS, semelhante à da CPO, inclusive usando semelhantes computadores e o mesmo sistema de votação**.



DAPROM – Sala exclusiva para reuniões da Comissão de Promoções de Sargentos (CPS)

**Faltava** ainda uma **decisão fundamental** e que extrapolava as atribuições do DGP. Era uma decisão do Estado-Maior do Exército (EME) porque envolvia mudança no estratégico “**Fluxo da Carreira**”. Mostramos ao EME que cada **Turma de Oficiais**, formandos da AMAN, **era promovida em cinco reuniões e levava quase dois anos**. Nossa **sugestão** era que cada **Turma de Sargentos**, formandos da EsSA, **fosse promovida em quatro reuniões e levando dois anos**, independente do seu efetivo.

Mostramos que isto ajustaria o **Fluxo**, a nova CPS daria mais **credibilidade** e haveria uma natural **motivação** para o nosso excelente recurso humano dos Sargentos.

O EME **aprovou**, passamos cerca de **dois meses instruindo e treinando os Coronéis** selecionados nos detalhes de procedimentos de uma Comissão de Promoção e o **Exército fez uma ampla e oportuna divulgação**. Foi com muita vibração que vimos os excelentes resultados desde as primeiras reuniões, o processo sempre aperfeiçoado e em vigor até os dias de hoje. **Talvez este tenha sido o fato mais significativo para o Exército e que tive o privilégio de participar**.

Em 2003, vivi também **dois especiais fatos**. O primeiro foi a escolha pelo Alto Comando do Exército me promovendo ao posto de **General de Divisão**.



Promoção à  
General de Divisão  
– Cumprimentos  
do Comandante  
do Exército e do  
Presidente da  
República – 2003



O **segundo fato especial** foi o casamento do nosso filho Elito Júnior com a Agnes em Aracaju, consolidando o novo ciclo dos nossos filhos. Hoje, com 18 anos de casados, **também nos deram de presente dois lindos netos, Lucas e Nicole**



Casamento do nosso filho Elito Júnior –  
2 de maio de 2003

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

O ano de 2004 corria muito bem fruto do excelente trabalho dos integrantes da DAPROM e do ótimo ambiente no DGP.



Oficiais Gerais do DGP – Chefe, General Montedônio – 2004

No segundo semestre fui premiado com a **excepcional notícia de que iria comandar a 6ª Região Militar** com sede em Salvador e com responsabilidades nos Estados da Bahia e Sergipe.

Minha passagem na **DAPROM** foi uma **grande lição real** da importância do **Mérito** na seleção e motivação de qualquer recurso humano e o conseqüente **sucesso do Exército e de qualquer Instituição**.



# PARTE XXVI

## COMANDANTE DA 6ª REGIÃO MILITAR (SALVADOR/BA) (2004 – 2006)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Assunção de Comando da 6ª Região Militar



**R**etornar a Salvador como **General Comandante da 6ª Região Militar**, 45 anos depois de ter chegado para ser aluno do Colégio Militar, me enchia de orgulho e de agradecimento a Deus.

Como todos leram, tive rápidas passagens por Salvador como Tenente e Major e por Aracaju como Coronel. Foram especiais, mas voltar como General e ter como responsabilidade meus dois Estados de origem e de coração, **era um privilégio e um fato inusitado**. Dos meus 47 anos no Exército, trabalhei cerca de sete anos nos Comandos da Bahia e Sergipe.

Para continuar sendo coerente com o objetivo do livro, resumirei  **fatos** ocorridos neste período, mas com uma dose a mais **de lembranças, de amizades, de realizações e de motivações**.

O primeiro **fato** que destaco foi da nossa **assunção de Comando, realizada no mesmo pátio do então Colégio Militar de Salvador** quando se mudou para o bairro da Pituba, em 1961. Outra situação especial foi a presença de dezenas de **familiares e amigos** que vieram de **Sergipe** para nos cumprimentar. Muito gratificante foi também rever amigos políticos como o Senador **Antônio Carlos Magalhães** e o Governador de Sergipe **João Alves Filho**, além de ex-colegas do Colégio Militar, alguns dos quais não via há mais de 40 anos.



Assunção de Comando da 6ª Região Militar – Salvador / BA – Dezembro de 2004

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Vista da Tropa formada e a presença do amigo, Governador de Sergipe, João Alves Filho – 2004

Como já conhecia as áreas da Bahia e Sergipe, havia comandado o 28º Batalhão de Caçadores de Sergipe e conhecia quase todas as nossas Unidades, tinha uma boa ideia das prioridades que devia ter, mantendo sempre a **Prioridade 1, o Adestramento / Emprego**. Marcamos uma imediata Reunião com todos meus Comandantes/Chefes/Diretores, um fato natural, mas essencial, onde dei uma visão geral do que pensava e da Prioridade 1.



6ª RM - 1ª Reunião de Cmt - Prioridade 1 – Adestramento/Emprego - 2005

Como estávamos no início do ano letivo, fui ao Colégio Militar para a Cerimônia de Abertura e Entrada dos Novos Alunos. Era uma rotina anual, mas **para mim era um fato especial porque há 45 anos era um novo aluno neste mesmo Colégio**.

PARTE XXVI – COMANDANTE DA 6ª REGIÃO MILITAR  
(SALVADOR/BA) (2004 – 2006)



6ª RM – Entrada dos novos alunos no Colégio Militar de Salvador – 2005



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Abril se aproximava e teríamos o importante fato do **Dia do Exército**. Paralelo às tradicionais comemorações, demos **ênfase** à maior divulgação possível no **meio civil**. As imagens abaixo registram a nossa formal Cerimônia, a presença do Exército em um Shopping e a corrida com mais de mil participantes.



6ª RM - Dia do Exército – 19 de abril de 2005



6ª RM - Semana do Exército - Exposição Shopping e Corrida 10km – Abril de 2005

Um **fato bastante interessante** era uma **tradição** que havia no meu tempo de Major (21 anos atrás) no **Forte São Diogo**, um monumento histórico de Salvador, situado numa posição estratégica na entrada da Baía de Todos os Santos, localizado no **famoso Porto da Barra**, onde desembarcou Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do Brasil, em 1549 e administrado pelo Exército.

A tradição era que todos os dias, ao **meio-dia**, havia um  **tiro de canhão por militares em uniformes da época**. Este tiro **simbolizava** a maneira como foi anunciada a **saída das naus portuguesas** pela Baía de Todos os Santos em **2 julho de 1823**, data em que se comemora a **Independência da Bahia**. Esta tradição já constava no roteiro turístico de Salvador e as pessoas podiam assistir ao Cerimonial dos militares.



6ª RM – Forte  
São Diogo e a  
Baía de Todos  
os Santos –  
Salvador/ BA

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Quando perguntei pela tradição fui informado que tinha sido **suspensa** por falta de pólvora para preparar a “esfera” (munição de festim). Conseguimos uma ótima quantidade de pólvora e mandei **reativar a Cerimônia com um aperfeiçoamento**.



6ª RM – Forte Monte Serrat – Salvador / BA

Tínhamos a responsabilidade de manutenção outro belíssimo Forte, também na Baía de Todos os Santos, chamado **Monte Serrat** e próximo de um dos pontos turísticos mais famosos de Salvador, a **Igreja do Senhor do Bonfim**. Como havia um segundo canhão da época em condições e pólvora suficiente, decidimos que faríamos **dois tiros simultâneos todos os dias, um de cada Forte**.



6ªRM - Tradição recuperada – Tiro ao meio-dia dos Fortes São Diogo e Monte Serrat – 2005

O **efeito positivo** foi imediato em todos os níveis. Retornou ao roteiro turístico, os Fortes aumentaram o número de visitantes e o **Exército** reconhecido pelo seu trabalho em **preservar tradições e valores**.

A 6ª RM tem o **Hospital Militar mais antigo do Brasil** e que precisava de atenção permanente. Uma das suas maiores deficiências era o pouco número de leitos e partimos para uma obra emergencial de fazer uma nova ala de suítes com cerca de 16 novos apartamentos. Este é um **fato** que merece registro pelos benefícios trazidos para a família militar e pelo **exemplo de amizade e sensibilidade** do General Montedônio em nos enviar os recursos necessários.



6ª RM – Inauguração de nova ala de apartamentos  
no Hospital Militar – 2005



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Quase todos os anos são realizados **Campeonatos de Tênis das Forças Armadas** em alguma capital de estado do Brasil. Quando me perguntaram se Salvador podia sediar, dei o positivo imediatamente. Lembrei que nas finais do Campeonato havia paralelo um **Torneio VIP de civis e militares (Juizes, Ministros, Generais, Almirantes, Brigadeiros)** e sugeri à organização do Ministério da Defesa que trouxesse também esses jogadores.

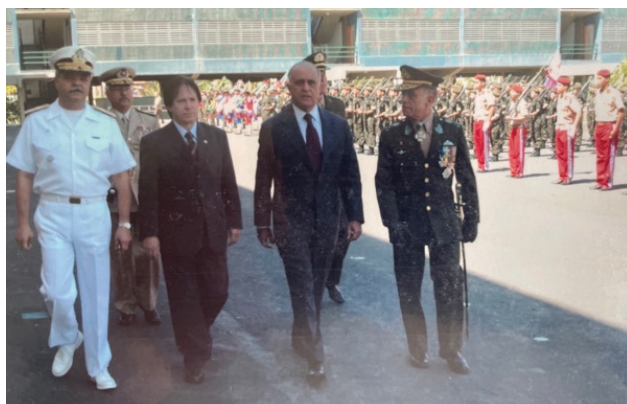
Cito este **fato** porque relaciona o **esporte com a amizade e a confraternização entre Instituições** e destaco a presença do então Comandante do Exército, **General Albuquerque**.



Torneio VIP de Tênis paralelo às finais do Campeonato de Tênis das Forças Armadas – Salvador / BA – 2005



Não podia deixar de destacar **fatos** ligados às nossas **datas magnas** porque suas comemorações forjam o **espírito cívico** que todo cidadão deve ter e cultivar. As imagens abaixo destacam a **Semana do Soldado e o Dia da Independência**.



6ª RM - Cerimônias  
Cívicas – Dia do  
Soldado e Dia da  
Independência  
– Presença do  
Governador Paulo  
Souto – 2005



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Um dos **fatos** mais esperados pelas nossas Unidades era a Semana da **Olimpíada da 6ª Região Militar**. Havia uma **sa-lutar disputa** entre elas para ver quem seria campeão, várias oportunidades de **confraternização** e formação de novas **amizades**.

Trouxemos todas as representações para **Salvador** e vivemos uma semana especial.



Olimpíadas da 6ª RM - Cerimônias de Abertura e Encerramento – 2005

Concluimos o ano de 2005 com resultados bastante positivos nos aspectos operacionais e administrativos, celebramos as Festas de Final de Ano com a Tropa, nossos familiares e amigos e nos preparamos para um Feliz Ano Novo.

Começamos muito bem, recebendo nossa querida **filha** em 3 de janeiro de 2006, grávida de sete meses do nosso **primeiro neto**, para nascer em Salvador.

Amigos que estão lendo este livro, **o que narrarei a seguir são fatos que me marcaram profundamente, com várias lições para todos nós e que jamais pensei viver e enfrentar.**

No dia 7 de janeiro de 2006, sábado, mais ou menos às 11h horas, estava no nosso “clube” de Amaralina jogando dupla de vôlei na areia, quando meu celular tocou. Era o **General Heleno**, trabalhava na época no Gabinete do Comandante do Exército e sintetizo o que ele me falou: **“Elito, você é uma das primeiras pessoas que estou ligando porque sei da sua grande amizade**

**com o General Bacellar, ele acaba de falecer no Haiti com um tiro fatal.** Não sabemos ainda detalhes e tenho que desligar para continuar vendo esta emergência e fatalidade.”

Especialmente para os amigos civis é **oportuno falar um pouco do amigo-irmão Bacellar.** Ele, eu e o Heleno somos da mesma Turma da AMAN, paraquedistas, tivemos vários momentos juntos e destaque nossos dois anos cursando a ECEME quando nós e nossas famílias morávamos no mesmo bairro do Grajaú, no Rio de Janeiro. **Durante aqueles dois anos, diariamente, íamos e voltávamos juntos da ECEME,** além de nos reunirmos para discussão de temas e estudo para as provas.

Após o impacto do telefonema do Heleno paramos com tudo e fui falar com **Graça,** que estava também em Amaralina, conversando com outras senhoras. **Ela e Maria Inês, esposa do Bacellar, eram muito amigas** e tomou um choque quando contei o que havia acontecido. Cancelamos o almoço, voltamos para nossa casa, consegui falar um pouco com Maria Inês e **disse-lhe que iria para o Rio de Janeiro na chegada do Bacellar,** naquele momento previsto para terça-feira.

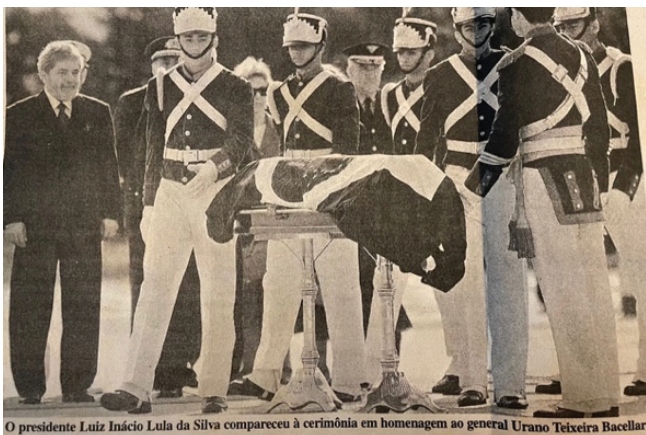
Graça e eu estávamos assistindo a televisão no **meio da tarde** quando meu **celular tocou.** Era o **Comandante do Exército, General Albuquerque,** estava no aeroporto de Congonhas / SP se deslocando para uma **reunião urgente com o Presidente Lula em Brasília** e resumo o que me falou: “**Elito, o motivo desta reunião é o que aconteceu com o Bacellar e a ONU já concordou com a indicação de Outro General do Brasil. Estou lhe ligando porque não há ninguém no momento melhor do que você e vou indicá-lo ao Presidente. Você concorda? Respondi para ele que nunca recusei uma missão e não faria isto agora.**”. Ele me agradeceu e disse que retornaria com outras informações.

**Graça** estava do meu lado, ouviu toda a conversa, caiu em prantos e dizendo que eu não podia ir para o Haiti. **Nossa filha grávida,** que também estava em casa, procurou acalmá-la e complementei dizendo que ainda nada estava decidido.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como o assunto era importante e sensível a imprensa manteve em manchete e já na segunda-feira, **dois dias depois, meu nome estava sendo divulgado como o novo Comandante (Force Commander) da Missão de Paz no Haiti (MINUSTAH).**

Confirmou-se que o corpo do General Bacellar chegaria na terça-feira e **decidi não estar presente, por razões óbvias.**



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva compareceu à cerimônia em homenagem ao general Urano Teixeira Bacellar.



A viúva Maria Ignez entre os dois filhos durante cerimônia de sepultamento do gener

Homenagens e Honras ao amigo-irmão General Bacellar – 10 de janeiro 2006



Paralelo a esta divulgação, o Exército me informou da **urgente viagem** para Nova York com a finalidade de ser **entrevistado pela ONU** e, se aprovado, ser oficialmente nomeado. Informo ainda que a ONU solicitou mais um nome de um General para que ela pudesse escolher.



Notícias da  
Imprensa local –  
Janeiro de 2006

**Menos de uma semana depois do ocorrido com o General Bacellar**, estávamos eu e o General Jeannot, o outro indicado, em Nova York, para sermos entrevistados na ONU.

**Merece destaque alguns detalhes da entrevista.** Claro que as reuniões foram sucessivas e a previsão é que seria menos de uma hora.

Na verdade, a “sabatina” foi uma verdadeira troca de informações e opiniões e demorou quase duas horas. Havia na mesa seis representantes da ONU, nível Diretores do Departamento de Operações de Manutenção da Paz (**DPKO**). **Somente um usava uniforme**, era um General de Divisão Indiano, **General Metha** e soube depois que era o **Chefe da Divisão Militar do DPKO**. Como sabia falar Inglês, fiquei a vontade nas respostas, notei que tinham analisado meu currículo quando me perguntaram da minha experiência como



**Comandante de Polícia Militar**, a curiosidade sobre nossas **Forças Especiais** e a experiência de ser Comandante de uma Brigada de Infantaria de Selva na **Amazônia**. Havia lido muita coisa sobre o Haiti e **antes de viajar tive uma ótima conversa com o General Heleno** sobre seu tempo como *Force Commander* no Haiti.

Estava tudo indo bem quando o **General Metha**, muito sério e incisivo, começou a **tecer críticas** comentando que a MINUSTAH já estava há mais de um ano no Haiti **sem resultados expressivos**, que achava que devia ser feito *Robust Operations* (Fortes Operações) contra as **gangues nas favelas** e perguntava a **minha opinião**. Senti que ele queria que eu concordasse com sua opinião, mas ele **parecia ser um competente combatente convencional e não entender de “combate assimétrico”**. Respondi-lhe então que, mesmo não conhecendo o Haiti, **discordava da sua opinião** por uma estratégica razão: a Missão da MINUSTAH era garantir a **estabilidade do País** e isto foi conseguido em curto prazo e **operações de força numa favela com cerca de 200 mil pessoas, onde mais de 90% são pobres famílias tentando sobreviver sem água e sem luz, ao invés de resolver o problema criaria um caos e comprometeria a missão como um todo**. Complementei que teríamos que acabar com as gangues, mas com operações de **inteligência, ações de combate seletivas e sempre apoiando a população**. Tinha certeza de que a minha opinião era correta, mas **contrariei a opinião de um dos Diretores**. Apesar disso, gostei do ambiente e dos níveis dos questionamentos.

O General Jeannot também gostou da sua entrevista e voltamos para o hotel aguardando a decisão naquele mesmo dia. Éramos amigos de longa data e **combinamos de comemorar qualquer que fosse o resultado**.

No início da noite, o **General de Exército Castro**, mais alta autoridade do Exército em Nova York, nos informou **que eu havia sido selecionado**. Como combinado, comemoramos e o Jeannot retornou ao Brasil no dia seguinte.



questão de destacar a **presteza do Brasil** ao me indicar para ser o *Force Commander*. Com uma inteligência extraordinária e uma calma fora do comum, tive uma verdadeira **aula de conhecimento, comprometimento e responsabilidade**. Sua visão de mundo e do Haiti era perfeita, lógica e estratégica. O Haiti estava há **três semanas das primeiras eleições presidenciais, após um ano e meio de governo provisório**, ainda teria que ficar na ONU dois ou três dias em atividades obrigatórias e se tivesse que voltar ao Brasil e a Salvador, chegaria no Haiti às vésperas das **eleições, tendo a responsabilidade pela sua segurança em todo o País**. Como tinha trazido meus uniformes e equipamentos necessários, **decidi que não voltaria ao Brasil** e seguiria direto de Nova York para Porto Príncipe.

Por uma coincidência, o **Secretário Geral Kofi Annan** pediu para que eu fosse o mais breve possível do Brasil para o Haiti e eu lhe disse da minha decisão de não retornar ao Brasil. Ele tomou um susto, sorriu e disse: **“mais uma vez o Brasil me surpreende!”**.

Durante toda esta maratona de poucos e intensos dias, tive que deixar em **segunda prioridade** meu Comando da 6ª Região Militar e minha família, particularmente nossa filha que acabara de chegar para ter nosso primeiro neto.

Com a minha decisão de ir direto para o Haiti aprovada pelo Exército, **terminei não passando formalmente o Comando nem me despedindo adequadamente da família**. Não foi fácil para mim, mas tinha certeza da minha decisão.

**Mais uma vez Graça teve que se superar** fazendo sozinha a **mudança** da casa funcional para o nosso apartamento, lidando com o nascimento do nosso **primeiro neto** e a permanente preocupação com **meu inesperado desafio**. **Voltei à Salvador em abril, três meses depois**, para conhecer meu primeiro neto, Carlos Eduardo, rever a família e conversar com os amigos militares e civis.

# PARTE XXVII

## COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ NO HAITI (MINUSTAH) (PORTO PRÍNCIPE) (2006 – 2007)



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



General Elito - *Force Commander*



**C**heguei em Porto Príncipe, capital do Haiti, dia 21 de janeiro, **14 dias depois do falecimento do General Bacellar e 15 dias antes da primeira eleição presidencial**, depois de um ano e meio de um governo provisório. Sabia que teria **desafios mais complexos** porque haveria um forte componente político local com as **Eleições**, a urgente necessidade de levantar o moral do **Componente Militar** e a pressão política da **ONU**.

Estavam no **aeroporto** me aguardando o **Embaixador do Brasil no Haiti, Paulo Cordeiro e o General Aldunate, Deputy Commander** (Subcomandante), do Chile e que estava interinamente no Comando.

Ao longo das próximas páginas certamente vou referenciá-los, mas é **oportuno e justo destacar, desde já, o excepcional valor destes dois profissionais**.

O **Embaixador Paulo Cordeiro** não era apenas um ótimo embaixador, ele **era o melhor** dos que estavam no Haiti e respeitado por todos. O **General Aldunate**, também Paraquedista e Forças Especiais, **demonstrou, desde o início, ser um militar extremamente leal e um verdadeiro Soldado**.

Foi mais um **presente de Deus** ter estas duas pessoas ao meu lado e nos tornarmos verdadeiros amigos. **Vocês comprovarão minha afirmativa** ao longo dos diversos fatos, lições e valores que vivemos e aprendemos.

Serão **tantas situações diferentes e importantes** que vou narrar, que julguei válido **ambientá-los** seletivamente sobre o Haiti, antes de começar a detalhar os inusitados **fatos** que vivemos e suas consequências.

O Haiti foi o **primeiro** país da América do Sul e Caribe a tornar-se **independente da França, em 1804**. É um dos países mais pobres do mundo, em **2004 seu Presidente Aristide foi deposto**, instalou-se um Governo Provisório e a partir de julho, a **ONU criou a MINUSTAH** para garantir a estabilidade do País.

Não é um grande país, achei válido compará-lo com um estado brasileiro e sua **dimensão é semelhante a Alagoas**. Um primeiro **fato importante** aparece agora quando sabemos que **Alagoas** tem cerca de **3,5 milhões** de habitantes e sua capital **Maceió um milhão** de habitantes, enquanto o **Haiti** tem cerca de **11 milhões e sua capital Porto Príncipe três milhões**. Esta superpopulação, aliada à extrema pobreza, foram sempre **fatores importantes nas minhas decisões**.

Por outro lado, sua **posição estratégica** no Caribe é importante, onde divide a “Isla Hispaniola” com a República Dominicana e fica próximo de Cuba e dos Estados Unidos.



Posição estratégica do Haiti no Caribe



Visão Geral do País

A imagem a seguir mostra o País na sua forma de um “C invertido”, a **importante posição de sua capital**, a fronteira com a República Dominicana e o **óbice** permanente das suas precárias estradas.

Estas e outras imagens permitirão o **melhor entendimento** dos sensíveis problemas do Haiti e da sua alegre e sofrida população.

As **conversas imediatas** com o Embaixador Paulo Cordeiro e o General Aldunate **foram importantíssimas** para que eu tivesse uma **perfeita fotografia dos problemas políticos, sociais e militares**. Claro que as **eleições** em 15 dias apareciam em qualquer discussão, mas precisava dar a imediata atenção ao meu

**Componente Militar** de cerca de **oito mil homens** e de **quase 20 países diferentes**.

Ambos destacaram o ótimo trabalho do **General Bacellar**, a completa **estupefação** com o ocorrido e o **triste ambiente** dos últimos dias. O General Aldunate falou do excelente recurso humano do nosso “super” Estado-Maior (EM), composto de cerca de **100 militares dos 20 países** e que tinha um excepcional Coronel do Canadá como Chefe do EM, **Coronel Duhamel**, certamente o **melhor Chefe de EM que eu conheci**. Tive o prazer de encontrá-lo anos depois no Canadá e somos ainda grandes amigos.

Coloco as imagens a seguir como **meu sincero reconhecimento a estes três profissionais exemplares** e, em particular, ao Embaixador Paulo Cordeiro e sua querida esposa D. Vera, **por terem falecido em 2020, na Itália**, em um acidente automobilístico.



**Embaixador Paulo Cordeiro, General Aldunate, Coronel Duhamel – Exemplos de Competência, Amizade e Lealdade – Haiti, 2006**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Quando fui me apresentar ao **Representante Especial do Secretário Geral da ONU (SRSG), Chefe da MINUSTAH, Embaixador Juan Valdés, do Chile**, estava em condições de entender qualquer assunto levantado por ele. **O encontro foi excelente**, o SRSG tinha sido Ministro das Relações Exteriores no seu país, estava na missão desde o seu início, **conhecia** profundamente o **complexo problema do Haiti** e suas principais autoridades, **elogiou os trabalhos dos Generais Heleno e Bacellar**, mostrou-se **preocupado com o Componente Militar e as eleições**, agradeceu ao Brasil a presteza pela minha vinda e que após minha Cerimônia de Posse, conversaríamos diariamente e detalhadamente vários assuntos.

No dia seguinte assumi o Comando do Componente Militar numa Cerimônia no Batalhão Brasileiro (BRABAT)



MINUSTAH – Cerimônia de posse como *Force Commander* – Representação das Unidades dos Países - Janeiro de 2006



MINUSTAH – Ato de posse como *Force Commander* e Passagem em Revista à Tropa – Janeiro de 2006



Os próximos 15 dias seriam totalmente voltados para a **Segurança das Eleições e a motivação da tropa para o sucesso do evento**. Teríamos cerca de **800 postos de votação** no País. Quase **metade** dos votos estavam em **Porto Príncipe**, onde estava nosso Quartel-General, várias tropas, incluindo a brasileira e a outra metade no resto do País. **Cada Coronel Comandante de Batalhão tinha um setor de responsabilidade englobando as principais cidades do País**. Assim é que, na **parte norte**, tínhamos Batalhões da Argentina, Nepal e Espanha/Marrocos e na **parte sul**, Batalhões do Sri Lanka e do Uruguai. O **setor central que incluía Porto Príncipe ficava sob nossa direta responsabilidade**.

Decidi, portanto, que iria imediatamente nas Unidades mais afastadas para tratar das eleições e estar presente perante as tropas. Como as distâncias não eram grandes e tínhamos helicópteros do Chile e Argentina, iniciei imediatamente estes deslocamentos.



Visita às tropas do  
Chile e Argentina  
(Norte) - Objetivo:  
Eleições - Janeiro  
de 2006



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Visita às tropas da Espanha e Marrocos (Norte) - Objetivo: Eleições - Janeiro de 2006



Visita às tropas do Sri Lanka e Uruguai (Sul) - Objetivo: Eleições - Janeiro de 2006

Surge, então, para mim, **um fato novo e extraordinário**. Quando perguntei ao General Aldunate e Coronel Duhamel como estava o **planejamento para o setor central** que envolvia Porto Príncipe, me informaram que desde setembro, no início do Comando do Bacellar, havia sido **criado o setor Porto Príncipe pela ONU e dado o Comando a um General da Jordânia, também subordinado ao Force Commander**. Complementaram-me dizendo que foi o maior **problema enfrentado pelo General Bacellar**, porque as ordens não eram bem cumpridas, apesar de ter um

Estado-Maior de cerca de 30 oficiais, sendo nove brasileiros, além de ter instalação própria.

O que mais me incomodou no momento é que eu já estava no setor Porto Príncipe e **não via nenhuma necessidade de ter dois Estados-Maiores para um mesmo objetivo.**

Chamei este General para uma conversa privada em meu apartamento, era uma pessoa educada, falou das dificuldades em dar soluções e se **mostrou um oficial não adequado para missões operacionais e reais.** Falei-lhe então que **para as eleições não haveria responsabilidades para ele,** todo o planejamento e execução seria **integrado e conduzido pelo Force Commander** e que ele e seu Estado-Maior poderiam acompanhar no nosso Quartel-General. Claro que não gostou, mas **não ponderou e aí tive a certeza da minha decisão.**

Apesar da minha decisão, resolvi testar a eficiência do setor e mandei cumprir uma **missão de rotina.** Para minha surpresa não foi bem cumprida nem informada ao meu Estado-Maior.

O tempo era curto, decisões não podiam ser retardadas e cheguei à conclusão que iria **fechar o setor e absorver ou repatriar todos os seus integrantes.** Informei ao General Aldunate e Coronel Duhamel, concordaram com a ideia, mas era uma decisão que precisava do **pedido do SRSG, via Code Cable (Mensagem) à ONU e aguardar sua aprovação ou não.** Ainda tive a informação de que a criação do Setor foi ideia do **General Metha,** Chefe Da Divisão Militar do DPKO, aquele mesmo que estava presente na minha sabatina na ONU.

**Fiz um rascunho do Code Cable e fui conversar com o SRSG** sobre o assunto. Falei que 90% dos problemas giravam em Porto Príncipe, que o setor não funcionava, centralizando os resultados viriam mais rápido e que precisava que ele fizesse um Code Cable para a ONU semelhante a este rascunho e o entreguei. Leu atentamente, **achou muito forte** como estava escrito, expliquei que precisava ser **incisivo,** esta alteração seria o início das

mudanças para resultados positivos que a ONU cobrava e que depois explicaria. O que ele achou forte é que depois de vários “considerando” eu **concluía** dizendo que o setor não funcionaria nas eleições, pedia o seu fechamento definitivo, caso a ONU desejasse podia absorver os militares, mas o **General do setor não tinha a confiança do Force Commander e precisava ser repatriado, preferencialmente antes das eleições.**



General da Jordânia e meu Chefe do Estado-Maior – Coronel Duhamel  
– Janeiro de 2006

O SRSG tinha mais conhecimento do que eu e sabia que **resultados positivos precisavam acontecer** e acho que a **morte trágica do Bacellar e as Eleições** o fizeram decidir em enviar o Code Cable. Ficou um pouco mais tranquilo quando sugeri que eu podia ligar para o **General Metha** antes do Code Cable chegar em Nova York,

Minha **ligação ao General Metha** também merece ser parcialmente citada neste livro. Nos cumprimentamos cordialmente, disse que não tinha uma boa notícia para ele sobre o **setor de Porto Príncipe** que ele **havia criado há cerca de quatro meses e**

passsei a explicar-lhe os reais motivos. Quando falei das conclusões e do repatriamento imediato do General da Jordânia, sua expressão para mim foi: “**General, o senhor tem certeza?**”.

Sabia que ele tinha participado de operações reais convencionais contra o **Paquistão** e respondi firme para ele: “**General, muito me surpreende o senhor perguntar de Nova York a um General em missão real no Haiti se ele tem certeza. Se não tivesse não estaria falando com o senhor.**”. Acertei “na mosca”, a partir daí ele falou “entendido” e eu disse que o Code Cable estava sendo enviado.

**Concluindo este sensível fato**, o setor foi fechado, como já tinha um grande Estado-Maior todos os oficiais retornaram aos seus países e o **General embarcou para a Jordânia três dias antes das eleições.**

Em conversa com o **Embaixador Paulo Cordeiro**, disse-lhe que estava pensando em **centralizar as informações das eleições no nosso Quartel-General**, queria sua opinião e que falaria com SRSG a respeito. O Embaixador complementou com outras ideias válidas, como convidar os embaixadores e **aprovou a sugestão.**

O **SRSG** ficou muito satisfeito de Nova York ter concordado com o seu Code Cable. Levantei a sugestão de que precisávamos centralizar nossas ações antes, durante e depois das eleições, mostrei a grande sala para os *briefing* e outras reuniões julgadas necessárias. Era uma pessoa dinâmica e **aprovou** imediatamente a sugestão.

**Na semana anterior às eleições, tivemos um fato que nos afetou diretamente.** Por motivos internos na **Espanha**, este país nos informou da **retirada do seu Batalhão** do Haiti imediatamente. O SRSG tentou via Nova York negociar que esperassem as eleições, mas não teve êxito. Este Batalhão tinha uma unidade de Marrocos, possuía um efetivo de **350 homens e ficava em Forte Liberté, no norte do País.**

Sabia que tinha uma boa Unidade do **Uruguai** em Porto Príncipe sem missão específica e bem equipada. Tinham somente



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

cerca de **130 homens e o comando de Major**. Fui pessoalmente à Unidade e constatei sua motivação para a missão. Teriam que fazer um lento deslocamento por estrada e não teriam condições adequadas de acomodações, mas precisavam estar presentes no momento das eleições. Foi a primeira **demonstração do excelente recurso humano** que possuía da maioria dos países.



Deslocamento emergencial de Unidade do Uruguai para Forte Liberté, norte do País - Janeiro de 2006

É importante destacar que as **eleições do Haiti já tinham sido adiadas três vezes nos meses anteriores pelo Conselho Eleitoral Provisório (CEP)** por motivos diversos.

O planejamento detalhado para a região de Porto Príncipe foi concluído, a tropa brasileira foi colocada nas áreas mais sensíveis e aprovamos os planejamentos das Unidades no norte e sul do país.

O **Presidente da OEA, Miguel Insulza**, chegou ao Haiti para acompanhar as eleições, ativamos a sala de operações, fizemos um *briefing* com a **imprensa**, uma reunião com o *Core Group* (Embaixadores e outros) e esperamos o seis de fevereiro.





Reunião com o *Core Group* e  
briefing com a imprensa local e  
internacional - Fevereiro de 2006



Deixei para comentar **vários fatos das Eleições durante sua execução** porque ficaria mais interessante a leitura e o entendimento da complexidade da situação.

As **pesquisas** indicavam uma fácil vitória no **primeiro turno** para o candidato **René Preval**, a **apuração levaria alguns dias** porque a contagem dos votos seria centralizada em Porto Príncipe, o **transporte das urnas** era também nossa responsabilidade, haveria também **eleições para todo o Congresso**, Deputados e Senadores, com previsão de segundo turno.

Um dos sérios problemas do Haiti era a **falta de identidade** das pessoas e no ano anterior foi feito um longo trabalho de cadastramento que amenizou a situação. O grande número de **analfabetos** foi outro óbice e contornado com cédulas eleitorais, contendo as fotos dos candidatos.

Apesar de alguns problemas, a **eleição no seu primeiro dia foi considerada um sucesso pelo CEP**. Coloco as **imagens** a seguir porque exprimem com mais exatidão o ambiente da eleição. Alguns locais de votação atrasaram e concluíram à **noite**, mesmo sem energia elétrica.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Eleições – Tropa Brasileira na segurança e um local de votação – Fevereiro de 2006



Eleições – Patrulha do Uruguai, seis horas a pé levando material para local de votação – Fevereiro de 2006



Eleições – Eleitores com identidade e cédula eleitoral - Fevereiro de 2006

Como a apuração ia demorar alguns dias, imaginei que as urnas seriam guardadas no local de apuração dos votos. Tive uma boa impressão do local, mas trouxeram para mim que **não havia um local seguro para guardar as urnas** antes de serem abertas para a contagem dos votos. Era um **fato grave, sensível e que não podia deixar de ter uma solução.**



Eleições – Local adequado para a apuração dos votos, mas sem local para guardar as urnas – Fevereiro de 2006

Cabe uma **oportuna observação**: comentava-se sobre as razões dos adiamentos das eleições e uma delas era que no próprio **CEP** havia pessoas que **não queriam que as eleições fossem realizadas**. Difícil de acreditar, mas deixar de prever um local seguro para guardar as urnas era uma falha muito grave.

Como as ações de **segurança** eram do nosso Componente Militar, conversei com o CEP que providenciaria o **local**, mas os **militares não tocariam nas urnas, e sim, o seu pessoal em regime de 24/7 (24 horas/7 dias da semana)**. Eles concordaram e determinei ao **BRABAT** que as tendas com as urnas seriam montadas na sua área central pelo pessoal do CEP.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



*Eleições – Urnas sendo escoltadas e guardadas no Batalhão do Brasil (BRABAT) – Fevereiro de 2006*



O início da apuração mostrou o candidato **Preval com mais de 60%** dos votos, mas para a surpresa geral esta diferença foi diminuindo para próximo de **50%** e **poderíamos ter um segundo turno.**



*MINUSTAH – Agradecimento e homenagem, *In Memoriam*, ao competente e amigo Chevallier (à direita) – Fevereiro de 2006*

O fato que narro agora tem as brilhantes participações do nosso **Embaixador Paulo Cordeiro** e do *Political Affairs* da MINUSTAH, **Gerard Chevallier**, de El Salvador. Coloco sua imagem a seguir porque foi um competente e grande amigo que tive na missão e em 2010, ainda no Haiti, **faleceu no terremoto, quando nosso prédio da MINUSTAH colapsou.**

Quando percebi a **possibilidade do segundo turno**, previsto para **45 dias** depois, fui conversar com o **Chevallier**, mostrando que tudo correria bem, particularmente com a experiência adquirida no primeiro turno. Estávamos com outras pessoas e pediu-me para conversar em particular. Foi direto e falou-me: “**General, não há condições de ter segundo turno.**”. O CEP sabe disso, achava que seria um primeiro turno fácil e não há como fazer um novo processo em menos de 60 dias. As **cédulas são feitas no exterior e o prazo é de 60 a 90 dias**. Ainda complementou: “General, ao informar a população do adiamento do segundo turno haverá uma repercussão tão negativa, que podemos ter um **clima de guerra civil** caindo nos seus ombros e na sua responsabilidade.”.

Claro que naquele momento era um assunto altamente reservado, mas **falei particularmente com o Embaixador Paulo Cordeiro**, que concordou com a colocação do Chevallier.

O **voto no Haiti não era obrigatório** e naquelas condições precárias do País, somente iria votar quem desejasse realmente exprimir sua escolha. Em **eleições anteriores** o percentual de presença foi **menor de 30%** e **nesta eleição** o percentual foi **acima de 60%**, outro aspecto muito positivo.

Por mais uma mão de **Deus** e a competência do **Chevallier**, foi observado em várias urnas um **número excessivo de votos em branco** para uma eleição não obrigatória. Analisando com mais profundidade a legislação, foi constatado que **estes votos entram no cálculo das porcentagens de votos, diminuindo seus valores**.

O **Embaixador Paulo Cordeiro** e outros fizeram uma consistente **análise a nível mundial**, inclusive do Brasil, mostrando que os votos em **branco são válidos, mas que não entram no cálculo das porcentagens de votos dos candidatos**.

O assunto foi levado ao **CEP** com a sugestão de alteração daquele artigo. Após análise, a legislação foi alterada e o candidato



**Preval** que já estava com cerca de **49%** passou para cerca de **51%** e foi eleito no primeiro turno. Esta foi uma vitória estratégica. Como previsto, as eleições dos Deputados e Senadores foram para o segundo turno, mas a vitória de Preval para presidente no primeiro turno deu uma **imediate reação de otimismo para a Nação e seu povo.**

Com este grande objetivo conquistado, tive um tempo para fazer **urgentes e importantes mudanças no emprego real das Unidades do Componente Militar.**

Neste turbilhão de fatos, tive a grande notícia de um **fato extraordinário** acontecido no Brasil: **o nascimento do meu primeiro neto, Carlos Eduardo**, em 20 de fevereiro. Apesar da ausência, pude acompanhar pelo Skype alguns momentos de alegria da família. **Dois meses depois**, em abril, pude ir rapidamente ao Brasil e a imagem a seguir retrata a primeira vez que o abraçava.



**MINUSTAH – Vinda ao Brasil para conhecer o primeiro neto, Carlos Eduardo e rever a família – Abril de 2006**

**O fato que narro a seguir foi sem dúvida a decisão mais importante que fiz a curto prazo e que resultou na necessária mudança no ritmo das operações e nos esperados resultados.**

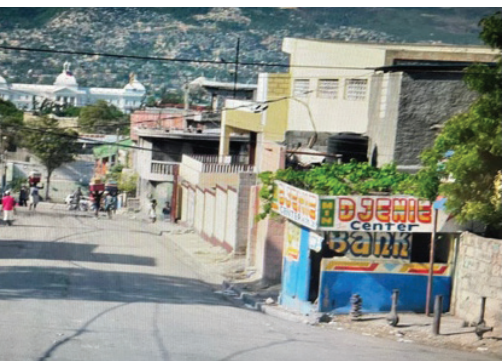
As **imagens** que coloco a seguir ajudarão vocês a melhor entender o que vou objetivamente explicar. As **favelas em Porto Príncipe**, diferentes das do Rio de Janeiro, situam-se nas regiões baixas da cidade. **Três** delas ficaram mais conhecidas, **a mais famosa é Cité Soleil** e uma característica muito importante é que eram vizinhas e tinham uma **população estimada de 400 mil pessoas, a grande maioria sem água e sem luz**. É como se fossem os bairros cariocas de Ipanema, Leblon e Lagoa.

Quando o **General Heleno** chegou, ocupou a de nome Bel Air, na época prioritária e a mais próxima do **Palácio Presidencial**. Houve algumas reações, mas como previsto, elementos das **gangs mudaram-se** para a segunda favela chamada Cité Militaire e, mesmo para a terceira, Cité Soleil. As ações em **Bel Air foram muito bem conduzidas pelo BRABAT** e no desdobramento das Unidades, o General Heleno colocou um bem **equipado Batalhão da Jordânia em Cité Soleil, mas que não deu os resultados esperados**.

Com a proximidade das **eleições**, inicialmente previstas para outubro/novembro, a MINUSTAH, como de praxe nas missões de paz, recebeu quase **dois mil homens a mais** para o período eleitoral. O **General Bacellar** já era o *Force Commander*, neste efetivo veio mais um Batalhão da Jordânia com 750 homens e ele, **corretamente, o colocou junto ao outro Batalhão em Cité Soleil**.

Quando nós chegamos, o BRABAT controlava Bel Air, começava a estender suas ações na vizinha Cité Militaire e os Batalhões da Jordânia haviam perdido dois capitães e dois sargentos em Cité Soleil.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Vizinhas favelas de Bel Air, Cité Militaire e Cité Soleil –  
Fevereiro de 2006



Fui imediatamente **ver as tropas empregadas nas três favelas** e constatei o **ótimo trabalho do BRABAT** em Bel Air e Cité Militaire, a **eficiência da profissional Companhia do Peru** em Cité Soleil e o **fraco desempenho das tropas da Jordânia**, talvez mais acentuado naquele momento pelas tristes perdas no último mês.



MINUSTAH – BRABAT em Cité Militaire,  
Companhia do Peru e Batalhões da Jordânia  
em Cité Soleil – Fevereiro de 2006

Após conversar com o General Aldunate e o Coronel Duhamel, decidi que ia **retirar os dois Batalhões da Jordânia de Cité Soleil**, colocá-los numa área secundária onde estavam os **Fuzileiros Navais** brasileiros, trazê-los de **volta ao BRABAT** e manter a **Companhia do Peru**. O **BRABAT** teria sua área estendida até **Cité Soleil**, a tropa fuzileiro naval, orgânica do BRABAT e que estava atuando independente, passaria a atuar integrada ao seu planejamento.

Todas as **Unidades** sediadas em Porto Príncipe auxiliariam com **operações de apoio** os planejamentos operacionais do BRABAT e da Companhia do Peru, especialmente em Cité Soleil, permitindo o maior número possível de militares dentro das favelas.

Nossas **tropas brasileiras**, BRABAT com os fuzileiros navais e a Companhia de Engenharia, **vibraram** com a informação, estavam cientes que **atuariam na área mais perigosa, mas estavam preparados e motivados**. Os Batalhões da **Jordânia também gostaram** porque foram para uma área intermediária, havia necessidade de um **trabalho humanitário** que eles faziam muito bem e estendi a missão deles até a **fronteira** com a República Dominicana.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Retirada das tropas da Jordânia de Cité Soleil e entrada das tropas do Brasil – Março de 2006



MINUSTAH – Nova área de responsabilidade do BRABAT e Companhia do Peru – Observem a proximidade do Aeroporto – Março de 2006

As **mudanças estariam consolidadas até abril** e claro que o foco imediato continuava nas **eleições**. O Presidente Preval, apesar de eleito, somente podia tomar posse com o Congresso completo e a estimativa era para **maio**.



Como desejava **iniciar** permanentes **operações** a partir de **abril**, consegui convencer o **SRSG** a marcar uma **reunião com o futuro Presidente Preval** para que ele pudesse nos dar sua visão, nós falássemos o que pretendíamos fazer e termos a certeza que atuaríamos na direção certa e **aprovada pelo futuro Presidente**.

Depois de algum tempo, o SRSG conseguiu agendar a reunião com o Presidente Preval que estava na casa da sua irmã.



MINUSTAH –  
Reunião do SRSG  
e Comitativa com o  
Presidente Preval,  
ainda não empossado  
– Abril de 2006

Estávamos todos muito **otimistas para esta reunião**, o **SRSG** começou sua fala elogiando o Presidente Preval pelo resultado das eleições, fez uma rápida exposição das eleições no País, que estavam ali para explicar algumas ações que a MINUSTAH faria e que gostaria de ouvir sua opinião. Continuou calado, anotando algumas coisas e o SRSG disse que passaria a palavra para o **Force Commander explicar com mais detalhes o que se pretende fazer**.

Comecei falando que a sua **eleição** consolidava uma necessária **estabilidade política** e que estávamos prontos para dar um importante passo em favor da sua **população, reduzindo a violência e a falta de segurança no País**. Expliquei-lhe que seu País não era violento como a imprensa normalmente noticiava, que sua **população queria sobreviver e que as gangs e seus chefes se aproveitavam desta caótica situação**.

Enfatizei que todas as **ações** seriam em **benefício do seu povo**, mas que **para as gangs e seus chefes o destino seria a cadeia ou serem eliminados, se reagissem**. Complementei que paralelo a estas operações, iríamos limpar toda a cidade com a nossa **Engenharia**, asfaltar os principais trechos e abrir poços de água. Com os nossos **médicos**, apoiar emergencialmente a população e todo o Componente Militar planejará **atividades de lazer e esporte para as crianças**. Concluí dizendo que gostaria de saber sua opinião sobre o que havia acabado de falar.

O **Presidente** começou agradecendo o trabalho da MINUSTAH desde o seu início e particularmente na execução das eleições, disse que ouviu atentamente nossas informações, mas que, **por princípio, não emitiria nenhuma opinião enquanto não tomasse posse**. Para todos e, particularmente para nós do Componente Militar, foi muito **frustrante**, mas tínhamos que tentar entender sua situação.

De volta à MINUSTAH, expliquei ao **SRSG** que continuaria com o planejamento e começaríamos **ações de inteligência, de presença e dissuasão diárias, motorizadas e a pé, diurnas e noturnas**.

Tínhamos periodicamente uma **importante reunião** no Quartel-General da MINUSTAH com **todos meus Comandantes**. Antecipei-a para poder informar e detalhar tudo que íamos fazer, **a nova fase de operações** e como executá-las.



MINUSTAH – Reunião do *Force Commander* com todos seus Comandantes e seu Estado-Maior – Abril de 2006

PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)

MINUSTAH – Visão geral  
das tropas em todo o País e a  
prioridade em Porto Príncipe  
– Abril de 2006



No momento que escrevo sobre esta reunião, **veio à minha cabeça as inúmeras vezes que estivemos neste subsolo** reunidos **diuturnamente** pelos mais variados motivos, principalmente operacionais. Quatro anos depois, em **2010**, tivemos um forte **terremoto** no Haiti, com milhares de mortos, **nosso Quartel-General colapsou, perdemos o SRSG, o número 2, vários militares e civis, inclusive, minha competente secretária.** O *Force Commander* sobreviveu porque estava em Miami. Esta imagem tem o objetivo de **homenagear** a todos que por ali passaram.



A nossa **Companhia de Engenharia** realizou inúmeras e importantes missões em proveito da população do Haiti e das tropas. Nas páginas seguintes, registrarei alguns destes **fatos** e começo com um bastante **inusitado**.

Como vocês notaram, o Haiti não fica longe dos EUA, seu **aeroporto** possuía uma excelente pista e recebia **voos diários lotados**, vindos principalmente de **Miami e Nova York**. Tivemos a informação que o aeroporto, apesar de **reconhecido internacionalmente**, tinha um **sério óbice** porque a **torre de controle não enxergava o toque das aeronaves na principal cabeceira para pouso em virtude de uma colina existente**. Esta situação poderia levar ao fechamento do aeroporto e **decidimos acabar com a colina**. O trabalho foi um sucesso e teve uma grande repercussão.



MINUSTAH – Excelente trabalho da nossa Engenharia no Aeroporto de Porto Príncipe – Abril de 2006

A MINUSTAH recebeu um convite para que o **Force Commander** fosse **ao Comando Sul dos EUA** fazer uma apresentação para alguns Embaixadores dos EUA em países da América do Sul e Central. Fui então na sede do Comando em Miami e dei uma visão da importância da MINUSTAH para o Haiti e seu futuro.



Fui muito bem recebido pelo General Craddock, Comandante do Comando Sul, a explanação e perguntas giraram durante um especial almoço e ficaram **impressionados com a complexidade da nossa missão**.



MINUSTAH – Apresentação no Comando Sul dos EUA para Embaixadores americanos Na América do Sul e Central – Abril de 2006

**Outro fato** muito interessante na MINUSTAH, eram as **Cerimônias da Medal Parade**. As tropas ficavam seis meses na missão e eram substituídas por outras do mesmo país. Esta Cerimônia marcava a sua **despedida e todos seus militares recebiam a Medalha da ONU**. Como o *Force Commander* fica um ano na missão, estive presente em várias *Medal Parade* das Unidades e coloco algumas imagens dos países porque são  **fatos plenos de lições e de exemplos de motivação, comprometimento, responsabilidade e coragem**.



MINUSTAH – *Medal Parade* de um Batalhão da Jordânia – 2006



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Medal Parade de um Batalhão do Nepal – 2006

Não podia deixar de registrar o **fato** do dia 19 de abril de 2006, **Dia do Exército Brasileiro**, solenemente comemorado no BRABAT. Como é a **tradição**, militares e civis são agraciados com diferentes **medalhas**, é lida a **Ordem do Dia do Comandante do Exército**, o Embaixador Paulo Cordeiro agradeceu em nome dos civis agraciados e eu concluí a Cerimônia **enaltecendo nosso Exército de Caxias**, agradecendo a presença de todos, particularmente a do SRSG.



MINUSTAH - Dia do Exército Brasileiro no BRABAT – SRSG e Embaixador Paulo Cordeiro agraciados - Abril de 2006

PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)



**MINUSTAH – Dia do Exército Brasileiro  
no BRABAT - General Aldunate agraciado e  
palavras finais – Abril de 2006**

As eleições para o segundo turno foram concluídas e, finalmente, em **14 de maio de 2006**, o **Presidente Preval tomou posse em Cerimônias no Parlamento e no Palácio Nacional.**



**MINUSTAH – Cerimônias de Posse do  
Presidente Preval – 14 de maio de 2006**

Ainda não tinha destacado que o Haiti tinha uma **situação atípica desde 1995**, quando o então Presidente Aristide **dissolveu as Forças Armadas**. A Polícia Nacional do Haiti (PNH), portanto, tinha todas as responsabilidades de segurança do País e, obviamente, **não tinha condições de cumpri-las**. A MINUSTAH tinha um Coronel canadense, chefe da *United Nations Police* (UNPOL) e que tinha a missão de auxiliar na evolução da PNH.

Já tinha conhecido o **Coronel Andresol, comandante da PNH**, foi capitão do Exército e, com a sua extinção, ele e outros foram absorvidos pela PNH.

**A falta de Forças Armadas e a incapacidade da PNH** de assumir todas as responsabilidades de segurança do País serão **permanentes óbices no desenvolvimento do Haiti**.

Fiz este preâmbulo para citar um **fato** que ocorreu exatamente no **momento desta cerimônia de posse no Palácio**.

O **Comandante da PNH** me procurou no palanque da Cerimônia e disse que precisava **falar comigo urgente e em particular**. Nos retiramos um pouco e ele disse que estava muito preocupado porque teve informações seguras de que, **no dia seguinte**, haveria um **coordenado tumulto em Porto Príncipe que incluía uma grande massa de pessoas, saques e incêndios**. Complementou que era uma “tradição”, que já havia ocorrido no passado. Respondi que minha **inteligência não tinha reportado** nada e que o ambiente no País era de festa, alegria e motivação. Ainda acrescentei que ele mesmo havia falado para mim que o **Haiti era o paraíso dos “boatos”**. Respondeu que as fontes dele eram seguras e **pedia a nossa ajuda** porque a PNH não teria condições de evitar o problema.

Após a Cerimônia voltei ao Quartel-General, levantei a questão com o Estado-Maior e confirmaram que **não havia dados para tamanho tumulto**. Em reunião com o General Aldunate e o Coronel Duhamel, disse-lhes que apesar dos indícios de que seria um dia normal, **nada poderia acontecer no dia seguinte**



à posse. Determinei então que a partir da **madrugada, todas as tropas de Porto Príncipe ocupassem suas áreas de responsabilidade com efetivos de presença e de dissuasão.**

Foi um dos dias mais tranquilos do Haiti e **não aconteceu absolutamente nada.** Esta era uma das dificuldades naturais nas nossas **decisões, no Haiti e na sua complexa situação, tudo ou nada tinham as mesmas chances de acontecer.**

Logo depois da posse do Presidente Preval, tivemos a **despedida do SRSG, Embaixador Juan Valdés, depois de dois longos anos de excelente trabalho e uma ótima convivência conosco.** Montamos uma Cerimônia do Componente Militar no próprio Quartel-General e as imagens a seguir demonstram os nossos cumprimentos e agradecimentos pela sua **competência e dedicação.**



MINUSTAH – Homenagem do Componente Militar nas despedidas do Embaixador Valdés (SRSG) – Maio de 2006

O novo chefe da missão, SRSG, era o Embaixador Mulet, nascido na Guatemala, com uma excelente folha de serviços no seu país e Embaixador nos EUA e Bélgica. Fizemos um bom relacionamento, no meu primeiro *briefing* com ele, falei que estávamos atrasados nas operações devido a decisão tomada em abril pelo Presidente Preval e que seria muito importante voltar a falar com ele, agora empossado. Mostrei, em linhas gerais, o que iríamos fazer operacionalmente de maneira diuturna e as contínuas ações assistenciais à população pelas nossas tropas e, em especial, pela nossa Engenharia. Ele agradeceu e disse que faria contato para nossa reunião com o Presidente.

Recebemos ainda em maio a importante visita do **Vice-Presidente do Brasil, José Alencar, às tropas brasileiras**. Fizemos no BRABAT um *briefing* da MINUSTAH e detalhamos os aspectos políticos e militares das eleições. Muito atento, fez ótimas perguntas e elogiou o trabalho de todos



MINUSTAH – Visita do Vice-Presidente do Brasil, José Alencar, às tropas brasileiras – Maio de 2006

Dentro de poucos dias aconteceria mais um **fato importante**, apesar de rotineiro para as tropas. O primeiro BRABAT que tive sob meu Comando estaria retornando ao Brasil. Seu comandante, **Coronel Santiago**, e seus comandados, conviveram com o



triste episódio do falecimento do **General Bacellar**, atuaram de forma exemplar nas **Eleições** e com muita determinação substituíram as tropas jordanianas em **Cité Soleil**, mesmo sabendo que passaria imediatamente sua missão para o novo BRABAT.

Com muita satisfação, fui à sua *Medal Parade* e fiz questão de destacar o excepcional trabalho realizado.



MINUSTAH – Medal Parade e despedidas do primeiro BRABAT sob meu Comando – Maio de 2006

O Embaixador Mulet (SRSG) marcou a **reunião com o Presidente Preval** e atualizei as informações necessárias para o seu melhor entendimento. Sempre muito **introvertido e educado**, **nos recebeu muito bem** e nos sentamos na sua sala. Era também um primeiro encontro de trabalho para o Embaixador Mulet e a primeira parte da reunião teve ênfase nas eleições e nas prioridades do País a curto, médio e longo prazo. Foi excelente a conversa, em especial porque **qualquer tema levantado, para ter**

**sucesso, dependia da estabilidade e segurança do País, missão precípua do Componente Militar da MINUSTAH.**

Quando tive a palavra, comecei explicando de uma forma bem objetiva as mudanças nos desdobramentos das tropas, a ampliação da nossa presença e dissuasão nas áreas críticas, particularmente em **Cité Soleil, a continuidade no apoio da população e os trabalhos especiais da Engenharia.**

O **Presidente Preval** agradeceu muito a ajuda da MINUSTAH ao seu País, aprovou o que eu havia falado, mas me **pediu para ainda não ampliar as operações de repressão porque tinha uma ideia em mente e que podia dar certo.**

Todos sabíamos que **as gangs nas favelas tinham três líderes principais**, nossa inteligência já havia levantado suas bases e áreas de atuação e o que havia falado ao Presidente é que íamos fechando o cerco de forma permanente, evitando efeitos colaterais, até a prisão ou morte deles.

**A ideia do Presidente era um fato inusitado porque ele disse que pretendia “negociar” com estes líderes** antes de tomar soluções mais enérgicas. A negociação teria o objetivo de propor-lhes **saírem do Haiti e serem asilados** em outros países. Segundo informações, um desses três líderes era conhecido do Presidente. Particularmente, achei uma complexa situação porque eles tinham que abandonar suas estruturas montadas nas favelas, além da interrogação de algum país concordar em recebê-los.

O **fato é que esta decisão atrasaria ainda mais nosso planejamento** e solicitei que nos mantivesse constantemente informados da evolução da negociação. **Complementei que já estávamos nas favelas, e que não diminuiríamos a presença nem as ações em curso.** Ele concordou, mas pediu para ter cuidado e não atrapalhar as negociações.

Chegando no Quartel-General, informei ao **SRSG** que ampliaria o efetivo nas favelas, as ações de inteligência e manteria as

ações de dissuasão em curso. **Era fundamental manter a pressão e ele concordou.**

Um **fato** que nos deu muita satisfação foi receber a **Presidente do Chile, Michelle Bachelet e seu Comandante do Exército, General Izurieta**. O Chile tinha um competente efetivo de tropas de Infantaria, engenharia e helicópteros, além do **General Aldunate**, meu excelente subcomandante. Mostrei para estas autoridades a real dimensão dos problemas, a estabilização mantida, as eleições realizadas e que em médio prazo terminaríamos com a violência descontrolada. Claro que elogiei o desempenho de suas tropas e ouvi palavras de entusiasmo e agradecimentos.



MINUSTAH – Visita da Presidente do Chile e do seu Comandante do Exército –  
Junho de 2006

**Outro fato** muito significativo, especialmente para nós brasileiros, foi a visita do **Ministro da Defesa, Waldir Pires, acompanhado do Comandante do Exército, General Albuquerque**.

O Brasil tinha a presença do *Force Commander*, o maior efetivo de tropas da MINUSTAH e estava responsável pela área mais crítica do País.

Nas reuniões com eles, fiz questão de destacar a excelência do nosso recurso humano, o **exemplo** dos seus comandantes, a

**motivação** permanente, o **carinho especial da população** pelos brasileiros e a certeza de que **mudaríamos o curso da violência** no País eliminando suas principais gangs.



MINUSTAH – Chegada do Ministro da Defesa do Brasil e seu Comandante do Exército – Jantar na residência do nosso Embaixador em homenagem à Comitiva – Junho de 2006



MINUSTAH – Reunião ampla da Comitiva com o SRSG e principais Assessores – Junho de 2006

Corria o mês de julho quando fui novamente à cidade de Gonaives onde estava o Batalhão da **Argentina**. Depois de seis meses, estava retornando ao seu país e fui para a sua *Medal Parade*. Este Batalhão, como os do **Uruguai, Chile, Nepal e Sri Lanka** tiveram um comportamento exemplar durante as eleições. Estavam isolados, com várias dificuldades operacionais e logísticas para cumprirem suas missões e não tivemos um único problema na sua realização.



PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)



MINUSTAH – *Medal Parade* do Batalhão da Argentina – Julho de 2006

**Outro importante fato** aconteceu em julho e foi muito significativo para mim. O melhor Chefe de Estado-Maior com quem eu havia trabalhado, **Coronel Duhamel, do Canadá, estava completando seu um ano de missão e retornando ao seu país.**

Ao falar dele atinjo diretamente o foco deste livro – **fatos, lições e valores.**

O Coronel Duhamel tinha **virtudes exemplares**, era extremamente **rígido** nas suas cobranças, mas adorado e **respeitado** pelos 100 militares do Estado-Maior; marcava as reuniões e era o primeiro a chegar; às 5h30 estava na esteira correndo porque depois não teria mais tempo; nas reuniões de **confraternização** ia para o bar para servir os outros; sua **agenda** era detalhada e extremamente organizada; **seus reports (relatórios)**, eram completos e objetivos; e, acima de tudo, de uma lealdade sem limites.

Narro aqui **dois fatos** que mostram um pouco do valor deste verdadeiro Soldado. O **primeiro** deles aconteceu ainda no período do General Bacellar e que tive conhecimento quando cheguei. Por motivo de economia, a **ONU cortou um excelente**



**bônus que dava aos militares do Estado-Maior** para pagamento de moradia, alimentação e lavanderia. Para compensar, **colocou todos eles em um hotel exclusivo e que oferecia aquelas facilidades**. O local era adequado, mas todos lamentaram a **perda do bônus**. Quando veio a ordem, ela excluía o Chefe de Estado-Maior que continuaria a receber o bônus. **O Coronel Duhamel prontamente recusou e disse que ficaria no mesmo lugar que estivessem seus oficiais. Uma atitude exemplar.**

**O segundo fato** aconteceu no meu Comando. Focado naquele objetivo de ampliar os trabalhos da **Engenharia** no País, especialmente em Porto Príncipe, conversava com ele quando me informou que **havia um óbice**. A MINUSTAH possuía uma **grande estrutura civil chamada Base Logística (Log Base)**, desdobrada dentro da área do aeroporto, **não subordinada a mim** e a quem cabia dar as prioridades de trabalho da Engenharia e outras. Complementou dizendo ainda que a base recebia verbas para *Quick Impacts Projects* – **QIP** (Projetos de Rápido Impacto), no valor de cerca de 15 mil dólares por projeto e usava este argumento para definir as prioridades.

**Falei ao Coronel Duhamel** que a Companhia de Engenharia do Brasil, que estava em Porto Príncipe e a do Chile/Equador, que estava no norte do País eram **Unidades subordinadas a mim, estavam no Haiti para trabalharem em prioridade 1 no apoio ao emprego das tropas** e em prioridade 2 no apoio em outras atividades. **Complementei que nossas Unidades trabalhariam sob meu Comando, com ou sem as verbas dos QIP.**

Ele tinha semanalmente uma reunião com a direção civil na *Log Base*, onde eram atualizados os trabalhos e as informações. Disse então que na próxima reunião, logo no início, **expusesse a Diretriz do Force Commander**, que poderiam continuar planejando os projetos, mas as **decisões para as prioridades de emprego caberiam exclusivamente ao Force Commander**. Anotou os detalhes na sua inseparável agenda, perguntei se tinha alguma dúvida, ele sorriu e disse: **“no doubt” (nenhuma dúvida)**.

Quando o Coronel Duhamel voltou da reunião, foi falar comigo para me dizer o resultado. Disse que, **como previsto**, ao terminar de explicar a nova Diretriz, **não concordaram e solicitaram discutir o assunto**. Falei então para eles que a **Diretriz do Force Commander não era para ser discutida e sim cumprida a partir do encerramento da reunião**. Após algumas discussões, foram convencidos que a Diretriz era a melhor solução para a MINUSTAH. **Outra atitude exemplar de conhecimento e comprometimento**.

Quis o destino que eu me **encontrasse** novamente com o Coronel Duhamel cerca **de quatro anos depois** quando fiz uma visita oficial ao **Canadá**, mas este é outro **fato** que falarei mais adiante



MINUSTAH – Reunião com meus Comandantes – Coronéis Duhamel e Tarrant –  
Julho de 2006

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Assumiu a chefia do Estado-Maior outro excelente oficial canadense, **Coronel Tarrant** e que muito me ajudou, mas ninguém seria tão completo quanto o Coronel Duhamel.



MINUSTAH – Despedidas ao meu excelente Chefe do Estado-Maior, Coronel Duhamel, do Canadá – Julho de 2006

O tempo estava passando e o Presidente Preval não nos convocava para falar dos resultados da negociação. Pedi ao **SRSB** para marcarmos uma outra reunião urgente com o Presidente.

Quando chegamos para a reunião, vimos um **Presidente tenso e visivelmente nervoso**. Falou que as **negociações foram um fracasso**, que queriam continuar no País e um deles disse que pararia as hostilidades se o governo pagasse 100 mil dólares por mês para ele. Como comparação, um Ministro do governo ganhava cinco mil dólares por mês. **Finalmente, tivemos a “luz verde” que precisávamos, mas perdemos cerca de dois meses.**

Uma **curiosidade bastante verdadeira**: como as Unidades passam somente seis meses, o primeiro e último meses não são ideais para empregá-las em ações de combate, por razões óbvias. O **BRABAT** teria seu emprego ideal desde junho e somente fomos autorizados em agosto, mas é melhor tarde do que nunca. Assim é que iniciamos imediatamente **as operações diurnas e**

noturnas, motorizadas e a pé e intensificação nas operações de inteligência. Esta presença dissuasória, como esperado, gerou reações das gangs. Determinei que **qualquer pessoa portando ostensivamente armamento poderia ser abatida, observando primeiro que não houvesse efeito colateral na população.**

Estes **fatos e decisões** deram resultados muito **positivos** e o **apoio da população** ficou cada dia maior. O nosso **maior Ponto Forte** no coração de **Cité Soleil** era o de **número 16**. A avenida que passava na sua frente virava uma piscina quando chovia e a lama era constante. Apesar dos permanentes tiros na área, mandei a nossa **Engenharia, apoiada pelo BRABAT**, entrar com seus equipamentos à noite para começar sua pavimentação ao raiar do dia. A população da favela quando viu o que estava sendo feito ficou eufórica e as gangs não tiveram como reagir. As **imagens** a seguir dão a dimensão deste **significativo fato.**



MINUSTAH – Posição estratégica do Ponto Forte 16 e o estado da principal rua de Cité Soleil – Julho de 2006



MINUSTAH – Excelente trabalho da nossa Engenharia e BRABAT – Julho de 2006



As operações contínuas se misturavam com estas também essenciais ações em apoio à população. Diariamente tínhamos ações e reações das gangs que intencionalmente provocávamos nos difíceis e arriscados **movimentos mecanizados e a pé pelas estreitas ruas e corredores das favelas, especialmente em Cité Soleil e Cité Militaire.**



MINUSTAH - Presença e dissuasão permanentes – Segundo semestre de 2006

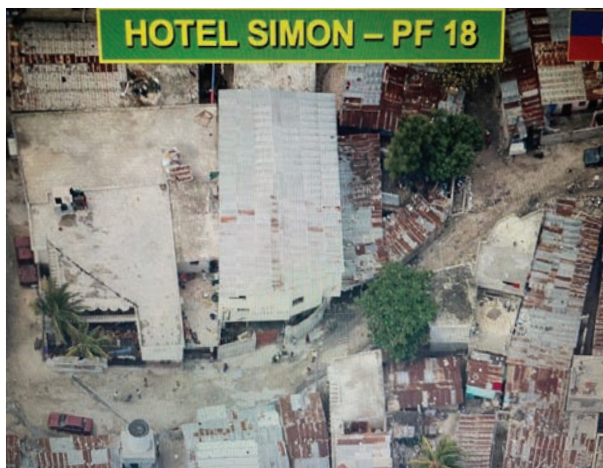
As operações bem planejadas e o excelente preparo do BRABAT e da companhia do Peru, foram fatores do contínuo êxito. Outro real indicativo é que **não tivemos nenhum ferimento fatal**, apesar de alguns feridos com alguma gravidade.

Um **fato importante** aconteceu em **Cité Militaire**. O **Coronel Paulo Humberto**, Comandante do BRABAT, teve um **desempenho exemplar**, muito calmo, sempre junto dos soldados, transmitia a todos a necessária coragem e determinação.

Depois de **vários dias de lenta progressão**, eliminando ou impondo fuga dos elementos das gangs obtivemos o **controle de Cité Militaire e convidamos o SRSG para ver exatamente como era a favela e o nível de vida da maioria ordeira da população.**



MINUSTAH –  
Símbolo das gangs  
em Cité Militaire  
e controlado pelo  
BRABAT – Agosto de  
2006



MINUSTAH - Eu e o Coronel Humberto com o SRSG em Cité Militaire – Agosto de 2006

Em agosto, tivemos um **fato extraordinário** na MINUSTAH, que foi a **visita do senhor Kofi Annan, Secretário Geral da ONU ao Haiti**. Ele dedicou uma boa parte da sua agenda ao Componente Militar, quis visitar os soldados brasileiros feridos, **transmitiu a todos sábias palavras** de responsabilidade, competência, motivação e comprometimento.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Desde o nosso primeiro encontro, em janeiro, na ONU, vi que estava diante de uma **pessoa diferenciada** e pude comprovar sua **discrição e eficiência** ao longo daqueles sete meses. As imagens mostram um pouco dos seus momentos com nosso Componente Militar.

**Abro um “parêntese”** para destacar a figura deste senhor sentado na primeira poltrona do lado direito. Era o senhor **Annabi**, argelino, **experiente funcionário da ONU**, naquele momento **Diretor do DPKO** (Departamento de Operações de Manutenção da Paz) e foi um dos meus **sabatinadores** na seleção do meu nome. Narrarei mais adiante um **importante fato com ele**, mas julguei oportuno esta referência porque ele substituiu anos depois o Embaixador Mulet no cargo de SRSG no Haiti e **veio a falecer em 2010 quando nosso Quartel-General colapsou no terremoto**.



**MINUSTAH**  
– Encontro do  
Secretário-Geral  
Kofi Annan com  
o Componente  
Militar – Agosto  
de 2006



MINUSTAH –  
Secretário-Geral  
Kofi Annan e esposa  
visitando soldados  
brasileiros feridos em  
ação – Agosto de 2006

Paralelo ao incremento das operações planejamos uma **confraternização de fim de semana** com as tropas do país num **torneio de futebol**, mesmo para aqueles que não tinham tradição naquele esporte como Nepal, Sri Lanka e Jordânia.

As Unidades de Porto Príncipe alojaram as equipes de futebol de fora, **os soldados de diferentes países puderam conversar informalmente, fizeram refeições juntos e encerramos com um churrasco brasileiro no BRABAT.**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como previsto, a final ficou entre dois sul-americanos, Brasil e Uruguai, mas o grande objetivo da confraternização foi atingido.



MINUSTAH – Torneio de futebol – Excelente confraternização – Agosto de 2006

Com o *Force Commander* estabelecendo as prioridades de emprego para os trabalhos de Engenharia, os resultados ficaram mais visíveis para a população e em áreas de interesse operacional.

A **falta de água era um fato permanente** e abrimos regularmente dezenas de **poços** em apoio da população. **Estas ações eram tão importantes quanto as operacionais.**



MINUSTAH – Abertura de poços, estratégica missão da nossa Engenharia – 2006

Apesar da prioridade em Porto Príncipe, fizemos também **recuperações emergenciais** de estradas como a que o Presidente Preval nos solicitou e que interrompeu o importante escoamento da cana de açúcar na região.

PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)



MINUSTAH – Importantes trabalhos emergenciais – 2006

Não posso deixar de continuar ilustrando este livro com as demonstrações das **tradições e valores** das minhas tropas e dos seus países nas *Medal Parade*. Como já falei, eram **fatos normais** na missão, mas plenos de **vibração, amizade e especial sensação de dever cumprido**.



MINUSTAH –  
Despedidas de mais  
um Batalhão do Sri  
Lanka – 2006



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – *Medal Parade* do  
Batalhão da Jordânia nas novas  
missões – 2006

Com o mesmo sentimento de gratidão que tive nas despedidas do Coronel Duhamel, **tive que me despedir em setembro do meu mais próximo e eficiente militar que era meu Ajudante de Ordens, Major Dutra.**

Apesar de estar comigo desde janeiro, preferi falar um pouco deste oficial somente agora e vocês entenderão o motivo.

**O Major Dutra foi para o Haiti em 2005 como Ajudante de Ordens do General Bacellar.** Havia chegado da missão brasileira no Timor-Leste e estava em Brasília quando foi surpreendido pelo convite do General. Apesar de estar com um filho pequeno e ter ficado seis meses ausente, não recusou a missão.

**Quando cheguei no Haiti conheci o Major Dutra numa situação absolutamente extraordinária.** Havia presenciado e participado diretamente do trágico episódio do General Bacellar, como seu Ajudante de Ordens teve que lidar com várias **providências**

**administrativas no Haiti, foi na mesma aeronave que levou o General Bacellar de volta ao Brasil**, conversou com os familiares dele, participou de todas as Cerimônias em homenagem ao seu chefe e amigo e **retornou ao Haiti para arrumar suas coisas e voltar ao Brasil**.

Na **minha primeira conversa com ele** percebi seu **conhecimento e competência**, mas vi também que estava **muito triste e desanimado**, fato absolutamente normal por tudo que havia presenciado.

O Major Dutra **voltar ao Brasil** seria uma lógica solução, voltaria ao convívio familiar, mas ficaria com esta **permanente e triste sensação da missão não cumprida**.

Tinha certeza de que ele se recuperaria melhor se continuasse na missão e o **convidei** para continuar comigo e numa situação pessoal diferente. O Major Dutra morava com os 100 oficiais do Estado-Maior naquele hotel que já me referi anteriormente e o General Bacellar no apartamento do *Force Commander*, em outro hotel. Este apartamento era muito amplo, tinha duas suítes, disse ao Major Dutra que ele se mudaria para lá e **instalaríamos as mesmas condições de trabalho do Quartel-General no meu apartamento**.

A **decisão de manter o Major Dutra** como meu Ajudante de Ordens **foi um dos fatores essenciais para o meu desempenho como Force Commander** e registro com muito prazer estas palavras a este **exemplar soldado e amigo até os dias de hoje**.

É oportuno também destacar o **trabalho de outro exemplar oficial, o Coronel Gondim, como meu Assistente**. Ele e o Major Dutra foram incansáveis em todos os momentos e sempre com **equilíbrio, determinação e coragem**.

O substituto do Major Dutra, **Major Godoy**, escolhido por mim numa lista enviada pelo Exército, também Forças Especiais, continuou com muita eficiência o seu sensível trabalho.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



**MINUSTAH – Apartamento do Force Commander – Com o Major Dutra na posse do Presidente Preval – 2006**



**MINUSTAH – Em Cité Soleil com o Gondim e Dutra - 2006**



MINUSTAH – Despedidas do meu destacado Ajudante de Ordens, Major Dutra – Setembro de 2006

Com o desenvolvimento das **operações e as lições aprendidas**, vimos que podíamos ter melhores resultados com **duas ações muito importantes**.

A primeira seria uma decisão interna e a segunda dependeria do DPKO em Nova York. As ações tinham um **objetivo central de usar forças policiais em áreas periféricas às favelas** em missões de controle de movimentos de pessoas e veículos, o que permitiria **ampliar nosso efetivo nas principais ações** no interior das favelas.

Propusemos então ao **SRSG** que colocássemos em vigor um **Plano Integrado de Segurança em Porto Príncipe** e que fizéssemos uma reunião com os órgãos de segurança do País. Este foi um **fato** importante porque colocaríamos a **PNH** envolvida indiretamente nas operações, seria uma boa escola prática e somaria na solução das suas deficiências.

A reunião contou com as presenças do **Ministro da Segurança Pública** e do **Comandante da PNH**, Coronel Andresol e atingiu os objetivos.





MINUSTAH –  
Implantação do  
Plano Integrado em  
Porto Príncipe –  
Setembro de 2006

**A segunda ação era ainda mais importante, mais complexa e necessita uma rápida ambientação para os leitores deste livro.**

O *Force Commander* era o número três na precedência da MINUSTAH, o SRSG era o número 1 e o Deputy (vice) do SRSG, brasileiro, chamado Luís Carlos, com cerca de 20 anos na ONU, o número 2.

**Subordinado ao número 2**, estava a estrutura denominada UNPOL (*United Nations Police*) e que tinha cerca de **10 FPU (*Former Police Unit*)**. Estas FPU de cerca de sete diferentes países, como o próprio nome indica, eram constituídas de policiais militares daqueles países. Eram **Companhias de cerca de 100 homens, bem equipadas e que totalizavam um efetivo de cerca de mil homens.**

Quando ampliamos as operações, vimos claramente que as **FPU faziam uma presença aleatória** em alguns lugares, sem coordenação com o Componente Militar, sempre motorizados e sem nenhuma missão específica. **Era um recurso humano muito melhor que a PNH, mas que não podíamos empregar porque não era subordinada ao *Force Commander*.**

**Inicialmente falei com o brasileiro Luís Carlos** que se tivesse dois ou três FPU nos controles das vias envolvidas nas operações, os resultados seriam certamente melhores. Ele entendeu, mas disse



que esta decisão somente podia ser dada por Nova York e que não lembrava desta situação em outras missões.

**Falei ao SRSG que na próxima vídeoconferência com Nova York levantaria o assunto, achou que seria muito difícil, mas concordou.**

Poucos dias depois, tivemos a **reunião com Nova York sob a coordenação do senhor Annabi, Chefe do DPKO**, a quem fiz referência quando falei da visita do Secretário Kofi Annan ao Haiti. **Comecei falando dos resultados alcançados**, do Plano de Segurança Integrado, das **deficiências da PNH** e da necessidade do **emprego das FPU** em ações policiais de apoio durante as operações militares dentro das favelas. Como esperado, o chefe da **Divisão Civil do DPKO** disse que **não era possível**, que haveria desvio de missão e esta situação **não estava prevista nas Normas de emprego da UNPOL**.

Ele pensou que havia encerrado o assunto, mas **respondi instantaneamente dizendo que discordava dos seus argumentos** porque as FPU iriam atuar exclusivamente em ações policiais e **havia a previsão deste emprego nas Normas, sob o Comando do Force Commander e de forma temporária**. Pedi a ele para abrir as Normas na página “x” e ler o artigo “y”. Complementei que precisava de **três FPU**, podíamos fazer um rodízio mensal, tinha certeza de que iriam trabalhar muito bem e ajudariam em muito as tropas envolvidas nas operações de combate.

Claro que **não havia consenso** e foi exatamente nessa hora que o **senhor Annabi** interferiu nas discussões e disse: **“nenhum de nós entende mais do que o Force Commander sobre o que precisa ser feito no Haiti na parte operacional, os resultados têm sido positivos, foram mostrados os argumentos e autorizações adequados, portanto, fica aprovada a sua sugestão e está encerrada a reunião.”**

Faço este registro porque **atitudes como esta, nos ensina que com competência, conhecimento e confiança, podemos e temos que correr riscos.**

Essa **decisão do senhor Annabi** nos ajudou bastante nas diversas operações do último trimestre de 2006 e permitiu acabar com a violência no Haiti no primeiro trimestre de 2007.

Narrarei alguns **fatos operacionais importantes**, sem entrar em detalhes, mas suficientes para que todos entendam suas lições e aprendam com seus resultados.

O efetivo permanente em Cité Soleil passou a girar em torno de **200 militares, viaturas blindadas e operações planejadas diurnas e noturnas**. O primeiro objetivo era controlar o livre movimento das gangs nas favelas com incursões e varreduras inopinadas e eliminando quem portava arma ostensivamente



MINUSTAH – BRABAT em Cité Soleil, presença e dissuasão permanentes -2006

**Como Forças Especiais**, é com muito orgulho que escrevo as próximas linhas narrando alguns **fatos extraordinários** executados por cerca de **20 militares Forças Especiais** que integravam o BRABAT. A inteligência dentro das favelas era limitada e em Cité Soleil praticamente nula. Resolvemos empregar estes profissionais em **perigosas e isoladas missões, sempre durante a noite e com equipamentos especiais**. A escuridão das favelas favorecia seus movimentos, mas a falta de ruas e corredores muito estreitos não davam a necessária flexibilidade. Algumas vezes pessoas ficavam na única saída existente e fazíamos ações

simuladas para obrigarem elas correrem ou se esconderem. **Não foi uma fácil decisão empregá-los isolados na área mais perigosa, mas tinha que confiar nos seus valores e nas suas capacitações. Seus Capitães comandantes transmitiam confiança, determinação e coragem.**

O fato é que as missões por eles executadas mudaram o quadro de inteligência que possuíamos. Sabíamos os movimentos internos, **fotografavam** tudo com equipamento apropriado, inclusive das “casas” dos três principais chefes das gangs.

Na execução das **operações de vulto**, sabíamos o que fazer e até onde iríamos pressionar. Nestas operações, os **Forças Especiais ainda eram empregados nas áreas mais sensíveis para facilitarem o emprego massivo das tropas.**

Fizeram um trabalho que somente eles tinham capacitação para fazer e que produziu **resultados decisivos em Cité Soleil.**



MINUSTAH – Forças Especiais se preparando para missões noturnas estratégicas em Cité Soleil – 2006

Com a inclusão de três FPU e Pelotões do Chile e Uruguai no Plano Integrado, o **BRABAT ampliou seus efetivos no interior de Cité Soleil e tinha a coordenação dos meios em operações.**

Esta **imagem** é de uma das operações realizadas, mas ela **serve de ilustração para vários fatos** que vamos comentar. Observem no meio da foto, da esquerda para a direita, a principal

avenida da área (*Route 1*) que chega ao aeroporto na parte superior. **Ela também divide as favelas de Bel Air e Cité Militaire (abaixo e à direita) de Cité Soleil (acima e à esquerda).**

As FPU se estenderam ao longo da *Route 1* e o **BRABAT** ampliado atuando a pé e com blindados em toda Cité Soleil.



MINUSTAH – Imagem importante para ilustrar a leitura de importantes fatos -2006

Nas favelas haviam poucas ruas que permitiam operação com **blindados**, mas eram essenciais que pudessem ir o mais fundo possível, particularmente pela natural proteção, dissuasão e apoio de fogos.

A **combinação do emprego dos blindados com os militares a pé dentro das favelas** foi se aperfeiçoando à medida em que as diferentes ações apareciam. **Todos os dias tínhamos lições aprendidas**, não havia uma doutrina específica, era uma verdadeira “Escola Prática”.





MINUSTAH – Presença e Dissuasão essenciais – 2006

As imagens a seguir mostram o que as gangs faziam para impedir o acesso dos blindados. Enquanto tinham uma liberdade de movimento, faziam estes obstáculos em poucas horas e as **novas operações cortaram esta liberdade.**



MINUSTAH – Obstáculos feitos pelas gangs no início das operações integradas – 2006

As **FPU** tiveram um **resultado surpreendente** em todos os sentidos, ficaram muito motivados em serem empregados, tinham equipamentos e blindados e todas, sem exceção, **não queriam**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

retornar às missões anteriores. As imagens a seguir dão uma exata dimensão das ações essenciais de apoio que realizavam.



MINUSTAH – FPU da China na Route 1 - 2006



MINUSTAH – FPU do Paquistão e Jordânia - 2006



MINUSTAH – FPU do Senegal e Nigéria – 2006

As operações eram basicamente em Cité Soleil, mas acontecia fatos isolados de violência em todo o País. Em um determinado dia, em **Martissant, área do Batalhão do Sri Lanka, apareceram cerca de 20 mortos** fruto da rivalidade entre gangs daquela região. Naquela área, a região de favela era na área alta e determinei ao Batalhão que ampliasse sua presença. Os militares do Sri Lanka subiram imediatamente, mesmo sem o apoio logístico necessário e realizaram um **excelente trabalho de presença e dissuasão**.



MINUSTAH - Martissant, favela fora de Porto Príncipe, fui ver o ótimo trabalho do Batalhão do Batalhão do Sri Lanka – 2006

A continuidade das operações fez com que cada vez mais a integração fosse aperfeiçoada, o nosso **Centro de Operações permanecia 24 horas no ar** e era de onde **acompanhávamos** o desenrolar das operações e **decidíamos** o que fazer nos problemas que sempre apareciam.

As áreas das favelas eram muito heterogêneas, os **planejamentos** tinham que ser **detalhados** e suas **execuções muito lentas e cuidadosas**, particularmente para evitar os efeitos colaterais na população.

Em uma determinada operação, os acessos eram tão limitados que levamos quase **quatro horas para vasculhar e controlar uma área de cerca de 200m de profundidade**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

A **expressão** que destaco a seguir **usei em várias ocasiões** como *Force Commander*, particularmente para os **Comandantes das Unidades** e, em especial, para as **autoridades dos diferentes países** que nos visitavam. Quando voltei ao **Brasil**, fazia questão de referenciar nas diversas palestras, reuniões, conferências e seminários que participei:

**“Seis meses que nossos militares atuam no Haiti, valem mais que seis anos treinando nos nossos Países”**



MINUSTAH – Cúpula da missão acompanhando operações na nossa Sala de Operações - 2006



MINUSTAH – Plano Integrado e exemplos de determinação e coragem dos soldados brasileiros – 2006

É válido lembrar neste momento um detalhe importante da ONU. A grande maioria das suas missões são regidas pelo **Capítulo VI**, que proíbe o emprego de armamento pelos seus integrantes e são basicamente humanitárias. A minoria, onde se enquadrava a MINUSTAH, era regida pelo **Capítulo VII** que autorizava este emprego. Mesmo assim havia sempre um **componente político** que questionava esta autorização e na própria estrutura da MINUSTAH havia uma **Seção de Justiça**.

**O fato que narro a seguir foi surpreendente e único.** Estava na minha sala no terceiro andar do Quartel-General, quando o **Chefe da Seção de Justiça da MINUSTAH** pediu para falar comigo. Era um francês, de origem africana, muito educado e parecia muito competente no que fazia.

O assunto girava em torno dos conhecidos *Board of Inquiry* (**BOI**), semelhantes aos nossos **Inquéritos**, porque vários militares estavam envolvidos em ações decorrentes das operações, praticamente todos do **BRABAT**. Estes militares estavam relacionados porque **o Componente Militar informava diariamente os nomes dos militares em operação, com o objetivo de ampará-los em caso de acidente ou mesmo óbito.**

O BRABAT estava terminando seus seis meses de intensas operações, e em preparação para retorno ao Brasil. O Chefe da Justiça foi me informar que os militares **envolvidos em BOI teriam que ficar no Haiti** até suas conclusões. Confesso que pensei em mandar ele se retirar imediatamente da minha sala com sua **estúpida decisão**, mas liguei para o **SRSG**, estava na sua sala no quinto andar e disse que subiria imediatamente. O Chefe da Justiça pediu licença para se retirar e eu neguei dizendo que **ele subiria comigo para uma final decisão.**

Ao lado do Chefe da Justiça, **informei ao SRSG**, Embaixador Mulet, do que se tratava, que era um **absurdo** e que a **Justiça somente tinha nomes porque eu informava oficialmente todos os dias.**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como diariamente a imprensa e PNH citava ocorrências nas favelas, algumas com mortes, inclusive entre as gangs, **não era correto relacionar os militares em BOI por estarem em missão imposta por mim e aprovada pela ONU**. Complementei dizendo que a **autorização era minha**, que todos os militares sob meu comando, depois de passarem **seis meses arriscando suas vidas pelo Haiti, voltariam para suas casas** e, caso a ONU desejasse, que mandasse os BOI como **precatória** para os respectivos países.

O SRSG quis amenizar a situação, mas expliquei que somente encerraríamos a reunião com a sua decisão. **Felizmente, ele concordou com meus argumentos**, porque caso ele não concordasse, já tinha decidido que entregaria o cargo de *Force Commander*.



MINUSTAH – Sala do *Force Commander* - Reunião com o SRSG, Embaixador Mulet – 2006

Ainda vou mostrar um pouco mais dos essenciais trabalhos da nossa Engenharia, mas não podia deixar de falar de outros **fatos realizados pelas tropas, em especial pelo BRABAT**. Era missão permanente, paralelo às operações, apoiar a pobre população do Haiti. Assim é que, em 2006, somente



com meus **militares de saúde, fizemos mais de 50 mil atendimentos médicos.**

**Outro “parêntese”:** dentro do Ponto Forte 16, tínhamos uma permanente equipe médica para emergências em virtude dos constantes tiroteios. **Uma moça grávida foi trazida em estado tão adiantado, que nosso médico teve que fazer ali mesmo o parto.** Era um menino e dias depois a mãe apareceu no Ponto Forte para **agradecer ao médico, perguntou o seu nome e disse-lhe que seria o nome do seu filho.** Atitude espontânea de uma pobre mãe, mas que **emocionou** a todos, em especial ao nosso Tenente Médico.

Havia um **objetivo prioritário, que eram as crianças** e as tropas organizavam periodicamente jogos, dança e atividades culturais. Era impressionante a **cultura escolar**, apesar do difícil acesso à educação. Outro **fato** importante era contratar **mão de obra haitiana** nos projetos. As imagens a seguir dão uma dimensão desses fatos e a sua importância para nosso trabalho.



MINUSTAH – Crianças asseadas e muito bem uniformizadas - 2006

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Ações complementares essenciais realizadas pelas Tropas – Nas Escolas e na Saúde - 2006



MINUSTAH – Ações complementares essenciais realizadas pelas tropas – Atividades esportivas – 2006

Claro que o Componente Militar mantinha o foco de manter a Estabilidade do País e acabar com a violência planejada pelas gangs, mas tem **dois fatos de elementos orgânicos que merecem ser citados pela sua discreta e essencial necessidade**. O primeiro deles é a importância do **Padre** nestas missões reais e de longa duração. Algumas Unidades possuíam, mas vou fazer referência ao **Padre Pedro, do BRABAT**. Por uma feliz coincidência já o conhecia porque ele era Capelão Paraquedista e no ano anterior era meu Capelão no Comando da 6ª Região Militar em Salvador. Eu o deixei lá quando vim em janeiro para o Haiti e em maio chegou com o novo BRABAT. Sua **contribuição para manter o moral elevado dos nossos soldados era notável**. Por sua iniciativa,

ele estava presente e **benzia todas as patrulhas que saíam de dia e de noite para as operações e as recebia com uma bênção nos seus retornos.**

Era admirado por todos, conversava informalmente com os soldados nas suas “folgas” dentro do BRABAT, suas **homilias na missa dos domingos eram claras e dirigidas principalmente aos jovens soldados.** Sempre que podia assistia suas missas e depois jantávamos pizza com a tropa.



Padre Pedro, ainda em Salvador – 2005

**O segundo era o nosso estratégico apoio de saúde,** também fundamental para o melhor rendimento de todos. Todas as Unidades possuíam seus médicos, dentistas e farmacêuticos e tinha sob meu comando um **excelente Hospital Militar da Argentina com capacidade cirúrgica e extraordinário corpo médico.** Acompanhei várias situações de militares mais seriamente feridos e constatei o valor profissional dos seus integrantes.

**Em conclusão, as assistências religiosas e médicas não podem ser jamais esquecidas, especialmente em missões reais.**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Visita ao excelente Hospital Militar da Argentina – 2006

Completando o ciclo de rodízio dos meus militares mais próximos, **perdia agora o grande amigo e soldado General Aldunate, meu leal e determinado subcomandante**. Desde o falecimento do General Bacellar, ele demonstrou seu comprometimento com a missão e manteve o Componente Militar focado naqueles 10/15 dias de janeiro como comandante interino.

**Desde nosso primeiro contato, vimos que tínhamos pensamentos operacionais semelhantes, além da feliz coincidência de sermos Paraquedistas e Forças Especiais.**

Todas as nossas discussões eram produtivas e implementava todas as minhas decisões com presteza, motivação e presença permanente. **Sem ele e o Coronel Duhamel, não teríamos atingido tantos importantes objetivos**. Planejamos uma Cerimônia no BRABAT, com diversas autoridades, num justo **reconhecimento ao seu exemplar trabalho** e receber o seu substituto, General Raul, do Uruguai.

Da mesma forma como aconteceu com o Coronel Duhamel, também reencontrei o General Aldunate anos depois no Chile, em **outros dois fatos importantes e que falarei oportunamente.**



PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)



MINUSTAH – Passagem de Comando do *Deputy Commander* – Do General Aldunate, Chile, para o General Raul, Uruguai – 2006



MINUSTAH – Despedidas de um leal amigo e destacado soldado - 2006

As operações do Plano Integrado em Porto Príncipe corriam muito bem, cada vez mais ampliando nosso controle em Cité Soleil e, em consequência, limitando as ações dos três principais líderes dentro das suas bases e que seriam os objetivos finais.



Apesar disso, **fatos graves sempre ocorriam e destaque dois.** Numa operação noturna, um **sargento fuzileiro naval**, atirando de dentro do nosso blindado, foi **atingido na cabeça** caindo no seu interior. Como estava muito escuro, desmaiado e ensanguentado, me informaram que era grave e estava sendo evacuado para o Hospital Militar Argentino. A operação continuava e **parti para o Hospital.** Ao chegar, recebi **notícias muito boas.** O projétil penetrou no capacete, mas não ultrapassou, o que causou o sangramento foi o próprio capacete ao estufar para dentro por força do impacto. Naquela mesma noite o sargento voltou para sua base e no **dia seguinte fui visitá-lo.** Estava muito alegre, apesar da cabeça enfaixada, disse-lhe brincando que ele podia ficar com o capacete para contar umas “mentiras” e **falei que o melhor remédio para ficar logo bom, era voltar o mais rápido possível às operações.** Respondeu que já havia falado ao seu tenente comandante que estava pronto e tive o prazer de ver este sargento em **outras missões** com ótimo desempenho. Mais um **exemplo de determinação e coragem para todos os seus companheiros e chefes.**

O outro fato aconteceu com o **General Raul.** Ele foi ao Ponto Forte 16 e quando estava transitando na favela, **sua viatura recebeu cerca de seis precisos tiros de fuzil, quatro deles frontais e dois laterais.** Somente não foram atingidos por causa da excelente blindagem. Foi mais uma outra **boa lição para que continuássemos atentos,** apesar dos resultados positivos.

Não tínhamos responsabilidades diretas na **fronteira com a República Dominicana,** mas julgo interessante destacar **alguns fatos** sobre os dois países que ocupam a ilha.

Curioso lembrar que o **Haiti, há cerca de 50 anos, era o país mais rico do Caribe.** Produtor de cana de açúcar, exportava vários itens para os EUA, a **diáspora haitiana nos EUA, nos dias de hoje, chega a mais de 1,5 milhão,** vários deles riquíssimos e que ajudam o pobre Haiti dos dias de hoje. Naquela época, por razões óbvias, o fluxo de pessoas vindas da República Dominicana para o Haiti era enorme.

Em 2006, o Haiti era o país mais pobre das Américas e o fluxo na fronteira era exatamente o inverso, haitianos em busca de melhores condições de vida no vizinho e este tentando controlar suas fronteiras contra este indesejado fluxo.

Toda a **parte leste do Haiti faz fronteira com a República Dominicana e tem 3 pontos de controle principais**, um no norte, outro no centro e um no sul e os **Batalhões do Uruguai, Nepal e Sri Lanka** tinham missões de presença rotineira nos pontos de controle. Durante as eleições, os conhecemos e temos a certeza de que **ambos os países poderiam se beneficiar com planos integrados de médio e longo prazos**.



MINUSTAH - Fronteira do Haiti e República Dominicana - Presença dos Batalhões do Uruguai, Nepal e Sri Lanka – 2006

As **autoridades não conheciam adequadamente as favelas**, particularmente Cité Soleil e planejamos levá-los aos **Pontos Fortes** existentes para ouvirem os comandantes daqueles setores, sentirem a **sensibilidade** das operações e o **ambiente** altamente positivo **com a população**.

Inicialmente levei o **SRSG** com um representante do **DPKO** e estabelecemos um roteiro onde passávamos em três Pontos Fortes de Cité Soleil: um na periferia (**PF 21**), outro perto do mar (**PF 17**) e o do centro e mais importante (**PF 16**).

Estendemos o convite aos **Embaixadores** credenciados no Haiti e os resultados foram excepcionais. **Impressionavam a todos a postura dos militares, os detalhes operacionais dos Pontos Fortes e a atitude alegre e espontânea da população de Cité Soleil.**



MINUSTAH  
– Visitas de  
Autoridades  
a Cité Soleil –  
Novembro de  
2006



MINUSTAH  
– Alguns  
Embaixadores  
credenciados no  
Haiti – Embaixador  
do Brasil Paulo  
Cordeiro presente –  
Novembro de 2006

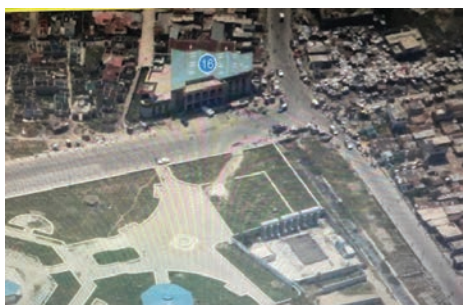
Por um **fato especial**, narro separadamente a visita da **Embaixadora dos EUA**. Encontrei-me casualmente com ela e me disse que soube que eu tinha levado alguns Embaixadores a Cité Soleil e **ela não tinha sido convidada**. Sorri, lhe disse que estava levando pequenos grupos e que ela seria oportunamente avisada. Respondeu que queria ir logo e **perguntei se queria ir no dia seguinte**. Ela tomou um susto, ficou muito feliz e lhe disse que primeiro ela precisava concordar com alguns detalhes. **O mais importante era que a sua competente e numerosa segurança** ficaria num ponto determinado por mim na periferia de Cité Soleil e **a partir daí iria comigo na minha viatura**, voltando cerca de duas horas depois.

Achei que não concordaria, mas falou imediatamente com seu chefe de segurança e disse que ele concordou porque iria na minha companhia. Complementei para colocar uma roupa leve, sapatos sem salto ou tênis.

Como previsto, começamos pelo **PF 21**, o tenente fuzileiro naval no comando a recebeu falando um **ótimo inglês**, mostrou em mapas e visualmente os maiores problemas e ela ficou impressionada com as simples, mas funcionais estruturas do PF 21. No caminho para o **PF 17** próximo ao mar, parei a viatura e a convidei para **andar um pouco na favela**. Hesitou um pouco, mas disse-lhe que ela ia gostar de ver uma coisa. Aquela área tinha pequenas ruas, somente para pedestres e com um piso bem conservado. **Mostrei então para ela o que tinha nas paredes das ruelas, a bandeira dos EUA**. Aqueles pisos foram colocados anos atrás pelo seu País e ela não sabia.

Quando chegamos no imponente **PF 16**, o próprio comandante do BRABAT, **Coronel Paulo Humberto**, a recebeu também num **ótimo inglês**, mostrou **detalhes operacionais** da observação em 360º, da presença dos **blindados**, do **posto médico**, dos **alojamentos** e da **motivação** de todos. Convidei-a então para ir à **feira ao lado do PF 16**, meses atrás vivia vazia pelos tiros constantes e agora vivia cheia. Apesar da quantidade de pessoas, ela

ficou **impressionada com a atitude positiva da população, particularmente das mulheres e crianças**. Explicamos que aquele era o **maior prêmio para os soldados**, terem a certeza que estavam ajudando aquela sofrida população. Demoramos mais de duas horas e quando nas despedidas, ela me falou mais ou menos o seguinte: **“General, este foi o dia mais significativo que tive no Haiti, jamais imaginei ver tamanha competência, motivação e uma reação popular tão espontânea. Aprendi muito, mudo hoje minha visão do Haiti e peço para cumprimentar e agradecer a todos.”**.



MINUSTAH - Visita da Embaixadora dos EUA a Cité Soleil - Feira que ela visitou, acima e à direita – Novembro de 2006

Quando voltei horas depois ao Quartel-General, o **SRSG me chamou e perguntou sorrindo** o que eu havia feito com a Embaixadora dos EUA. Expliquei rapidamente o que fiz e ele **me mostrou uma carta que ela tinha enviado** para o seu País. **Ratificava** o que me disse nas despedidas e ainda acrescentava outras observações positivas sobre a MINUSTAH.

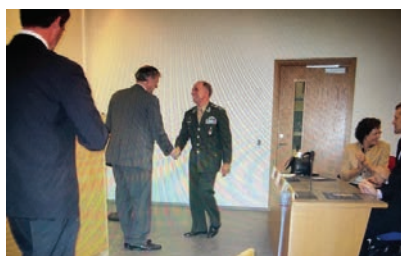
A ONU determinou que eu passasse **duas semanas em Estocolmo/Suécia**, fazendo um curso de alto nível chamado *Senior Mission Leaders Course*. **Não fui consultado, mas entendi que era uma distinção**, recebi cumprimentos e fiz várias reuniões com o General Raul e Coronel Tarrant ajustando as operações dos próximos 15 dias. Foi uma excelente experiência, mas passava



PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)

o dia e a noite em contato com o General Raul recebendo suas informações.

**O Curso foi muito interessante, a lição foi muito válida, mas não via a hora de retornar ao Haiti.**



MINUSTAH – Senior Mission Leaders Course – Estocolmo/Suécia –  
Novembro de 2006

De volta ao Haiti, tive o prazer de receber o **Presidente do Equador** que tinha um **contingente de Engenharia** integrado com a Engenharia do Chile e faziam um ótimo trabalho no norte do

País. Ele ficou impressionado com a dimensão da missão, agradeceu a oportunidade para seus soldados e elogiou o sucesso das eleições no País.



MINUSTAH – Visita do Presidente do Equador – Encontro com Presidente Preval e Briefing com o *Force Commander* – 2006

Ao longo do meu um ano de *Force Commander*, vocês observaram o **permanente rodízio das tropas** a cada seis meses. Não poderia deixar de escrever sobre os **três BRABAT** que tive o privilégio de ter sob meu comando.

Eles foram sempre responsáveis pelas **missões mais difíceis e nos locais mais críticos**, sempre com resultados expressivos e jamais sem deixar de ter o apoio da população.

Quando cheguei em **janeiro de 2006**, a nossa Companhia de Engenharia ocupava o chamado **Campo Alfa** e o BRABAT o **Campo Bravo**. Estas áreas seriam da futura Universidade do Haiti que não foi concluída. Meses depois, o governo solicitou a devolução do Campo Alfa, levamos a Engenharia para uma área central do Campo Bravo e ficamos com as **duas Unidades brasileiras juntas**, o que foi muito positivo. Muito mercidamente **denominamos a Base Bravo de Base General Bacellar**.



MINUSTAH – BRABAT e Companhia de Engenharia juntos na Base Bravo, Base General Bacellar – 2006

O governo haitiano informou ainda que precisaria da área da Base Bravo o mais breve possível e começamos a fazer **reconhecimentos**.

Todos os sábados, no final da tarde, jogávamos futebol nos gramados da excelente instalação da Honda. Não era longe da Base Bravo e no caminho passávamos pela adiantada construção da nova Embaixada dos EUA. Por um lance de sorte notei do lado oposto da estrada uma área sem construções com uma pequena elevação ao fundo. Depois de sanados vários óbices, decidimos que **ali seria construída a Base Charlie, para o BRABAT e a Companhia de Engenharia**. A área era tão boa que a MINUSTAH planejou levar outras Unidades de Porto Príncipe.

Iniciamos as obras em novembro/dezembro e como passei o Comando em janeiro não participei da sua conclusão, mas acompanhei do Brasil que as **instalações das nossas Unidades brasileiras ficaram excelentes** e que outras Unidades da MINUSTAH também compuseram a nova Base Charlie.



MINUSTAH – Início das obras do Campo Charlie – Base General Bacellar – 2006

O mês de dezembro me deu de presente mais um **fato extraordinário**, o **nascimento do meu segundo neto, Lucas**, em 12 de dezembro. Não tive o prazer de ver nascer meus dois primeiros em 2006, mas fiquei felicíssimo pela nossa família, especialmente pela Graça, meus filhos, genro e nora. Também somente pude abraçar e beijar o Lucas dois meses depois, quando voltei do Haiti.



MINUSTAH – Inesquecíveis imagens do nascimento do meu segundo neto, Lucas – 12 de dezembro de 2006

Como já destaquei anteriormente, a **Companhia de Engenharia Brasileira** realizou trabalhos excepcionais em benefício do Haiti e da sua população. Também recebi três diferentes contingentes, todos excelentes e que todos os dias tinham missões a cumprir. **Em algum lugar estavam removendo lixo e carcaças, asfaltando ruas, viabilizando acessos, abrindo poços de água e tantos outros.** As imagens a seguir demonstram mais um excepcional trabalho. Esta rodovia tinha tanto lixo depositado durante anos,



PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)

que para remover foi necessário retroescavadeiras. Era uma **via importante para as operações** do Componente Militar na área de Cité Soleil e deu a Porto Príncipe mais uma opção no seu complicado trânsito.



MINUSTAH – Apoio essencial às nossas operações - 2006



MINUSTAH – Mais uma demonstração da nossa eficiente  
Engenharia – 2006



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Em dezembro aconteceu um **fato previsto** e muito interessante. Todo final de ano a **ONU convocava os Force Commander (FC) a Nova York**, na época 17, para o que chamavam de **FC Conference**.

Nos três dias da *Conference*, vários e importantes assuntos foram discutidos e **somente dois FC foram designados para fazer uma exposição sobre suas missões, Haiti e Congo**.

Estas duas missões eram regidas pelo Capítulo VII e os **fatos acontecidos e lições aprendidas** seriam muito válidos para todos. Mostrei a importância do Componente Militar na **estabilização do País, na realização das eleições, no controle da violência e no apoio à população**.

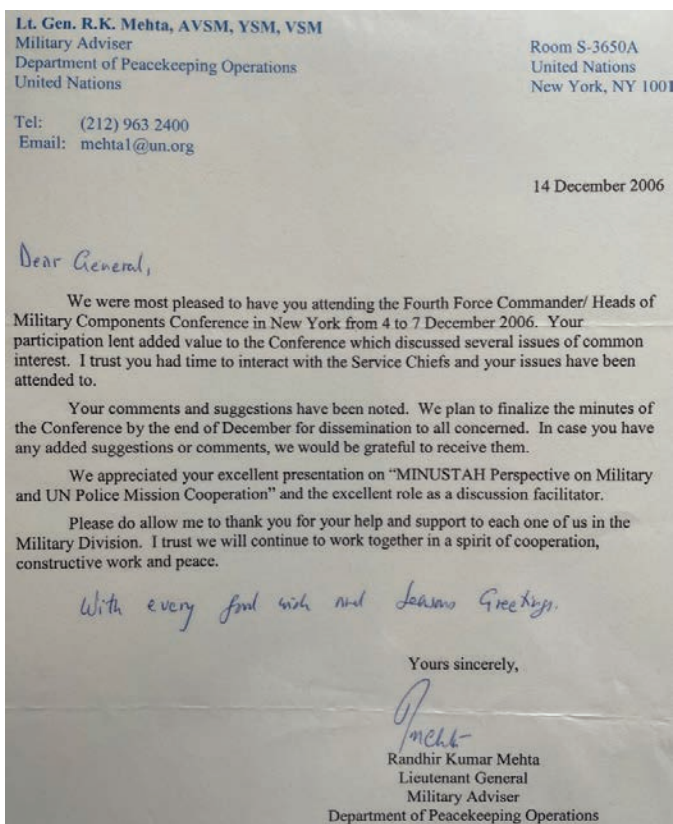


MINUSTAH – FC Conference em Nova York – Dezembro de 2006

PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)

Dias depois estava no Haiti, quando recebi esta **carta abaixo do General Metha**, aquele que **conheci na ONU**, em janeiro, durante a sabatina para a seleção do *Force Commander* e **discordei do seu ponto de vista**. O mesmo que tinha criado o **Setor Porto Príncipe** poucos meses antes da minha chegada, dado o comando a um general da Jordânia e eu **com uma semana no Haiti, fechei o setor e pedi a repatriação do general**.

Esta **carta** de dezembro, menos de um mês antes de terminar minha missão, foi um **fato importante para mim porque o General Metha demonstra suas qualidades de soldado comprometido com sua função e reconhece os resultados do Componente Militar da MINUSTAH, ou seja, lições e valores**.



Apesar dos preparativos para a Passagem de Comando em 10 de janeiro, executamos duas **operações de vulto no Natal e no Ano Novo**, intencionalmente. Os resultados foram expressivos e viramos o ano com a feliz sensação de missão cumprida.

Quando iniciamos as operações em Cité Soleil, tínhamos cerca de **16 áreas** para controlar. Passaria o Comando em poucos dias com **três áreas** para concluir o controle total de Cité Soleil. Estas áreas eram pequenas, mas extremamente importantes porque eram exatamente os **locais dos três principais chefes de gangs**.

Conversei detalhadamente com o meu substituto, **General Santos Cruz, meu ex-cadete e excelente soldado**, de como achava que deveriam ser as próximas operações. Em **fevereiro, ele lançou as operações com absoluto sucesso**.

Os primeiros dias de janeiro foram plenos de **demonstrações de amizade e respeito à minha pessoa, ao Exército Brasileiro e ao Brasil**. Fui a todas as minhas Unidades para expressar meus cumprimentos pelos seus desempenhos e desejar um feliz 2007 para todos. Coloco estas **imagens no BRABAT simbolizando os atos semelhantes que recebi das demais Unidades**.



MINUSTAH – Despedidas do  
BRABAT – Janeiro de 2007

Desde as minhas primeiras linhas na chegada ao Haiti, destaquei o excepcional valor do nosso **Embaixador no Haiti, Paulo Cordeiro**. Ao longo do turbulento ano que enfrentamos, tive sempre do Embaixador consistentes opiniões que me ajudaram em várias situações. Ficamos **muito amigos e com uma forte e recíproca confiança**. Por uma feliz coincidência, **tanto ele como sua esposa D. Vera eram baianos** e quando souberam que minha esposa Graça também era, tomaram a iniciativa de estabelecer contato e quando estiveram em Salvador foram visitá-la e conhecer o meu primeiro neto recém-nascido.

Faço esta introdução porque eles **convenceram a Graça a vir ao Haiti e assistir minha passagem de Comando**. Com muito prazer voltarei a falar deste distinto casal em outros importantes momentos da nossa vida.



MINUSTAH - Homenagens do exemplar Embaixador Paulo Cordeiro e querida esposa D. Vera - Graça presente - Janeiro de 2007

Foi também muito significativo para mim o **almoço** oferecido pelos integrantes da MINUSTAH, em especial pela presença do **Componente Civil**, numa clara demonstração de amizade e respeito.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH - Almoço de despedida – SRSG e Embaixador Paulo Cordeiro presentes – Janeiro de 2007

Na noite anterior à Passagem de Comando, o **Embaixador Mulet** nos ofereceu um **formal jantar** na sua residência com a presença de Embaixadores e autoridades haitianas.



MINUSTAH - Palavras do Embaixador Mulet (SRSG) - Janeiro de 2007

Antes de encerrar este importante resumo sobre minha missão no Haiti como *Force Commander*, gostaria de escrever algumas **breves palavras sobre o Presidente Preval, Presidente do Haiti.**



Destaquei em alguns dos encontros com ele que o achava muito **introvertido**, sua decisão de negociar com os líderes das gangs nos atrasou em cerca de dois meses, mas ele tinha também **importantes virtudes**. Era uma pessoa naturalmente **simples e muito honesto**.

Até aquela data, era o **único Presidente do Haiti que havia acabado um mandato presidencial**, era extremamente **educado, sabia ouvir** e na grande maioria das vezes apoiou nossas decisões. A primeira imagem a seguir simboliza a integração da MINUSTAH com o Presidente, em **2006**, e a segunda é de **2009**, três anos depois, quando **visitou o Brasil**, o Itamaraty lhe ofereceu um almoço, eu estava no Ministério da Defesa e fui convidado. **Não esqueço sua emoção ao abraçar-me**. Vou ratificar este fato mais adiante, mas achei oportuno estas duas fotos juntas prestando uma **homenagem a ele que nos deixou em 2017**.



MINUSTAH – Com o Presidente Preval no Haiti em 2006 e no Brasil em 2009

Finalmente, no dia **11 de janeiro de 2007**, nas instalações do BRABAT, foi realizada a emocionante **Cerimônia de Passagem de Comando**.

Antes de colocar algumas imagens deste significativo evento, decidi traduzir sinteticamente alguns trechos do **discurso do SRSG**, Embaixador Mulet e deixei em inglês, intencionalmente, o seu final.

Esta decisão foi porque são **palavras da mais alta autoridade da MINUSTAH, um civil** e tocam diretamente no **foco deste livro - fatos, lições e valores.**



“Assumi um ano atrás em dramáticas circunstâncias”

“Sua exemplar liderança e habilidade em conduzir missões permitiram, em curto espaço de tempo, conquistar a admiração de todos”

“Sua contínua presença com seus soldados foi fundamental para os seus desempenhos e resultados”

“Assumi o Comando duas semanas antes do crítico momento das eleições e realizou um exemplar e difícil trabalho que resultou num grande sucesso”

“Sua decisão chave de assumir direta responsabilidade em Cité Soleil demonstraram sua coragem e profissionalismo”

“Durante todo o tempo demonstrou excepcionais qualidades ao trabalhar sob contínua pressão, dia e noite, para alcançar resultados”

“A complexa situação pós-eleitoral requeria flexibilidade, criatividade, permanente adaptação e sou testemunha dessas qualidades no General Elito nos diversos encontros que tivemos com diferentes autoridades, construindo confiança e respeito”

“Sua capacidade de implementar um Planejamento Integrado com a PNH e a UNPOL, permitiu a PNH voltar a atuar nas favelas após 3 anos”

18. Let me conclude with a word of gratitude for General Elito as you hand over the command of your contingents. Throughout your time with MINUSTAH, you have demonstrated the highest qualities we expect from the Commander of UN peacekeepers. Coming from a country renowned for its soccer stars, you have shown yourself to be a leader able, like the soccer greats, to improvise. You have demonstrated a mastery of tactics while keeping the goal in sight. Making good use of defensive strategies, you have shown the ability to launch the decisive offensives and counter-attacks needed to defeat our adversaries.

19. General Elito, you leave a job well done. I will miss a brilliant colleague, a genuine friend and a great General. I am very grateful for your continued efforts to contribute with unwavering dedication to maintaining and entrenching stability and peace in Haiti. I wish you the best of success in your career ahead.

Thank you.



MINUSTAH – Cumprimentos do SRSG, Embaixador Mulet – 11 de janeiro de 2007



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**MINUSTAH – Passagem de Comando – Revista às Tropas – 11 de janeiro de 2007**



**MINUSTAH – Quadro da Independência do Haiti, presente do Presidente Preval  
– Bandeira ONU com assinaturas do Componente Militar – 11 de janeiro de 2007**

PARTE XXVII – COMANDANTE (FORCE COMMANDER) DA FORÇA DE PAZ  
NO HAITI (MINUSTAH) – (PORTO PRÍNCIPE) – (2006 – 2007)



MINUSTAH - SRSG, Min. Justiça, Min.  
Segurança Pública, Cmt PNH - Graça,  
sempre presente – 11 de janeiro de 2007

Neste mesmo dia, Graça e eu voamos para **Nova York** onde teria uma passagem obrigatória para um necessário *briefing* no **DPKO / ONU** e entrega do meu **Relatório**.

Fomos excepcionalmente bem recebidos pelo **General de Exército Castro**, mais alta autoridade militar da nossa **Missão Permanente com a ONU** e sua esposa **Sandra**. Ele tinha me recebido há um ano para a sabatina de seleção, acompanhou muito de perto todas as sensíveis situações vividas no Haiti e **não faltou assunto nas nossas proveitosas conversas**.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MINUSTAH – Com o especial casal de amigos, General Castro e D. Sandra –  
*Briefing* e Relatório para o DPKO - Nova York - 2007

Após alguns dias nos EUA voamos para o Brasil e seguimos para **Brasília** onde assumiria um novo cargo. Já era um General de Divisão antigo e fui nomeado **Vice Chefe do Departamento Logístico do Exército**.

**PARTE XXVIII**

**VICE-CHEFE DO  
DEPARTAMENTO  
LOGÍSTICO  
(BRASÍLIA/ DF)  
(2007)**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



D LOG – Cumprimentos do General Fernandes, do Comandante do Exército, General Enzo e de amigos-irmãos – 2007

**C**hegamos todos bem em Brasília, revimos muitos amigos, muita conversa sobre o Haiti, **mais uma mudança, creio que a 23ª** que eu e Graça fazíamos e, logicamente, a prioridade de conhecer meu **segundo neto, Lucas**.



Conhecendo nosso segundo neto, Lucas – Aracaju/SE –  
Fevereiro de 2007

Chefiava o Departamento Logístico (D LOG) o **General de Exército Fernandes**. Assim que cheguei soube da sua nomeação para Ministro do Superior Tribunal Militar (**STM**) e que eu assumiria, **interinamente**, o cargo de Chefe do D LOG.

A responsabilidade seria ainda maior e procurei aprender o máximo nas conversas com o General Fernandes. Ele já estava a algum tempo no D LOG, dominava todos os assuntos e disse que me passaria **ainda não concluído um assunto estratégico para o Exército**.

Este **importante fato** era a aquisição de cerca de 200 novos **Blindados Leopard** da Alemanha. Não conhecia adequadamente o tema, ele me explicou em que nível estava o planejamento, as decisões já tomadas e **mostrou algumas preocupações**. O que

mais me chamou a atenção foi o **planejamento logístico** porque os blindados não seriam recebidos completos, **não havia uma garantia de pelo menos cinco ou 10 anos de manutenção, peças de reparação e munição, simuladores e ainda o adestramento das guarnições.**

Explicou que o acordo final seria assinado em poucos meses e disse-lhe que **não podíamos concluir naquelas condições.**

O General Enzo, Comandante do Exército, havia assumido a função em janeiro, certamente não conhecia todos os problemas e propus ao General Fernandes que fizesse uma **reunião urgente com o Comandante** antes da sua ida para o STM.

O General diretamente envolvido no Projeto era o excelente **General Mayer**, Diretor de Manutenção e fiz uma reunião mais detalhada com ele. Concordou com nossas preocupações, **disse-lhe para montar linhas de ação que incluíssem um completo e indispensável Plano Logístico com os custos necessários** para apresentarmos na reunião com o Comandante do Exército.

Quando me apresentou o excelente trabalho, chegamos a uma conclusão de linha de ação e decidi que ele mesmo devia expor ao Comandante no dia da reunião.

A sugestão a ser apresentada tinha **importantes observações**, dentre as quais:

- Os blindados deveriam vir totalmente equipados e **prontos para empenho**; no acordo inicial viriam sem equipamento rádio.
- Incluir a aquisição de dois **simuladores**.
- Como a entrega levaria alguns anos, que fosse criado em Santa Maria, local que receberia todos os blindados, um **“escritório avançado”** e instalados os simuladores.
- Prever **estágios** para oficiais e sargentos na Alemanha.



- Assegurar por cinco a dez anos o suprimento de **peças de recuperação e de munição**.
- **Enviar uma equipe à Alemanha**, chefiada pelo General Mayer, para discutir e assinar o novo formato do Acordo.

O mais importante é que este fundamental Plano Logístico **aumentava as despesas em cerca de 50%** e não havia este recurso disponível.

A linha de ação que o **D LOG** proporia ao Comandante é que comprássemos inicialmente **menos tanques e toda a cauda logística** necessária. Nos anos seguintes, de acordo com a disponibilidade orçamentária, compraríamos o restante. Achávamos que os alemães poderiam aceitar porque a **compra não teria seu valor alterado** e nos próximos anos haveriam novas compras.



D LOG – Reunião com o Comandante do Exército sobre a compra dos Blindados Leopard – 2007

**O Comandante ouviu atentamente** a introdução do General Fernandes e a excelente exposição do General Mayer. Como ia ficar na função nos próximos passos, fui autorizado a conduzir os

questionamentos. Setores do Estado-Maior do Exército achavam que não deveríamos reduzir o número de blindados, mas era claro que não tinham todos os dados. Destaquei para o General Enzo que era uma **aquisição extraordinária**, que aumentaria geometricamente nosso poder de dissuasão e de combate, mas receber os blindados **sem equipamento de rádio integrado, sem garantias de peças de reposição e munição, seria uma péssima aquisição**, claramente demonstrada nos anos seguintes.

Complementei que o tempo para a assinatura do Acordo era curto, mas que valeria a pena **mandar o General Mayer e equipe à Alemanha** para incluir estas fundamentais mudanças e que, **como chefe do D LOG, não assinaria o Acordo nos termos atuais**.

O Comandante do Exército ficou tão impressionado que **chegou a falar na anulação do Acordo**, mas enfatizamos que os alemães eram ótimos profissionais e **se concordassem com nossas propostas, valeria a pena manter a aquisição**.

**Concluindo este importante fato**, tudo correu como planejado graças ao discernimento do General Enzo, a competência do General Mayer e a decisão do D LOG de não renunciar da necessária “cauda logística”.

O **Projeto Leopard** foi corretamente implantado nos anos seguintes em Santa Maria / RS com resultados positivos e **lições aprendidas**.

Voltamos então todas as atenções para as despedidas do General Fernandes do D LOG e nosso ato de Passagem de Comando.

**As imagens a seguir retratam os fatos especiais** das despedidas do General Fernandes para o STM e nossa situação de Oficial General três estrelas assumindo interinamente um cargo de 4 estrelas.

PARTE XXVIII – VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO LOGÍSTICO  
(BRASÍLIA/ DF) – (2007)



D LOG – Almoço  
de despedida em  
homenagem ao  
General Fernandes  
- 2007

**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**D LOG –  
Inauguração do  
retrato e ato de  
Passagem de  
Comando – 2007**





Não podia deixar de colocar a foto abaixo porque tenho um **sentimento todo especial** por ela. **Completava um ano e três meses que havia partido emergencialmente para o Haiti** e finalmente estava ao lado da Graça, queridos filhos, os lindos netos que não vi nascerem, e os queridos genro e nora.



D LOG – Presente maior, família reunida – Brasília 2007

O primeiro semestre de 2007 teve também **dois fatos pessoais muito especiais** que foram os **Batizados** dos nossos dois primeiros netos, Carlos Eduardo e Lucas, em Salvador e Aracaju, respectivamente.



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**Batizados do Carlos Eduardo em Salvador e o de Lucas em Aracaju – 2007**

Um **fato interessante** ocorreu em abril, quando o Ministério da Defesa determinou que eu fosse à **La Paz / Bolívia** para participar de um Seminário de Operações de Paz. **Um dos objetivos** era convencer o Ministério da Defesa da Bolívia da importância para as tropas e para o País da permanência de seus soldados no Haiti.

Mais uma vez abro um “**parêntese**” porque na imensidão dos assuntos que resumi nas páginas sobre a MINUSTAH / Haiti, não falei diretamente da **tropa da Bolívia**. Era uma excelente Companhia, sob o comando de um excelente major que já tinha atuado no Haiti, foi seriamente ferido e foi voluntário para aquele comando um ano depois. Seus militares eram bem adestrados e equipados e **empreguei a companhia em Cité Soleil várias vezes, sob a coordenação do BRABAT e sempre com ótimos resultados**.

Este **fato** teve também uma extraordinária coincidência porque o **Embaixador do Brasil na Bolívia era o senhor Frederico Araújo**, exatamente aquele destacado Embaixador que **conheci pela primeira vez em 1996**, naquelas situações narradas no capítulo da **África do Sul**, quando visitei Angola e depois quando tive o privilégio de conhecê-lo melhor nos dois anos que trabalhamos juntos e que narrei no capítulo do **Gabinete Militar da Presidência da República**. Desde 1999 não o via pessoalmente e **depois de oito anos teria o prazer de rever este especial amigo**.

A maior prova desta sincera **amizade** é que ele, mais alta autoridade do Brasil na Bolívia, sem me avisar, fez um **jantar na sua casa em minha homenagem e com a presença do Ministro da Defesa da Bolívia e seus Comandantes Militares**.

Foi uma rápida viagem, mas que teve **resultados importantes**, a Bolívia agradeceu muito nossa participação, **manteve a presença de suas tropas no Haiti** e tive o imenso prazer de **rever um dos melhores profissionais que conheci do Itamaraty**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

As imagens a seguir complementam estes dois importantes fatos.



La Paz/Bolívia – Seminário de Operações de Paz e Jantar do excepcional  
Embaixador e amigo Frederico Araújo – Abril de 2007

Sabia que minha **situação profissional** se aproximava para um **momento crucial**, que era a escolha para promoção de quatro ou cinco Generais de Exército (último posto da carreira) da nossa Turma dentre os 10 Generais de Divisão existentes.

Esta escolha seria em julho e somente teria **duas opções**: não escolhido para promoção e passaria para a reserva ex-ofício ou se escolhido para promoção, poderia ser efetivado do D LOG ou designado para outro cargo.

O D LOG era uma grande e importante estrutura e aprendia alguma coisa todos os dias. Responsável por várias e sensíveis missões que **refletiam diretamente no Emprego - Atividade Fim do Exército** – comecei a perceber que esta importância tinha que ser ampliada e o caminho começaria com a permanente **integração Operações e Logística**.

O que escrevo a seguir não é novidade, particularmente para os militares, mas com o foco do livro de **“Fatos, Lições e Valores”** e a experiência adquirida **convivendo com exércitos e povos que em menos de 20 anos enfrentaram duas Guerras Mundiais**, vimos claramente, em vários fatos, que os **resultados**

**positivos** mais expressivos e duradouros foram **consequência direta de um detalhado planejamento logístico**, de curto, médio e longo prazos.

As guerras ensinaram a estes povos e forças armadas a imperiosa necessidade de **integrarem ações** para melhor sobreviverem e até vencerem.

No **nosso continente** não temos um grande conflito entre países desde a Guerra do Paraguai, há **mais de 150 anos**, o que é um grande bônus para todos, mas, por outro lado, nossas **gerações não tiveram aquelas duras lições** do Continente Europeu.

Estas considerações justificam, em parte, a não correta **valorização da Logística** e sua necessária integração com a parte operacional, **seja numa atividade militar ou civil**.

O nosso D LOG precisava deixar de ser olhado apenas como uma grande e necessária estrutura administrativa, mas também como uma **estrutura presente em todos os planejamentos operacionais do Exército**.

**Baseado nestes fatos**, conversei informalmente com o Estado-Maior do Exército (EME) e com o Comando de Operações Terrestres (COTER) para que esta “prática” começasse a se consolidar, o que seria um salto positivo para todos.

**Sugeri que o nome Departamento Logístico fosse mudado para Comando Logístico (COLOG), à semelhança do Comando de Operações Terrestres (COTER)**. Foi com imensa satisfação que vi no ano seguinte, 2008, **o Exército oficializar o nome COLOG** e que permanece até hoje.

Como previsto, no início de julho, o Alto Comando do Exército (ACE) se reuniu para escolher os novos promovidos nos três postos de Oficiais Generais. **Eu e o General Heleno fomos escolhidos para promoção, fato extraordinário nas nossas vidas**.

As imagens a seguir mostram um pouco deste memorável momento na minha vida de soldado. Justo reconhecer, mais uma

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

vez, o criterioso processo de **Meritocracia do Exército**, onde um jovem do menor Estado do País, de origem simples, sem nenhum parente na Instituição, conseguia atingir o mais alto posto da carreira militar, **fato que acontecia numa média de quatro pessoas por Turma de AMAN**.



COMANDO DO EXÉRCITO – Entrega da Ordem do Mérito Militar, Grau Grã-Cruz e Bastão de Comando – 31 de julho de 2007



PALÁCIO DO PLANALTO – Cumprimentos do Presidente da República – Julho de 2007



Pensei que iria ficar como Chefe do D LOG, mas o General Enzo precisou movimentar o caro amigo-irmão General Cerqueira do Comando da Amazônia para Brasília (D LOG) e eu **fui distinguido com o maior Comando Operacional do Exército, o Comando Militar do Sul (CMS), com sede em Porto Alegre.**

Os dias que se seguiram foram de preparativos para mais uma mudança, **24ª ou 25ª**. Como teria que assumir logo o Comando Militar do Sul, não pude passar o D LOG para o General Cerqueira e **passei, interinamente para meu amigo-irmão de Turma, General Nelson.**

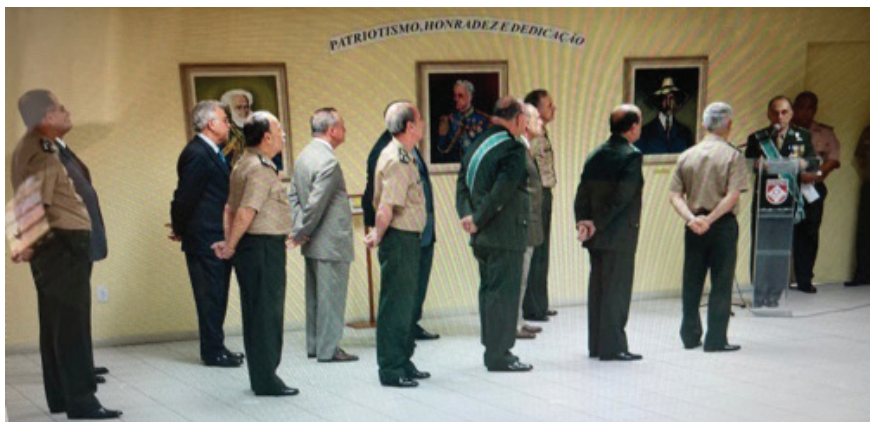
Apesar dos **poucos meses que estive na chefia do D LOG**, aprendi muito porque na maior parte da minha carreira estive mais envolvido na parte operacional. Fiquei muito feliz pelos resultados do **Projeto Leopardo**, com a semente lançada do **COLOG** e a quantidade de novos **amigos** que formei.

D LOG – Jantar  
de despedida –  
Agosto de 2007



D LOG – Lembranças da Transmissão do Cargo – Agosto de 2007

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



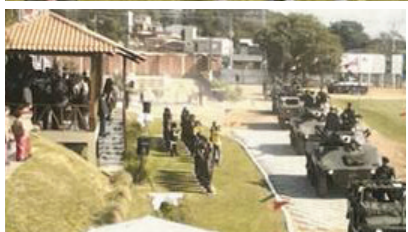
**D LOG – Palavras  
de Despedidas  
e Passagem de  
Comando para o  
amigo-irmão General  
Nelson – Agosto de  
2007**



# PARTE XXIX

## COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS) (PORTO ALEGRE/RS) (2007- 2008)





**CMS – Inesquecíveis imagens da  
Passagem de Comando - Agosto 2007**

**S**er o Comandante do **maior Comando Militar do Exército** era uma **honra e orgulho** imensuráveis e as responsabilidades que teria somente aumentavam minha alegria e motivação.

Como tenho feito nos capítulos anteriores, farei sempre algumas **observações** do Comando Militar do Sul (CMS) para que todos que estão lendo o livro, **especialmente os civis**, tenham a correta dimensão dos fatos, lições e valores que vivemos.

O Comando abrange três importantes Estados do Brasil, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; tem responsabilidades numa **extensa fronteira com o Paraguai, Argentina e Uruguai**; seu efetivo é de mais de **50 mil homens** ( $\frac{1}{4}$  do efetivo do Exército); possui mais de **160 Unidades** nos três Estados, sua maioria no Rio Grande do Sul.

Para conduzir este grande desafio, sabia que tinha um recurso humano competente, motivado e com excelentes **17 Oficiais Generais** sob meu Comando.

**A integração da Região Sul com os militares é algo diferente.** Nossos maiores problemas, desde o Império, foram basicamente no Cone Sul, o que justifica a grande presença militar na região. **Várias cidades apareceram e se desenvolveram em torno dos quartéis e das igrejas**, as várias gerações de sulistas sempre tiveram muitos parentes militares e o peculiar **culto aos valores e tradições são exemplares.**

Receberia o Comando de um grande amigo e excelente soldado, **General Pinto Silva**, que nos recebeu muito bem e me colocou a par dos principais problemas e dos objetivos traçados. Fizemos **visitas** protocolares ao Prefeito Fogaça de Porto Alegre e à Governadora Yeda Crusius do Rio Grande do Sul, onde tivemos um **excelente nível de diálogo.**

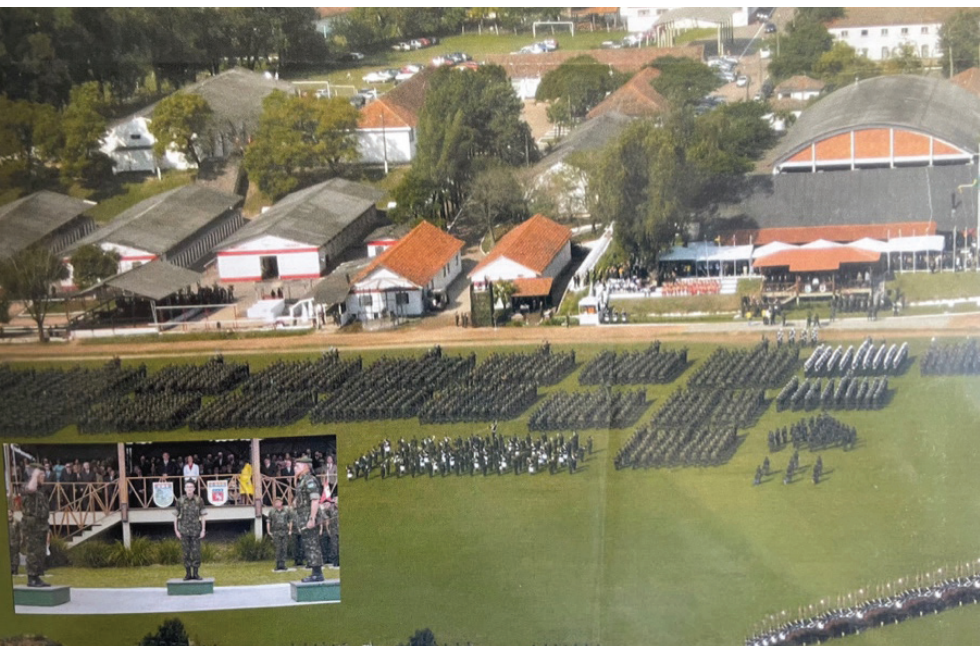


DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



CMS – Despedida do General Pinto Silva e minha apresentação ao Prefeito da cidade e Governadora do Estado – Agosto de 2007

Foi nesta expectativa imensamente positiva que assumi o Comando Militar do Sul em agosto de 2007 e coloco esta **imagem** aérea da Cerimônia porque retrata sua **pujança e beleza**.



CMS - Passagem de Comando – Agosto de 2007

Cerimônias de Passagem de Comando são rotinas obrigatórias da nossa vida militar, mas esta, para mim, era um **fato extraordinário por óbvias razões**.

Além das altas autoridades presentes como o **Ministro da Defesa Nelson Jobim**, tive a imensa alegria de compartilhar aquele momento com vários **amigos-irmãos que foram da minha Turma há mais de 40 anos**.



CMS – Ministro da Defesa e Comandante do Exército – Amigos-irmãos de Turma – Agosto de 2007

Tínhamos pela frente um semestre com **importantes fatos a acontecer** e determinei logo uma Reunião de Comando com todos meus 17 Generais no **Salão Nobre do CMS**.

Este Salão é uma **visita obrigatória** para qualquer pessoa, civil ou militar, com quadros belíssimos dos **Patronos**. A reunião foi muito oportuna, tratamos das cerimônias cívico-militares na Semana da Pátria em todas as cidades onde tínhamos tropas, da grande **Operação Charrua** planejada pelo MD, com a participação das três Forças e onde eu seria o Comandante do “Teatro de Operações”.

Nesta reunião **levantei uma questão estratégica** e que precisava compartilhar e discutir com meus Generais. O Comando Sul tinha o maior poder dissuasório do Exército, o recurso humano era excelente, possuíamos vários campos de instrução, mas nosso **preparo era totalmente feito em áreas de treinamento própria e**

**não nas áreas de mais prováveis empregos**, que eram nas extensas áreas de **fronteira** que tínhamos responsabilidades diretas.

Minha sugestão era de que **todo semestre faríamos um deslocamento de tropas para as três fronteiras**, lá faríamos o adestramento mais real possível e integrariamos à Operação todos os **órgãos federais, estaduais e municipais com missões nas áreas de fronteira**.

Todos concordaram e estabelecemos que as tropas do Paraná e Santa Catarina iriam para a **fronteira com o Paraguai** e as tropas do Rio Grande do Sul iriam para as **fronteiras da Argentina e do Uruguai**. Complementei que já havia falado com o COTER, teríamos cerca de **15 Helicópteros** do Comando de Aviação, cinco para cada fronteira e poderíamos solicitar **emprego de Forças Especiais, Paraquedistas e da Brigada de Infantaria Aeromóvel**.



CMS – Reunião de Comando com meus 17 Generais no Histórico Salão Nobre - 2007

A Semana da Pátria em Porto Alegre começava com uma tradicional Cerimônia do **“Fogo da Pátria”** no dia 1 de setembro. Causou **surpresa** para mim que havia um desfile civil no dia 6 e um desfile militar no dia 7, minha ideia foi **cancelar** e fazer um desfile cívico-militar no dia 7, como é em todo o Brasil, mas fui convencido que não dava mais tempo para mudar.



PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)

Falei para a **Governadora e o Prefeito** que a Pátria era única e o desfile do próximo ano seria **cívico-militar e no dia 7 de setembro**. Informei também que iríamos procurar no próximo ano um **local mais amplo** e de melhor acesso para a população. Ambos concordaram com as sugestões.



CMS – Imagens da  
Semana da Pátria –  
Setembro de 2007

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Ao longo do ano de 2007, tive o prazer de compartilhar o fato “**Missão no Haiti**” em diversos lugares para os quais fui convidado. Destaco, entre eles, a AMAN, EsAO e ECEME, saudosas Escolas onde fui aluno e instrutor e tive esta oportunidade ímpar de mostrar **Fatos, Lições e Valores**. Coloco a imagem seguinte na EsAO pela feliz coincidência de seu Comandante à época, **General Vilas Boas, ter sido meu ex-cadete e, anos depois, excelente Comandante do Exército**



Claro que não podia deixar de transmitir minha experiência no Haiti na **área do Comando Sul**, seja para os militares ou civis e era sempre **significativo para mim e inusitado para quem ouvia**. Sempre que terminava minha exposição, abria outro tempo para qualquer pergunta, tornando o momento ainda mais proveitoso.



CMS – Palestra sobre a MINUSTAH / Haiti – 2007



Um **fato** constante e necessário nas nossas vidas, particularmente dos chefes, é a valorização da **melhor qualidade de vida e do ambiente dos seus subordinados e famílias**. Isto acarreta em uma imediata reação positiva no rendimento das pessoas e no aumento da amizade e camaradagem.

Fui informado que tínhamos um excelente **Círculo Militar em Porto Alegre**, com piscinas, quadras, churrasqueiras, restaurante, academia de ginástica e fiz questão de conhecer o mais breve possível.

**Realmente a localização e a área do Círculo eram excelentes, mas vi um clube vazio, sem movimento e mal conservado.** Possuía seis quadras de tênis, sendo quatro cobertas e onde vimos alguma atividade. Infelizmente, não tive uma boa impressão e o local era perfeito para uma maior integração e lazer. As boas piscinas, segundo as informações, eram usadas somente em janeiro e fevereiro, em virtude do clima sulino.

Reuni imediatamente meu Estado-Maior e os Comandantes de Unidades de Porto Alegre, para planejarmos e executarmos ações imediatas e de médio prazo para fazer uma **reforma geral no Círculo Militar**.

O Comandante do Exército concordou sobre a prioridade da ação e determinou o envio de recursos de forma escalonada.

Com o apoio de um competente recurso humano, durante meses de **2007 e 2008**, reformamos o **campo de futebol** e colocamos escolinha de futebol para as crianças, fizemos uma moderna **academia de ginástica** que gerou um aumento imediato de homens e mulheres nos exercícios, criamos um **Recanto do Tênis** com mesas, cadeiras, churrasqueira e televisão para a salutar confraternização dos jogadores e realização de torneios, reformamos todas as churrasqueiras para as famílias, inauguramos com um torneio uma ótima **quadra de vôlei de areia** e consolidamos a reforma com a inauguração da **piscina aquecida com cobertura retrátil** que possibilitou a ginástica e aulas de natação durante todo o ano.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Foi um grande esforço de vários meses, mas que compensou inteiramente, o Círculo realmente mudou, a frequência de adultos e crianças era contínua e o grande **objetivo traçado foi realizado**. As imagens abaixo mostram algumas fases das melhorias



CMS - Círculo Militar – Inauguração do novo campo de futebol – 2007



CMS – Inauguração da quadra de vôlei de areia - 2007



CMS – Inauguração  
da piscina aquecida  
e coberta – 2008

O fato estratégico e operacional que começarei a narrar, convivi intensamente em **todo meu período de Comando no CMS**. Tentarei, mais uma vez, narrar esta situação ilustrando com **lições e valores** e sempre focado na **busca de melhores resultados** em qualquer **atividade, civil ou militar**.

Como falei anteriormente, tínhamos a **Operação Charrua**, um grande exercício conjunto anual planejado pelo Ministério da Defesa (MD), com a **participação das Três Forças** e que eu seria o **Comandante da Operação**.



Contaríamos com um efetivo de mais de 10 mil homens, a grande maioria do nosso Comando Sul e com a presença de navios da nossa Marinha e aeronaves da nossa Força Aérea.

Cerca de um mês antes da Operação, recebi uma comitiva do MD para um *briefing* final. Tinha me ambientado em todos os passos da Operação Conjunta e tinha várias **observações para melhor emprego das tropas**. A comitiva não tinha poder decisório, disse-lhes que **faria algumas alterações para melhor adestramento das tropas do Exército, mas que não afetaria o planejamento do Ministério da Defesa**.

A Operação Conjunta Charrua, como o próprio nome impõe, tinha o **grande objetivo de colocar as Três Forças atuando de forma integrada e somente isto já justificava o Exercício**.

Minhas observações eram todas reais e práticas de forma a aproveitar da melhor maneira esta grande oportunidade de adestramento. **Vou objetivar algumas ideias para que todos entendam melhor os fatos, lições e valores**.

Como falei anteriormente, a oportunidade de integrar as ações das Três Forças sob o comando único do Comandante do CMS (Comandante do Teatro de Operações – Cmt TO), já compensava integralmente fazer o Exercício, mas achei a **situação estratégica montada excessivamente simulada**. Assim é que, **modifiquei várias ações das tropas para torná-las mais próximas da realidade e aumentar a motivação de todos**.

O **grande benefício** da Operação foi a **Integração de Comando e Controle** porque interligamos nossos meios de comunicações e as Três Forças mantiveram as ligações de forma permanente durante todo o Exercício.

O **emprego das tropas foi bom**, poderia ter sido melhor se a situação geral fosse menos simulada e **enviei as observações para o Ministério da Defesa**.

PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)



CMS – Operação  
Charrua – Operação  
Conjunta com a  
Marinha e Força  
Aérea – 2007

Foi muito oportuna e produtiva a visita do **Ministro da Defesa** ao Comando Militar do Sul. O Ministro Jobim, gaúcho, conhecia muito bem a problemática Cone Sul e tivemos ótimas conversas sobre vários temas.



CMS – Visita do Ministro da Defesa Nelson Jobim – 2007



Quando me perguntou sobre a **Operação Charrua**, fui bastante sincero nas minhas observações e destaquei os aspectos positivos e negativos que já narrei anteriormente. Complementei informando que faríamos em **2008**, semestralmente, as **Operações Fronteira em situações mais reais, com custos bem menores, envolvendo Órgãos Federais, Estaduais e Municipais e tudo coordenado de forma integrada pelo CMS**. Como ele gostou da ideia sugeri que ele voltasse ao CMS na época da Operação, que seria ideal que ficasse na área pelo menos três dias porque as **operações se estenderiam desde o município de Guaíra, fronteira com o Paraguai, até o município de Chuí, fronteira com o Uruguai** e que seria fundamental que ele percorresse as três fronteiras. Alegou que não devia se ausentar por tanto tempo, então sugeri que viesse em uma **sexta-feira ficando até o domingo e ele aprovou**.

Como vocês leram anteriormente, fiz **dois Oratórios de Nossa Senhora de Schoenstatt, em Tefé / AM e Taubaté / SP**, particularmente em homenagem ao General Medeiros e porque precisamos ter fé em nossas ações.

O **fato interessante** de agora é que a minha esposa, Graça, lembrou que quando Ela veio da Alemanha para o Brasil, a **primeira cidade que a acolheu foi Santa Maria / RS**. Era nossa maior concentração de tropas do Comando Sul e íamos com frequência até lá. Solicitei então ao General Adriano, Comandante da Divisão de Santa Maria, que programasse uma **visita ao seu Santuário**. A imagem a seguir retrata este momento especial com as irmãs responsáveis.



CMS – Visita ao Primeiro Santuário de Nossa Senhora de Schoenstatt no Brasil – Santa Maria / RS – 2007

O **primeiro fato** que gostaria de destacar de **2008** tem um sentido muito especial para mim. Fui informado que a Assembleia Legislativa da Bahia, por indicação do **amigo e Deputado Ricardo Gaban**, havia me concedido, por unanimidade, o “**Título de Cidadão Baiano**”. Numa emocionante Cerimônia, na presença de inúmeros parentes e amigos, agradei a presença de todos e nas minhas palavras expressei o quanto aquele momento significava para um **menino sergipano**, que chegara em Salvador para estudar no Colégio Militar há exatamente **50 anos**.



CMS - Assembleia Legislativa da Bahia – Título de Cidadão Baiano – Familiares, amigos e Deputado Ricardo Gaban - 2008

O ano de 2008 tinha total **prioridade** para as ações de **Presença e Dissuasão** que faríamos nas Operações Fronteira, mas tínhamos **outros fatos** importantes que merecem ser narrados neste livro.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

O **segundo fato** especial foram as diversas cerimônias planejadas para celebrarmos a **Semana do Exército**, em 2008, no CMS.

Nem todos sabem, mas o Exército Brasileiro tem uma excelente **orquestra sinfônica**, na época sediada em São Paulo e conseguimos viabilizar sua vinda ao CMS pela primeira vez. Estendemos o convite às autoridades e amigos civis, foi uma apresentação de gala em homenagem ao nosso Exército.



A **Câmara Municipal de Porto Alegre** também homenageou o Exército em uma **Sessão Solene** e no dia 19 de abril celebramos o seu dia numa significativa **Formatura**,



PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)



CMS – Homenagem ao Exército e Cerimônia Militar – 19 de abril de 2008

Decidimos realizar um formal **Baile do Exército** e como precisaríamos de um grande salão, o **Grêmio Náutico União** nos cedeu suas excelentes instalações. Graça coordenou toda a decoração interna e tivemos uma excelente festa com **mais de 500 convidados, civis e militares**.



CMS – No Grêmio Náutico União – 2008

**Outro fato muito importante** foi a coincidência de que em 2008 fazia 200 anos um dos maiores **Chefes Militares do Exército**, o **Marechal Osório**, gaúcho, um dos **Heróis da Pátria** e o CMS planejou uma série de eventos em sua homenagem, culminando em maio, no Dia da Cavalaria, com uma grande Cerimônia no Parque Osório onde estão os seus restos mortais. Os **valores praticados por Osório como Coragem, Honestidade, Lealdade e Justiça** são permanentes exemplos para qualquer cidadão.

A Cerimônia teve a presença da Governadora do Estado, do Ministro da Defesa, outras autoridades e um grande público.



A **primeira Operação Fronteira** teve resultados surpreendentes. As Unidades tiveram que planejar e executar seus deslocamentos, **algumas mais de 500km**, determinamos que a prática de **tiro real** das armas seria realizada na fronteira, podiam executar missões de apoio à população, o Comandante das operações



em cada uma das três fronteiras recebeu cinco **Helicópteros** para ampliar sua capacidade de emprego e **integrou e coordenou** os trabalhos da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícias Civil e Militar, IBAMA, INCRA, ANVISA e outros.

A base deste sucesso foi a motivação e o interesse de todos os órgãos envolvidos nas diversas reuniões executadas em **Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.**



CMS - Operação  
Fronteira – Reuniões  
com Órgãos  
envolvidos – 2008

Sempre é muito importante manter a **população corretamente informada** então, orientei os Generais Comandantes das operações em cada fronteira que tivessem a iniciativa de informar à imprensa e à população

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



CMS – Operação  
Fronteira –  
Divulgação  
oportuna e  
correta - 2008



Os resultados positivos da primeira Operação Fronteira motivaram a todos os envolvidos e determinei que usássemos as **lições aprendidas** para uma execução ainda melhor no segundo semestre.

Outro **importante fato** foi a **visita especial** que recebemos de um ex-comandante do CMS e um dos grandes generais da nossa época, **General Leônidas**.

Como vocês já leram, **fui nomeado por ele** em 1988, então Comandante do Exército, para fazer o Curso de Estado-Maior na **Inglaterra** e integrei o seu **Gabinete** em 1990.

A visita teve um **sentido muito especial para todos nós**, conversas alegres e felizes recordações, diálogos importantes sobre o Brasil do presente e do futuro e uma verdadeira prova de **amizade e consideração para um grande chefe militar**.



Em uma guarnição tão grande, não podíamos deixar de ter um momento de demonstração de **fé**, assim, realizamos nossa **Páscoa dos Militares** em Porto Alegre numa bonita celebração, como também em todas as guarnições do CMS.



Outro **fato genuinamente importante** para mim, ocorreu numa viagem ao **Chile, Argentina e Uruguai**, na qual o **Ministro da Defesa Nelson Jobim** convidou o Comandante do Exército e o Comandante Militar do Sul porque na sua agenda estava o **tema fronteiras**.

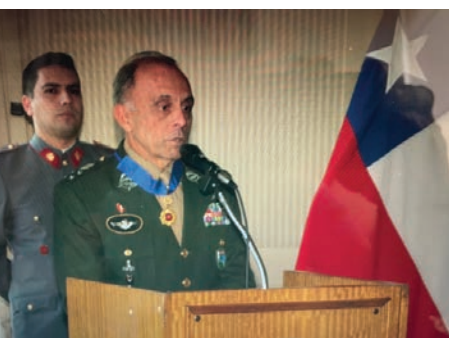


DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

A grande e agradável **surpresa aconteceu no Chile**, onde tive o prazer de reencontrar meu excelente subcomandante no Haiti, **General Aldunate**. Certamente por sua iniciativa e por concordância do Comandante do Exército Chileno, o **Ministro da Defesa do Chile me condecorou com a Medalha da Defesa Nacional por ter comandado tropas chilenas em território estrangeiro (HAITI)**. Foi um momento emocionante ser homenageado dois anos depois por um país irmão e **sentirmos, mais uma vez, que valeu a pena o esforço e os riscos**.



CMS – Comandante do Exército do Chile, Ministro Jobim, Ministro da Defesa do Chile, Embaixador do Brasil e Comandante do Exército do Brasil – Santiago/Chile - 2008



CMS - Outorga da Medalha da Defesa Nacional do Chile – Agradecimentos e cumprimentos - 2008



CMS – Almoço em homenagem à delegação do Brasil – Foto histórica com o especial amigo General Aldunate – Santiago/Chile – 2008

Julguei também muito válido narrar este **fato**, fruto de uma **total coincidência**. Graça e eu tínhamos nosso **filho, nora e um neto de um ano de idade morando e trabalhando em Shanghai / China e planejamos visitá-los em agosto, durante uns 10 dias.**

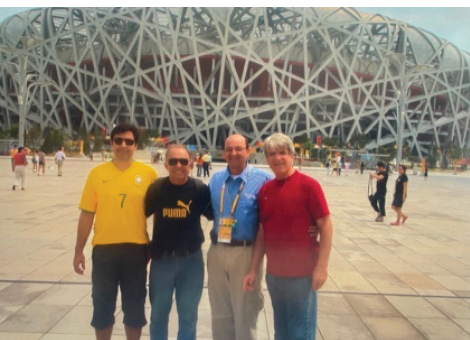
O **fato curioso e que envolve lições de verdadeira amizade** é que fui com Graça ao Rio de Janeiro, em um fim de semana, porque meu amigo-irmão **General Heleno** ia fazer um procedimento cirúrgico e fomos até lá para **ficar com ele e sua esposa Sônia**. Ficamos todos hospedados no Hotel de Trânsito do Exército, na Lagoa, estávamos conversando antes do almoço, quando passou **um amigo comum, Sérgio Lobo**, civil e parceiro de duplas de vôlei e que não via há muito tempo. Estava uma alegre conversa, mas disse que precisava ir porque naquela noite estaria **voando para a China**, onde ficaria cerca de 30 dias para acompanhar as Olimpíadas. Disse que estava no **Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e por isso ficaria tanto tempo**. Brinquei com ele porque também iria para a China na semana seguinte, ficaria em Shanghai e que iria **acompanhar os Jogos em Pequim pela televisão**. Instantaneamente ele me perguntou se eu não gostaria de assistir algumas competições, agradei a atenção, mas sabia das dificuldades de ingresso, e o tempo era muito curto. Não satisfeito, **me deu seu cartão, disse para conversar com meu filho e que ficava à minha disposição.**



Horas depois falei com meu filho e ele ficou animado com a possibilidade. Disse que poderia ter uns dois dias de folga no trabalho, compraria as passagens para Pequim e Graça ficaria com nossa nora Agnes e o pequeno Lucas.

A abertura dos Jogos seria no dia 8 de agosto e ele **sugeriu viajarmos nos dias 10 e 11 de agosto**. Enviei um e-mail para o **Sérgio Lobo**, perguntando a viabilidade e ele, além de responder imediatamente, me mandou toda a programação daqueles dois dias para que escolhêssemos o que gostaríamos de assistir. Havia participação do Brasil em várias modalidades, selecionamos o **vôlei de quadra e de praia, a natação e o judô** e disse para ele que não se preocupasse caso não fosse possível.

**Resumindo** o resultado: chegamos em Pequim direto para o hotel, onde o Sérgio Lobo já estava no hall, nos esperando. **Havia conseguido os ingressos de tudo que pedimos e disse que iria conosco**. Ficou melhor ainda porque ele tinha uma van com **livre trânsito** e conseguíamos chegar próximo dos locais da competição. Foram dois dias excepcionais e **narro aqui este fato pelas lições e valores do Esporte e da Amizade**.



CMS - Olimpíadas em Pequim/  
China graças ao caro amigo  
Sérgio Lobo – 2008

**Outro fato interessante**, apesar de rotineiro na nossa profissão, são as **reuniões do Alto Comando do Exército (ACE)** para escolher os novos Oficiais-Generais. Complementando esta rotina, especialmente para os civis, temos **seis reuniões do ACE por ano**, três com prioridade administrativa e três com prioridade de promoções. Com muita **honra e orgulho, participei de mais de 20 destas reuniões nos meus quase quatro anos de General do Exército.**

Foi com muita **satisfação** que vi meus dois Coronéis Assistentes, **Miotto e Pádua** e dois Coronéis ex-cadetes, **Peternelli e Pafiadache**, sendo promovidos a General de Brigada e o General de Brigada **Bolivar** sendo promovido a General de Divisão.



CMS – Uma das  
Reuniões do ACE  
– Cumprimentos  
pelas merecidas  
promoções – 2008



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Antes das especiais Semana do Soldado e Semana da Pátria, fizemos mais uma **Reunião de Comando com os meus 17 Oficiais-Generais**, onde tratamos destas semanas e, principalmente, da próxima Operação Fronteira. Esta foto tem também o objetivo de destacar a importância de **um recurso humano competente, motivado e responsável na busca por resultados**. Sabia que minhas decisões seriam cumpridas e descentralizava com tranquilidade suas execuções.



CMS - Reunião de Comando - 18 Oficiais-Generais – 2008

**Integramos com a Semana do Soldado os Jogos Desportivos do CMS**, o que aumentou ainda mais o volume de atividades do CMS e sua integração com a sociedade gaúcha. Assim é que, a tradicional **Corrida Duque de Caxias**, com mais de mil corredores, foi realizada nas ruas de Porto Alegre e a Exposição do Exército (**EXPOEX**) em um dos Parques mais tradicionais da cidade.



PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)



**CMS - Semana  
do Soldado –  
Homenagem ao  
nosso Patrono  
Duque de  
Caxias - 2008**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



CMS - Corrida Duque de Caxias – Jogos Desportivos do CMS – 2008

Fui informado pelo amigo Paulo Sérgio, da Rede Pampa, que eu receberia um convite para um grande evento anual, no **Clube Leopoldina**, com a presença do Vice-Presidente e que seria um dos homenageados. Fiquei lisonjeado com a distinção e recebi o **Troféu SENAR - Personalidade Aglutinadora**.



CMS - Troféu SENAR - Personalidade Aglutinadora - 2008

Poucos dias depois teríamos nossa festa maior, o **Dia da Independência do Brasil**. Como falei no início, cancelamos o desfile civil do dia anterior e fizemos um **grande desfile cívico-militar**, no dia 7 de setembro. Mudamos o desfile para as margens do Guaíba, com um excelente espaço aberto e com mais facilidade para a chegada e acomodação do público.



CMS - Dia da Pátria – Revista da Tropa e início do Desfile Cívico-Militar – 2008

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



CMS – Imagens do Desfile Cívico-Militar – 7 de Setembro 2008

O planejamento da segunda Operação Fronteira foi aperfeiçoado com as lições aprendidas da primeira e todos estávamos motivados para mais um grande e integrado adestramento.

O Ministro da Defesa confirmou sua presença durante três dias e planejamos seu deslocamento, de helicóptero do extremo norte da nossa fronteira em **Guaira** no Paraná até o extremo sul da nossa fronteira, em **Chuí**. Ao longo deste percurso, fomos vendo a variedade de ações de adestramento como **Comando e Controle** pelo integrado e contínuo sistema de comunicações, execução de  **tiro real**  de todas as armas, particularmente das mais pesadas como **morteiros, obuses, helicópteros e blindados**, a **logística** após grandes deslocamentos e afastadas dos grandes centros, a motivação de todos, a **coordenação das missões com a PR, PRE, IBAMA, INCRA,**



**Polícias Militares**, missões diurnas e noturnas, **ocupação de pontos sensíveis** e atividades de **apoio à população**.

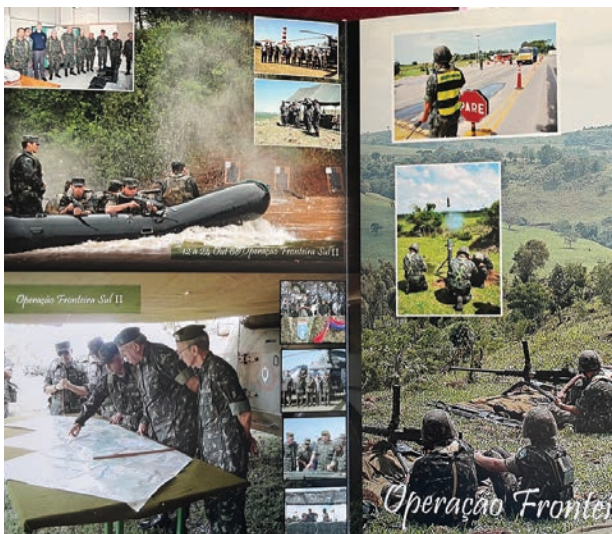
CMS – Operação Fronteira  
– Presenças do Ministro da  
Defesa e Comandante do  
Exército – 2008



A imagem a seguir mostra alguns momentos destes **10 dias de adestramento** com várias **situações reais**, com **lições e aprendizados diários** para todos e operando nas prováveis regiões de emprego real.

**Costumava dizer para meus Generais** Comandantes que com estes adestramentos semestrais nas fronteiras, seus **soldados estariam prontos, motivados** e o ambiente nos seus quartéis seria de mais **amizade, respeito e amor à sua Pátria**.

Em **outubro** fizemos a **última das homenagens ao Marechal Osório** pelos seus 200 anos e foi mais um **fato** que merece ser destacado. No centro da



CMS – Operação Fronteira – Adestramento  
mais real – 2008



cidade de Porto Alegre existe a **Praça Osório**, em homenagem ao seu ilustre conterrâneo. Ela estava muito deteriorada, **resolvemos fazer uma grande limpeza, uma reforma e “reinauguramos”** nesta simbólica Cerimônia.

Ficamos todos muito orgulhosos de termos planejado e executado tantas e justas homenagens a **um dos maiores heróis da nossa Pátria**.



O fato que vou narrar agora saiu em toda a imprensa nacional e mesmo internacional. O Ministro Jobim me ligou porque o **Presidente Lula** havia ligado para ele em virtude das declarações do **Presidente Lugo**, do Paraguai dizendo-se **surpreso**, fazendo severas **críticas** às operações na fronteira, ameaçando a paz existente e inclusive ocupando **Itaipu**. Como **ele tinha acompanhado a Operação**, a resposta foi precisa e concisa. Ele viu que ocupamos e **continuaríamos ocupando Itaipu** porque ela está

**em território nacional** e acrescentei uma **importante observação** que ele não sabia. Cerca de **dois meses antes** da Operação, solicitei ao Ministério das Relações Exteriores, via Ministério da Defesa, que informasse ao Paraguai, Argentina e Uruguai da realização da Operação e que **convidamos oficialmente os Comandos Militares daqueles países** a assistirem as ações, caso desejassem. Complementei, ainda, que oficiais uruguaios estiveram presentes na sua fronteira.

**A reação do Ministro Jobim para o Presidente Lula foi excelente, o assunto encerrado e as operações mantidas.**

Estava há menos de menos ano e meio no Comando, quando o **Comandante do Exército me informou que eu iria para o Ministério da Defesa (MD)** e que deveria passar o comando no final de novembro para poder estar no **MD até o final do ano.**

Esperava ficar um pouco mais no Comando Militar do Sul (CMS) mas, como sempre, **reagi positivamente ao novo desafio** e sabendo que se aconteceu é porque Deus assim decidiu.

**O fato é que o mês de novembro, previsto para ser mais tranquilo, se inverteu completamente e ajustei com o Comandante do Exército a data de 28 de novembro para passar o Comando.**

**Graça** já estava planejando um grande **jantar de confraternização das autoridades e amigos civis com os militares do CMS.** Ela conseguiu achar umas cozinheiras baianas em Porto Alegre e resolveu denominar o evento de “**Jantar Baiúcho**”. Fizemos no nosso Círculo Militar para cerca de 300 convidados e foi excepcional. O objetivo da confraternização foi plenamente alcançado.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



CMS – Confraternização de amigos civis e militares – 2008

Não podia deixar de me **despedir dos principais Comandos** e iniciei uma verdadeira **maratona** para não deixar de agradecer e cumprimentar todos os militares do CMS.

Um **fato bastante significativo** foi a iniciativa da Governadora do Estado, Yeda Crusius, de me conceder a **Medalha Negrinho do Pastoreio**, importante honraria do Estado do Rio Grande do Sul.

PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)



Claro que era essencial uma **última Reunião de Comando** com todos meus Generais para fazermos um *briefing* geral do que fizemos juntos, agradecer a **ação de comando e o exemplo de todos** e fazer uma projeção para 2009, a ser confirmada pelo novo Comandante.



CMS - Última Reunião de Comando com meus Generais - Novembro 2008



Um fato tradicional e formal no Comando Militar do Sul é um jantar de despedida do atual Comandante e apresentação do novo Comandante. Realizamos no Salão Nobre do CMS e com a presença de autoridades civis e militares e caros amigos da sociedade gaúcha.



No dia seguinte, 28 de novembro, vivi mais um **fato memorável** nesta linda Cerimônia de Passagem de Comando. Foi um período de muitas **realizações**, de várias **lições**, de construção de sólidas **amizades** e de ratificação do valor nosso querido **Exército Brasileiro e do seu excelente recurso humano**.

Muito realizado e feliz, **cumprimentei meus soldados e amigos**, me despedi de todos e desejei um feliz comando ao caro amigo **General De Nardi**.

**PARTE XXIX – COMANDANTE DO COMANDO MILITAR DO SUL (CMS)  
(PORTO ALEGRE/RS) – (2007- 2008)**



**CMS – Inesquecíveis imagens da Passagem de Comando - 28 Novembro 2008**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



# PARTE XXX

## MINISTÉRIO DA DEFESA (MD) – (BRASÍLIA/DF) (2008 – 2010)





DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



Ministério da Defesa

**C**om muita alegria voltávamos pela **quinta vez para morar em Brasília** nos últimos 18 anos. Apesar de ir para o Ministério da Defesa (MD), o Comandante do Exército disponibilizou uma **excelente casa na Quadra Residencial de Generais** e passei a ter o privilégio de conviver com ele e os demais amigos também Generais de Exército.

No MD fui muito bem recebido pelo **Ministro Jobim**, passando a trabalhar em um ótimo ambiente com Oficiais-Generais e vários militares das Três Forças.

Mais uma rápida e **necessária ambientação**, particularmente para os amigos civis. O MD de 2009 ainda possuía uma estrutura um pouco diferente da atual e o Ministro da Defesa tinha como principais auxiliares três Oficiais-Generais quatro estrelas: do Exército, um General de Exército; da Marinha, um Almirante de Esquadra; e da Aeronáutica, um Tenente Brigadeiro do Ar.

Nós ocupávamos as funções em sistema de rodízio e coube a mim a **Chefia da Secretaria de Logística, Mobilização, Ciência e Tecnologia (SELOM) em 2009 e sabendo que em 2010 ocuparia a função de Chefe do Estado-Maior de Defesa (EMD)**.

Minha ambientação foi rápida e facilitada pelo **excelente recurso humano** que possuía. A **SELOM**, como seu extenso nome indica, possuía vários e sensíveis temas de interesse das nossas Forças Armadas e do País.

Entendia que o **MD**, criado há 10 anos, tinha como **foco principal** a condução de **Operações Conjuntas** em qualquer lugar do território nacional com a finalidade de garantir nossa **Soberania e Integridade Territorial**. Cabia à SELOM, portanto, cooperar diretamente para este estratégico objetivo com as suas ações na Logística, Mobilização, Ciência e Tecnologia.

Um **fato muito interessante e importante**, que estava sob a responsabilidade da SELOM, era o **Projeto Rondon**. Lembrava de anos passados as referências positivas do Projeto e não sabia que estava a cargo do MD.

O Projeto continuava com o grande **objetivo de levar estudantes universitários às diferentes Regiões do País e ajudar a população mais carente com suas especialidades.**

Era realmente um Projeto relevante e demos total prioridade. Como poucas pessoas conhecem, vou sintetizar alguns  **fatos relevantes**. O **Projeto** era executado **duas vezes por ano**, em três das cinco Regiões do País e sempre teria a Região Norte ou Nordeste, por razões óbvias. Cerca de **dois mil estudantes** eram selecionados das diferentes universidades e iam, obrigatoriamente, para uma **região desconhecida**, por via aérea comercial indenizada pelo Ministério da Defesa ou pela Força Aérea Brasileira (FAB).

Fui pessoalmente ao início ou no fim da semana de execução de alguns deles e **o que vi é indescritível**. A reação emocionada das pessoas, o choro de alegria, de despedida, de agradecimento, seja da população, seja dos universitários e coordenadores.

As **lições** para todos eram diárias e o **grande prêmio** para aqueles jovens universitários, alguns deles futuramente responsáveis pelos destinos do País, era ver o **trabalho deles ser valorizado** por aqueles humildes brasileiros de uma forma que jamais tinham imaginado. **Os valores da amizade, honestidade, simplicidade, autenticidade, moldavam todas as ações e reações**. Um grande Projeto com resultados surpreendentes.

Havia um **fato sistemático** e muito interessante que a SELOM participava mensalmente em São Paulo, na sede da **FIESP**. Era a chamada reunião do **Comitê de Defesa (COMDEFESA)**. Seus variados representantes, civis e militares, eram pessoas que se destacavam nas suas funções e os temas e discussões visavam sempre o **Desenvolvimento e a Segurança Nacionais**. Ali estavam envolvidos centenas de empresas nacionais, militares da área operacional, logística e de ciência e tecnologia, em um ambiente profissional e responsável. Aprendi muito nestas reuniões e pude aproveitar várias e importantes sugestões para a SELOM / MD.

A foto abaixo destaca a **visita do Ministro da Defesa Nelson Jobim à FIESP** e sendo recebido pelo seu Presidente Paulo Skaf.



MD – Visita do Ministro da Defesa à FIESP – 2009

Outro **fato importante** e necessário, era a presença de **Comitiva** do Ministério da Defesa em **eventos internacionais** de interesse para o Brasil. Assim é que, como Chefe da SELOM, integrei algumas destas Comitivas, chefeei outras, participei de várias e produtivas discussões e tive a oportunidade de **ampliar meu conhecimento** em vários temas de interesse nacional.

As **viagens** que seleccionei para colocar no livro são as que tem **fatos mais interessantes, pelas especificidades dos países e nossos interesses comuns.**

A cada dois anos, acontece em **Le Bourget / França, a maior feira mundial de Aviação** e onde a nossa **EMBRAER** já ocupa um lugar de destaque pela sua competência e credibilidade internacional. O Ministro Jobim esteve presente e integramos sua Comitiva.



## DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO E MINISTRO DE ESTADO



MD - Ministro Jobim e Comitativa visitando estandes - 2009



MD - Vista aérea da Exposição de Le Bourget

Após o término da missão em Le Bourget, tirei sete dias de férias e fui com Graça conhecer a **Polônia e a República Tcheca**. Claro que esta viagem não é objetivo do livro, mas **vivemos três fatos curiosos e importantes, com lições para todos nós e decidi compartilhar com todos.**

O objetivo maior de Graça, católica fervorosa, era conhecer a cidade de **Cracóvia** onde nasceu o **Papa João Paulo II**. No caminho de carro, partindo de Varsóvia, vivemos o **primeiro fato**

impressionante que foi conhecer o famoso **Campo de Concentração de Auschwitz**. Ainda muito conservado, é uma visita obrigatória e uma **lição** real para todos nós que tivemos a sorte de viver em um período sem Guerras Mundiais.



Polônia - Campo de concentração de Auschwitz - Lição para todos – 2009



No mesmo caminho e antes de chegar a Cracóvia, subemos que podíamos conhecer a **Padroeira da Polônia, Nossa Senhora de Chestokova**. O fato interessante é que ela também é **negra, como Nossa Senhora Aparecida**, nossa Padroeira. O acesso é controlado, como pode se ver na foto, e por isso acrescentei a imagem nítida ao lado. **Uma das histórias** que ouvimos é que a tela com sua imagem era branca e após um rei cortar o seu rosto com a espada, o sangue correu pela tela e a escureceu para sempre.

É uma coincidência entre nossas Padroeiras que julguei interessante vocês saberem.



Polônia – Nossa Senhora de Chestokova, Padroeira da Polônia, também negra como a Nossa Senhora Aparecida – 2009

Finalmente chegamos a **Cracóvia**, o **fato** mais importante da viagem, conhecer as origens do Papa João Paulo II, falecido em 2005 e que, como vocês já leram, eu tive o privilégio de conhecê-lo em 1998.



Polônia – Visita a casa/museu da família do Papa João Paulo II e a Igreja que ele foi Bispo – 2009

A **casa de sua família é hoje um museu** muito visitado e a **Igreja de Cracóvia** é onde ele foi **Bispo**. Uma outra curiosidade é que **seu pai e ele foram militares e, quando papa, criou o Ordinariato Militar do Brasil**.

Certamente um dos maiores Papas da história e um **grande exemplo** em todos os níveis.



Polônia – Visita a casa/museu da família do Papa João Paulo II e a Igreja que ele foi Bispo – 2009

Já citei no Capítulo do Haiti, de 2006, que reencontraria o Presidente Preval no Brasil em 2009. Não serei redundante e o **fato** que gostaria de complementar aqui foi a **reação dele** quando me viu. Como sempre fazia há três anos, fez uma **solene continência e me deu um forte abraço**, apesar do ambiente formal no Itamaraty. Notei claramente sua **emoção** porque continuou me abraçando e sentia que estava **tremendo**. Quando se acalmou falou para todos que estavam perto dele que **“o seu dia estava mais feliz depois de rever o General meu amigo e do meu povo”**.

Foi muito bom ouvir estas palavras do Presidente Preval, três anos depois.



SELOM/MD - Visita do Presidente Preval do Haiti ao Brasil – 2009



Outro **fato** muito importante foi a **viagem** que fizemos com o Ministro da Defesa à **China**, por vários e interessantes motivos.

Foi decidido que iríamos na **aeronave Legacy da Força Aérea**, em virtude da distância e das conexões que teríamos que fazer. Poucos dias antes de decolar, o Ministro recebeu um importante convite para participar de um Fórum Internacional de Segurança em **Halifax / Canadá**, com a presença de vários Ministros da Defesa.

A data era muito próxima da viagem da China e não daria tempo para retornar ao Brasil e seguir para o Canadá. Surge então um **fato extraordinário**, que foi a sugestão de planejar a missão indo **direto da China para o Canadá**. A Força Aérea fez uma detalhada análise e concluiu que era **possível fazendo uma escala e pernoite no Alaska** e de lá direto para Halifax, que fica no norte do Canadá.

O excepcional de tudo isso é que **faríamos uma verdadeira volta ao mundo** e foi a primeira vez que uma aeronave da Força Aérea fez tamanha façanha em viagem oficial.

Não tenho o número exato, mas fizemos cerca de **80 horas de voo** no Legacy até pousar em Brasília e sem nenhum incidente.

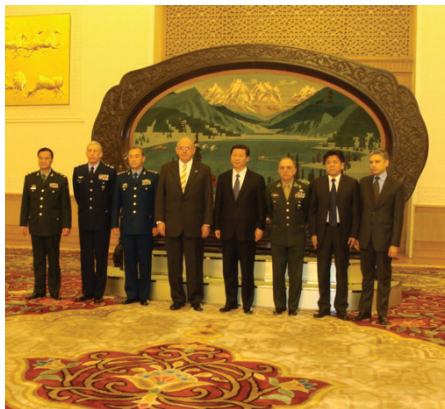
A agenda na China foi muito proveitosa, com encontros muito importantes com o **Ministro da Defesa** chinês e com o próprio **Presidente da China, Xi Jinping**.

SELOM/MD -  
Viagem à China –  
Interior do Legacy  
e Comitiva – 2009





**MD – Recepção ao  
Ministro Jobim e  
Reunião de trabalho  
no Ministério da  
Defesa da China –  
2009**



**MD – Encontro da Comitativa com o Presidente Xi Jinping – 2009**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

A China também previu na agenda uma **visita** a três dos seus maiores pontos turísticos, a **Grande Muralha**, a **Cidade Proibida** e ao **Exército de Terracota**. As imagens a seguir registram estes especiais momentos.



CHINA – Visitas obrigatórias e impressionantes – 2009

Também previu uma agenda em **Shanghai**, a “São Paulo” da China e não posso deixar de registrar este **fato pessoal** e de incrível coincidência. Como vocês leram anteriormente, **nosso filho e família** moravam em Shanghai desde 2008 e o **Ministro Jobim** gentilmente convidou-os para um jantar no hotel que estávamos.



MD – Jantar informal com o Ministro Jobim - Presença do nosso filho, nora e o netinho Lucas de dois anos – 2009



A viagem da China mostrou que as **relações** entre nossos países serão sempre **crecentes** porque existem várias áreas de interesse comum, **tanto no campo civil como militar**, como tem se confirmado nos últimos anos.

Como previsto, continuamos indo para leste, caminho mais curto para chegar em Halifax / Canadá, mas que obrigava a uma **parada em Anchorage / Alaska** para abastecimento e descanso da tripulação.



ANCHORAGE / ALASKA - Parada Técnica - Céu azul e muita neve – 2009

O importante **Fórum de Segurança Internacional, em Halifax**, abrangeu diferentes e sensíveis temas, tais como: Oriente Médio, Consequências Geopolíticas da Crise Econômica, Afeganistão, Segurança nos Mares, Lei e Poder, Segurança Energética Global e outros. **O Ministro Jobim foi orador no painel com o título “O Futuro da Democracia no Hemisfério Oeste”**



HALIFAX /  
CANADÁ –  
Participação do  
Ministro da Defesa  
do Brasil – 2009



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Para completar a nossa volta ao mundo, fizemos uma parada técnica na **República Dominicana**, período em que o Ministro Jobim teve um breve encontro com o seu homônimo. Ainda tivemos que ir a **La Paz** para um encontro no aeroporto com o Ministro da Defesa da Bolívia e, finalmente, pousamos em Brasília.

Como puderam imaginar pela leitura, foi uma **intensa viagem**, mas certamente com **excelentes resultados** para nossas Forças e para nosso Brasil.

A nossa vida é permeada de **fatos, lições e valores**, mas a **família e os amigos** são a base para que tudo se resolva e sintamos a alegria permanente de viver. Os valores da **amizade e camaradagem** dentro das Forças foi um grande ensinamento para mim e um **exercício agradável e permanente na minha vida e da Graça**. Assim é que, em todos os lugares que moramos, praticamos e incentivamos estes valores, como vocês puderam ler em capítulos anteriores.

Dos 15 Generais de Exército que constituíam o Alto Comando do Exército à época, **9 residiam em Brasília** e todos na mesma área da Quadra Residencial de Generais. Era muito comum estarmos juntos, **amigos de mais de 40 anos**, confraternizando com nossos familiares



SELOM / MD –  
Amigos de sempre,  
integrantes do  
Alto Comando do  
Exército – 2009

O Ministro da Defesa determinou que eu **representasse o MD num encontro de empresários e militares do Reino Unido em Londres**. Foi um **fato diferente** e importante porque **estaria falando para cerca de 400 ingleses sobre o presente e o futuro entre o Brasil e o Reino Unido**.

Como vocês leram, eu e minha família moramos na Inglaterra em 1988, 21 anos atrás, e o **fato de conhecer o País e falar o seu idioma, me deixou muito feliz e confiante no bom resultado da viagem**. Com os meus dois excelentes Assistentes, Coronel Gondim e Coronel Weber, montamos uma **apresentação em inglês, objetiva e ilustrada, com o título em inglês “Brazil - United Kingdom / Present and Future”**.

Viajamos somente eu e o Coronel Weber e levamos nossas esposas às nossas custas. Fomos muito bem recebidos pelo **Coronel Stumpf**, Adido do Exército na Inglaterra e o evento teve um formato bem interessante. Seríamos **quatro oradores**, sendo três britânicos, falaríamos cerca de 30 minutos e responderíamos às perguntas durante outros 30 minutos.

Um **fato positivo** e interessante ocorreu nas exposições. Os três oradores ingleses leram suas apresentações, sem imagens e **eu fiz a apresentação em inglês, de improviso e muito ilustrada com slides**. No intervalo, fui muito cumprimentado pelo dinamismo da apresentação.

Sabia que os **ingleses são muito irônicos** e iniciei minha apresentação mostrando os **gigantes números do Brasil**, suas inúmeras potencialidades e terminei esta introdução com esta primeira imagem a seguir e falando **“que não se preocupassem porque não queríamos conquistar a Europa”**. A reação de risos e aplausos foi imediata e foi uma excelente motivação para os temas que levantaria.

## DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO E MINISTRO DE ESTADO



SELOM / MD – Palestra para empresários e militares britânicos – Mapa sugestivo da Introdução – Londres – 2009



SELOM / MD - Local da apresentação e confraternização com os britânicos - Londres - 2009

Com muito prazer fui à nossa **Embaixada Brasileira**, onde tive uma excelente conversa com nosso Embaixador Santos Neves e visitei o **Escritório do Adido Militar**, Coronel Stumpf, meu ex-assistente no Comando Militar do Sul, brilhante oficial e hoje, 2021, General de Exército.

Não poderia deixar de também visitar a cidade de **Camberley**, onde moramos há 21 anos e rever o **Staff College**.



SELOM / MD – Visitas prazerosas ao Embaixador do Brasil em Londres e ao meu *Staff College* em Camberley, 21 anos depois – 2009

Outro **fato** muito importante foi a **viagem** do Ministro da Defesa e Comitiva à **Israel e Índia**. Tive o prazer de participar e seleccionei alguns momentos expressivos da viagem. **São países que se destacam no cenário mundial** e o aumento das nossas relações eram prioritários.

Na visita a **Israel** o Ministro Jobim teve reuniões com as 3 autoridades mais importantes do Estado de Israel, o **Ministro da Defesa Ehud Barak**, o **Presidente de Israel Shimon Peres** e o **Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu**.

Esta era minha quarta visita a Israel porque vocês lembram de leitura anterior que o oficial de Israel, que fazia também o *Staff College* na Inglaterra, se tornou um dos meus grandes amigos desde 1988, quando o visitei pela primeira vez.

A recepção e a reunião de trabalho com o **Ministro da Defesa Barak** foram de elevado nível e foram levantadas várias áreas de interesse dos nossos dois países.

**Uma informação interessante sobre o Ministro Barak: foi Chefe do Estado-Maior do Exército, Primeiro-Ministro e era o militar mais condecorado por atos de bravura de Israel.**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



MD – Chegada do Ministro Jobim ao Ministério da Defesa de Israel - 2009



MD – Reuniões de trabalho com o Ministro da Defesa de Israel, Edhur Barak – 2009

A reunião com o **Presidente Shimon Peres** foi especial. Na época, com 86 anos, certamente era a palavra mais experiente e ouvida em Israel. Nossa reunião com ele correu num ambiente informal, mas com assuntos sensíveis e relevantes. Explicava temas complexos de uma forma serena, concatenada e objetiva. Foi uma **verdadeira aula de conhecimento, competência e responsabilidade**.

Num determinado momento, perguntamos as **razões do sucesso do seu País** nos cenários regional e internacional. Ele respondeu de forma clara e direta dizendo: **“as razões do sucesso**

de Israel residem em duas Colunas: seu Recurso Humano e sua Ciência e Tecnologia.”.



MD – Reunião com o Presidente de Israel Shimon Peres – 2009

A reunião com o **Primeiro-Ministro Netanyahu** também foi muito interessante e cordial. Teceu comentários muito elogiosos ao **gigante Brasil**, valorizou muito o tema **defesa nacional** para o seu País e sinalizou **oportunidades** entre nossas indústrias de defesa e na área de ciência e tecnologia.

Um **fato** que poucos conhecem é que ele **perdeu um irmão**, paraquedista, na famosa **Operação Entebbe (1976)**, quando uma tropa israelense se infiltrou em Uganda, presidida pelo ditador Idi Amin, para resgatar cerca de 100 israelenses ameaçados de morte. A **operação foi um sucesso e o seu irmão foi a única baixa na operação.**



MD – Cumprimentos ao Ministro Netanyahu – 2009

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como é normal neste nível, a agenda montada por Israel previa visita a alguns pontos históricos e selecionei esta imagem da Comitiva e nosso Embaixador tendo ao fundo a cidade de **Jerusalém**.



MD – Visita à Jerusalém – 2009

A passagem pela **Índia** foi também muito proveitosa e interessante. É um país com muitos **contrastes**, um excelente **potencial** e com uma verdadeira **fobia por pesquisa, ciência e tecnologia**. As visitas e reuniões giraram nos interesses comuns, no aumento do nosso **intercâmbio** de estudantes civis e militares e **compra ou aquisição de produtos de defesa**.

O **fato** fundamental é que foi uma primeira visita deste nível à Índia e que abriu **importantes perspectivas**. Também houve na agenda previsão para assistir show e uma visita imperdível ao monumento **Taj Mahal**.



MD – Evento noturno e visita obrigatória - 2009



Nos anos ímpares acontece uma grande exposição de material de emprego militar chamada **IDEX (International Defense Exhibition)** e naquele ano seria em Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos.

O Ministro da Defesa determinou que eu chefiasse a Comitativa do MD e tivemos uma oportunidade incrível de ver uma excepcional exposição num país bem diferente.

Como fiz na viagem para Londres, também levei a Graça às minhas custas para que ela aumentasse seu conhecimento de mundo e conhecesse com mais detalhes a famosa cidade de Dubai.

A **IDEX 2009 ultrapassou qualquer expectativa**. Tudo estava organizado de forma impecável, a quantidade de países participantes era enorme, as reuniões e discussões eram frequentes e o **Brasil** se fez representar com alguns importantes stands.

Ficou para todos nós a confirmação da **importância do Brasil no cenário mundial**, fruto das nossas conversas e interesses de vários países.



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**SELOM / MD - Cerimônia de Abertura e nossa Comitativa - Abu Dhabi - 2009**



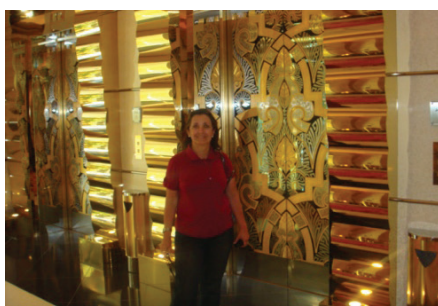
**SELOM / MD - Representantes brasileiros - Reuniões com representantes de diversos países – Abu Dhabi - 2009**



**SELOM / MD – Mais um stand brasileiro – Tradicional troca de brindes com o país anfitrião – Abu Dhabi – 2009**



SELOM / MD – Luxo interno e externo do famoso Hotel Burj Al Arab em Dubai – 2009



O ano de 2009 foi muito especial pelo **fato** de que nossa querida **Turma de formação da AMAN fazia exatamente 40 anos de formados**. Falei anteriormente que eram **fatos tradicionais** e rotineiros, mas o seu **simbolismo** justifica estar neste livro.

Outro fato especial era a fase da vida que nos encontrávamos, amigos crianças nos anos 50/60 e **agora pais e avós** numa demonstração ímpar de **amizade e camaradagem**.



SELOM / MD – Celebrando nossos 40 anos de formados – AMAN – 2009

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



SELOM / MD – Compartilhando a alegria e amizade com nossas esposas e familiares – AMAN – 2009

Com muito orgulho e prazer adiciono a imagem seguinte porque foi feita também na AMAN nos nossos 40 anos. São os **5** **Oficiais de nossa Turma que chegaram ao posto de General de Exército e membros do Alto Comando do Exército.**



AMAN – 40 anos de formados – Generais de Exército Heleno, Elito, Mattos, Avena e Rui – 2009



Outro **fato importante** para conhecimento de todos que estão lendo o livro é a informação da existência, prevista em lei, do **Conselho Militar de Defesa**. Pode ser acionado sempre que a **Nação viver situações excepcionais**, seu presidente é o Ministro da Defesa e é formado basicamente pelos Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, seus Chefes de Estados-Maiores e do Chefe do Estado-Maior da Defesa.

Esta é uma **informação importante** para melhor entendimento do que vamos falar mais adiante.



Como previsto, **assumi em 2010 a Chefia do Estado-Maior da Defesa (EMD)**. Durante meu período na SELOM fui conhecendo indiretamente o essencial trabalho do EMD, o que facilitou minha ambientação e tomada de decisões.

É **oportuno**, mais uma vez, uma **ambientação estratégica** para todos sobre o fundamental **“ pilar ” Defesa para qualquer Nação, principalmente as mais desenvolvidas**.

A **“responsabilidade”** Defesa é uma obrigação de **todos os cidadãos** de um País e não somente das suas Forças Armadas. Estas serão os **braços armados** que nos defenderão, mas toda a **Nação estará envolvida para preservar a soberania e liberdade do nosso povo**.



A **Conjuntura Mundial atual** não tem espaço para conflitos como foram as Primeira e Segunda Guerras Mundiais, mas tem grandes possibilidades de **conflitos localizados, de origem interna ou externa, movidos por interesses econômicos, políticos e sociais.**

Uma realidade atual é que com duas grandes **ações estratégicas** conhecidas mundialmente como “*Presence and Deterrence*” - **Presença e Dissuasão**, podemos **evitar a grande maioria dos nossos conflitos internos e externos.**

O **exemplo** simples para este entendimento é você possuir uma propriedade, mas não a valoriza nem aparece para verificar. Alguém poderá tranquilamente ocupar e explorar como desejar.

Voltando para nosso gigante Brasil, tinha certeza de que precisávamos **melhorar nossa capacidade de Presença e Dissuasão** nos nossos 17 mil km de fronteiras terrestres com 10 diferentes países, oito mil km de “fronteira” Atlântica e imenso potencial interno.

Uma **primeira medida** nesta direção geral aconteceu de um **fato ocasional** conversando com um excepcional militar de marinha, **Almirante Zucaro**, na época responsável pela minha área de Comando e Controle.

Possuíamos uma **excelente estação satelital de transmissão de dados portátil (ETT – Estações Táticas Transportáveis)** em algumas regiões do País e tínhamos um considerável número distribuídos às Forças para apoiarem seus adestramentos. Vimos claramente que estas estações estavam sendo pouco utilizadas no Exército e Força Aérea e bem utilizadas pela Marinha porque colocaram de forma permanente de uso nos seus navios.

Determinei ao Almirante Zucaro que fizesse um **planejamento** detalhado do imediato **desdobramento** destas estações em toda nossa fronteira terrestre, um plano de **aquisições** de novas estações, incluindo três não-portáteis para colocar em **Brasília, Manaus e Haiti.**

Quando teve o terrível **terremoto no Haiti**, o País ficou sem comunicações. O Batalhão Brasileiro (BRABAT) possuía estas estações e jamais ficou sem comunicações com o Brasil.

Para termos um **fato** que justificasse a medida, mandei colocar uma no **Pelotão Especial de Fronteira de Pacaraima / Roraima**, fronteira com a Venezuela e testamos durante **15 dias**. Os resultados foram tão bons, que **convidei o Ministro Jobim para verificar a transmissão de voz, dados e imagens**.

Argumentei com o Exército e Força Aérea sobre a prioridade do Comando e Controle na fronteira e que reporia as ETT nas novas aquisições.

A excelência dos planejamentos do **Almirante Zucaro** permitiu um imediato resultado e projeções adequadas para médio e longo prazos. As imagens a seguir ilustram alguns tipos destas ETT.



EMD / MD  
- Excelentes  
Estações Táticas  
de Transmissão  
(ETT) - Voz,  
Dados e Imagens  
– 2010

Desde o tempo em que fui **Comandante Militar do Sul e comande a Operação Charrua**, vocês leram minhas **observações** sobre aquele tipo de exercício altamente **dispendioso**, com **excessivo nível de figuração** que reduzia a efetividade do adiestramento e com uma boa prática de **Comando e Controle**.

Quis o destino que agora era o Chefe do Estado-Maior da Defesa e **não iria ser responsável por uma operação semelhante**. Reuni meus assessores diretos, expliquei detalhadamente o que tentaríamos fazer, vários assuntos não poderei escrever, mas falarei os **fatos de uma forma institucional** e certamente válida para cumprir o foco do livro e justificar as importantes decisões.

Como na maioria das atividades humanas, nos preparamos bem para atingir os melhores resultados. **No sentido da Defesa “quem orienta o preparo é o emprego.”**

Com este **fato incontestável** é que deveríamos orientar todo o **preparo (adestramento)** das Três Forças para emprego nas **regiões mais prováveis** de algum “conflito” de natureza externa e interna.

Determinei então que faríamos, o mais breve possível, o que chamamos de **Hipóteses de Emprego (HE) nas 10 fronteiras com os nossos vizinhos, nas quatro áreas que dividimos o litoral atlântico e nas dezenas de áreas da segurança interna**.

Enquanto meus assessores pensavam sobre o assunto, fui conversar com o **Ministro Jobim sobre a quebra de paradigma**. Ele ouviu atentamente, mostrei para ele que as chances de **sucesso** em qualquer hipótese dependeriam totalmente do correto e **contínuo adestramento conjunto nas áreas prováveis** e não somente em nossas excelentes áreas de instrução próximas das Unidades. Estas áreas continuariam muito utilizadas nos adestramentos internos das Forças, sob suas inteiras responsabilidades, mas o **Adestramento das Operações Conjuntas, a cargo do MD**, seriam obrigatoriamente nas áreas de prováveis empregos. Complementei que estas operações poderiam ser feitas a **cada seis meses, com dados mais reais, com efetivos mais adequados** e, certamente, muito **menos dispendiosos**.

**O Ministro aprovou** e partimos para os planejamentos com o objetivo de realizar o primeiro Adestramento na região amazônica no segundo semestre.

Um **fato bastante interessante** foi uma reunião que solicitei com o **Comando Naval, no Rio de Janeiro**, porque havia a previsão de uma operação no primeiro semestre na costa do sudeste, ainda **nos moldes anteriores**. Foi uma excelente reunião com vários generais e almirantes, sendo **eu e o almirante Vinicius, os dois quatro estrelas**. Quando um dos almirantes assessores do almirante Vinicius concluiu sua apresentação da Operação, disse a todos da minha experiência no ano anterior no **CMS**, das **mudanças** que faríamos a partir do segundo semestre, que havia anotado alguns **detalhes** da exposição que já podiam ser **mudados imediatamente** e que contava com a compreensão de todos.

Demos um intervalo na reunião e **conversei somente com o almirante Vinicius das mudanças necessárias**, que o Ministro havia autorizado, não alteraria os principais objetivos, mas era fundamental que já voltássemos para a reunião com a mesma opinião. **O almirante Vinicius** foi muito coerente nos seus argumentos e entendeu que não podíamos continuar naquele formato.

A **primeira mudança** era que a área do nosso País somente tinha nomes figurados e, a partir de agora, todas as Operações Conjuntas do MD somente teriam **nomes reais**; **a segunda mudança** é que chamávamos de Teatro de Operações (TO) Atlântico uma **única área de oito mil km, inviável para qualquer país** e sugerimos, à semelhança dos 10 Teatros de Operações Terrestres, que tivéssemos quatro no Atlântico (Foz do Amazonas, Saliente Nordeste, Região Sudeste e Cone Sul); **a terceira mudança** é que qualquer Operação Conjunta visa a defesa do País e seu povo e o TO não abrangia adequadamente as mais importantes **estruturas terrestres** do País; e **a quarta mudança** era suspender o emprego da **tropa paraquedista** numa operação no Espírito Santo, que seria mais adequada para tropas convencionais. Sabia que haveria discussões naturais entre profissionais, mas os nossos **argumentos eram consistentes e tudo foi ajustado**.



A **motivação do EMD** para implementar as mudanças foi contagiante. A montagem das operações anteriores levava **mais de um ano**, com reuniões doutrinárias e figuradas com os comandos militares onde seriam realizadas as operações e teríamos que fazer em **poucos meses**.

Como queríamos executar uma operação na Amazônia no segundo semestre neste novo formato e o tempo era curto, liguei para o Comandante Militar da Amazônia (CMA), **meu amigo-irmão General Mattos** e sugeri o seguinte: **mandaria para o CMA 60 oficiais com o Curso de Estado-Maior, 20 de cada Força**, para que planejassem a **HE** na fronteira com Venezuela em **15 dias de trabalho contínuo** dentro do seu Comando e sob a sua coordenação. A HE deveria prever o esforço da Nação durante **um ano de emprego**. O General Mattos topou na hora e nos preparamos para este desafio.

**Intencionalmente, não fui à abertura dos trabalhos em Manaus**. Combinei com o General Mattos para deixarmos o Grupo se estruturar nas diversas áreas necessárias ao planejamento e fui poucos dias depois. **Os fatos e lições que todos enfrentamos não podemos detalhar por razões óbvias, mas tentarei mostrar algumas realidades muito válidas**.

Em qualquer atividade humana, **grandes e complexos planejamentos** são executados por **pessoas competentes**, baseados em várias **fontes de consulta**, analisando **planejamentos semelhantes** e formando **linhas de ação**, com suas vantagens e desvantagens, para a escolha da **decisão final**.

**Na área militar não é diferente**. Após a Segunda Guerra Mundial, **todos os países** do mundo tiveram em suas mãos os planejamentos e execuções dos dois lados, com seus erros e acertos e **procuraram, corretamente, adaptar aquelas lições nas suas doutrinas de emprego**.

Temos, no entanto, quase **80 anos** de término daquele conflito e, neste período, **não tivemos no mundo um combate terrestre, naval e aéreo convencional** como naqueles cinco anos da Segunda GM.

**Este fato nos impõe** uma análise profunda e atual para empregarmos os nossos meios de uma forma mais inteligente e focada nos nossos **princípios de paz, soberania e liberdade**.

Quando **eu e o General Mattos** começamos a **ouvir e discutir** com os competentes 60 militares das Três Forças o excelente trabalho que estavam fazendo vimos, claramente, que estávamos usando **excessivamente nossos dados convencionais** e que tínhamos que **adaptar e inovar** de acordo com as características regionais tão distintas do nosso Brasil continental.

**Provocamos** aquele recurso humano a acreditar nas suas capacidades de fazer as necessárias mudanças, estabelecemos **Diretrizes**, particularmente nas áreas **Operacionais, Logísticas e de Comando e Controle** e mantivemos o planejamento de **emprego por um ano** para avaliação de **custos para a Nação**.

Os **resultados** foram espetaculares em todos os sentidos. Na **área operacional** as **ações ficaram muito mais objetivas** e com significativa **redução de efetivo** e na **área logística**, com certeza, foi **nossa maior lição e ensinamento**. Centralizamos todo o **fluxo**, usamos o potencial da **estrutura do País** e toda a execução logística seria executada por um **Comando Logístico Conjunto**.

Como foi um primeiro planejamento neste formato, os 15 dias contínuos foram apertados, mas muito válidos executar sob pressão. Certamente nos planejamentos seguintes o tempo seria mais adequado.

O **fato** é que precisávamos agilizar as HE e planejamos concluir pelo menos 5 naquele ano. Eu e o General Mattos consideramos a missão cumprida e **ajustamos para o segundo semestre a execução da Operação Conjunta naquela área**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

O Ministro Jobim determinou que eu chefiasse a Comitiva do MD na tradicional Exposição **EUROSATORY** na França. É realizada a cada dois anos há mais de 50 anos e, naquele ano, tinha o título de *International Defence Week*.

Naquele ano a Exposição teve mais de **mil e trezentos stands de 54 países** e mais de 50 mil visitantes.



EMD / MD – Comitiva do MD com nosso Adido Militar e diplomata da nossa Embaixada – 2010

Como Chefe do EMD, tinha uma **agenda** a cumprir, no **Brasil** como anfitrião e na **América do Sul** como convidado. As **reuniões gerais ou bilaterais** eram muito válidas para a troca de informações, intercâmbios, situações nas fronteiras e outros.

Na conjuntura mundial atual tudo se sabe, inclusive na área militar. O grande **diferencial**, portanto, é mostrar que você é **competente** no que faz e **tem potencial** para alcançar seus objetivos



EMD / MD - Reuniões amplas (Peru) e bilaterais (Brasil) com os países amigos - 2010



EMD / MD – Bilateral com a Colômbia em Natal/RN – 2010

O Ministério da Defesa recebeu um convite para participar do **ENERI – 2010 (Encontro Nacional dos Estudantes de Relações Internacionais)**, em Gramado/RS e o Ministro determinou que eu fizesse uma apresentação.

Como o tema geral do Encontro era “Segurança Internacional e o Mundo Hoje”, resolvi fazer a palestra com o tema “**Tropas Brasileiras em Missões de Paz**”.

O Encontro estava muito bem organizado e com um **elevado número de universitários de todo o País**. Ilustrei bastante a palestra com imagens das **nossas tropas** no Haiti, o **trabalho**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

**humanitário** realizado e os **resultados** alcançados. Tive certeza de que a palestra foi positiva pelo **grande número de perguntas** que obrigou o mediador a ajustar o tempo para a próxima apresentação.



EMD / MD  
- Painel do  
ENERI 2010,  
Gramado/RS



EMD / MD – Nossa apresentação e foto solicitada por estudantes – ENERI – 2010

O **fato** que narro a seguir podia ser muito comum, mas as **coincidências** que ocorreram, justificam que eu compartilhe com todos.

O **Chefe do Estado-Maior da Defesa do Canadá** nos convidou para uma visita oficial àquele País. Levei o assunto ao Ministro Jobim, que concordou imediatamente com o convite pela importância do País no continente América. O Chefe do Estado-Maior de Defesa do Canadá, **General Walter Natynczyk**, era a **mais alta autoridade militar do País**, tivemos excepcionais conversas e fomos recebidos com uma cortesia incomum, desde a nossa chegada.

Um das **excepcionais coincidências** a que me referi, é que o **Embaixador do Brasil no Canadá** era o nosso grande amigo e ex-Embaixador do Haiti, **Paulo Cordeiro**. Havia passado quatro anos e, para terem uma ideia de tão sincera amizade, quando entrei em contato para informar da viagem, ele disse que tinha uma condição: **não abriria mão que eu e a Graça nos hospedássemos na sua casa**. Ainda tentei argumentar que o governo do Canadá já havia providenciado, estava com o meu Coronel Assistente, Gondim e ele me interrompeu dizendo que falaria com o governo canadense e que o Coronel Gondim, que estava conosco no Haiti, também ficaria na sua casa.

Como de praxe, viajei de paletó e gravata e quando ainda estava no *finger*, notei um militar canadense fardado e ao me aproximar, reconheci que **era o próprio General Walter**. Me recebeu efusivamente e quando começamos a andar, **dois militares com gaitas de fole foram nos acompanhando e tocando pelo aeroporto**. Ficamos um pouco constrangidos no momento, mas logo percebemos aquele fato representava a **distinção da recepção e as pessoas que transitavam olhavam com naturalidade e respeito**.

O **Embaixador Paulo Cordeiro e D. Vera** estavam nos esperando na saída do aeroporto e nosso reencontro foi muito especial.

Difícil colocar em palavras as inúmeras manifestações de **respeito, educação e amizade** demonstradas pelo General Walter e esposa, mas destacarei  **fatos especiais** que darão um real valor desta excepcional visita.

A agenda planejada pelo General Walter previa visitas em Ottawa, Montreal e Toronto. **Ele e a esposa nos acompanharam em toda a viagem** e disponibilizaram uma **aeronave** do Ministério da Defesa, em mais uma distinção à nossa presença.

No dia seguinte começava oficialmente nossa visita no Quartel-General da Defesa. O General Walter me esperava no seu gabinete, conversamos um pouco, falou que teríamos uma **Guarda de Honra** em minha homenagem e depois teríamos uma reunião de trabalho.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

O **Cerimonial Militar** no mundo inteiro tem muitas semelhanças e algumas diferenças baseadas em valores e tradições específicos de cada país. A Guarda de Honra estava num recinto coberto e era comandada por uma major.



EMD / MD – General Walter, Chefe do Estado-Maior de Defesa – Apresentação da Guarda de Honra – Ottawa / Canadá – 2010

O **fato inusitado** aconteceu no momento que passávamos em revista à Guarda de Honra e o General Walter me falou que era **tradição o homenageado dirigir algumas palavras à tropa**. A surpresa foi total e naquele **um minuto** tive que imaginar o que falar. Deus me iluminou e lembrei de enfatizar que tive sob meu **comando no Haiti militares do Canadá** e, em especial os excelentes Coronéis **Duhamel e Tarrant**, como meus **Chefes de Estado-Maior**. Concluí cumprimentando a todos pela excelente apresentação da tropa.



EMD / MD - Passagem em revista e tradição canadense do homenageado falar à Guarda de Honra – 2010

O **General Walter** e eu tivemos um dia altamente proveitoso onde ele me deu uma visão ampla das suas Forças, da decisão do Canadá de retornar seus três mil militares que já estavam há vários anos no Afeganistão e em que áreas poderíamos ampliar nossa reciprocidade. Fiz também uma visão abrangente do Brasil, nossa diversidade de norte a sul, nossa coincidência de países continentais, nossas fronteiras com 10 diferentes países, terminei concluindo que fazia naquele momento um **convite oficial para ele visitar o Brasil em 2011** e como ele tem o gelo na sua região norte, eu incluiria na sua visita também conhecer nossa área norte chamada **Amazônia**. Riu muito, agradeceu o convite e que iria com muita honra e prazer.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Naquela noite, o General Walter e esposa nos ofereceram um excelente **jantar na sua residência**, o Embaixador Paulo Cordeiro e D. Vera presentes, noite esta em que trocamos algumas lembranças.



EMD / MD – Jantar na residência do General Walter e troca de brindes – 2010

A outra grande **coincidência** que pensei que teria no Canadá era **rever** meu melhor Chefe de Estado-Maior no Haiti, **Coronel Duhamel**, mas ele estava nos EUA como **Adido Militar**.

Em mais uma incrível demonstração de **consideração e amizade**, o General Walter determinou ao Coronel Duhamel e esposa que viessem dos EUA para serem nossos “**padrinhos**” durante nossa visita. A **surpresa foi total** e a viagem ficou ainda melhor. A foto a seguir registra um **jantar de confraternização com este especial soldado e amigo**. Na minha frente está o Coronel Duhamel, no meu lado esquerdo o General Cid, nosso Adido Militar, com sua esposa Agnes à sua frente, do meu lado direito a Cristine, esposa do Duhamel, a Graça e ao lado do Duhamel, meu especial Assistente, Coronel Gondim, que também estava conosco no Haiti.

EMD / MD - Especial confraternização com Coronel Duhamel e esposa - Canadá – 2010



Não foi surpresa para mim e para a Graça o **jantar** que os caríssimos amigos Embaixador Paulo Cordeiro e D. Vera ofereceram **na sua casa** em nossa homenagem. Com a presença do General Walter, esposa e amigos comuns, foi uma noite especial, com excelentes e agradáveis conversas e fatos históricos do Haiti.



EMD / MD – Inesquecível jantar na residência dos especiais amigos Embaixador Paulo Cordeiro e D. Vera – Ottawa – 2010

O General Walter sabia que eu era **Forças Especiais** e, fora da agenda, me levou de helicóptero para visitar suas reservadas instalações e conversar com aqueles profissionais. Mais uma demonstração de **amizade, confiança e profissionalismo**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Em todas as etapas da viagem vivemos excelentes momentos profissionais e pessoais.



EMD / MD - Viagem a Toronto – Cataratas de Niágara ao fundo – 2010

Posso **concluir** que a viagem ao Canadá foi uma prova de **respeito e consideração** às nossas **Forças Armadas e ao Brasil**.

Quando cheguei ao Brasil, fiz um detalhado relato ao **Ministro Jobim** e ele concordou em oficializarmos o convite ao General Walter e esposa para virem ao **Brasil em 2011**.

Chegava o momento de testarmos o **novo modelo de Operações Conjuntas** começando pela Amazônia, no Estado de Roraima, **fronteira com a Venezuela**.

Mais uma vez sem detalhes, mas suficiente para que todos tenham uma **correta visão geral**, um ano de operações envolve um contínuo emprego de tropas em variados tipos de missões, com permanente apoio logístico de toda a Nação e o essencial comando e controle.

Decidimos então que nas **semestrais Operações Conjuntas** **selecionaríamos algumas ações**, os Comandos Militares de Área do Exército, Marinha e Aeronáutica teriam acesso às HE e fariam seus **adestramentos internos também baseados em ações previstas na HE**. Isto faria que nosso preparo não perdesse o **foco**

**estratégico do emprego real**, além de facilitar as execuções das Três Forças e minimizar custos.

**Resumidamente**, podemos destacar que os resultados altamente positivos se confirmaram. **O Exército** desdobrou tropas numa extensa área, o Comando e Controle funcionou 24h, sete dias por semana, os níveis e as estruturas logísticas para apoio as Três Forças foram exercitados em distâncias reais, **a Marinha** priorizou áreas como a foz do Amazonas e os principais rios, tanto para emprego operacional como logístico, **a Força Aérea** desdobrou-se mais adequadamente, em virtude das grandes distâncias, praticou o abastecimento em voo para realização de tiros reais. O emprego de **tropas especiais** em apoio às Três Forças se mostrou essencial, particularmente na área Amazônica. Falei das Três Forças separadamente para a melhor compreensão da leitura, mas **todas as ações eram integradas e coordenadas pelo Comandante do Teatro de Operações (TO)**, no caso o General Mattos, Comandante Militar da Amazônia.

**O Ministro da Defesa com os três Comandantes de Forças** estiveram na área e puderam constatar a motivação de todos e os resultados alcançados.

Com a confirmação de que o **novo modelo** estava no caminho certo, aumentaram as responsabilidades do nosso Estado-Maior da Defesa (**EMD**) em concluir as outras Hipóteses de Emprego (**HE**) o mais rápido possível e mantivemos a **previsão de concluir cinco ainda em 2010**.

Como vocês viram anteriormente, em **2009**, nossa Turma comemorou os **40 anos** de formados na **AMAN**. Naquela época os Cadetes vinham de dois lugares, da Escola Preparatória de Cadetes (**EsPCEx**) e do meio civil. Combinamos então que, em 2010, os oriundos da **EsPCEx** fariam **45 anos** que haviam deixado aquela querida Escola e que deveríamos comemorar.

Foi mais um **fato significativo** em nossas vidas e as imagens a seguir mostram alguns especiais momentos.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



EMD / MD -  
Comemorações dos  
45 anos que deixamos  
a querida EsPCEx –  
Campinas / SP - 2010



Naquele **final de 2010**, como previsto, teríamos as **eleições presidenciais** e as naturais mudanças nas diversas estruturas do Governo, incluindo nos Comandos das Três Forças.

Normalmente, o **Ministro da Defesa** levava os três nomes mais antigos de cada Força para que o novo **Presidente** da República escolhesse os **novos Comandantes**.

Por obra do destino, os três Generais de Exército mais antigos no final de 2010 eram o **General Esper, eu e o General Heleno, nesta ordem**. Claro que estávamos muito **felizes com esta possibilidade** de ser Comandante desta honrada Instituição. Devíamos ao Exército tudo o que conseguimos até aquela época e termos este **privilégio** seria uma graça de Deus.

Ao longo de décadas, este foi o **processo** de substituição dos Ministros até 1999 e depois Comandantes nas mudanças do Presidente. As raras exceções foram consequências de situações extraordinárias.

Quando achávamos que nosso sonho se realizaria, **soubemos que os três atuais Comandantes seriam reconduzidos** e continuariam com o novo Presidente.

Com esta decisão, nós continuaríamos nas nossas funções até **31 março de 2011**, quando completaríamos o tempo máximo de 12 anos como Oficial General e passaríamos para a **reserva**.

No **início de dezembro**, como planejado, Graça e eu viajamos para **Shanghai / China** para visitar nosso filho e nora, a neta (Nicole) recém-nascida, comemorar os quatro anos do nosso neto (Lucas), passar o Natal juntos e voltar ao Brasil dia 27 para celebrar o Ano Novo com nossa filha e família.



EMD / MD – Filho (Elito), Nora (Agnes), Neto (Lucas) e Neta (Nicole)

No dia **17 de dezembro** recebi uma **ligação** do Brasil no meu celular e era a **Presidente eleita Dilma Rousseff** me convidando para ser o Ministro de Estado Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República (**GSI**). Apesar da surpresa, fiquei honrado com o convite para tão importante função e aceitei. Complementei que estava com previsão de chegada ao Brasil dia 27 de dezembro, ela disse que podia manter a data e que conversaríamos antes da posse em 1 de janeiro.

Os **dias seguintes** em Shanghai foram de **contatos vários com o Brasil** e com o **General Félix**, atual Chefe do GSI, onde expliquei que somente chegaria do dia 27 e iria imediatamente me reunir com ele, pois estava no **cargo há oito anos** e seria muito importante suas observações.

Nosso voo era Shanghai / Nova York / São Paulo e quando nos aproximamos para pouso em **Nova York** caiu uma fortíssima **nevasca** que fechou o aeroporto e fomos pousar em Cleveland. A situação ficou caótica nos EUA, passamos dois dias sem saber como ia evoluir e somente **chegamos em Brasília no dia 29 de dezembro**.

No Ministério da Defesa, falei com o Ministro Jobim que iria fazer um *briefing* com o meu Almirante subchefe, me cumprimentou e fui imediatamente ao **GSI** para conversar com o **General Félix**. Infelizmente, **não tivemos o tempo adequado**, conversamos alguns pontos que ele julgava essenciais e me informou do formato da **Cerimônia** de transmissão do cargo.

# PARTE XXXI

MINISTRO DE ESTADO  
CHEFE DO GABINETE  
DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA  
PRESIDÊNCIA DA  
REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF)  
(2011 - 2015)





DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR - Casal homenageado

**S** em fugir dos objetivos essenciais do livro - **fatos, lições e valores** -, como fiquei um longo tempo na função (cinco anos), fiquei imaginando como fazer para que a **leitura continuasse atraente e importante**.

Como todos já leram, tive o privilégio de trabalhar no **GSI** (na época Casa Militar) dois anos como **Coronel Chefe da Segurança** do Presidente e constatei o excepcional trabalho realizado por todos.

A Casa Militar, hoje Gabinete de Segurança Institucional, por lei, é um dos **Órgãos Essenciais** da Presidência da República e é um Ministério do Brasil há **mais de 80 anos**.

Com esta **responsabilidade** e profundamente honrado, tomei posse em 1 de janeiro de 2011 e assumi o GSI em 3 de janeiro, em uma bonita Cerimônia.

Selecionei assuntos essenciais, **narrei todos os fatos de uma forma absolutamente institucional** e sempre relacionadas às honrosas missões do GSI.



GSI / PR – Posse e foto oficial dos Ministros – 1 de janeiro de 2011

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



A **transmissão do cargo** foi um **fato** muito significativo para mim em todos os sentidos. Ao dirigir algumas palavras de **improviso**, fui levado emocionalmente a destacar algumas **pessoas especiais presentes** na Cerimônia, como minha querida Graça, nossa filha grávida de quase nove meses, minha querida irmã e marido, o Ministro Jobim, o Governador do meu Estado de Sergipe, Marcelo Déda, Embaixadores Paulo Cordeiro e Frederico Araújo e mesmo **ausentes**, como o Ex-Ministro da Casa Militar, General Cardoso.



GSI / PR - Eu e o Ministro Félix - Palavras de agradecimento e comprometimento – Janeiro de 2011



GSI / PR - Casais homenageados – Nossa filha Ana Helena + Leonardo e minha irmã Celeste com o marido Marcos – Janeiro de 2011

Da mesma forma que fiz em Capítulos anteriores, é **fundamental** fazer uma resumida **ambientação** do que faz o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), como se estrutura e suas principais e sensíveis missões.

A estrutura básica do GSI começa com o **Secretário Executivo** do Ministro, que é sempre um General três estrelas do Exército, mais **três Oficiais-Generais** duas estrelas da Marinha, Exército e Aeronáutica como **Secretários** e um civil, **Diretor** Geral da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN).

Dentre as várias missões, **duas se destacam** porque exigem atenção diuturna permanente durante os 365 dias do ano. A **primeira** é a **Segurança Presidencial**, que não se resume à segurança do Presidente, mas também, dos seus familiares diretos, do Vice-Presidente, do Palácio Presidencial e das suas residências. A **segunda** é o trabalho de **Inteligência de Estado (ABIN)** em todo o território nacional e contatos com agências estrangeiras.

No governo da Presidente Dilma, a Segurança Presidencial ainda tinha duas **estruturas fixas em Porto Alegre e São Paulo** para apoio aos seus familiares e do Vice-Presidente.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

O efetivo do GSI era de cerca de **800 pessoas**, sendo a metade de servidores da ABIN. A **Segurança Presidencial** era composta, na sua grande maioria, por militares das Três Forças, principalmente do **Exército**. Parece um grande efetivo, mas com várias missões diárias, reconhecimentos e missões avançadas simultâneas, no Brasil e no exterior, era absolutamente necessário. Nos **cinco anos** que estive à frente do GSI, planejamos e executamos, sem nenhum incidente, cerca de **600 viagens para a Presidente e 400 viagens para o Vice-Presidente**.

**Raramente** viajava com a Presidente porque já tinha com ela um **General do GSI chefiando a Segurança** e qualquer problema que acontecesse, resolveríamos muito melhor de **Brasília**.

Detalhando um pouco mais as **viagens nacionais e internacionais**, é importante que saibam um pouco do **fundamental trabalho** feito pelo que chamamos de **Escalão Avançado**, militares e civis de vários setores da Presidência, **coordenados e sob a responsabilidade do GSI**, dias antes da chegada da Presidente e que viabilizava sua vinda em completa segurança e numa adequada agenda. Nesta coordenação, o **GSI analisava** os deslocamentos, itinerários principais e alternativos, hospedagens, comunicações, hospitais, cerimonial, necessidade de helicópteros e outros, em perfeita coordenação com os **órgãos estaduais e internacionais**.



GSI / PR –  
Fundamental  
trabalho do Escalão  
Avançado

Como já falamos em outros momentos do livro, a “**Escola Prática é a escola da vida**” ou “**quem conduz o Preparo é o Emprego**”, o fato que vivíamos diuturnamente nos conduzia a estas verdades. Assim é que, todos da Segurança Presidencial ou estavam em missão ou estavam em adestramento.



GSI / PR - Missões  
permanentes nos  
365 dias do ano

Quando a Presidente chegava para os eventos, como na imagem a seguir, tínhamos a convicção de que tudo correria como **planejado e ensaiado** e, se houvesse alguma **emergência**, saberíamos o que fazer.

GSI / PR - Visita às tropas  
no Morro do Alemão –  
Rio de Janeiro



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Nesta viagem, como em todas as outras, a atenção não era somente com **situações extremas**, mas também nas **simples ações**, como cumprir horários, evitar engarrafamentos, locais dos eventos, palanques, autoridades envolvidas e condições meteorológicas.

O que chamávamos de “**Risco Zero**” era **fato permanente** para qualquer **viagem, simples ou complexa, nacional ou internacional**.

As imagens a seguir ilustram algumas viagens da Presidente em que eu estava presente. O **foco** que chamo a atenção de todos que estão lendo o livro é que imaginem o **trabalho profissional** realizado dias **antes da chegada da Presidente e durante todo o evento**.



GSI / PR - Viagens ao Nordeste - Planejamento e execução do GSI



GSI / PR - Inauguração da fábrica para construção do submarino nuclear e convencionais - Itajaí/RJ

Nas **viagens internacionais** o foco não muda, mas tem alguns **fatos interessantes** que é curioso saber. Dependendo da viagem, é planejada pelo **Itamaraty** uma viagem Precursora, antes da viagem Avançada, a cargo do GSI. Nesta precursora, compulsoriamente, já **enviava um oficial superior** da Segurança Presidencial para os **contatos** com a segurança presidencial local para trazer o maior número possível de **dados e imagens**.

Um **fato interessante** e que poucos conhecem: **a segurança pessoal e próxima do Presidente, onde quer que ele esteja, será sempre a segurança do seu País**. Como não conhecemos detalhadamente o país a ser visitado, a missão do Avançado é ver o que eles planejaram para itinerários, hospedagem, eventos, reconhecer, ensaiar, fazer os **ajustes necessários e aprovar**. Durante todo o tempo ficávamos com o **canal aberto de Brasília** para poder interferir, se necessário.



A Presidente ia visitar as tropas brasileiras no **Haiti** e me convidou para acompanhá-la na viagem. O **fato** tornou-se mais interessante porque antes ela visitaria **Cuba** e terminei conhecendo um pouco do País e sua realidade.

Aproveitei para ter uma reunião com representantes da **Segurança e Inteligência** e conheci as obras do falado **Porto de Muriel**. O Presidente da Odebrecht fez parte da Comitiva.



GSI / PR - Viagem a Cuba  
- Presidente Raul Castro,  
reunião de trabalho e visita às  
obras do Porto de Muriel

Foi muito bom voltar ao **Haiti** seis anos depois e ter a satisfação de ver **consolidada a estabilização do País, já com o segundo Presidente e Congresso eleitos**. Por outro lado, vendo os graves efeitos do fortíssimo **terremoto** de pouco mais de um ano atrás, que deixou mais de um milhão de desabrigados e atingiu as principais estruturas do País, como o Parlamento, a Catedral e o Palácio Presidencial.

Repito a imagem do **Palácio** para que vocês possam comparar e lamentar como ficou após o terremoto.



GSI / PR - Efeitos do terremoto de 2010 no Haiti

A missão da MINUSTAH continuava a mesma, mas a prioridade total era **humanitária**. Como amenizar a situação crítica de cerca de um milhão de desabrigados em um país tão pobre e sem infraestrutura adequada. Mais uma vez a MINUSTAH se superou e, pouco mais de um ano depois, os “**acampamentos**” estavam cada vez mais organizados e a população bem assistida.

As imagens a seguir mostram os **dois momentos** mais importantes da viagem, a recepção pelas tropas aos Presidentes e a Reunião de trabalho da Comitiva.

Focado no objetivo da **Segurança e da Coordenação** da viagem, responsabilidade do **GSI**, é que destaco, mais uma vez, a importante e necessária **integração** com as autoridades do país visitado.



GSI / PR – Momentos importantes da viagem ao Haiti.

Mais uma vez fomos **abençoados** por Deus com a chegada do nosso **quarto neto, Leonardo**. Um dado importante é que foi o **único neto que vi nascer**, nos dois primeiros estava no Haiti e a terceira, Nicole, nasceu em Shanghai/China.



GSI / PR – Batizado do quarto neto Leonardo – 2011

Voltaremos a falar de fatos importantes de outras viagens, mas agora vamos narrar importantes **fatos da outra missão sensível e contínua - Inteligência de Estado**.

Precisamente aqui é muito importante a **visão estratégica**, que tentarei resumir para vocês, do **valor de uma Inteligência de Estado para qualquer país do mundo**.

No **Brasil** somos regidos por uma importante **Lei de 1999**, vigente há 22 anos (Lei 9883 de 7 de dezembro), que tem o seguinte **título** “Institui o Sistema Brasileiro de Inteligência - **SISBIN**, cria a Agência Brasileira de Inteligência - **ABIN**, e dá outras providências.”

Para um conhecimento ainda mais amplo de todos, transcrevo seu artigo 1º para que vocês vejam a **grande finalidade da Lei**:

**Art 1º.** Fica instituído o Sistema Brasileiro de Inteligência que integra as ações de planejamento e execução das atividades de inteligência no país, com a **finalidade de fornecer subsídios ao Presidente da República nos assuntos de interesse nacional.**

Na mesma Lei, no seu artigo 3º, cria a Agência Brasileira de Inteligência - **ABIN**, órgão da Presidência da República, como o **Órgão Central do SISBIN.**

Com este claro **amparo de Lei e a ABIN subordinada ao GSI**, mergulhamos numa consistente discussão de como cumprir da melhor forma a estratégica finalidade de **assessorar o Presidente da República em assuntos de interesse nacional.**

A **ABIN** tinha um excelente recurso humano, uma ótima estrutura em Brasília além de **26 Superintendências em todos os Estados** do País. Uma das minhas Secretarias também acompanhava os assuntos de interesse nacional e resolvi **integrar os seus trabalhos**

Integramos todas as **Superintendências**, montamos os **Cenários** em todo o território nacional, por Estados e este **acervo passaria a ser utilizada por todos os integrantes do SISBIN.**

GSI / PR -  
Superintendências  
da ABIN no País









GSI / PR – Sala na ABIN onde periodicamente reuníamos os 33 órgãos integrantes do SISBIN

Levantamos então cerca de **700 Cenários** em todos os Estados da Federação e convergimos eles para seis grandes **Temas**. Esta base de trabalho era dinâmica, flexível e seria constantemente aperfeiçoada. Com as imagens a seguir, vocês podem avaliar a **importância deste trabalho para uma assessoria permanente e oportuna à Presidente**.

Ao selecionarmos os **Temas e Subtemas** que conteriam os 700 Cenários, nos deparamos com nossas características de país continental e chegamos a uma natural **conclusão** de que teríamos que analisar os **Cenários por Estados** da Federação para termos melhores conclusões e prover melhor assessoramento.

Surgiu então a ideia de também fornecermos aos **Órgãos integrantes do SISBIN** um **caderno que chamamos de Mosaico**, contendo os Cenários por Estados da Federação.

Este Mosaico seria **atualizado periodicamente** e mandaríamos também aos **Superintendentes** para conhecimento dos órgãos regionais.

As imagens a seguir retratam passos deste **importante fato** e que trouxe muitos resultados positivos, principalmente com a **integração** entre os órgãos e todos trabalhando nos **mesmos Cenários**.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

TEMA	SUBTEMA
Segurança Internacional	Brasileiros no Exterior
	Assuntos Fronteiriços Terrestres e Marítimos
	Terrorismo
	Organismos Internacionais
	Bens e Tecnologia Dual/Sensível
	Operações de Paz
	Ajuda Humanitária
	Esplonagem
	Sabotagem
	Outros Assuntos de Interesse Estratégico para o Brasil
Segurança Ambiental	Desastre Natural (Enchentes, Estiagem, Desertificação, etc)
	Desastre Ambiental
	Mudanças Climáticas
Segurança da Saúde	Crimes Ambientais (Biopirataria, Desmatamento, etc.)
	Humana (Pandemias, Epidemias, Endemias, Surto, etc.)
	Animal (Doenças ou Infecções transmissíveis)
Segurança da Sociedade	Vegetal (Pragas e Doenças nos Cultivos/Lavouras, etc.)
	Manifestações / Greves / Mobilizações
	Questões Fundiárias
	Questões Indígenas
	Atuação de ONG
	Quilombolas
	Questões Migratórias
	Corrupção
	Transporte
	Energia
Segurança das Estruturas Estratégicas	Comunicações
	Água
	Finanças
	Ativos de Informação
	Sector Espacial
Segurança Pública	Sector Nuclear
	Sector Cibernético
	Crime Organizado
	Estruturas Federal, Estadual e Municipal
	Sistema Prisional

Temas e Subtemas de Segurança Institucional

GSI / PR – Temas e Subtemas que continham os 700 Cenários para a Inteligência de Estado.



GSI / PR – Trabalho dinâmico e contínuo.

Outro **fato importante** surgiu com os resultados dos trabalhos. Precisaríamos de um **especial Mapa do Brasil** que ilustrasse e complementasse os Cenários. Eu tinha uma excelente oficial cartógrafa do Exército, **Major Soraya**, lhe expliquei o que desejava e ela prontamente disse que seria possível, mas precisava de tempo para um minucioso trabalho técnico em computador.

Para minha surpresa, a Major Soraya, em poucos dias fez um **trabalho exemplar**, pedi para ela tirar uma **cópia do seu “rascunho” no computador** para uma **folha em tamanho real, de no mínimo dois metros de lado** e que levaria para o *briefing* com a Presidente.

Consolidado o que desejávamos fazer, **informei à Presidente** que precisava mostrar para ela uma **“ferramenta”** fundamental de Inteligência de Estado para seu conhecimento e aprovação

**Todos os dias eu a recebia** quando chegava ao Palácio e, em poucos minutos, a atualizava com **informações relevantes**, se necessário.

No dia que ela concordou em me ouvir, deixei o **rascunho do Mapa já aberto na sua grande mesa de reunião** que ela passava assim que saía do elevador privativo e entrava no seu Gabinete. Intencionalmente, não a avisei porque sabia que ela reagiria positivamente. Ficou muito **impressionada**, começou a fazer perguntas e pedi que **fossemos à sua sala de reuniões**, ao lado do Gabinete, para eu ambientá-la de uma forma mais ampla.



GSI / PR – Imagem do Mapa mostrado à Presidente



Passamos quase uma hora mostrando a **importância do trabalho do SISBIN / ABIN** para podermos antecipar situações críticas, assessorar com oportunidade e propor soluções. Concordou com tudo, disse que **queria dois mapas numa parede daquela sala de reunião e queria um também na sua residência no Alvorada.**

O fato é que o **Mapa** idealizado pela **Major Soraya** ficou nas dimensões de 2,5 metros x 2,5 metros, seria **atualizado a cada dois anos** e até hoje estão nos mesmos lugares. Inicialmente, era somente para a Presidente, mas os **Ministros** solicitaram para seus Gabinetes, ela aprovou e complementei para alguns órgãos do SISBIN que tinham estruturas de inteligência como as **Três Forças Armadas e a Polícia Federal.**

A imagem anterior é uma foto do mapa no seu tamanho original (2,5m x 2,5m) e **não é possível ver detalhes importantes**, tais como: coloração diferente nos 150km da **faixa de fronteira, rodovias e ferrovias** prontas, em construção e projetadas, **hidrelétricas e nucleares** prontas e em construção, terras indígenas, áreas de preservação, aeroportos e **pistas de pouso** homologadas, **pré-sal**, forças armadas, **linhas de transmissão** prontas e em construção e **outras.**

Como é um **fato interessante**, coloquei a seguir umas imagens locais um pouco **ampliadas** que permitirão vocês verem um pouco melhor o **excepcional e detalhado trabalho da Major Soraya.**



GSI / PR -  
Partes das  
regiões Norte  
e Sudeste



GSI / PR  
– Parte da  
região Oeste

Ficamos ainda **mais realizados e motivados** quando nossos especialistas em informática conseguiram fazer um excelente programa que **integrou** de uma forma bastante fácil os **Cenários, Subtemas, Temas e o Mapa** ao necessário e contínuo fluxo de **informações** que os integrantes do SISBIN em todo o Brasil remetiam diariamente para a sede da ABIN em Brasília.

Este programa denominamos de **GEO / PR**, após um cadastramento especial, a **Presidente da República** poderia **consultar**, a qualquer hora, todos os 700 **Cenários**. Estes seriam atualizados **diariamente** se o Cenário estivesse em nível vermelho e, em **até uma semana**, nos demais níveis.

Logo a seguir vimos que o acesso teria que ser **ampliado às maiores autoridades dos integrantes do SISBIN** porque ampliaria o conhecimento e tomadas de decisões mais oportunas. Conversamos com a **Presidente** sobre a evolução, que manteríamos o cadastramento especial para todos e ela **aprovou**.

As imagens abaixo são apenas **ilustrações da página inicial** desta excelente ferramenta que passamos a consultar 24 horas por dia.

## DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Sistema GEO / PR

Em **31 de março de 2011, fato previsto**, completei meu tempo máximo de permanência no Exército como Oficial-General (12 anos) e passei para a **reserva**. Desde janeiro no cargo, **usava uniforme em todas as atividades** do GSI e, como já falei, aguardava diariamente a chegada da Presidente ao Palácio. No dia **1 de abril a estava esperando de terno**, ela se surpreendeu e expliquei o motivo.

Os integrantes do GSI me ofereceram um excelente jantar de “**despedida do serviço ativo**”.



GSI / PR - Despedida do Serviço Ativo (47 anos) – Com amigos especiais, e família ampliada com mais um neto (Leonardo).

Outro **fato muito válido e salutar**, foi o de receber **Comitivas de vários países** que pediam audiência com o Ministro do GSI. De uma forma geral, vinham acompanhados dos seus **Embaixadores**, as reuniões giravam em **assuntos** de interesses comuns aos dois países, intercâmbios, visitas e atividades de inteligência. Via também estas solicitações de audiência como um reconhecimento à **importância do GSI** na estrutura do governo e seu valor para o país. **Ao longo dos cinco anos** no cargo, tive este privilégio de ouvir, conversar, convencer e resolver válidas questões de interesse do GSI, da Presidência e mesmo do País. Resolvi concentrar algumas imagens para dar uma dimensão **qualitativa e quantitativa destes fatos**.



GSI / PR - Moçambique (Ministro Inteligência) – Israel (Vice-Ministro das Relações Exteriores).



GSI / PR – EUA (Secretário de Estado) – China (Comitiva Militar).



**DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO**



**GSI / PR - Inglaterra (General do Ministério da Defesa) – República Tcheca (Chefe do Serviço de Inteligência).**



**GSI / PR – Comissão Organização Copa do Mundo – China (Comitiva do Ministério da Defesa).**



**GSI / PR – Israel (Indústria de Defesa, Coronel Yossi, amigo desde 1988 na Inglaterra) – EUA (Visita de Parlamentares).**

**PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)**



**GSI / PR - Gabão (Chefe da Casa Militar) – EUA (Comitiva Parlamentar)**



**GSI / PR - Gana (Ministro de Inteligência) – China (Comitiva Ministério da Defesa).**



**GSI / PR – Noruega (Nova Embaixadora) – EUA (Novo Embaixador)**

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Nigéria (Comitiva de Inteligência) – Paquistão (Novo Embaixador)

O **Ministério da Defesa** me solicitou que recebesse uma Comitiva de civis e militares ingleses que estavam cursando o *Royal College of Defense Studies*. Foi um **fato** muito agradável para mim, como ex-aluno na Inglaterra, poder transmitir a todos informações positivas do nosso Brasil.



GSI / PR – Apresentação para o *Royal College of Defense Studies*, Inglaterra.

Também gostava muito quando **órgãos ou instituições federais** pediam alguma audiência. Era muito bom porque normalmente aparecia algum ponto que pudesse interessar ao **SISBIN** e aproveitava para enfatizar a importância do **GSI**.





GSI / PR - Visita de uma CPI/Câmara (Tráfico Fronteira) – Reunião com a Defensoria Pública da União.

Um **fato muito importante** aconteceu numa visita do Ministro da Ciência e Tecnologia, **Ministro Raupp**, físico e matemático, ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e que tive o prazer de conhecer e conversar várias vezes.

Ele me trouxe uma **situação sensível** que desconhecia e que precisava de uma solução o mais breve possível. Tratava-se do “**lixo nuclear**”, um assunto regido por leis e acordos internacionais e que iríamos deixar de cumprir porque somente tínhamos **Depósitos Temporários** e a obrigação que nos comprometemos para ter um **Depósito Permanente** expirava no próximo ano e não tínhamos nenhuma área para esta construção.

Como vocês viram em páginas anteriores, um dos **Subtemas** Institucionais do GSI / SISBIN era o **Setor Nuclear**, falaremos sobre ele mais adiante, mas quando o Ministro Raupp tocou neste assunto imediatamente ajustamos a reunião.



GSI / PR – Importante reunião com o excelente Ministro Raupp



O Ministro Raupp tinha a **ideia** de agilizar a liberação de uma área por intermédio de contratos diretos com **Prefeitos**. Falei para ele que se entrasse o **componente político**, o efeito poderia ser retardador por várias razões e lhe perguntei qual a **dimensão da área** que ele precisava. Ao meu lado estava meu competente assessor civil no GSI para este tema e ele também trouxe competentes auxiliares. A resposta foi imediata e, para minha surpresa, era uma área **pequena**, em torno de **quarenta mil metros quadrados** e a construção 100% segura.

Uma outra consideração muito válida levantada é que esta área deveria ser o mais próxima possível de Angra dos Reis, ou seja, **na região Sudeste**. Quando ele me falou das dimensões (200m x 200m), me lembrei das **áreas de instruções militares**, áreas da União, algumas muito grandes onde **arrendávamos** partes passivas e que iria conversar com o General Enzo, Comandante do Exército, sobre o assunto.

**Concluindo este fato**, o Exército autorizou num extremo de uma área nossa na cidade de **Três Corações / MG e como era área da União, foi imediatamente liberada**.

Uma **tradição e um fato importante** é que três vezes por ano, nas previstas promoções dos Oficiais-Generais das Três Forças, há uma formal **Cerimônia de cumprimentos da Presidente** aos promovidos no Palácio do Planalto. Em capítulos anteriores coloquei imagens desta Cerimônia nas minhas promoções.

O simbolismo da Cerimônia reside no fato de que o Presidente da República é o **Comandante Supremo das Forças Armadas**.

Coloco esta imagem porque registra a **Primeira Cerimônia** com a Presidente Dilma e ela mostra um momento interessante que foi a **entrega das Ordens do Mérito à Presidente, no seu mais alto grau, Grã-Cruz**.

Registro também porque seria a última participação do **Ministro Jobim** nesta Cerimônia. Ele deixaria em poucos meses o cargo de Ministro da Defesa sendo substituído pelo Ministro Celso Amorim.

PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)



GSI / PR – A Presidente, Comandante Suprema das Forças Armadas, recebe as Ordens do Mérito Militar no grau Grã-Cruz.

Ao longo dos cinco anos esta simbólica Cerimônia foi realizada e complementado com algumas outras imagens, em homenagem às nossas Forças.



GSI / PR – Cerimônias de cumprimentos aos Oficiais-Generais recém promovidos.

Um **fato interessante** ocorreu quando me lembrei de que como Coronel na Presidência como Chefe da Segurança, levei algumas vezes o Presidente à rampa do Palácio para **presidir e prestigiar a tradicional Troca das Guardas** entre os Batalhões da Guarda Presidencial e da Polícia do Exército, a cada seis meses.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Quando questionei, fui informado que em virtude das obras no Palácio nos últimos dois anos, não houve mais a Cerimônia e que normalmente o Presidente não comparecia. Claro que não era obrigado, mas seria **sempre convidado**.

Decidimos **retornar imediatamente com esta importante tradição**, informei à Presidente, ela aprovou e **presidiu a primeira Cerimônia**.



GSI / PR – Retorno da Tradição semestral da Troca da Guarda Presidencial



GSI / PR – Troca da Guarda Presidencial – Ministro GSI e o Comandante do Exército

PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)



GSI / PR – Troca da Guarda Presidencial – Presença do Vice-Presidente e Escolas convidadas.



Como vocês perceberam desde o início, o GSI tinha um grande efetivo, mas que se **diluía pela quantidade e diversidade das missões** diurnas e noturnas, os sete dias da semana e durante todo o ano. Apesar disso, estimulava e participava das nossas **reuniões formais e informais** com o objetivo maior de ampliar nossa **amizade, motivação e integração** em todos os níveis.



GSI / PR – Datas festivas das Três Forças.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR - Aniversários dos meus auxiliares diretos – Almoço de confraternização do meu Gabinete.

Um **fato** muito importante para as **Forças** é a presença do Comandante Supremo nas Cerimônias das suas **Datas Magnas**. O Ministério da Defesa a convidava e o **GSI** coordenava a **segurança** do evento em virtude da sua presença.



GSI / PR - Cerimônia do Dia do Exército.



GSI / PR – Cerimônia do Dia da Marinha.



GSI / PR – Cerimônia do Dia da Força Aérea Brasileira

A **presença da Presidente** era sempre um **fato extraordinário** e valorizava qualquer ato ou evento. Assim é que esteve presente no **Itamaraty**, na sua Data Magna, para imposição da Ordem do Rio Branco, foi à Gavião Peixoto / SP, novas instalações da **Embraer** para ver a montagem da primeira Aeronave KC 390 e na festa maior da Pátria, o nosso **7 de setembro**.



GSI / PR – Presidente no Itamaraty, Ordem do Rio Branco e visitando a Embraer em Gavião Peixoto / SP – Primeira Aeronave KC-390

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Presidente na Data Magna da nossa Pátria

Outro **fato importante** na agenda da Presidente era o **almoço de final de ano** que os **Oficiais-Generais** das Forças Armadas ofereciam ao seu Comandante Supremo, em sistema de rodízio. As imagens abaixo são do almoço no Comando do Exército.



GSI / PR – Almoço  
anual com os  
Oficiais-Generais



Todo o **Cerimonial Militar** que envolvia as dezenas de altas autoridades que visitavam a Presidente, também era coordenado pelo **GSI**. Nas recepções aos **Chefes de Estado**, normalmente, havia uma solene Guarda de Honra em frente ao Palácio com salvas de canhão, subida pela rampa onde era recebido pela Presidente, os Hinos Nacionais eram tocados e os dois entravam no Palácio. Faziam um cumprimento formal para a imprensa e depois a **Presidente apresentava seus Ministros** presentes à autoridade visitante.



GSI/ PR – Cerimonial a cargo do GSI.

**Algumas vezes estive presente** nestes cumprimentos e registro abaixo estes momentos. Desperta curiosidade porque o então **Presidente da Venezuela, Hugo Chavez, está prestando continência para mim** e tem uma clara explicação: a Presidente, ao me apresentar, disse que eu era o General Ministro do GSI, ele se surpreendeu, sorriu e eu falei imediatamente, **também Paraquedista**. Como ele era paraquedista, teve esta **espontânea reação** e o fotógrafo da Presidente registrou o **fato**.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Cumprimentos aos Presidentes Barack Obama (EUA) e Xi Jinping (China)



GSI / PR –  
Cumprimentos ao  
Presidente Hugo  
Chavez (Venezuela)



GSI / PR – Cumprimentos aos Presidentes Mohamed Morsi (Egito) e Park (Coréia do Sul)

Durante todo meu tempo no GSI, tive o privilégio de ter **excepcionais** Generais de Divisão, como meu **Secretário Executivo**. Com extrema responsabilidade e **motivação**, cumpriam todas as

missões, eram **exemplos** para seus subordinados, estimulavam **a lealdade, a camaradagem** e o sadio e alegre ambiente no GSI.

Claro que o mérito era do meu ótimo recurso humano, civil e militar, mas sem a **presença** permanente e a **competência** do meu Secretário Executivo, não teríamos os resultados alcançados.

Os **fatos** registrados nas imagens seguintes têm o **objetivo** maior de **cumprimentá-los**, agradecer pelo brilhante trabalho e pela especial amizade.



GSI / PR - Do General Geromel para o General Peternelli – Presente o ex- Presidente Sarney, amigo pessoal do General Peternelli.



GSI / PR – Do General Peternelli para o General Pujol

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

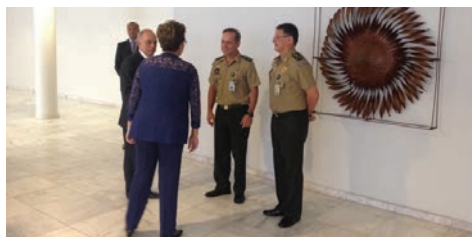


GSI / PR – Do General  
Peternelli para o  
General Pujol



GSI / PR – Do General Pujol para o General Miotto

Em todas estas trocas do meu **Secretário Executivo**, fazia questão de apresentá-los à **Presidente** porque seriam meus substitutos diretos para qualquer missão do GSI e ela precisava conhecê-los pessoalmente. Normalmente fazia esta despedida/apresentação **quando ela chegava ao Palácio**.



GSI / PR – Despedida do General Peternelli e Apresentação do General Pujol







o **Mapa** em tamanho original e informando das **reuniões sistemáticas** que eu conduziria na ABIN com representantes do SISBIN.



GSI / PR – Reuniões de ambientação e integração do Sistema GEO / PR para Ministros e seus Órgãos integrantes do SISBIN

Um **importante fato** é que neste País continental somente poderíamos ter uma **Inteligência de Estado**, com informações oportunas e consistentes, se os nossos representantes federais nos **Estados também conhecessem o GEO / PR, os Temas, Subtemas e Cenários** e se valessem dos órgãos estaduais, particularmente os de **Segurança Pública**. Apesar dos órgãos estaduais não serem integrantes do SISBIN, seriam **convidados permanentes** do Sistema.

Após conhecimento e aprovação da Presidente, eu ou meu Secretário Executivo, fomos em **viagens relâmpagos a todos os Estados** da Federação, fizemos primeiro uma reunião com o **Governador e Secretário de Segurança Pública**, onde mostrávamos o objetivo estratégico para o País e para os próprios Estados, porque o trabalho seria **integrado** e ajudaria nas melhores soluções dos seus **Cenários**. Após este encontro com o Governador, fazíamos uma **longa reunião** com os **órgãos federais do SISBIN no Estado e os órgãos estaduais**.

Ao longo do meu período como Ministro, fizemos **anualmente** esta visita para a constante consolidação e evolução do sistema e porque havia uma **rotatividade** dos membros do SISBIN. Os resultados eram cada vez melhores internamente, mas as **estruturas** envolvidas, federais e estaduais, precisavam melhorar a **prioridade institucional** necessária.



GSI / PR – Reunião anual com Governadores e integrantes do SISBIN nos Estados

Vivi um **fato pessoal e inusitado** do meu querido Estado de Sergipe, quando recebi a informação do senhor **Reitor da Universidade Tiradentes (UNIT), Jouberto Uchôa**, que havia sido escolhido para receber o Título de **Doutor Honoris Causa** da Universidade. Foi uma honrosa surpresa e a formal Cerimônia de entrega foi abrilhantada pela presença de várias autoridades, familiares e amigos de longa data.



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

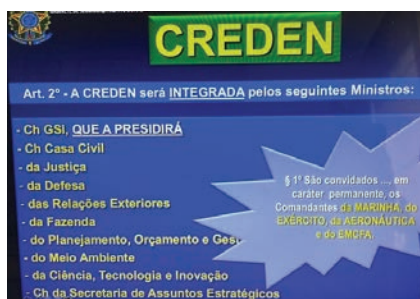
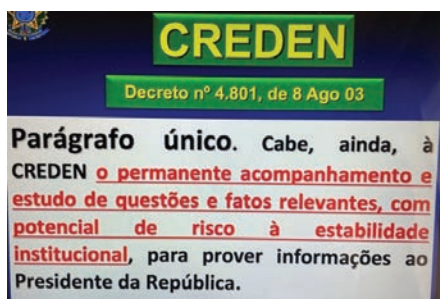


Tomei **conhecimento** que por um **Decreto** de 2003 foi criada a Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional (**CREDEN**) do governo, com a finalidade de formular políticas públicas e diretrizes de matérias **nas áreas de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Governo Federal**, promover articulações, acompanhamento e ações cujo escopo **ultrapassasse a competência de um único Ministério**.

As **ações** elencadas eram, entre outras: cooperação internacional em assuntos de Segurança e Defesa, fronteiras, populações indígenas, narcotráfico, direitos humanos, inteligência, segurança infraestruturas críticas, segurança da informação e operações de paz.

Vários Ministérios integravam a CREDEN e seu **Presidente era o Ministro do GSI**. Ao aprofundar o conhecimento vimos uma **salutar coincidência** de objetivos entre os integrantes do **SISBIN e da CREDEN** e que esta integração seria excelente. Mais uma vez a prioridade do **componente político** aparecia e temas que deveriam ser conduzidos pela CREDEN, eram **direcionados para um órgão ou Ministério**, resultando em demora ou não solução do problema.

Este **fato** foi mais um motivo de implementar cada vez mais a integração do SISBIN e conseguimos ótimos resultados nos **“Grandes Eventos”**, como veremos mais adiante.



GSI / PR – Excelente Decreto que podia ser mais utilizado



**Todos os dias**, às 17h, com minha presença ou do Secretário Executivo, fazíamos um **fato rotineiro** na nossa “sala de Crises”, a tradicional **reunião do “Pôr do Sol”** com todas nossas **Secretarias e a ABIN** online conosco. Estas reuniões permitiram que todos **conhecessem e valorizassem os trabalhos dos outros**, mantínhamos todos os **Cenários** ativados, priorizávamos as situações, projetávamos ações e **informações** para os Ministérios, checávamos os trabalhos dos **Escalões Avançados**, informávamos a situação de **viagens em andamento** da Presidente e do Vice-Presidente e selecionávamos os assuntos e Cenários para a **Síntese Diária** da Presidente para o dia seguinte. Nesta reunião a ABIN fazia um *briefing* das ações das 26 Superintendências, analisava situações e visualizava ações futuras.



GSI / PR - Necessárias e importantes reuniões do Pôr do Sol.

Não podia deixar de colocar no livro os **fatos** abaixo relacionados a três dos meus **mais próximos e competentes Assistentes**, que viveram comigo **situações reais e muito sensíveis, no Brasil e no Haiti** e foram permanentes **exemplos** de responsabilidade, dedicação, amizade e lealdade.

Devo muito a vários outros, mas destaco eles três pelos **momentos especiais** das suas vidas no GSI. O então **Coronel Freire Gomes**, por ter sido promovido a General de Brigada, hoje General

de Exército e membro do Alto Comando do Exército e os **Coronéis Gondim e Weber**, se despedindo do serviço ativo do Exército após brilhantes carreiras.



GSI / PR – Coronel Freire Gomes - Promoção a General de Brigada



GSI / PR - Coronéis Gondim e Weber - Despedidas do Serviço Ativo do Exército.

O GSI possuía um **importante órgão, fato** que eu desconhecia e fui gradualmente comprovando o seu valor para a Administração Pública Federal. Atualmente chama-se Departamento de Segurança da Informação (DSI) e tem uma **estratégica missão**, via um **Comitê Gestor**, de estabelecer diretrizes para as políticas

de **segurança da informação de toda a administração pública**. Por intermédio de reuniões periódicas, mantém todos os órgãos da administração pública atualizados e padronizados.

O seu chefe trouxe ao meu conhecimento que vários países do mundo têm uma pessoa que é a **Autoridade Nacional de Segurança** e que no Brasil esta pessoa era o **Ministro do GSI**.



GSI / PR – DSI/  
GSIC- Reuniões  
de Coordenação  
com órgãos da  
Administração  
Pública Federal

Todos devem se recordar das discussões sobre o **caça** que a Força Aérea Brasileira (FAB) deveria comprar. Depois de várias discussões, foi definido que o **sueco Gripen** era o que melhor atendia às exigências da FAB.

Estava prevista a ida do **Ministro da Defesa**, Celso Amorim, à **Estocolmo** para assinatura do contrato, quando o **Chefe do DSI** me procurou informando que eu teria que ir nesta viagem porque o **contrato** a ser assinado pelo Ministro da Defesa **não incluiria a autorização de troca de informações sigilosas**, indispensáveis ao acesso da tecnologia da aeronave. Segundo ele, esta parte do acordo teria que ser assinada pelas **Autoridades Nacionais de Segurança** do Brasil e da Suécia. Imediatamente levei o assunto ao Ministro Celso Amorim, também foi surpreendido, confirmamos a informação e fomos juntos para as assinaturas do Acordo, graças ao **eficiente assessoramento do DSI**.

**PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)**



**GSI / PR -  
Honras ao  
Ministro da  
Defesa Celso  
Amorim –  
Conversa  
informal com  
a Ministra  
da Defesa da  
Suécia.**



**GSI / PR - Reunião de trabalho das Comitivas – Assinatura do Acordo pelos  
Ministros da Defesa**



DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR –  
Assinatura do  
Acordo pelas  
Autoridades  
Nacionais de  
Segurança do  
Brasil e Suécia

**Fato** pessoal e significativo foi quando recebi a informação de que a **Câmara Municipal de Salvador** havia me concedido a **Medalha Thomé de Souza**, a mais alta honraria daquela Casa. Este fato tinha para mim um **sentido muito especial**, pois como vocês leram, foi a cidade que me **acolheu aos 11 anos de idade**, aqui conheci e me casei com a Graça, servi em Salvador como Tenente e Major e Comandei a 6ª Região Militar como General.

Foram momentos de intensa **emoção** compartilhados com autoridades, familiares e amigos de todos os tempos.

PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA  
INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)



GSI / PR – Chegada na Câmara Municipal de Salvador e Mesa Solene



GSI / PR – Concessão da Medalha Thomé de Souza e palavras de agradecimento.

Todo **final de ano** celebrávamos internamente o **aniversário do GSI**, que se **aproximava dos 80 anos** de existência. Coloco as imagens de uma destas celebrações porque tivemos o **fato especial** de contar com a presença de dois brilhantes Oficiais-Generais e **ex-Chefes da Casa Militar / GSI**, Generais Fernando Cardoso e Alberto Cardoso.



GSI / PR - Aniversário do GSI com a honrosa presença de dois ex- Ministros, Generais Fernando Cardoso e Alberto Cardoso.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Entrega de condecorações e palavras sobre o evento.

Outro **fato importante e sensível missão do GSI** era nossa responsabilidade pelo **Planejamento e Coordenação das ações em situação de Emergência Nuclear**.

Para cumprir esta missão, eu tinha uma estrutura no GSI que era o **SIPRON** (Sistema de Proteção ao Programa Nuclear Brasileiro), chefiado pelo meu **Almirante** e com uma competente assessoria de um **excelente profissional civil** que havia sido Presidente da **CNEN** (Comissão Nacional da Energia Nuclear).

A cada dois anos realizávamos em **Angra do Reis** um **adestramento** que envolvia a **população, autoridades do Estado e do Município e as Forças Armadas**.

Estimulamos mais uma vez a **“Escola Prática”** e realizações de ações que realmente aconteceriam caso houvesse uma Emergência Nuclear. Vimos também a necessidade de uma **maior integração** com o Ministério de Minas e Energia e com o Governo do Rio de Janeiro, obtendo resultados positivos.



### GSI / PR – Mais uma sensível missão do GSI

Certamente todos já ouviram falar do Emprego das Forças Armadas na Garantia da Lei e da Ordem (**GLO**) no País.

É **um fato que pode normalmente ocorrer**, mas suas condicionantes não são conhecidas ou são erroneamente interpretadas. Vou destacar alguns pontos fundamentais para o **melhor entendimento de todos**.

Como o próprio nome indica, as Forças Armadas serão empregadas, mas somente **a Presidente da República pode autorizar**. Quem **assessora** diretamente a Presidente para sua decisão de **empregar ou não é o GSI**. Caso ela aprove, segue para a Casa Civil para publicação em Diário Oficial da União (**DOU**) e posterior **execução** pelo Ministério da Defesa.





Outra essencial observação é que as **missões GLO** são **temporárias**, perfeitamente **localizadas** e **todos os órgãos** que atuarem na missão ficarão sob o **controle e coordenação da mais alta autoridade militar da Força Armada** responsável pela GLO, normalmente do **Exército**.

**Muito importante** saber que o início de um processo de GLO é, normalmente, por **iniciativa de uma solicitação de um Governador à Presidente**, ou seja, ele sabe e concorda com as naturais consequências, mesmo porque o seu Estado continua sua vida normal e ele é a autoridade responsável.

Sempre fui muito **franco e objetivo** nas minhas observações **para a Presidente** melhor decidir as condições de emprego de uma GLO. Ela concordava, mas havia sempre um **componente político** que dificultava ou mesmo modificava a melhor solução. Observando o quadro abaixo, vocês podem dimensionar melhor as diferentes e sempre sensíveis missões.

Apesar das dificuldades paralelas à missão, todas foram muito bem cumpridas graças ao empenho, responsabilidade e motivação dos seus integrantes.



Um dos **Grandes Eventos** que tivemos no meu período no GSI, foi o **fato extraordinário** da visita do **Papa Francisco ao Brasil**. Era uma visita de vários dias ao Brasil e os eventos

aconselhavam o emprego de **GLO**. O governo do Estado do Rio de Janeiro, apoiado pelo Ministério da Justiça, disseram que no **centro do Rio de Janeiro não precisava** e a **GLO** foi ativada apenas para a grande Missa Campal que seria realizada em **Nova Iguaçu**, subúrbio do Rio de Janeiro.

As fortes **chuvas** que caíram no Rio obrigaram o cancelamento da Missa no subúrbio e a solução foi transferir para a **areia de Copacabana**. Quando isto ocorreu, o **Governo do Rio disse que não tinha condições** de realizar e tivemos **que ativar uma GLO 48 horas antes de um evento** de tamanha magnitude.

As Forças Armadas e os órgãos de segurança pública passados à disposição, realizaram um **gigantesco trabalho** e tudo correu muito bem, mas tal situação e outras poderiam ter sido **evitadas se não houvesse a interferência do componente político num assunto prioritariamente operacional**.

Num dos eventos, a Presidente convidou **os Ministros e autoridades** envolvidas, para cumprimentarem o Papa Francisco. Foi um especial momento para todos nós.



GSI / PR – Simbólicos momentos, apresentação ao Papa e Missa Solene em Copacabana

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR –  
Simbólicos  
momentos,  
apresentação ao  
Papa e Missa Solene  
em Copacabana

Os **Grandes Eventos da Copa do Mundo e Olimpíadas** foram **fatos** que tiveram várias **ações especiais** decorrentes do **grande público** presente, **nacional e estrangeiro**, nos **vários Estados** com jogos na Copa e com **vários locais** de competições simultâneas nas Olimpíadas no Rio de Janeiro.

A participação direta do GSI foi por intermédio das ações de **Inteligência coordenada pela ABIN** e com a participação dos integrantes do SISBIN.

Selecionei as imagens a seguir que darão a vocês uma dimensão do que foi realizado pelo GSI / ABIN com  **muito bom resultado**.



GSI / PR – Maior fator de sucesso nos Grandes Eventos

PARTE XXXI – MINISTRO DE ESTADO CHEFE DO GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (GSI)  
(BRASÍLIA / DF) (2011 - 2015)



GSI / PR – Visão Geral de algumas estruturas e atividades realizadas



Um **fato interno** do GSI, mas muito **significativo** é que, por **tradição**, todo final de ano tirávamos uma foto com todos os Secretários, Diretores e Assistentes. Era uma ótima maneira de manter a “**memória**” do GSI ao longo do tempo





DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO



GSI / PR – Tradicionais fotos de final do ano.

É com uma especial emoção que resumo um **fato extraordinário** acontecido no Colégio Militar de Salvador (CMS). Fruto de uma pesquisa interna, o CMS levantou que **eu era o primeiro aluno do Colégio Militar a atingir o mais alto posto da carreira militar, General de Exército e Ministro de Estado.**

O CMS tem uma área chamada **Espaço Cultural**, seu Comandante ligou dizendo que queriam me prestar uma **homenagem** e pedia um **uniforme completo de General de Exército**. Como já estava na reserva e tinha mais de um uniforme, confirmei que era possível.

A ideia básica era ter uma área dentro do Espaço Cultural me homenageando. Informaram-me que tinham a ideia de colocar um **manequim de criança** com o uniforme do Colégio Militar e ao

lado um **manequim de adulto** com meu uniforme de General de Exército. Lembrei-me então que tinha uma **túnica branca do meu tempo de CMS com algumas medalhas**, estavam em algum lugar do nosso apartamento em Salvador e quando encontrei mandei entregar ao Comandante do CMS.

Meses depois foi marcada a **Cerimônia** que constou de uma Formatura com todo o Colégio e a inauguração da minha área no Espaço Cultural.

Como já falei no início do livro, **devo muito ao CMS** e via com enorme orgulho e emoção, sendo **perpetuada uma homenagem a um menino sergipano que ali chegou há mais de 50 anos**.



GSI / PR – Cerimônia de inauguração de uma área em nossa homenagem no Espaço Cultural do Colégio Militar de Salvador.

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

Como sempre acontecia a cada cinco anos, nossa Turma de formação da AMAN estava completando, em 2014, **45 anos** de formados e nos reunimos, mais uma vez, em Resende, para comemorarmos este **fato** tão significativo e salutar **Tradição**.



GSI / PR -  
Turma Jubileu  
de Prata - 45  
anos de  
formados  
- AMAN -  
Resende / RJ.

O final do ano de 2014 teve a **prioridade nacional das eleições** para Presidente, Senadores, Deputados e Governadores.

A Presidente foi reeleita, ato contínuo os **Ministros colocaram seus cargos à disposição** e ela, como previsto, substituiu alguns e outros permaneceram.

A imagem abaixo é a **foto oficial** do novo Ministério, ainda com 39 Ministros.



GSI / PR - Foto Oficial do novo Governo – 1 de Janeiro de 2015

O ano de 2015 no **GSI** continuava sendo de **realizações, aperfeiçoamentos, inovações** e no ritmo intenso de sempre.

A **Segurança Presidencial** em Brasília, Porto Alegre e São Paulo estavam ajustadas e as **viagens** nacionais e internacionais da Presidente e do Vice-Presidente continuavam intensas e sem incidentes.

O **GEO / PR** estava cada vez melhor, os Superintendentes da **ABIN** integrando os representantes do SISBIN e os órgãos de Segurança Pública nos Estados, as **reuniões em Brasília do SISBIN** cada vez mais objetivas e aplicando lições aprendidas nos Grandes Eventos.

Infelizmente, não podíamos dizer a mesma coisa do **componente político** e todos notávamos as dificuldades crescentes no governo.

Claro que não vou fugir do grande **objetivo do livro** e os fatos que vou narrar somente dizem respeito ao envolvimento do **GSI**.

Falava-se sempre na **redução de Ministérios**, mas via o **GSI** absolutamente fora desta questão porque era um ponto político e nós éramos o único **Ministério não-político** do Governo e com **quase 80 anos de existência**.



No início do segundo semestre este tema político voltou à tona e, para minha surpresa, a **imprensa incluía o GSI** na possível redução ministerial.

Como já falei anteriormente, todos os dias eu recebia a Presidente quando chegava ao Palácio e a acompanhava no seu elevador privativo. Ela não me falava do assunto e eu logicamente não perguntava. Os dias foram passando, os rumores pela imprensa aumentando e **decidi marcar uma audiência com a Presidente.**

Nesta **reunião** estávamos sozinhos e perguntei objetivamente se era verdade que o GSI seria incluído da redução ministerial. Respondeu-me que **nada estava decidido, mas que havia esta possibilidade.** Prontamente lhe respondi que estaria **cometendo um grave erro** e gostaria de falar as institucionais razões. Concordei e comecei dizendo que não podia colocar numa reforma política o **único Ministério apolítico** do seu governo. Acrescentei que o **GSI (antiga Casa Militar) e a Casa Civil** eram Ministérios desde o **Estado Novo** do governo Getúlio Vargas, quase 80 anos de existência e que, desde aquela época, além de Ministérios, eram os **dois únicos Órgãos Essenciais da Presidência da República.** Foi **surpreendida** com esta informação, falei outros fatos contundentes, agradeceu muito as observações e disse para eu falar diretamente com o **Chefe da Casa Civil, Ministro Mercadante, que era o Coordenador da reforma ministerial.**

Seu Gabinete era no terceiro andar, nos despedimos e fui para o meu Gabinete no segundo andar. **Logo em seguida,** minha secretária me avisou que o **Ministro Mercadante estava ao telefone** e queria falar comigo, o que mostra claramente que a Presidente havia ligado para ele assim que saí da sua sala.

O Ministro confirmou que a Presidente havia ligado informando que ele precisava falar comigo. **Perguntou quando e eu respondi, agora.** Fui ao seu Gabinete no quarto andar e tivemos uma **séria conversa** de cerca de uma hora. Repeti o que havia falado para a Presidente e complementei, incisivamente, com outros importantes argumentos. Ao terminar, me informou que

**estava convencido de que o GSI não deveria entrar na reforma ministerial e que falaria pessoalmente com a Presidente.**

Julguei que tinha resolvido a situação, mas continuei atento porque sei que que no **componente político dois mais dois pode ser igual a cinco.**

Nos dias seguintes, apesar de receber a Presidente diariamente, ela não tocou no assunto e eu, mais uma vez, nada lhe perguntei. Também nestes dias conversei com o **Vice-Presidente Michel Temer**, que achou **absurda a ideia** de incluir o GSI numa reforma absolutamente política e me disse que falaria imediatamente com a Presidente.

Apesar das conversas positivas, não via sinais de confirmação e resolvi, isoladamente, me **preparar para a pior solução**. Assim é que fiz de próprio punho uma **Nota** que, caso se confirmasse, enviaria para toda a **imprensa**, nacional e internacional.

Infelizmente, no dia 2 de outubro de 2015, **sem ao menos me avisar**, a **Presidente cometeu um erro imperdoável** com o GSI e com o País. Como era uma sexta-feira, divulguei imediatamente a **Nota** que havia preparado, **reuni** na Presidência todos os integrantes do **GSI**, fui à **ABIN**, reuni todos os seus servidores e sintetizei para todos mostrando que a nossa **missão Institucional jamais mudaria**, que continuassem motivados e focados, a **minha saída era ética, oportuna e isolada** e que certamente este erro seria corrigido a curto prazo.

No sábado e domingo voltei ao meu Gabinete, arrumei meus pertences, não fui mais ao GSI e **nem falei com a Presidente**.

A **Nota** que enviei à imprensa tinha um texto de uma página com sete parágrafos, é de **conhecimento público**, alguns de vocês devem ter lido, mas julguei válido transcrever neste livro que destaca **Fatos, Lições e Valores**, dois destes **parágrafos**.

“4. Ao saber no dia de hoje do conteúdo da reforma, cumpri-me, por um dever de lealdade e em memória dos que me antecederam, lamentar a decisão tomada e que, no mais curto prazo, deseje que seja retificada para o bem da sociedade e do Brasil”

DE SERGIPE A GENERAL-DE-EXÉRCITO  
E MINISTRO DE ESTADO

“7. Finalmente, não poderia deixar de agradecer e cumprimentar essa numerosa e excepcional equipe que compõe o GSI. Lidar com profissionais como as senhoras e os senhores foi um prazer e um privilégio. Desfrutar, cotidianamente, deste ambiente de responsabilidade, amizade, lealdade, espírito de equipe e camaradagem foi, também, um permanente alimento na minha motivação e na certeza que estávamos no caminho certo, fruto da excelência dos resultados obtidos. Parabéns e meus sinceros votos de saúde e realizações para todos.”

Todos que estão lendo o livro vão lembrar que **dois meses depois** a Presidente Dilma sofreu o processo de **impeachment**, o Vice-Presidente **Michel Temer** assumiu e uma das **suas primeiras decisões** foi **retornar o GSI para o nível que jamais deveria ter saído**.

Poucos dias depois recebi a **lembrança abaixo dos integrantes do GSI**, onde sou o 39º Chefe da Casa Militar / Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, **ombreado esta honra** com generais exemplares como Ernesto Geisel, Amaury Kruel, Figueiredo, Rubem Ludwig, Bayma Denis, Cardoso, entre outros.



---



## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento tem que ser a Deus por me iluminar, proteger e orientar, desde a minha infância, permitir que eu tivesse uma vida plena de saúde e realizações pessoais e profissionais e tivesse condições de compartilhar tantos Fatos, Lições e Valores contidos neste livro.

Nos últimos 10 anos, parentes e amigos comentavam que eu devia escrever um livro, mas não me motivava fazer uma biografia.

As mais persistentes destas pessoas foram o Reitor da Universidade Tiradentes Jouberto Uchôa e sua esposa Amélia Uchôa e foi depois de uma conversa com eles o ano passado, que me ocorreu a ideia do livro nesta forma que vocês acabaram de ler.

Um agradecimento especial à minha esposa Graça pela permanente lembrança de fatos que vivemos e pelas várias leituras dos textos e oportunas sugestões.

Apesar de ter destacado várias pessoas no livro, concluo com um agradecimento genérico, mas não menos importante, a todos que somaram comigo nas soluções de tantos e sensíveis fatos.





Reconhecimento dos 47 anos dedicados ao Exército Brasileiro. Cerca de 50 Condecorações, Nacionais e Internacionais.

Com o olhar e a alma flagrando três pilares que considera fundamentais: *fatos*, *lições* e *valores*, José Elito Carvalho Siqueira caminha sobre a linha do tempo, desenhando uma singular trajetória de vida que, decerto, servirá de incentivo aos jovens que se apropriarem deste *corpus* textual. Um documento inspirador, também, para quem se dedica à pesquisa de feições biográficas. Foi escrito em linguagem técnica, porém, de fácil compreensão, tanto para civis como para militares. Para os seus contemporâneos e colegas de farda, será um deleite (re)viver uma história de vida repleta de desafios e vitórias.

*Jouberto Uchôa de Mendonça*  
*Amélia Maria Cerqueira Uchôa*

